Egito: O Berço do Ideal Imperial

Introdução:

Este é meu 18º texto em Klepsidra, o 8º sobre uma grande civilização do passado. Nos textos anteriores, já escrevi sobre Incas, Vikings, Japoneses, Astecas, Árabes, Mongóis e Olmecas. Finalmente, porém, é chegada a hora de se falar sobre os Egípcios.

Confesso ao leitor que protelei a escrita desse texto o máximo que pude, visto que sabia que seria um trabalho exaustivo e, sobretudo, difícil. Havia, é verdade, uma vontade dentro de Klepsidra no sentido de que eu o escrevesse, afinal, os Egípcios são uma civilização fascinante que intriga tanto por suas Histórias, quanto por seus enigmas e mistérios. Ao contrário, das demais civilizações sobre as quais escrevi, sobre os Egípcios existe muita bibliografia, inclusive em Português. Existem, no entanto, livros (aos montes, diga-se de passagem) que, ao invés de ensinar algo a seus leitores, realizam um trabalho inverso, constroem verdades inverossímeis e tendenciosas que tendem a confirmar pensamentos componentes do senso comum, ou seja, coisas como a maldição da tumba de Tutankhamon, como a magia Egípcia, idéias sobre a grandiosidade de Faraós que talvez nem tenham sido assim tão grandiosos, dentre outras coisas.

Participação de alienígenas, herança de Atlântida, conhecimento de tecnologias fantásticas... são muitas das idéias que se têm sobre o Egito Antigo e que se cristalizaram de tal forma que muitos passam a defender como verdadeiras. Os filmes de Hollywood, como “Cleópatra”, “Os Dez Mandamentos”, “O Príncipe do Egito”, “A Múmia”, O Escorpião Rei”, dentre outros, também contribuem muito para criar uma falsa idéia a respeito do modo de vida daquele povo e, sobretudo, a respeito de seu legado.

Pensemos em “Cleópatra”, nele o que é retratado não é o Egito Antigo, mas o Egito Ptolomaico às vésperas da conquista Romana. É uma outra realidade, porém, o cidadão comum que assiste ao filme, não se dá conta de que há entre Cleópatra e a época das Grandes Pirâmides, por exemplo, mais de 2500 anos de distância (na prática, só para se ter uma idéia, nós estamos mais perto, cronologicamente falando, de Cleópatra do que ela estava de Queóps, Quéfren e Miquerinos, coisa que parece inimaginável).

Filmes como “Os Dez Mandamentos” ou o desenho animado “O Príncipe do Egito”, que se referem ao período Faraônico, em si, também pecam gravemente contra a construção do conhecimento sobre o Egito na medida em que transformam os cultos Egípcios numa espécie de amontoado de rituais pagãos e falsos (com os Sacerdotes Egípcios fazendo

mágicas baratas em contraposição aos grandes milagres de Moisés) e transformam o povo Hebreu em escravos obrigados a prestar trabalhos forçados em construções públicas. Idéias completamente descontextualizadas, na medida em que construções públicas eram trabalhos muito apreciados pela população Egípcia livre e, possivelmente, muito bem remunerado. Além disso, os escravos (como os Hebreus podem até ter sido, mas o que não é confirmado pelos indícios Arqueológicos) eram empregados nas minas e como mercenários na infantaria dos exércitos do Faraó.

Os filmes hollywoodianos esquecem de nos mostrar alguns dos aspectos mais fundamentais do mundo Egípcio, como, por exemplo, a Divindade do Faraó. Ignoram que ao relatar uma crise de fé como a demonstrada por Ramsés II em frente à estátua do Deus Anúbis, em "Os Dez Mandamentos", estariam implicando na desestruturação das bases do mundo Egípcio, coisa que não ocorreu no governo daquele Faraó. Omitem que ninguém (nem mesmo um membro da família Real, como Moisés se pretende nos filmes) poderia invadir o palácio e sequer dirigir a palavra ao Faraó, quanto mais afronta-lo diretamente, e conseguir sobreviver no final.

A fim de desconstruir tantos pressupostos enganosos, especialmente confirmados hoje em dia, na medida em que a febre da Egiptologia começa a ganhar força outra vez (com a divulgação da possível descoberta da múmia de Nefertiti, por exemplo), sabia que meu texto teria de ser denso e suficientemente embasado para poder cumprir seus objetivos. Com este trabalho, venho a quebrar meus próprios recordes dentro de Klepsidra, pois, se antes meu maior trabalho não atingia sequer 80 páginas, este superou em muito as 200. Realmente, há cerca de sete meses, quando comecei a empreitada para escrever este texto, não esperava que escreveria tanto. Sabia que seria mais um de meus "mega-textos", como brincam meus colegas de revista, mas não imaginava que viria a escrever um verdadeiro livro. É verdade que a gama de leituras que realizei para concluir esta obra foi muito grande, afinal, abranger mais de 3000 anos de História num único texto é realmente tarefa difícil, áspera e, talvez, que venha a se provar frustrante, na medida em que sei que haverá críticas a meu trabalho, justamente por isso, visando evitar críticas desnecessárias, gostaria de prestar meus já tradicionais esclarecimentos:

Este é um trabalho de um Bacharel em História, alguém apaixonado por História Antiga e que, inclusive, realiza seus estudos de Pós-Graduação justamente nessa área. Contudo, meus estudos se direcionam para o período final da República Romana e, sendo assim, em nada têm a ver com um período tão recuado quanto o do Egito Faraônico. Apesar de tantos indivíduos de tão diferentes áreas (Medicina, Antropologia, Teologia, Arqueologia, História, Geografia, Geologia, Arquitetura, Odontologia, Engenharia Civil...) se dizerem Egiptólogos apenas por serem interessados

no tema e terem lido (ou quem sabe feito uma ou duas viagens até o Egito) diversos livros; eu não consigo me ver como tal, não sou um especialista no período. Acho até que seria uma certa presunção de minha parte dizer-me Egiptólogo apenas por ter lido por cerca de seis meses e escrito este trabalho de mais de 200 páginas para publicação numa revista especializada em História.

Gostaria de terminar esta introdução longa, que faz jus ao texto que também o é, falando a respeito de alguns problemas com que o leitor se deparará no texto.

O principal dos problemas residirá na grafia dos nomes. Muitos já devem ter lido palavras como Tutancamôn, Tutmósis, Sethi, Seth, Aquenaton, Quéops, Quéfren, Miquerinos... Mas também, Tutankhamon, Tutmés, Djehutimés, Seti, Set, Akhenaton, Khufu, Khafre, Menkaure...

Em ambos os exemplos escrevi as mesmas coisas com grafias diferentes. Por que isso acontece?

Porque os nomes dos Faraós, habitantes, Deuses, lugares, coisas do Egito Antigo eram grafados em Egípcio. Esse idioma possuiu três tipos de escrita: hieróglifos, hieráticos e demóticos.

A primeira era composta de desenhos que formavam 24 letras e incontáveis símbolos (chamados determinativos), cada símbolo indicava uma determinada palavra, sendo assim, havia um número muito grande de hieróglifos, o que dificultava sua escrita. Com o tempo, os Egípcios passaram a escrever também em hieráticos, que eram uma espécie de hieróglifos simplificados utilizados em documentos e por Escribas copistas, sendo assim, o hierático foi muito utilizado em correspondências e anotações particulares, bem como em alguns livros que não possuíssem caráter religioso. O demótico foi o último tipo de escrita surgido no Egito, apareceu durante a XXVI Dinastia, ou seja, num período em que o Egito já conhecia sua franca decadência, era uma escrita completamente cursiva inspirada no hierático, que havia surgido cerca de 850 anos antes, durante a XVIII Dinastia; por ser praticada mais por comerciantes e por pessoas não pertencentes à elite e também por ter surgido num período em que o esplendor maior da História Egípcia já havia passado, o demótico não deixou tantas marcas como os hieróglifos e hieráticos, sendo assim, ele é a única escrita Egípcia que ainda não está completamente traduzida.

Certo, muito bom, mas você ainda não explicou porque a existência desses três tipos de escrita para a língua Egípcia torna difícil a grafia das palavras Egípcias hoje em dia.

Justamente, como o leitor deve saber, o Egito de hoje não fala o idioma Egípcio, mas sim, o Árabe. Isso aconteceu porque no final do século VII a expansão da Dinastia Omíada do Império Islâmico dominou o Egito e, entre outras coisas, impôs sua língua como forma de dominação cultural. É

verdade que o Árabe não se estabeleceu do dia para a noite, mas demorou até o século XVI para suprimir o idioma falado então no Egito.

Ah, certo, dirá o leitor, então, o Egípcio deixou de ser falado no século XVI, não é?

Não, direi eu. A língua que o Egito falava quando sofreu a conquista Árabe não era mais o Egípcio, mas sim, o Copta (Copta é uma forma diferente de se dizer Egípcio, mas, no caso da língua, ela serve para designar um idioma diferente do Egípcio tradicional, falado no Egito Antigo). O Copta surgiu durante o domínio do Egito pela XXXI Dinastia, os Ptolomeus. Os Gregos haviam imposto que o Egípcio poderia continuar a ser falado, mas que deveria passar a ser escrito, ao menos em documentos, com os caracteres da Grécia. Aos poucos, foi havendo uma mistura entre o Grego e o Egípcio e, como a escrita Grega era de disseminação mais fácil, ela foi suprimindo, aos poucos, as escritas hieroglífica, hierática e demótica (esta última, não chegou, portanto, a ter mais de 300 anos de vida, também por isso não teve tempo de deixar sua marca na História de forma tão indelével). Por volta do século III d.C. (IV d.C. para os mais otimistas), o Egípcio antigo havia sido completamente suprimido pelo novo Copta. Também os vestígios de escritas hieroglífica, hierática e demótica não são mais encontrados depois dessa data, sendo assim, considera*se que o Egípcio se tornara uma língua morta.

Hoje, portanto, ninguém sabe realmente como se falava o Egípcio antigo, sendo assim, as sonorizações das traduções de hieróglifos e hieráticos encontrados se dão à partir da pronúncia Copta das palavras. O Copta, por sua vez, também se tornou uma língua morta por volta do século XVI, porém, assim como o Latim, há ainda hoje registros de como era sua gramática, especialmente porque a Igreja Católica Copta (Igreja Católica do Egito), por toda a sua tradição ligada ao Cisma do Oriente e à Igreja Católica Bizantina (que tem o Grego como língua mãe, assim como a Igreja Católica Romana tinha o Latim como a sua), preservou como seu idioma institucional o Copta.

As sonorizações do Copta, contudo, não são perfeitas e nem sequer devem ser iguais às originais, visto que esse idioma sofreu muita influência do Grego e alguma do Latim, sendo assim, muitas das palavras (em especial os nomes próprios) sofrem modificações que se devem às traduções regionais. A isso, deve-se somar as políticas nacionalistas de alguns países (como o Brasil teve no passado e os países de língua Hispânica ainda tem) em relação a suas próprias línguas, sendo assim, indivíduos como Martin Luther se tornam Martinho Lutero, Karl Marx se torna Carlos Marx e outras traduções que atrapalham uma universalização dos nomes que deveriam ser mantidos em suas línguas originais (ou nas mais próximas, como o Copta do Egípcio, em casos de necessidade) ocorrem.

Por fim, acredito que devo mencionar que a expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito, entre 1798-9, foi decisiva para o início do estudo da Egiptologia. Até então, devido a conhecimentos do final da Antiguidade propagados por toda a Idade Média e Moderna (conhecimentos que veremos melhor no final do texto), acreditava-se que os hieróglifos não possuíam qualquer significado lingüístico, sendo tão somente, fórmulas mágicas e esotéricas. Essa expedição foi a primeira a levar indivíduos interessados numa pesquisa científica (se bem que empirista) da História Egípcia e, ao ir embora, havia instalado no Cairo (atual capital do Egito, cidade fundada pelos Árabes no lugar onde existia um outro povoado mais antigo, nas proximidades das Pirâmides de Gizé) um Instituto Francês, descido o Nilo e redescoberto as ilhas de Filae e Elefantina (que não eram tocadas por Europeus desde o Império Romano) e levado consigo, além de muitos tesouros arqueológicos (que foram perdidos, assim como tantas outras coisas se perderam nos primeiros anos da Egiptologia devido a roubos, falta de preparo de Arqueólogos e acidentes), a famosa Pedra de Roseta. Esta pedra trazia em si uma inscrição reproduzida em três escritas: grega, demótica e hieróglifica. Em 1822, depois de mais de vinte anos de estudos, Jean-François Champollion conseguiu decifrar a Pedra de Roseta e dar à Egiptologia um novo rumo: um rumo de ciência (se bem que para o público leigo que se interessa pelas coisas que critiquei nesta longa introdução, é como se a Pedra de Roseta nunca tivesse existido, visto que continuam a ver o Egito com um olhar não científico e a acreditar em teorias esotéricas a respeito de sua História, fazer o que?)!

Apenas como observação final (e agora estou falando sério!), gostaria de esclarecer que todas as datas mencionadas neste texto, caso estejam escritas sem as desinências “a.C.” ou “d.C.”, se referirão ao período anterior a Cristo, sendo que quando alguma data posterior a Cristo for mencionada ela estará obrigatoriamente seguida de “d.C.”. Esta medida facilita as coisas na medida em que a esmagadora maioria das datas deste texto se referirá ao período anterior a Era Cristã.

1 – Geografia e Climatologia:

Quando se fala em Egito, logo se lembra do deserto do Saara e do rio Nilo. É verdade que estas são as principais marcas regionais que vieram a delimitar o país, no entanto, não são as únicas. Neste item discorrerei sobre as diversas características regionais do Egito antigo, lembrando que hoje, devido à construção de uma imensa barragem pelo presidente Nasser no início da década de 60, as características climáticas do Egito vêm mudando drasticamente, o que vem contribuindo para a proliferação de doenças e para uma diminuição notável no fluxo (outrora constante) do Nilo. O Egito corre riscos devido a esta obra.

1.1– O Ressecamento do Clima e a Formação dos Desertos:

Inicialmente é necessário que se saiba que o Egito muito possivelmente não foi sempre tão seco quanto é hoje, ou mesmo quanto era na época dos Faraós. Na verdade, há teorias que chegam a afirmar que por volta do IX milênio antes de Cristo, a região poderia ter sido verdejante e de clima muito úmido. Algum fenômeno, no entanto (talvez uma glaciação, talvez uma ligeira alteração no eixo terrestre, talvez outra coisa), ocorrida por volta de 9000 a.C., fez com que gradualmente o a região se tornasse mais seca.

Animais que habitavam inicialmente todo o Egito migraram para as margens do Nilo e mesmo a vegetação começou a dar lugar a um deserto crescente.

Além das implicações no povoamento original da região, como será explicado mais adiante, a geografia da região também teve importante papel na consolidação do próprio modo de vida Egípcio. Vejamos:

Diferentemente de outras regiões de antigo povoamento, como a Mesopotâmia, o Egito não estava sujeito a ataques constantes sendo verdadeiramente uma espécie de "Vale Perdido". Sendo cercado ao norte pelo mar Mediterrâneo, ao sul pela cataratas do Nilo, ao oeste pelo deserto da Líbia e ao leste pelo deserto da Núbia e por uma cordilheira com pontos altíssimos como os montes Kuror (1240m), ao sul e Gharib (1750m), ao norte. Esses acidentes geográficos funcionaram como muralhas naturais que permitiram grandes períodos de paz e desenvolvimento (com pouca influência externa indesejada) e que também ocasionaram uma certa estagnação que, como veremos, em períodos mais tardios, acabou por prostrar o Egito perante os grandes Impérios vizinhos.

Quanto ao Nilo, as palavras de Heródoto em sua "História", já nos dizem praticamente tudo "O Egito é uma dádiva do Nilo!". O calor da região é grande o ano todo, por isso, por lá é praticamente impossível se distinguir quatro estações no ano como nas mais variadas partes do mundo se faz. Dessa forma, os antigos Egípcios desenvolveram uma técnica de contagem das estações do ano muito particular. Dividiram o ano em três grandes estações de aproximadamente quatro meses cada uma (na verdade havia toda um cálculo matemático complexo que determinava o início de uma nova estação, mas, aqui, a explicação de tais cálculos não se faz necessária).

Após estar desaparecida por setenta dias, a estrela Sothis (também chamada de Sírio) reaparecia nos céus, o que marcava o ano novo e a chegada da primeira estação desse: a Inundação, que perdurava (nos meses correspondentes ao nosso calendário) de julho a outubro. Nesse período, os Egícipios se dedicavam às grandes construções estatais, ao

lazer e à arte, além de, em muitos casos, a guerra (especialmente nos primeiros tempos, quando não havia exército regular) e o ócio. Esse período de tempo relativamente "livre" de que as pessoas desfrutavam uma vez ao ano proporcionou muitos dos avanços da civilização Egípicia.

Em novembro, quando as águas baixavam e os nilômetros (marcadores do nível da água do Nilo estabelecidos ao sul, em Elefantina (a primeira cidade Egípcia depois da Núbia) e ao norte, no atual Cairo (o ponto de intersecção entre o Alto e o Baixo Egitos)) voltavam a marcar o nível normal, iniciavam-se os trabalhos de plantio: era a Semeadura, estação que perduraria até fevereiro. Neste período de tempo, os Egípcios plantavam diversos produtos, mas, em especial, linho (para a fabricação de roupas), cevada (para a fabricação de cerveja) e trigo (para a fabricação de pão).

Entre março e junho, ocorriam as colheitas das safras plantadas no período da Semeadura: era a estação da Colheita. Quando a colheita estava próxima de terminar e Sothis de reaparecer nos céus, o Nilo adquiria uma colaração esverdeada, sinal de que os últimos produtos deveriam ser rapidamente colhidos, antes que as águas subissem e o Nilo adquirisse a cor avermelhada, característica do período de cheias.

Os Egípcios antigos nunca souberam, mas o processo de cheias e vazantes do Nilo é desencadeado pela chegada do verão nas montanhas do centro da África onde se situam suas nascentes. O gelo acumulado durante o inverno no topo das montanhas se desfaz dando à água uma coloração verde (devido às algas que morrem com as águas geladas). Aos poucos o volume de água aumenta na medida em que se intensifica o degelo das montanhas e, uma vez que as algas já estão mortas, a cor esverdeada desaparece, sendo substituída pela avermelhada, característica do excesso de terra desprendida das margens mais altas às quais o rio subiu. Na medido em que o verão termina e que o degelo se encerra, o fluxo de água nas nascentes também volta ao normal e, sendo assim, o nível do Nilo vai abaixando gradualmente. Com a menor violência das águas, a quantidade de terra desprendida também diminui e, dessa forma, deixa de fazer diferença na coloração das águas que volta ao tom azulado característico da maioria dos rios do mundo.

1.2– A Fauna do Vale do Nilo:

No tocante à fauna Egípcia, as principais zonas de criação e domesticação de animais eram o sul (próximo à Núbia) e o Delta, mas o Egito central não dispunha de muitos animais nativos, isso porque, quando da migração dos animais após a desertificação da região, poucos optaram por seguir em linha reta rumo a rio e os que o fizeram, acabaram rapidamente extintos pelos grupos humanos que, como veremos, tomaram este caminho. Os principais animais nativos da região eram os babuínos

(espécie de macaco africano com a região glútea despelada e vermelha), os hipopótamos (batizado pelos Gregos com este nome por seu rosto se assemelhar ao de um cavalo, seu nome significa, portanto, cavalo do rio), os crocodilos, gazelas, bovinos, ovinos, asnos e patos (um dos principais pratos da culinária Egípcia). Ao contrário do que se acredita, animais como girafas, leões, tigres, rinocerontes, hienas e elefantes não faziam parte da fauna da região. Não que os Egípcios os desconhecessem completamente, na verdade, em seus contatos com regiões do centro da África os habitantes do Império Faraônico importaram alguns desses animais, justamente por serem exóticos. Leões, ainda que raros; vez ou outra apareciam nas redondezas das vilas e cidades à procura de caça, o que certamente causava comoção popular geral, não se sabe, contudo se os leões do Egito eram do tipo Africano (o tipo que todos conhecemos até hoje) ou do tipo Europeu (uma espécie de leão maior extinta na Idade Média e que deu origem à associação, em diversos Reinos Europeus da figura do leão à da Realeza).

Mas espere, você nem sequer mencionou cavalos e camelos. Todos sabemos que os Egípcios eram grandes cavalgadores desses animais, certo?

Errado! Para começar, os Egípcios jamais cavalgaram animal algum, não se pode precisar se por desconhecerem as selas ou se por algum tipo de crença, mas eles jamais montavam em seus animais de tração. Em segundo lugar, é bom que se saiba que nem cavalos, nem camelos eram animais nativos do Egito. Os cavalos foram introduzidos na região pelos Hicsos durante o Segundo Período Intermediário, ou seja, apenas por volta do século XVI a.C., muitos anos após a construção das Pirâmides. Eles eram utilizados primordialmente como puxadores de bigas (carros de guerra que transportavam cerca de quatro guerreiros e que marcaram, como veremos, todo o período do Novo Império). Já os camelos, animais naturalmente associados pelo imaginário popular aos desertos, chegando a ser conhecidos com “os navios do deserto”, só chegaram ao Egito durante o domínio Persa, ou seja, no século VI a.C., época em que o esplendor Egípcio já havia se esgotado. Foi também por essa época que os famosos elefantes de guerra passaram a ser utilizados no Egito, porém, nunca em tão grande escala como no Império Persa, de onde eram naturais.

1.3– Os Recursos Naturais:

Por ser seco em demasia, o Egito não dispunha de madeira de boa qualidade, o que o obrigava a pagar altos preços para importar o cedro da Fenícia, indispensável à construção dos barcos que subiam e desciam o Nilo, interligando o país. Justamente pelo fato de a madeira de boa qualidade ser importada e cara é que seu uso se tornava restrito a dois tipos

de ocasiões: as necessárias (como a navegação) e as de ostentação (nas casas de ricos, nobres, nos templos e entre o mobiliário do Faraó). O cidadão comum não dispunha de madeira de boa qualidade e, dessa forma, era obrigado a se haver com a madeira que o Egito lhe fornecia, construindo jangadas para uso pessoal e móveis de madeira entrelaçada para suas casas.

As pedras, abundantes nas proximidades do Egito (nas montanhas a leste), com efeito, não eram a principal matéria prima da construção. Sim, é verdade que quase tudo o que nos restou do Egito antigo é confeccionado em pedra, mas isso não é à toa, mas proposital. Temos diversos templos, túmulos, pirâmides (neste texto, sempre que fizer menção a pirâmides com letra maiúscula, estarei me referindo às Pirâmides de Gizé, ou seja, Queóps, Quefren e Miquerinos; nos demais casos, quano utilizar letra minúscula, estarei fazendo menção às demais (ou mesmo a todas) pirâmides do Egito), estátuas, mas poucos palácios e praticamente nenhuma casa, nenhum armazém e estes estão em estados de conservação muito inferiores aos dos primeiros e mais numerosos, mas, por quê?

Simples, porque os Egípcios tinham uma cultura extremamente sacral e, sendo assim, tudo aquilo (e somente aquilo) que era divino deveria ser (tal qual os deuses) eterno. O que, por outro lado, fosse temporal, poderia ser passageiro e, sendo assim, não precisava (e talvez mesmo não pudesse) ser eterno. Seguindo essa lógica, construções como templos, túmulos, estátuas e pirâmides eram feitas em pedra e as demais, feitas com tijolos. Os tijolos, por sua vez, eram feitos com o próprio lodo do Nilo, ou seja, retirava-se a terra úmida das margens do rio, a colocava-se em recipientes retangulares e deixava-se que secasse ao sol escaldante. Dentro de alguns dias, toda a umidade evaporava e a mistura se solidificava de tal forma que se tornava um verdadeiro tijolo. Logicamente, tijolos como estes que não eram feitos com técnicas oleiras avançadas como as de hoje (ou mesmo com as de outros lugares como a Mesopotâmia e a Grécia) não duravam muito. Estavam muito sujeitos às chuvas (mesmo sendo essas tão escassas na região), às cheias do rio e à simples passagem do tempo (com ventos e a erosão natural devida à areia carregada eólicamente).

Finalmente, no que se refere aos metais, o Egito nunca foi muito avançado, detinha, é verdade, boas minas de ouro e prata (na Núbia) e de cobre no Sinai, mas não detinha estanho (necessário para se criar a liga (estanho e cobre) que dá origem ao bronze) e nem tão pouco o ferro. Sendo assim,enquanto em diversas outras regiões próximas as ferramentas e armas já eram há muito construídas de cobre (e posteriormente de bronze), no Egito estas ainda eram feitas de sílex (uma pedra vulcânica cujas lascas são muito cortantes), pedra e madeira (inclusive, até o final do Novo Império, os instrumentos agrícolas e de mineração do Egito ainda não eram

feitos de metal). O ouro e a prata, como metais preciosos que eram, eram associados aos deuses e, sendo assim, em sua grande maioria, destinados a enfeitar as tumbas dos Faraós e grandes dignatários que tivessem posses para tal luxo (esse também era o destino das pedras preciosas). O restante desses metais preciosos era empregado no comércio internacional, uma vez que, como veremos, dentro do Egito, ao menos no período Faraônico, nunca houve uma economia monetária. Por muito tempo, no Antigo Império, as minas de ouro foram mais abundantes do que as de prata, o que acarretou numa maior valorização deste metal em detrimento daquele, no entanto, com a descoberta de mais e mais minas de prata no deserto, o ouro passou a valer mais do que seu par.

1.4 – O Papiro e a Escrita:

Um dos fatores regionais mais importantes do Egito foi a existência nas margens do Nilo de uma planta aparentemente sem uso específico, mas que, com um pouco de tratamento (ainda que simples), se torna uma das maiores dádivas do Nilo ao Egito: o papiro.

Além dos utensílios, como velas de barcos e até móveis que se podia construir com papiro trançado, por volta de 3400, com os primeiros contatos com a escrita cuneiforme Mesopotâmica, os Egípcios desenvolvem uma idéia que tornará sua escrita mais barata e funcional do que a utilizada por seu vizinho: utilizar folhas secas de papiros para desenhar e pintar as Histórias cotidianas. Assim nasceu a escrita Egípcia e assim ela pode se difundir por todo o Egito e dele para a Fenícia, onde se tornou o antigo alfabeto fonético que, uma vez aperfeiçoado pelos Gregos, deu origem ao alfabeto Grego, que inspirou o alfabeto latino que é hoje utilizado na maior parte do mundo, sendo, portanto, o maior legado Egípcio para a posteridade. A escrita e, em especial, a escrita em papel com tinta, não em tabletes de argila, com talhadeiras.

2 – Tribos, Deuses e Migrações: O Período Formativo:

Por volta do início do V milênio antes de Cristo, a situação de ressecamento climático iniciada no IX milênio já havia terminado de se consolidar, isso fez com que ao longo de quatro mil anos os animais migrassem para o sul e para o norte e os homens (outrora povos nômades de regiões propícias) se fixassem em torno de oásis ou à beira do Nilo.

Os processos de migração ocorridos nesse período é complexo e igualmente confuso sendo que, possivelmente, nunca viremos a compreende-lo com perfeição. O que se sabe é que por volta de 4500 a.C. (ou talvez um milênio antes), várias comunidades estavam estabelecidas ao longo das margens do Nilo.

Essas comunidades se dividiam em vilas que eram administradas por uma vila maior, formando espécies de ligas de vilas chamadas Spat, ou Nomo (em Grego). Caracteristicamente, essas sociedades deviam se agrupar a partir de uma mesma crença religiosa, ou seja, a partir de deuses em comum.

Os deuses dos primeiros períodos da História Egípcia eram predominantemente zoomórficos, ou seja, constituíam-se de animais que, por uma ou outra determinada característica eram adorados. Por exemplo, aves poderiam ser adoradas por poderem voar, algo que possibilitava melhor locomoção e possibilidade de caça; crocodilos poderiam ser adorados por serem uma ameaça constante às populações que habitavam as margens do rio e, sendo assim, seu culto poderia ter o intuito de apaziguar seu ânimo destruidor; serpentes poderiam ser adoradas por razões semelhantes às dos crocodilos; bois e ovelhas, assim como vários tipos de animais, poderiam ser adorados por razões de alimentação e assim por diante.

O fato é que esses Spat construíam espécies de totens de seus deuses, com templos em sua homenagem e, também em sua homenagem, guerreavam uns contra os outros.

A consolidação de um Spat (ao todo, no Egito, existiam 44) era um processo complexo e demorado, mas, possivelmente se dava pela expansão das áreas cultiváveis de uma aldeia original, ou seja, na medida em que a população crescia, era preciso construir mais diques e mais casas o que vinha a criar novas vilas, porém, vilas ligadas a uma vila-mãe, capital do Spat.

Até bem pouco tempo, algo denominado de “Hipótese Causal Hidráulica” era tido como sendo a melhor teoria para a unificação do Egito, ou seja, o país teria se unido sob a autoridade de um único governante para que assim, com a organização central dos recursos da nação, fosse possível construir obras de irrigação. Essa teoria é perfeitamente coerente e foi primeiramente proposta por Karl Marx, sendo descrita como “Modo de Produção Asiático”, ou seja, um Estado centralizado que emprega a mão-de-obra livre de seus habitantes para realizar grandes construções, em especial, obras de irrigação.

A teoria hidráulica da unificação do Egito, no entanto, não é mais muito aceita hoje em dia pelo fato de até o Médio Império (mais de mil anos após a data sugerida para a unificação do Egito) não haver sequer um documento Estatal que comprove o controle do Estado sobre os diques de irrigação, o que leva a crer que até aquele período tais obras fossem de caráter local.

Bem, vejamos, derrubada a “Hipótese Causal Hidráulica”, podemos concluir que, muito possivelmente os próprios Spat haviam desenvolvido seus meios de irrigação para agricultura. Como a agricultura chegou ao

Egito é outra questão complicada. Pode-se dizer que tenha sido por difusão através da Mesopotâmia, pode-se dizer que tenha vindo da África Central, pode-se ainda dizer que tenha sido descoberta paralelamente no próprio Egito, nunca será possível saber, mas também, essa não é exatamente uma informação relevante, na medida em que sabemos que havia agricultura no Egito pré-unificação.

2.1 – A Etnia Egípcia Antiga:

Falar de etnicidade é sempre tocar em um ponto complicado e, muitas vezes tabu na nossa sociedade. Essa questão se torna mais importante na medida em que grupos minoritários começam a ganhar força e a reclamar os direitos que sempre lhes foram negados. Em contra-partida, grupos antiquados, racistas e protecionistas de sua mentalidade político-religiosa atrasada tentam sustentar preconceitos insustentáveis como forma de manter negros (e membros de outras etnias) longe de cargos e acontecimentos importantes da História.

Hoje existe na África um grupo cada vez maior de intelectuais negros que, como forma de compensar as humilhações sofridas ao longo de séculos pelos indivíduos oriundos do continente Africano, criaram uma corrente de pensamento conhecida como Pan-Africanismo. Segundo essa corrente, os negros não devem em hipótese alguma se envergonhar de suas origens e de sua cor, além disso, todos os Africanos, independente de religião ou de região, devem buscar origens negras que os legitimem como irmãos. É uma atitude louvável, mas, por um certo aspecto, perigosa, na medida em que pode vir a gerar, num futuro hipotético, movimentos semelhantes às doutrinas de superioridade racial surgidas na Europa dos anos 30.

Deixando suposições e previsões de lado, nos deparamos com um grave problema de cunho étnico: como determinar o biótipo do Egípicio antigo?

Alguns autores dirão que basta que se observe os Egípcios atuais para que se tenha uma idéia bastante aproximada de como eram os Egípcios antigos. Porém, essa recomendação é, no mínimo despropositada, seria o mesmo que determinar como eram os brasileiros do século XX a.C. observando os brasileiros do século XX d.C.. Não preciso dizer os absurdos que seriam cometidos, não é?

Pelo Egito, desde a unificação de seu território, passaram Núbios (possivelmente negros); Líbios (possivelmente Berberes); Judeus, Fenícios, Acadianos, Hititas e Assírios (com caracteres semíticos); Hicsos (com caracteres talvez Arianos); Persas e Árabes (com caracteres Médicos); Gregos (com feições balcânicas); Romanos (com biótipo latino); Ingleses e Alemães (com tipo ariano-saxão); Turcos (que originalmente tinham feições

orientais) entre outros povos. Seria muito complicado dizer que tais populações passaram incólumes pelo Egito, sem deixar sua marca étnica na população; seria o mesmo que dizer que os Portugueses e Africanos não modificaram a população do Brasil.

Essa explicação foi toda feita para que se chegasse a uma conclusão: não se pode afirmar que a etnia Egípcia tinha os traços característicos das múmias dos Faraós porque estes eram membros de uma classe dominante e, justamente por isso, sem miscigenação com as classes mais baixas, além disso, muitas vezes o Faraó era o filho de uma esposa secundária de seu pai e esta, por sua vez, podia ser uma princesa estrangeira, o que também deixaria o Faraó sem os traços típicos da população comum. Não se pode, porém, como querem os intelectuais Pan-Africanistas, fechar os olhos às pinturas e mesmo aos caracteres das múmias e simplesmente assumir que a população do Egito antigo fosse predominantemente negra.

Para que não tomemos uma postura que possa ser considerada racista por qualquer parte, acredito que uma boa saída seria analisarmos as pinturas egípcias. Se o fizermos, poderemos ver que existem pessoas retratadas com a cor negra e pessoas retratadas com cores mais claras, lembrando o semítico original. Talvez essa seja uma saída para que determinemos a etnia do Egito antigo.

Outra saída seria assumir que a população Egípcia fosse de origem semítica ou berbere e, portanto, branca, sendo a população Núbia de origem negra. Isso explicaria, por exemplo, porque o Egito, mesmo tendo dominado a Núbia por tanto tempo e mesmo sendo esta região um prolongamento natural de seu território, nunca a tenha considerado como parte do Egito, apenas como domínios Imperiais, sendo que havia até uma espécie de Vice-Rei para a região, como se se tratasse de um domínio distante.

Uma terceira saída (se bem que passível de legitimação de preconceitos) seria assumir que o grosso da população Egípcia seria negro, mas que aqueles em posições mais elevadas seriam brancos, pois seriam descendentes de um grupo semítico (possivelmente de procedência Acadiana) que teria se estabelecido na região pouco antes da unificação. Essa teoria não é de todo descabida, visto que há indícios de que Acadianos tenham realmente se estabelecido no Delta do Nilo pouco antes da unificação do Egito e há, inclusive, aqueles que pensem (a meu ver erroneamente) que teriam sido estes Acadianos que teriam trazido ao Vale do Nilo a idéia de unificação política, idéia já consolidada na Mesopotâmia, de onde eram oriundos.

Particularmente, este autor acredita que a segunda hipótese aqui proposta seja a mais plausível, na medida em que explicaria a presença de negros (em quantidades não tão grandes) nas pinturas murais e também a

não anexação da Núbia ao Egito propriamente dito, mas, tão somente, aos domínios Egípcios.

2.2 – A Política dos Spat:

Agora que já delimitamos uma hipótese (que se não é verdadeira, ao menos é boa) de trabalho para a etnia Egípcia, partamos para o esclarecimento da política dos Spat e de sua evolução rumo ao período Pré-Dinástico.

Como organizações populacionais recém-estabelecidas nas margens do Nilo, os Spat precisavam de uma nova organização interna, uma vez que aquela das tribos nômades já não mais era útil.

Não é muito difícil de se aceitar que as sociedades se transformem em mais de quatro mil anos de existência, afinal, civilizações inteiras podem surgir, evoluir, entrar em colapso e desaparecer num período de tempo tão longo. Portanto, não é de se estranhar que os Spat tenham descoberto formas de se organizar gradualmente melhores na medida em que os séculos foram se acumulando.

Para poder realizar obras públicas, ainda que no campo do microcosmo (uma vez que já justificamos a derrubada da "Hipótese Causal Hidráulica" para o macrocosmo), os Spat precisaram organizar lideranças e estas, possivelmente foram escolhidas entre os chefes de família. É possível que mulheres tenham tomado parte dessas lideranças tribais, especialmente se levarmos em conta que pode ter havido um difundido culto Neolítico a uma grande divindade feminina em todo o Mediterrâneo Oriental (pelo qual o Egito é banhado), o que indica que a mulher deve ter tido uma importância muito mais destacada nas sociedades Neolíticas em geral do que veio a ter nas sociedades Arcaicas.

Pois bem, voltemos ao que estávamos falando, possivelmente havia conselhos de anciãos em cada Spat, anciãos estes que eram responsáveis pela organização dos recursos do Spat e por sua distribuição nas diferentes necessidades: principalmente o culto, a irrigação e a defesa.

Esse conselho, denominado Saru, era legitimado por assembléias populares onde, a priori, poderiam participar todos os habitantes do Spat (talvez excetuando-se as crianças). Essas assembléias, denominadas Zazat devem ter tido a função de levantar os problemas e necessidades da população, além de, talvez, ratificar as decisões mais controversas do Saru, como a decisão de atacar outro Spat, por exemplo.

É possível que entre as funções do Saru; por ser este composto de pessoas idosas que já não podiam trabalhar fisicamente; estivessem as obrigações religiosas. Dessa maneira, os membros do Saru seriam ao mesmo tempo governantes e sacerdotes dos Spat.

Apenas para um efeito de comparação com sistemas de governos que nos são mais conhecidos, podemos dizer que os Spat eram governados por uma Oligarquia Aristocrática assistida por uma Assembléia Popular, ou seja, em moldes rudimentares, uma espécie de Democracia com uma elite Aristocrática superposta.

3 – O Período Pré-Dinástico:

Religião sempre foi a mais forte presença na vida dos Egípcios antigos, sendo assim, não é de se estranhar que essa tradição seja proveniente do período formativo. Pois bem, junte-se num caldeirão a falta de animais aliada às técnicas rudimentares de domínio das cheias e vazantes do Nilo, o que ocasiona falta constante de alimentos, e um mundo povoado por diversos deuses, por vezes inimigos; e se tem um campo perfeito para a eclosão de diversas guerras, na verdade, se tem um campo perfeito para guerras quase constantes.

Era assim o Egito em seu período formativo. Agora vejamos, de acordo com as teorias mais aceitas sobre a origem das Monarquias, normalmente considera-se que estas estejam ligadas à guerra, mas por quê?

Bem, como já havia sido mencionado, decisões polêmicas e/ou difíceis deveriam ser legitimadas pelos Zazat, no entanto, este não poderia se reunir constantemente para tomar decisões, uma vez que era composto pelo grosso da população e que esta precisava trabalhar para que a própria existência do Spat fosse possível, por isso, não é de se espantar que frente a uma situação de guerras quase constantes, o próprio corpo dos indivíduos que guerreavam (predominante ou exclusivamente homens) escolhesse entre suas fileiras uma espécie de chefe militar supremo, responsável tanto pela organização dos exércitos, quanto pelas táticas de guerra.

Este, por sua vez, obtendo vitórias proveitosas para a comunidade, poderia se converter numa espécie de herói e adquirir uma posição de respeito diferenciada da dos demais. Com o tempo, esse indivíduo poderia não ver mais necessidade na antiga estruturação do Spat, ou ainda, o próprio Spat poderia abdicar (a princípio temporariamente, mas depois indefinidamente) de sua antiga organização em prol da vontade e da capacidade desse indivíduo. É assim que surgem os Reis.

Esta transformação, cuja enumeração dos fatos exposta acima é apenas a mais provável, mas não a única, teria ocorrido nas sociedades do Vale do Nilo por volta do ano 3100, quando se inicia o período conhecido como Pré-Dinástico.

3.1 – Das Guerras à Formação dos Dois Egitos:

Entre 3100 e 2920, o Egito vive períodos de guerras quase ininterruptas. É nesse período que começam a se formar os Estados Egípcios e é nesse período também que a Cosmologia Egípcia tradicional começa a tomar forma, pois, na medida em que um Spat vai anexando outro, um deus vai se sobrepondo na hierarquia a outro e, dessa forma, surge uma espécie de hierarquia divina. É óbvio que cada Spat tinha sua divindade principal, mas, além dela, diversas outras que também eram cultuadas. Possivelmente havia divindades cultuadas em vários Spat, o que também pode ter ocasionado alianças entre eles sem que conquistas militares fossem necessárias.

Por volta de 3400, uma infiltração cada vez maior de Mesopotâmicos, em especial Acadianos, no Delta do Nilo denota ou um conquista da região, ou uma leva migratória de comerciantes e artesãos, seja como for, esse movimento pode ter sido importante não apenas para a introdução de novas tecnologias e idéias (como a própria idéia da escrita, todavia, a escrita cuneiforme não foi copiada, mas pode ter influenciado o povo do Egito na criação de sua própria forma de relatar aos fatos) no Egito, mas também para a aceleração do processo de unificação daquela região. Existem teorias que associam o culto ao deus Hórus a esses imigrantes, sendo assim, aquele que viria a ser um dos (senão o) principais deuses do Panteão Egípcio não seria Egípcio realmente, mas Acadiano. Seja como for, falaremos sobre a Religião em ocasiões um pouco mais adiante.

Por volta do ano 2980, a configuração política do Vale do Nilo havia se transformado profundamente. Os Spat do sul haviam se unido (por tratados e conquistas) sob um Rei em Hierakonpolis, formando o Alto Egito, o povo de Set.

Já os Spat do Delta, muito possivelmente devido à influência centralizadora externa, se haviam unido (talvez como fruto de uma associação, talvez de conquistas, talvez de uma mistura) sob um Rei residente em Buto e temente a Hórus.

Estava configurado o panorama que daria origem ao Estado que unificaria o Vale do Nilo: o Egito.

3.2 – O Escorpião-Rei e os Símbolos Monárquicos:

Certamente a unificação dos diversos Spat era tarefa que requeria algo mais do que a força militar, na realidade, pode-se praticamente afirmar que ela seria impossível se não fosse a escrita. Escrita se fazia necessária para organizar o controle de tributos, de tropas, de população. Se fazia necessária para contar a terra possuída e mesmo para registrar os feitos dos grandes conquistadores.

Um desses grandes conquistadores foi justamente imortalizado pela escrita rudimentar dos últimos anos do período Pré-Dinástico. Esse governante era o famoso Escorpião-Rei.

Antes de falarmos mais profundamente sobre este personagem, devemos ressaltar que o filme feito a seu respeito em nada tem de verossímil. Primeiramente, é pouco provável que o Escorpião-Rei fosse um estrangeiro (o filme o intitula Acadiano), uma vez que se tratava de um Rei do Alto Egito e a penetração Acadiana se deu no Baixo Egito. Em segundo lugar, sua aliança com a Núbia é impensada numa época tão remota; a Núbia e o Egito ainda não tinham estabelecido qualquer contato formal. Em terceiro lugar, o filme utiliza cavalos e camelos que, como já foi explicado, não existiam no Egito nessa época. Em quarto lugar, as armas utilizadas são de aço e ferro, enquanto que nem sequer as armas de cobre ou de bronze haviam sido introduzidas no Egito, possivelmente os guerreiros daquela época lutavam com lanças com pontas de sílex, pedras arremessadas, maças de madeira e manguais (até arcos e flechas são improváveis numa época tão recuada). Em quinto lugar, a capital do Egito (já unificado, o que é um erro, visto que o Escorpião-Rei é um Rei anterior à unificação) é Sodoma, cidade bíblica que, caso tenha existido, certamente não se situava no Egito. Por fim, as cidades Egípcias não eram muradas (como no filme é sugerido), o Escorpião-Rei não unificou o Egito e, não havia nenhum tipo de inventor-alquimista com possibilidades de inventar a pólvora, também não havia contatos do Egito com a China.

Agora que o filme "O Escorpião-Rei" já foi desmistificado, podemos tratar do personagem histórico Escorpião-Rei. Este governante parece ter Reinado na cidade de Hierakonpolis, a capital do Alto Egito. A cidade contava à época de seu governo com uma população aproximada de 10000 habitantes, ou seja, era a maior cidade do Egito. À partir dessa capital, o Escorpião-Rei, que utilizava a coroa branca do Alto Egito na cabeça, invadiu e derrotou o Baixo Egito, mas, apesar de tê-lo pilhado e de ter matado muitas pessoas (talvez milhares), não foi capaz de eliminar a Realeza de Buto e de capturar a coroa vermelha do Baixo Egito.

3.3 – A Unificação do Egito:

Segundo Mâneton de Sebennitos, Historiador Grego que viveu em Alexandria na época da XXXI Dinastia e para quem o Faraó Ptolomeu Sóter I encomendou uma lista dos Faraós do Egito, o unificador do país teria sido um Faraó de nome Menés. Mâneton é até hoje a maior referência que se tem para listar os Faraós e descrever seus governos, se bem que, por falta de material, para agradar ao Faraó e para colaborar com a crença vigente em sua época (século IV a.C.) de que o Egito seria a mais antiga civilização do mundo, Mâneton recuou as origens do Estado Egípcio para datas

impraticáveis como 9500 a.C.. Essa teoria, tida como válida por muito tempo, hoje esta totalmente desmistificada (ao menos do ponto de vista científico), no entanto ainda gera controvérsias no campo da especulação esotérica.

Mas pautemo-nos por hora em Mâneton (posteriormente falaremos melhor das questões esotéricas que envolvem o Egito). Para ele Menés teria sido o unificador do Egito. Não sabemos quais fontes o Historiador teria utilizador e tal tarefa é hoje (passados tantos anos da destruição da Biblioteca de Alexandria) virtualmente impossível, mas dados os principais achados arqueológicos disponíveis, somos levados a crer que Menés seria uma forma Grega de se dizer o nome de Narmer.

Narmer é o primeiro Faraó que a Arqueologia tem indícios fortes para considerar como sendo o lendário Menés. Existe uma paleta (conhecida como Paleta Narmer) que mostra em uma de suas faces este Faraó utilizando a coroa branca do Alto Egito e na outra o mesmo Faraó utilizando a coroa vermelha do Baixo Egito.

Segundo a tradução de Sir Alan Gardiner, um dos maiores especialistas contemporâneos em hieróglifos, apesar de a escrita do tempo de Narmer ser ainda uma versão não aprimorada daquele que surgiria na III Dinastia e que perduraria por toda a História do Egito Faraônico, é possível notar que Narmer está sendo saudado como conquistador do norte (Baixo Egito), tendo matado 1400 homens e capturado 400 mil bois e 1,422 milhão de cabras, além dos estandartes dos Spat do Baixo Egito.

Se a Paleta Narmer realmente tiver sido traduzida corretamente e realmente o Alto Egito conquistou o Baixo, então, temos um problema de ordem religiosa a resolver.

Pensemos, se as guerras entre os Spat foram causadas originalmente por, entre outros motivos, disputas religiosas, eram natural que os vencedores fossem impondo suas crenças aos derrotados, certo?

Porém, como já havia sido dito, a divindade principal do Alto Egito era Set e a do Baixo Egito era Hórus. Se o Alto Egito conquistou o Baixo, então por que Hórus se tornou o Deus da Monarquia Egípcia?

Bem, inicialmente devemos notar a disposição de Narmer em apaziguar a região conquistada e dar a ela realmente uma consciência de unidade em relação a seu conquistador. O Faraó (o primeiro a merecer o título, uma vez que Faraó, a rigor, é o governante do Alto e do Baixo Egito, sendo assim, antes de Narmer é mais corretor que se se refira aos governantes como Reis) casou-se com uma princesa do Baixo Egito (se bem que é provável que toda a Dinastia de Buto tenha sido exterminada e/ou expulsa, mas uma princesa foi escolhida para legitimar o governo sobre a região conquistada) e iniciou a construção de um Palácio de Muros Brancos ao redor do qual se ergueu uma nova capital para o Egito unificado. Esta capital, localizada quase na divisa entre o Alto e o Baixo

Egito foi batizada de Mênfis, ou seja, Palácio dos Muros Brancos. Lá, todos os Faraós recém-coroados deveriam dar uma volta correndo sozinhos ao redor do palácio para comprovar sua saúde física e para simbolizar que haviam percorrido todo o Egito mantendo-o unificado.

Pois bem, Narmer (e também seus sucessores, que mantiveram a prática de se casarem com princesas do norte (talvez filha de Nomarcas (governantes de Spat))) fizeram de tudo para que o Baixo Egito aceitasse a dominação imposta pelo Alto Egito não como uma dominação imposta, mas como um acordo entre as partes. No entanto, a destruição da Monarquia Acadiana e a subserviência de seu Deus Hórus em relação a Set fizeram com que revoltas eclodissem e, sendo assim, a I Dinastia acabou por se encerrar de forma trágica, como assassinato do Faraó Qa'a.

A II Dinastia teve como seu primeiro Faraó Hotepsekhemuy, cujo nome significa "Os dois poderes estão pacificados". O que indica uma solução para a crise que se havia estabelecido no final da I Dinastia. No entanto, a crise voltou a imperar com uma conspiração de Peribsen para derrubar Nineter do trono e se tornar Faraó. Aproveitando esses distúrbios na casa Real, o Baixo Egito se sublevou mais uma vez, o que fez do governo de Peribsen um fracasso.

Khasekhem assumiu o poder restaurando a crise que não voltou a eclodir, mas, a partir dessa data, o que se vê é a figura de Hórus como Deus principal da Monarquia, o que nos leva a crer que para aplacar a fúria da população do norte que se via como dominada, o Faraó resolveu mudar o Deus Dinástico de modo a se aproximar do povo revoltado e se mostrar amigável.

Parece que o estratagema deu certo, uma vez que à partir daí o Egito seguiu unificado por quatro Dinastias, no entanto, Set, antigo Deus Dinástico, acabou condenado a um papel de Deus maligno. Talvez esse papel lhe tenha cabido porque os habitantes do Delta associavam sua figura às milhares de mortes necessárias para a unificação do país.

3.4 – Práticas Funerárias Proto Dinásticas:

A I e a II Dinastias também são chamadas de Período Proto Dinástico, visto que foi neste período (que durou de 2920 a 2686) que os elementos fundamentais da organização da civilização Egípcia posterior viriam a se estabelecer. Elementos esses como a pintura, a escultura, a escrita e, sobretudo, a mumificação.

É possível que a idéia da imortalidade da alma, inerente aos Egípcios antigos, tenha surgido através da observação, ou seja, é muito provável que as populações dos períodos Pré-Dinástico e Neolítico, devido à necessidade de preservar as boas terras para o plantio, enterrassem seus mortos nas secas areias do deserto. Essas areias desidratavam

completamente o corpo antes que a putrefação fosse possível, sendo assim, ele ficava conservado. Eventualmente, tempestades de areia ou o simples mover vagaroso dos ventos do deserto punham um desses corpos mumificados naturalmente à mostra revelando cadáveres com cabelos e até roupas, o que permitia sua identificação. Essas experiências podem ter levados os antigos egípcios as acreditar na vida após a morte, teoria que seria o principal dogma de sua complicada Religião.

Com a substituição dos Zazat e Saru pelos Reis-Heróis, pode ter havido uma necessidade de se glorificar a vida *post mortem* de tais figuras e, sendo assim, passou-se a construir mausoléus funerários para eles. Porém, ao isolarem os corpos das causticantes areias do deserto, os mausoléus colaboravam com o processo de putrefação e, dessa forma, os corpos que visavam proteger acabavam por ser destruídos.

Com a unificação do Egito, o poder daqueles Reis (que agora eram um só: o Faraó) cresceu muito ascendendo a um status semi-divino (status esse que também só seria consolidado na III Dinastia) e, sendo assim, não era mais aceitável que tais soberanos corressem o risco de não desfrutar de uma vida após a morte adequada, sendo assim, desenvolveu-se uma técnica de evitar a putrefação do corpo, desenvolveu-se a técnica da mumificação.

Os soberanos possuíam muitos empregados, servos e, talvez até mesmo escravos, além de mulheres e pessoas de quem gostavam. Quando morriam, queriam que tais indivíduos estivessem com eles, por isso, sempre que um Faraó da I e II Dinastias morria, um grande séqüito de seguidores era obrigado (ou talvez se oferecia como voluntário, mas a primeira opção é mais plausível) a se envenenar para, morrendo, acompanhar seu Faraó em sua viagem para o além.

Disse que a hipótese da obrigação parecia mais plausível do que a do suicídio voluntário não por duvidar que alguém possa querer morrer por suas crenças, afinal, como se não bastassem os terroristas de hoje em dia que nos mostram diariamente que são capazes de se matar por sua fé, houve povos, como os Maias, que praticavam o auto-sacrifício com um regularidade tão grande que chegavam a comprometer seus contingentes populacionais em determinadas vilas. Afirmei, no entanto que entre os Egípcios essa não devia ser a regra porque, se o fosse, não teriam sido inventados os ubshabts, ou seja, pequenas estatuetas de servos para serem utilizados no além túmulo, dessa forma, poupando do sacrifício as dezenas (ou talvez centenas) de pessoas que estariam destinadas a servir o Faraó em sua vida após a morte.

Até este período não se construíam pirâmides no Egito e os Faraós, bem como os homens mais importantes eram enterrados em grandes tumbas de pedra retangular chamadas mastabas. Dentro das mastabas poderiam haver corredores que ligavam a várias salas, mas, não havia

qualquer sistema de segurança contra roubos porque ate então era inconcebível que uma tumba Real fosse saqueada.

Apenas para um efeito de elucidação, os Egípcios antigos não acreditavam em reencarnação de qualquer tipo, afinal, seus esforços tumulares e seus sacrifícios não se destinavam a outra coisa senão gerar no além uma continuidade deste mundo, um mundo perfeito onde a Maat (conceito que será debatido mais adiante) era soberana.

4 – O Reino Antigo:

Como vimos, o período denominado Antigo Império (também chamado Reino Antigo) inicia-se com a III Dinastia, por volta de 2686. Mas qual foi a grande transformação que determinou que a Arqueologia (que, no caso específico do Egito, tem um nome mais apropriado: Egiptologia) e a História passassem a considerar o período iniciado com o Reinado de Sanakhte como sendo um período distinto daquele vivido pelas duas primeiras Dinastias Egípcias?

Bem, além do fenômeno da construção de pirâmides, que se inicia no governo de Djeser (ou Djoser), segundo Faraó da III Dinastia, outro forte dado para a escolha da III Dinastia como sendo o marco inicial do Antigo Império foi o provável estabelecimento da escrita hieroglífica (se bem que muitos estudiosos dessa escrita não concordem que as formas utilizadas no início do Antigo Império fossem as mesmas que se eternizaram como sendo o padrão de escrita hieroglífica clássica, encontrado, sobretudo, nos túmulos das Dinastias do Novo Império). Para este trabalho, aceitaremos a datação do início do Antigo Império na III Dinastia, mas entenderemos que o principal divisor de águas entre este novo período e seu predecessor seria tão somente a adoção de Hórus como nova Divindade Dinástica suprimindo o culto oficial de Set.

4.1 – Os Semi-Deuses de Mênfis:

Os Faraós do Antigo Império governaram à partir da cidade de Mênfis, construída por Narmer e Aha no local tido como a mítica vila natal do Escorpião-Rei: Tura. Se esta procedência era verdadeira, não é possível saber, muito pelo fato de Mênfis não conter tantos resquícios arqueológicos quanto outras capitais Egípcias posteriores, como Tebas. Isso porque, pelo fato de a cidade se localizar praticamente no Delta, os índices pluviométricos, bem como os estragos causados pelas cheias do Nilo se fazem muito mais fortes; o que destruiu muitos possíveis achados.

Agora que o Egito estava definitivamente apaziguado e que já se podia contar com uma escrita (ainda que não totalmente definitiva) capaz de permitir a administração de longas faixas de terra (é bom que se saiba que

aquilo que se entende como sendo o Egito compreende uma faixa de terra relativamente estreita que se localiza nas margens do Nilo nos seus últimos 1200km antes de atingir o Mediterrâneo), era chegada a hora de se estabelecer um regime que proporcionasse sua eterna continuação. Algo precisaria ser criado nesse sentido.

Com o intuito de se eternizarem no poder, os soberanos, devem, por volta do final da II Dinastia, ter se feito proclamar criaturas divinas. Isso talvez não fosse algo absurdo para aqueles homens e, possivelmente teria sido uma mera amplificação das atribuições dos antigos Reis-Heróis dos Spat Pré-Dinásticos. Na medida em que um desses Reis conseguiu se sobrepor aos demais e se fazer proclamar Faraó, o Rei do Alto e do Baixo Egito, era mais do que natural que só o tivesse podido fazer pela graça dos Deuses e, sendo assim, a idéia de que ele próprio fosse um "Escolhido dos Deuses" e, posteriormente um "Deus Vivo" não constituía um delírio, algo inaceitável pela população.

Há que se lembrar que o Egito não contava com nenhum meio de comunicação que não fosse o Nilo, ou seja, as notícias corriam, em geral através de convocações Estatais e histórias contadas de boca-a-boca, levadas Nilo acima e Nilo abaixo por mercadores, viajantes e oficiais do Faraó. Sendo assim, um indivíduo de tamanho poder, vivendo num palácio numa cidade mitológica, sobre o qual se contavam histórias incríveis seria naturalmente digno de temor, senão de adoração (ou talvez ambos); como um verdadeiro Deus.

A deificação do faraó se concretiza na III Dinastia e esta aliada à crença (agora reforçada pela descoberta da mumificação) na vida após a morte, tendia a transformar o poder do soberano algo incomensurável dentro dos padrões humanos.

4.2 – A Maat e o Espírito do Egito:

É impossível se estudar a História do Egito Antigo sem se mencionar e, principalmente, se compreender o conceito de Maat. Não é possível, no entanto, conceber com exatidão quando este conceito começou a ser formulado pelos Egípcios, porém, algumas sugestões podem ser dadas a esse respeito (farei isso, contudo, neste mesmo item, porém, após a explicação do que é a Maat).

Maat é uma palavra Egípcia cuja tradução literal implicaria em dois termos distintos, se bem que afins: Verdade e Justiça! Essa era a base sociedade Egípcia e, toda vez que este conceito era abalado, algo acontecia de muito grave no Vale do Nilo.

Para os Egípcios, a Maat estava relacionada à idéia de Ordem, de continuidade, ou seja, se tudo continuasse como sempre foi (camponeses trabalhando, guerreiros guerreando, governantes governando, o Faraó

organizando tudo e prestando culto aos Deuses...), a Justiça e a Verdade estariam sendo cumpridas e espalhadas pelo Egito. Porém se algo abalasse a Ordem (algo simples como a morte do Faraó, ainda que por causas naturais), então a Maat estaria em risco.

Como foi afirmado, não é possível precisar quando esse conceito foi estabelecido, mas o mais provável é ele seja o resultado de uma busca por estabilidade político-social no Período Proto Dinástico (I e II Dinastias) enfim alcançada. É certo, porém, que para ter se tornado um conceito universal dentro do Egito, sendo cultuado e aceito por cada indivíduo desde o mais humilde camponês até o próprio Faraó e sua corte, a Maat não pode ter sido meramente formulada num dado momento e imposta à força à população, por isso, é provável que seu conceito seja uma reelaboração (e talvez até uma revisão) de costumes mais antigos, que talvez remontassem a épocas longínquas onde a população ainda era nômade. Aliás, uma boa teoria para o surgimento do conceito de Maat seria a idéia de diferenciação entre os povos sedentarizados das margens do Nilo e os povos ainda nômades que vagavam pelo deserto acampando e se estabelecendo temporariamente em oásis.

Quando um Faraó morria, o período de tempo até que um outro soberano assumisse o poder era um período de conturbações onde a Maat corria sérios riscos. As crenças populares relacionavam anos de cheias irregulares (muito altas (capazes de destruir vilas e casas ao invés de ajudar com o humos restaurador da vida) ou muito baixas (o que trazia a certeza de más colheitas e, portanto, de fome)) do Nilo com distúrbios na Maat. Tamanha era a crença na Maat que não é difícil relaciona-la com uma modificação na teoria da vida após a morte surgida no início do Antigo Império, ou seja, esta estaria agora totalmente dependente da Maat. Vejamos:

Se o Faraó era o enviado dos Deuses os Egito para assegurar a manutenção do Reino, cabia a ele, acima de qualquer outro, zelar pela Maat. Se seu governo tivesse sido bom e, dessa forma do agrado dos Deuses, então o Faraó mereceria culto por muitos e muitos anos (virtualmente pelo resto da eternidade), sendo assim, seria eterno no pós-morte. Se o Faraó fosse eterno no pós-morte, ele continuaria exercendo por lá o mesmo papel que exercia em vida, ou seja, o de governante e, dessa forma, precisaria de um Estado para governar. Esse Estado seria composto pelos indivíduos que habitavam o Egito enquanto ele era vivo e que, dessa maneira foram beneficiados por sua competente manutenção da Maat. Sendo assim, se o Faraó fosse bom e vivesse para sempre, logo todo o Egito viveria, ou seja, a vida após a morte dos indivíduos do Antigo Império não era individual, mas ligada ao Espírito do Egito: a Maat. Esta, por sua vez era dependente do bom governo do Faraó que, por sua vez, só poderia

se realizar com a colaboração da população o que obrigava todos a se engajarem na luta pela manutenção da Maat.

4.3 – A Expansão Territorial e a Formação do Exército:

Tão logo o Egito estava consolidado, a intenção dos Faraós se voltou para os territórios além Nilo, ou seja, para a Núbia (que, apesar de se localizar também às margens do Nilo, ao sul, talvez pela etnia, talvez pelas cataratas que constituíam barreiras naturais à expansão humana, não fazia parte do Egito), para a Líbia, para o Sinai e para os povos dos oásis.

O Egito havia alcançado um nível de organização político incomparável com qualquer civilização da mesma época, no entanto, seus exércitos ainda eram organizados da mesma forma primitiva que aqueles dos antigos Spat.

Homens que trabalhavam no campo e que não dispunham de qualquer treinamento militar eram periodicamente convocados pelos líderes regionais (sobre a organização política do Egito discorrerei um pouco mais adiante) para integrar o exército nacional. Recebiam lanças, fundas, clavas e manguais, às vezes recebiam certos tipos de capacetes e escudos e partiam, divididos em pelotões de infantaria apenas, para marchas de conquista.

É certo que a organização do Estado Egípcio, bem como a agricultura de irrigação, permitiam que o contingente populacional fosse bem grande, o que tornava praticamente impossível aos agredidos resistir por muito tempo aos assaltos Egípcios. Porém, perdas constantes de homens que constituíam força de trabalho tanto privada quanto pública (no período da Inundação) poderiam enfraquecer o poder do Egito.

Não é comprovado, mas especula-se que desde os tempos mais remotos o Faraó sempre fora o comandante militar supremo do Egito, sendo assim (coisa que não é de se admirar, uma vez que eram os descendentes dos antigos Reis-Heróis glorificados no combate), sua presença necessariamente inspirava os guerreiros que, afinal de contas, estavam combatendo lado a lado com um Semi-Deus.

Os contatos comerciais com a Fenícia foram alguns dos primeiros movimentos internacionais realizados pelo Egito centralizado, talvez até os Monarcas do Proto Dinástico já os tivessem iniciado e era através desses contatos que o Egito obtinha o cedro tão necessário para a navegação.

Os primeiros esforços militares de expansão devem ter sido em direção à Núbia, afinal, sabia-se que lá havia muitas minas de ouro. A região que não era tão bem organizada (na realidade não se sabe quase nada sobre a organização política da Núbia (atual Sudão) numa época tão recuada) foi facilmente submetida e nela foram instalados colonos mineiros. Além da instalação de Egípcios na Núbia, é muito provável que tenha

havido um certo intercâmbio populacional, já que produtos da Núbia eram bem vistos no Egito e que, dentro de pouco tempo, passa-se a ver mercenários Núbios agindo como guardas pessoais do Faraó.

O domínio da Núbia consistia em se vencer as cataratas do Nilo e, sendo assim, no Antigo Império, ele não passou da região entre a primeira e a segunda cataratas.

Tomadas as minas da Núbia, o próximo passo era marchar rumo ao Sinai, a península que divide a África e a Ásia, localizada ao norte do mar Vermelho. No Sinai existiam grandes quantidades de cobre e este material era indispensável para a evolução militar do Egito, além de turquesas, pedras muito apreciadas pelos Egípcios (acredita-se que as primeiras expedições ao Sinai com o objetivo de obter turquesas tenham ocorrido ainda na I Dinastia, sob a liderança dos Faraós Djet e Den). Com o cobre extraído no Sinai foram confeccionadas novas armas, mais eficientes que as de madeira, sílex e pedra utilizadas até então e, a partir desse domínio, o fôlego militar do país dos Faraós aumentou.

Com o domínio do Sinai, estabeleceram-se portos no mar Vermelho e, a partir deles, foram lançadas expedições marítimas ao lendário Punt (país ou região mais comumente associada à atual Somália), de onde foram trazidas diversas raridades, inclusive girafas.

O próximo rumo dos exércitos seria os oásis, ou seja, seria a pacificação das populações nômades e semi-nômades que, por sua própria existência, comprometiam a Maat, visto que não pode haver Ordem num mundo de Caos e incerteza como o dos nômades e o que era pior, esse indivíduos habitavam as proximidades do Nilo e, vez por outra, atacavam populações de vilas menores em busca de saques e de animais domesticados. Isso precisava parar e os Faraós se dedicaram a faze-lo.

No caminho natural da expansão o Egito atingiu a Líbia, região que, devido à proximidade com o Delta e à característica nômade de sua população atacava freqüentemente o Egito, e de lá trouxe mais produtos inusitados e mais mercenários para servirem nos palácios do Faraó, bem como escravos (o Faraó Snefru, da IV Dinastia, aprisionou mais de sete mil Núbios e onze mil Líbios em duas campanhas distintas).

Por volta do início da VI Dinastia, os primeiros contatos comerciais entre Egito e Creta são relatados por fontes Minóicas (Cretenses), o que comprova que os Egípcios já haviam conseguido dominar a navegação marítima com certa tranqüilidade, a ponto de arriscarem precisos navios em comércio com Creta.

Com efeito, a expansão do antigo Império não foi um fenômeno rápido como a narrativa linear faz parecer, ela perdurou por mais de 400 anos sendo interrompida em determinados períodos e intensificada em outros. Porém, mais do que formar um grande Império, coisa que ela não foi apta a fazer (uma vez que apenas conseguiu pacificar parcialmente os

povos nômades do deserto, e estabelecer colônias mineradoras no Sinai e no norte da Núbia a região mais tarde conhecida como País de Kush), essa expansão foi uma das responsáveis pela consolidação do ideal de nação Egípcia, na medida em que fez com que povos das mais variadas regiões lutassem juntos num só exército, além de por o Egito em contato com povos estrangeiros, coisa que, em escala tão grande, nunca tinha acontecido até então.

Como efeito secundário da expansão podemos notar a formação de uma espécie de guarda nacional de mercenários, responsável pela defesa do Egito e não pela conquista de territórios e uma melhora significativa na capacidade bélica dos exércitos com a introdução gradual de novas armas (primeiro os escudos, depois os capacetes e, por fim, as armas de cobre). No final do Antigo Império surge o kopesh, uma arma que viria a ser uma marca registrada da região do Egito por muitos e muitos anos, até mesmo os soldados de Napoleão Bonaparte tiveram que enfrentar guerreiros Mamelucos do Egito que, montados em camelos, empunhavam cimitarras, aperfeiçoamentos do antigo kopesh Egípcio inventado no final do Antigo Império.

4.4 – O Faraó, a Política e Poder no Egito:

Mencionei anteriormente que o Egito era dividido em Spat, ou Nomos, mencionei também que estes eram espécies de conglomerados de vilas próximas ligadas a uma espécie de vila-mãe e que eram aproximadamente 40 distribuídos ao longo de toda a extensão do Nilo.

Pois bem, a partir desses Spat, como já foi mencionado, se processou a unificação gradual do Egito que culminou na criação de dois Reinos que posteriormente foram unificados em um só por Narmer e seus sucessores.

A questão que nos resta é justamente como se processava a divisão política dentro do Egito depois de sua unificação, visto que, como já expliquei, antes dela havia Assembléias Populares (Zazat) e Conselhos de Anciãos (Saru), que foram gradualmente substituídos por autoridades Reais obtidas em batalhas.

Continuando uma evolução lógica da polícia Egípcia, percebe-se que através de alianças e/ou combates os antigos Reis-Heróis foram unindo os Spat sobre sua autoridade e essa união resultou no Egito, mas não podemos deixar de ter em mente que não é porque um povo é conquistado por outro e passa a ser por ele dominado que todas as suas particularidades culturais desaparecem. É certo, no entanto, que um domínio muito prolongado pode impor certos traços culturais do dominador, como, por exemplo, a língua (o que explicaria que apenas um idioma (o Egípcio) se espalhasse por todo o Egito). Após a unificação de alguns Spat, o Rei do Spat que se encontrava em situação de preponderância era

intitulado Rei e os demais, governadores de províncias, essa situação permaneceu mesmo após a unificação de todo o Egito, sendo assim, esse antigos Reis passavam agora a ser espécies de governadores que, neste texto, seguindo o termo Grego, serão chamados de Nomarcas.

Cada Nomarca era, com efeito, uma espécie de Rei em seu Spat. Vivia em uma cidade central e controlava-a, bem como às diversas vilas que constituíam seu domínio. Havia um resquício do antigo Saru, ou seja, uma espécie de Conselho dos cidadãos mais importantes de cada uma das vilas que assistia o Nomarca no governo da província. O Zazat nunca deixou de existir, mas, é muito provável que se algum dia tivesse realmente tido algum tipo de poder de voto, no Egito unificado tenha sido reduzido apenas a uma reunião pública onde os membros do Saru comunicavam as decisões do Nomarca e/ou do Faraó.

É óbvio que um sistema burocrático tão descentralizado e, ao mesmo tempo tão centralizado (descentralizado do ponto de vista em que existiam diversas instancias de poder público e centralizado no sentido em que algumas dessas instâncias eram de fato detentoras de muito poder sobre as regiões às quais lhe cabia mandar) não poderia existir se não contasse com muitos oficiais régios. Estes oficiais, bem como os próprios governantes das mais variadas instâncias tinham de ser necessariamente letrados, sendo assim, os oficiais redigiam documentos ditados por seus superiores e eram encarregados de leva-los a quem fosse devido e de, no caso de avisos à população, lê-los em público. Estes oficiais são popularmente conhecidos como Escribas e trabalhavam na só no governo, mas também nos mais variados templos.

4.4.1 – O Alto e o Baixo Egito:

Como originalmente o Egito havia sido unificado em dois Reinos e como ele nunca deixou de se reconhecer oficialmente como a união de dois Reinos sob um único governante, nada mais natural que houvesse um governante no Alto Egito e um no Baixo Egito, ambos imediatamente abaixo do Faraó. Este cargo realmente existia era conhecido como Tjati (muitos livros referem-se a este cargo com o título de Vizir, o que é um erro, uma vez que tal título é de origem Turca e só seria implantado por volta do século XII d.C., quando os Seldjúcidas se tornariam Vizires dos Califas Abássidas de Bagdad), uma espécie de Primeiro Ministro.

Na realidade, o Tjati era o supremo chefe político do país e habitava em uma grande cidade do Reino, usualmente Hierakonpolis no Alto Egito ou Buto no Baixo Egito.

As atribuições dos Tjati eram as mais variadas possíveis, desde servirem como supremas cortes judiciais no caso de o julgamento dos Nomarcas não ser considerado adequado em algum caso, até ordens

administrativas de menor importância relacionadas ao Reino. Com efeito, a própria existência do Tjati visava reduzir um pouco a já atribulada agenda do Faraó. Em tempos futuros, na época do Novo Império, passará a haver dois Tjati, um no Alto Egito que viria a viver em Tebas e um no Baixo Egito em Hiliópolis, sendo que, dependendo de onde o Faraó optasse por morar, ele poderia vir a ser controlado por um de seus Tjati. Este era o cargo de maior prestígio que poderia ser ocupado por alguém de origem popular, desde que, é claro, fizesse por merecer uma indicação do Faraó.

Ser Tjati implicou, como veremos, em várias épocas, em mandar no Egito inteiro sem que seu nome fosse conhecido por muitos, uma verdadeira "Eminência Parda".

4.4.2 – A Agenda do Faraó:

O Faraó era o único verdadeiro Sacerdote de todo o Egito, além de ser o chefe supremo dos exércitos e da política. Apesar de ser considerado um Semi-Deus, o Faraó era apenas humano e, como tal, jamais daria conta de exercer todas essas obrigações sozinho, sendo assim, utilizava-se de auxiliares.

No caso da política, esse auxiliar era o Tjati, no caso dos exércitos, os Generais e no caso das funções religiosas eram os Sacerdotes.

Dependendo das características pessoais do Faraó ele poderia optar por ser aproximar mais de uma ou de outra função. Portanto, houve Faraós que se empenhavam muito e pessoalmente em campanhas militares, outros que viajavam o Egito inteiro freqüentemente para fazer cerimônias religiosas nos mais diversos templos da nação e outros que preferiam se ocupar de ordens políticas, como construções e recrutamentos para trabalhos diversos.

Estando presente o Faraó, era ele quem realizava o culto ao deus do templo, fosse este qual fosse, afinal, o Faraó era um Deus em essência, apesar de ser um homem na forma, o que lhe fornecia a atribuição de cultuar os seus iguais.

Como Sacerdotes, os Faraós podiam entrar nas câmaras escuras onde residiam os Deuses representados por suas estátuas, podiam vê-las, unta-las e vesti-las, podiam dar-lhes de comer e orar a elas. Em sua falta, quem fazia estas tarefas eram os Sacerdotes, os homens indicados pelo Faraó, ou em nome dele, para realizar funções sacras. O mais interessante sobre os Sacerdotes é que eles eram funcionários do Estado e não necessariamente fiéis do Deus que eram incumbidos de cultuar. Ocorriam muitas vezes de Sacerdotes devotos de um Deus serem nomeados para o culto de um outro, o que não influenciava na qualidade do serviço do indivíduo, visto que fazia parte de suas obrigações para com a manutenção da Maat prezar pelo cuidado com as estátuas dos Deuses.

De uma maneira um tanto aproximada, os Deuses originais de cada Spat continuaram sendo os Deuses principais daquelas comunidades para sempre, porém, a fama de alguns Deuses fazia deles campeões da fé nacional (como veremos mais adiante). O que é mais interessante é que aquelas entidades originalmente zoomórficas, com a deificação do Faraó (um humano), foram adquirindo formas intermediárias entre animais e homens, sendo assim, começam a surgir Deuse antropomórficos e ainda antropozoomórficos.

4.4.3 – A Sucessão Real:

Talvez por causa da atitude de Narmer de ter desposado uma princesa do norte, talvez por algum costume Neolítico mais obscuro, talvez por alguma tentativa de apaziguamento das populações do Baixo Egito perpetrada pelos Monarcas do Proto Dinástico, ninguém sabe ao certo, mas o fato é que a fórmula de sucessão ao trono desde os primórdios do Antigo Império seguiu praticamente inalterada até o final do Novo Império, sendo que alguns Faraós posteriores vieram a adota-la novamente como forma de legitimação de seus poderes.

A fórmula não era tão simples quanto a tradicional primogenitura masculina Européia, ou seja, a forma de sucessão onde o mais velho filho homem do Monarca será o próximo governante. Entre os Egípcios, a sucessão Real era transmitida pelas mulheres, se bem que elas não pudessem legalmente ocupar o trono (ainda que em determinadas ocasiões o tenham feito).

Para começar a exposição, precisamos explicar que apesar de a monogamia ser a regra na sociedade Egípcia, o Faraó, e apenas ele, estava livre para se casar com quantas mulheres quisesse. As mulheres do Faraó eram distribuídas em três categorias de importância: Concubinas, Esposas Secundárias e a Grande Mulher do Rei.

Qualquer mulher que o Faraó desejasse, desde simples criadas, até uma camponesa, passando por escravas e até mesmo estrangeiras poderia ser uma Concubina. Essas esposas terciárias habitavam o harém do Faraó e eram verdadeiras escravas sexuais do Semi-Deus. Estavam sempre bem limpas e cuidadas estando à disposição do Faraó para saciar seus impulsos sexuais. Seus filhos muitas vezes se tornavam Oficiais, Escribas, Sacerdotes e Sacerdotisas, além de possíveis esposas (no caso de filhas) de Sacerdotes e dignatários de importância intermediária.

Princesas estrangeiras, filhas de grandes Sacerdotes e dignatários, esposas do Faraó morto, dentre outras mulheres de grande ou relativa importância poderiam vir a se tornar Esposas Secundárias do Faraó. De fato, os Faraós utilizavam este tipo de casamento como política de alianças e como chances de diversificação das chances de possuírem um filho

homem. Porém, não devia haver muitas Esposas Secundárias, talvez um número aproximado de dez apenas. Filhas dessas mulheres estavam destinadas a se casarem com seus irmãos, com altos funcionários, como o Tjati, com Reis estrangeiros ou ainda a se tornarem Sacerdotisas de grandes templos do Egito. Os Filhos dessas Esposas Secundárias do Faraó poderiam vir a se tornar os novos Faraós, ou ainda altos Sacerdotes, Generais, chefes de colônias mineradoras estrangeiras (como no Sinai e na Núbia) e, mais tarde, Vice-Reis de importantes regiões submetidas.

A Grande Mulher do Rei era apenas uma, muitos autores se referem a ela como sendo a Rainha do Egito, mas isso é um erro, pois o seu título não a nomeava dessa forma. Sua procedência é controversa, sabe-se, no entanto, que Faraós poderosos como Amenófis III casaram-se com mulheres de origens não dignas e elevaram-nas à condição de sua Grande Mulher. Acredita-se que originalmente a Grande Esposa do rei devesse ser necessariamente uma princesa do Baixo Egito, sendo assim, ela poderia ser de linhagem estrangeira (descendente dos Acadianos), ao menos no Antigo Império. Caso ela tivesse filhos homens, uma deles (usualmente o mais velho) seria o novo Faraó, no entanto, caso ela só viesse a ter filhas, o indivíduo que viesse a desposar a mais velha delas seria o novo Faraó.

Por essa razão os Faraós costumavam preparar seus escolhidos como sucessores (usualmente um filho de uma de suas Esposas Secundárias) para estarem aptos a ocupar o cargo quando chegasse a hora e entre essas preparações constava o casamento do herdeiro com a filha mais velha do Faraó com sua Grande Mulher. Essas precauções eram tomadas para que no momento de perturbação de Maat advindo da morte do Faraó, nenhum oportunista forçasse seu casamento com uma das princesas e, dessa forma, se tornasse o novo Faraó.

Caso a Grande Mulher do Rei não tivesse nenhum filho, o novo Faraó seria aquele que com ela se casasse após a morte de seu marido. Com efeito, no Egito Antigo eram as mulheres que portavam o poder Real e os desígnios da Maat faziam com que um determinado indivíduo se casasse com elas e, dessa forma se mostrasse como sendo o eleito dos Deuses para ser o novo Faraó, para ser o Deus Vivo do Egito.

Mas se as mulheres transmitiam o poder Real, como as Dinastias mudavam?

Bem, Dinastias podiam mudar de várias maneiras, ataques, golpes de Estado... Porém, o modo mais usual era quando o Faraó morria sem deixar filhos homens, sendo assim um indivíduo que não pertencia à linhagem Real desposava a filha mais velha da Grande Mulher do Rei e se tornava Faraó. É bom, no entanto, que se tenha em mente que quem dividiu a História do Egito em XXXI Dinastias foi Mâneton, sendo assim é muito pouco provável que os Egípcios tivessem essa noção de continuidade e

descontinuidade de governantes, só o que sabiam era que seu Semi-Deus os estava governando.

4.4.4 – Os Símbolos do Poder Faraônico:

Como já mencionei no item sobre o Escorpião-Rei, os principais símbolos de poder do Egito eram as duas coroas: a branca do Alto Egito e a vermelha do Baixo Egito. No entanto, não eram esses os únicos símbolos de poder daquela civilização que se encontravam nas mãos do Faraó.

A coroa branca e a coroa vermelha eram os mais antigos símbolos de poder do Egito tendo sido estabelecidas na época do Período Pré-Dinástico. Talvez fossem os símbolos de poder dos Spat que unificaram respectivamente o Alto e o Baixo Egito. Quando da unificação nacional, ambas caíram nas mãos de um só indivíduo e, ao invés de serem substituídas por uma terceira coroa, foram brilhantemente fundidas numa só, aliás, as duas coroas se encaixavam perfeitamente fazendo uma terceira coroa.

As influências semíticas nas tradições Egípcias são muito visíveis, por exemplo, um dos principais símbolos de poder dos Faraós era uma longa barba falsa presa a seu queixo, um símbolo de sabedoria e, por conseguinte, poder oriundo das tradições semitas.

Como o Faraó era ao mesmo tempo um bom pastor que guiava seu povo segundo os desígnios da Maat e um Deus punidor capaz de castigar quaisquer indivíduos que fossem merecedores de tal punição, ele utilizava em uma das mãos um cajado de ponta curva, como aqueles utilizados pelos pastores de ovelhas; e na outra mão um mangual como o utilizado pelos guerreiros nos campos de batalha para massacrar seus inimigos.

Com a expansão militar do Egito ao longo do Antigo Império e a participação do Faraó em campanhas militares, ele precisaria de um capacete que o protegesse de possíveis ataques nos combates, mas que também demonstrasse perante seus súditos que ele era o Faraó. Este capacete foi criado por volta do final da II Dinastia e concentrava em si o poder militar de todo o Egito. Ele era azul com listras douradas, talvez de ouro, além de possuir fitas de linho presas em sua parte posterior.

Outro símbolo de poder era o rabo de touro que o Faraó utilizava atado à sua cinta em ocasiões especiais, os especialistas ainda não conseguiram chegar a um consenso sobre a função simbólica deste ícone, mas, possivelmente ele está relacionado à característica de pastor (condutor) que o Faraó possuía, algo semelhante ao cajado de pastor por ele portado.

Talvez o mais conhecido símbolo do poder Faraônico eram toucas de linho rijo com fios de ouro, normalmente vermelhas ou azuis que o Faraó utilizava sobre a cabeça quando estava em seu palácio, visto que ele nunca

era visto em público com a cabeça descoberta (por razões que serão explicadas mais adiante neste mesmo sub-item).

Por fim, o Faraó possuía dois Nems, espécie de coroa que ele utilizava sobre a cabeça. Uma delas possuía as insígnias do Baixo Egito (duas enormes penas erguidas) e a outra possuía as insígnias do Alto Egito (um chifre de carneiro encerrando um disco solar).

Salvo pela exceção das coroas do Baixo Egito e Alto Egito e da coroa militar, todos os demais pertences podiam ser sepultados junto com o Faraó. Porém, as três coroas, por representarem o Egito, deveriam permanecer na atividade sendo transferidas de Faraó para Faraó. É possível que só tenha havido um único exemplar de cada uma delas ao longo de toda a História Egípcia, no entanto, nenhuma delas jamais foi encontrada.

Em todas as coberturas de cabeça utilizadas pelo Faraó havia uma serpente pendendo sobre a testa do Monarca. Acreditava-se que caso alguém se aproximasse muito dele sem ser convidado a serpente o fulminaria com um fogo venenoso. Além disso, qualquer um que tocasse ou fosse tocado pelo Faraó morreria instantaneamente por ter tocado o próprio Sol. A única maneira de evitar a morte numa ocasião dessas era obter o perdão do Faraó. Apenas em ocasiões muito especiais o Faraó permitia que indivíduos ilustríssimos se prostrassem perante ele e beijassem seus pés.

Havia Sacerdotes especialmente designados para manter as pessoas longe do Faraó, esses Sacerdotes, devido à proximidade que mantinham com o governante do Egito, precisavam se purificar constantemente com banhos para evitar sua própria ruína.

4.5 – Razões para a Desintegração do Antigo Império:

Ao longo de quatro Dinastias o Egito cresceu, se expandiu e dominou outras regiões. O comércio com países distantes como Punt, Fenícia e Creta trouxe artigos nunca antes vistos no Vale do Nilo, além de mercenários e escravos das mais diversas etnias. A introdução do cobre inseriu o Egito, ainda que tardiamente, na Idade dos Metais e o poder dos Faraós só fez crescer, sendo que a IV Dinastia foi seu período de maior esplendor em todos os tempos.

Dentro de um contexto de tanta pujança é difícil pensar que o Egito pudesse entrar em decadência. Muitos Historiadores têm se questionado sobre a razão que teria feito com que o Antigo Império se desagregasse. Porém, dada a distância no tempo em que se encontram os fatos é muito difícil precisar alguma coisa. Em termos gerais, três grandes teorias se mostram as menos imperfeitas acerca de tal desintegração. Vejamos as três:

Segundo alguns estudiosos, a razão para a bancarrota do Antigo Império teria sido o longo governo de Pepi II (Neferkará Phiops II), que, segundo alguns, teria durado mais de 90 anos. Para estes pesquisadores, o fato de um Faraó governar tanto tempo teria comprometido a política militar, uma vez que para eles apenas o Faraó poderia liderar expedições punitivas e conquistadoras, sendo assim, devido ao grande período de senilidade pelo qual teria passado Pepi II, essas expedições teriam deixado de ocorrer o que teria ocasionado a perda das colônias da Núbia e do Sinai, bem como um fortalecimento demasiado dos Líbios, dessa maneira, quando o Faraó morreu, seu sucessor não teria sido forte o suficiente para combater as investidas Líbias e o Antigo Império teria entrado em colapso. Para agravar a situação, Pepi II teria vivido mais do que seus filhos e esposas, sendo assim, teria morrido sem deixar herdeiros legais, o que acarretou numa mudança de Dinastia e, por conseguinte, na ascensão de um Monarca sem legitimidade ou ainda, quiçá, no início de disputas Dinásticas que teriam corroído o Reino de dentro para fora.

Essa teoria pode ser convincente, mas há nelas alguns problemas, por exemplo, um dos mais fortes indícios para se crer que Pepi II viveu tanto são as listas de Mâneton (que já foram mencionadas), no entanto, como já foi dito, no que se refere às seis Dinastias do Antigo Império, Mâneton prolonga em demasia os governos de modo a conseguir fazer com que a História do Egito remonte ao século XCV a.C., ao invés do século XXXI a.C, como se pensa hoje. Outro motivo é que se alega que uma estela datada do governo de Pepi II confirmaria o longo governo daquele Faraó, no entanto, se analisarmos a própria História do Egito, veremos que no Novo Império, o Faraó Horemheb (último governante da XVIII Dinastia) fez com que os nomes de seus quatro predecessores (Aye, Tutankhamon, Smenkhare e Akhenaton) fossem riscados do mapa, dessa forma, seu primeiro ano de governo foi legalmente seu trigésimo. Caso este Faraó tivesse governado por trinta anos mais, teríamos um governo de sessenta anos. É claro que no caso de Horemheb, sua farsa foi descoberta pelos Egiptólogos, porém, ele Reinou quase mil anos depois de Pepi II, sendo assim, muito mais vestígios nos restam dos tempos de seu governo. É muito possível e provável que Pepi II, seja por que motivo for (no caso de Horemheb, como veremos, foi pra apagar da História o Período de Amarna, comandado por Akhenaton), tenha querido alongar seu tempo de governo e, sendo assim, talvez tenha mandado suprimir da História o governo de um ou mais Faraós ganhando vários anos para seu governo e conseqüente glória. Dou essas afirmações como certas pelo fato de a expectativa de vida média dos habitantes do Egito Antigo não ser superior a 45 anos. É verdade que as condições de vida do Faraó eram as melhores possíveis, mas também é verdade que mais do que dobrar a expectativa de vida média de uma população é algo muito difícil, para se ter uma idéia, um brasileiro que conseguisse a proeza

de Pepi II teria que viver ao menos 150 anos. Como disse uma vez ao jornalista Roberto Navarro da Revista Super Interessante, em entrevista; acredito que seja pouquíssimo provável, senão impossível, que Pepi II tenha vivido tanto, sou muito mais propenso a pensar que seus infindáveis anos de governo se tratem de uma fraude Histórica ainda não descoberta.

Agora que já desmistifiquei o longo governo de Pepi II, resta-me a árdua tarefa de explicar porque então o Antigo Império entrou em desintegração e acabou ruindo tão rapidamente.

Antes de começar a expor minhas teorias, gostaria de dizer que elas não são minhas, mas apenas duas das teorias a que tive acesso em minha pesquisa. Não as considero perfeitas, mas, tão somente, as melhores dentre as que pude ler.

Alguns pesquisadores, apoiados em dados climáticos passados (não me perguntem como tais cálculos são feitos, não entendo nada de astronomia, geologia e coisas do gênero) chegaram à conclusão de que houve um período de leve resfriamento no centro da África por volta do final do século XXIII e início do XXII a.C.. Este resfriamento não foi significativo a ponto de se tornar perceptível para as populações que habitavam as margens do Nilo, no entanto, foi o suficiente para reduzir o fator de degelo das montanhas onde nasce aquele que é tido como o mais extenso rio do mundo. Graças a esse degelo diminuto, as cheias de vários anos a fio não foram suficientes para sustentar a agricultura necessária para a manutenção do Egito e, sendo assim, uma crise iniciou-se.

Com os armazéns vazios, o Faraó não teve escolha senão suspender o envio de comida para as colônias mineiras do Sinai e da Núbia, além disso, expedições militares se tornavam inviáveis, por demandarem provisões em estoque. Sem comida e sem ouro, o comércio internacional também naufragou e, dessa forma, o Egito começou a regredir.

Naturalmente, esses desequilíbrios climáticos provocaram o caos e foram vistos como um forte abalo na Maat, sendo assim, o poder do Faraó começou a ser contestado. Aliado a isso, talvez esteja o fato de Pepi II ter vivido muito (não os quase cem anos que lhe são atribuídos, mas ainda assim, muito), o que pode tê-lo deixado sem herdeiros, sendo assim, quando este veio a falecer, uma luta sucessória pode ter sido desencadeada (como falaremos mais adiante) essa luta aliada às invasões do Delta pelos Líbios que já não eram combatidos em suas terras, fez com que o poder dos Nomarcas voltasse a crescer e, sendo assim, os Spat voltaram a ser independentes na prática e cada Nomarca voltou a ser uma espécie de pequeno Rei.

A outra teoria, a que considero a melhor e, portanto, a que deixei por último, não associa a derrocada do Antigo Império a um rápido período ocorrido na VI Dinastia, mas sim, a um longo processo Histórico iniciado na gloriosa IV Dinastia. Segundo essa teoria, os Monarcas da IV Dinastia, por

se sentirem tão divinos quanto a população julgava que fossem, teriam desenvolvido práticas protecionistas em relação a família Real. Dessa forma, todos os cargos públicos importantes passaram a ser ocupados por pessoas dessa família, talvez para evitar, como havia ocorrido na III Dinastia, que um indivíduo de origens populares como Imhotep (do qual falaremos mais adiante) ascendesse a cargos que lhe proporcionassem uma futura deificação.

Talvez como forma de garantir que sua família fosse perpetuada na condição de grande soberana do Egito para todo o sempre; os Faraós da IV Dinastia desenvolveram uma revolução religiosa (que será pormenorizada no item específico). Essa revolução consistiu basicamente em intensificar o culto a uma divindade antiga: Ra, de Heliópolis.

Ra, o Deus Pássaro, era tido como pai de Hórus (se bem que como veremos, este Deus também era filho de Osíris), o Deus Falcão da Realeza e, sendo assim, seu clero passou a ser imposto como o principal clero do Egito, coisa que até então nunca havia acontecido. O acesso ao clero de Ra só era permitido aos membros da família Real e, sendo assim, por esse subterfúgio, eles podiam permanecer no controle de todos os aspectos da sociedade, com seus pares legitimando suas ações.

No entanto, o que inicialmente pareceu uma boa idéia, logo se mostrou ruim, visto que a procedência Real dos Sacerdotes de Ra fazia com que suas reivindicações possuíssem muito mais legitimidade do que a de quaisquer outros indivíduos, sendo assim, o Faraó passou a doar terras para o clero de Ra, o que fez com que ele se tornasse extremamente poderoso.

Com o fim da IV Dinastia e a ascensão da V, o clero de Ra continuou dominado pelos descendentes da antiga Dinastia Reinante e, sendo assim, como já não viam seus parentes sentados no trono de Mênfis, começaram a utilizar seus poderes políticos (advindos das terras dos templos que lhes haviam sido doadas pelos Faraós da IV Dinastia) e sua força religiosa para pressionar o poder central. Em pouco tempo, o Faraó, que antes era o Hórus vivo, ou seja, um Deus, passou a ser visto como o filho de Ra, ou seja, o filho de um Deus, o que diminuiu seu status. Isso explicaria o fato de na V Dinastia a construção de pirâmides ter declinado (com a diminuição do tamanho e da importância devotadas a essas construções) e a construções de templos e obeliscos (estes eram os tronos de Ra na Terra, onde ele se sentava todas as manhãs, com o nascer do Sol) a Ra ter se intensificado.

Visando consertar essa situação, os Faraós da VI Dinastias passaram a favorecer os Nomarcas, visando adquirir uma forte base de sustentação política que lhes permitisse suplantar o poder do clero de Ra. Porém, essa tentativa teria sido o último erro dos Monarcas do Antigo Império, uma vez que os recursos destinados a financiar a expansão eram agora doados aos Nomarcas. Estes, por sua vez, ao invés de garantir sustentação política ao

Faraó, se fizeram, aos poucos, pequenos Reis em seus próprios Spat, alguns, se fazendo adorar entre seus subalternos, como verdadeiros Deuses. O Faraó viu seu poder ruir e aí talvez entre o longo governo de Pepi II, que, por ter visto o Faraó morrer sem deixar herdeiros legítimos, teria precipitado uma crise que já se arrastava lentamente desde o período de maior poder dos Faraós do Antigo Império.

4.6 – Práticas Funerárias do Antigo Império:

Durante todo o Antigo Império a capital do Egito foi a cidade de Mênfis e, em suas proximidades existe uma região conhecida como Sakkara. Nesta região, desde os primórdios da I Dinastia, os Faraós eram enterrados em suas mastabas (como já foi mencionado). Sakkara acabou por se transformar numa espécie de Necrópole, a primeira do Egito Antigo.

Com o tempo os Faraós construíam suas mastabas e, ao seu redor, mastabas menores eram erigidas para seus asseclas mais próximos.

Não se sabe ao certo com que intuito (se bem que isso será discutido mais adiante), mas provavelmente com o de demonstrar sua grandeza, o segundo Faraó da III Dinastia: Djeser (de quem já fiz alguns comentários), incumbiu seu Arquiteto Real de construir um túmulo piramidal.

Ao contrário do que se pensa, os Egípcios não eram grandes matemáticos (ao menos não até Euclides, no século IV a.C., mas mesmo este não era Egípcio, mas Grego radicado em Alexandria), sendo assim, suas obras arquitetônicas monumentais se tornam ainda mais maravilhosas. A pirâmide de Djeser, por exemplo, foi construída por Imhotep (sim este é o indivíduo que inspirou o filme “A Múmia”, se bem que seu comportamento e sua história nada tenham em comum com os do personagem monstruoso do cinema hollywoodiano) à partir de cálculos simples apoiados por tentativas. Esta pirâmide, também chamada de pirâmide de mastabas foi a primeira do Egito e consistiu basicamente de uma pilha de cinco mastabas em tamanho decrescente.

A fama alcançada por Imhotep devido à construção da pirâmide foi tamanha que ele se tornou popularmente conhecido como o homem mais sábio do Egito, sendo considerado um grande arquiteto, médico e mágico. Quando faleceu, passou a ser cultuado como Deus da Cura, tendo seu culto resistido até o Período Ptolomaico. Ele foi realmente o criador da medicina Egípcia, além de ser o inventor dos tetos sustentados por colunadas, técnica que depois seria exportada do Egito para a Grécia e se tornaria a principal marca arquitetônica daquela civilização.

A Necrópole de Sakkara logo começou a ser povoada por pirâmides sendo que dentro em breve o modelo escalonado (ou de mastabas) criado por Imhotep foi ultrapassado. Ao redor das pirâmides continuavam a se amontoar as mastabas dos dignatários ligados ao Faraó e a maior honra

que alguém poderia receber (em geral concedida a Nomarcas que houvessem prestado serviços relevantes) era a concessão de uma mastaba ao lado da pirâmide Faraônica.

A idéia de culto ao Faraó ganhou mais força ao longo da III Dinastia chegando ao seu ápice durante a IV. Nesta época, quando um Faraó morria, seu corpo era sepultado em Sakkara, mas uma estátua sua era erigida em Abidos onde ele seria cultuado para todo o sempre.

4.6.1 – As Glórias da IV Dinastia:

Sem exageros a IV Dinastia pode ser considerada como sendo aquela em que o poder dos Faraós mais foi grande, além disso, também é a Dinastia que construiu as obras mais impressionantes da História Egípcia.

A Dinastia se inicia com Snefru chegando ao trono por se casar com a filha do Faraó Huni (último governante da III Dinastia que morreu sem deixar filhos homens). Em seu governo, Snefru construiu nada menos do que três pirâmides. Na verdade, concluiu a pirâmide deixada incompleta por seu sogro e construiu mais duas: a Pedra do Sul (a famosa pirâmide inclinada) e a Pedra do Norte (a primeira pirâmide no estilo tradicionalmente conhecido), ambas em Dahshur.

A Pedra do Norte era a maior pirâmide construída até então e foi a primeira a se parecer com aquilo que nós hoje entendemos por pirâmides. Isso porque Snefru teve a idéia de mandar preencher os degraus externos de sua pirâmide para dar a ela um visual mais suave e retilíneo (de acordo com a Maat, como ela se expressa na arte Egípcia).

O filho de Snefru, Khufu (mais conhecido como Quéops) levou a construção de pirâmides ao auge de seu esplendor. Sua pirâmide (construída no planalto de Gizé) levou mais de vinte anos de trabalho de cerca de cem mil homens para ficar pronta, mas é a maior maravilha do Egito Antigo tendo consumido mais de 2,3 milhões de blocos de pedra (para se ter uma idéia do volume de tal pirâmide, basta saber que se ela fosse transformada em cascalhos, seria possível construir com esse produto uma estrada de duas pistas e trinta centímetros de espessura que saísse Monte Caburaí (na Amazônia) e fosse até o Arroio Chuí (no Rio Grande do Sul), ou seja, que cortaria o Brasil inteiro). E não é só, a pirâmide era recoberta por uma cobertura calcária de Tudra que brilhava ao sol e sobre tal cobertura estavam gravados milhares de hieróglifos (hoje já não existem tais inscrições que foram destruídas e/ou roubadas por Cristãos, Muçulmanos e pretensos magos ao longo dos séculos, no entanto, no século XII d.C., o escritor Árabe Abd el Latif escreveu que os hieróglifos que ainda recobriam a pirâmide seriam suficientes para preencher mais de dez mil páginas de livros). O que estava escrito na Grande Pirâmide de Quéops? Nunca saberemos...

Agora imaginemos como deve ser difícil construir algo de tamanhas proporções sobre as instáveis areis do deserto. Bem, agora que já pensamos nisso e uma vez que já sabemos que os Egípcios não eram exímios matemáticos, como explicar que a Grande Pirâmide esteja situada sobre um chão cuja margem de erro em relação à horizontalidade perfeita é de apenas 0,004%?

Agora vejamos, será mesmo que é possível conceber a construção de edifícios tão complexos quanto as Grandes Pirâmides num tempo tão recuado e com uma matemática tão pouco avançada? Bem, para muito isso não parece razoável e é justamente daí que surgem teorias como as de Erich von Däniken, que atribuem construções como as Pirâmides a seres extra-terrestres, ou ainda teorias como as que falam sobre Atlântida e outras civilizações perdidas muito mais antigas do que as mais antigas civilizações de que se tem notícias e que de tão avançadas teriam inspirado toda a evolução subseqüente do mundo. Essas teorias são, em sua grande maioria, completamente infundadas, mas não resta dúvida que existem muitas passagens obscuras na História da Humanidade, ainda mais se levarmos em conta que toda a História posterior à Antigüidade conta apenas pouco mais de um quarto da duração de tempo que aquele período teve sozinho, ou seja, tempo para que coisas acontecessem e fossem esquecidas houve, especialmente se levarmos em conta que não havia meios de comunicação eficientes como os de hoje. Não estou, é claro, falando em alienígenas ou mesmo em civilizações antigas mais desenvolvidas. Estou apenas deixando um ponto em aberto, algo que, a meu ver não deve ser abandonado como falso na medida em que não se pode prova-lo como tal, mas que também não deve ser aceito como verdadeiro pela mesma razão, deve apenas ser deixado em aberto.

Mas, depois dessa digressão, voltemos a falar das Grandes Pirâmides. Elas foram construídas por Khufu (Quéops), Khafre (Quéfren) e Menkaure (Miquerinos) e, segundo algumas teorias tidas como mais sérias, poderiam ter feito parte de uma espécie de programa estatal de combate ao desemprego gerado pelo “boom” populacional dos primeiros anos do Antigo Império. É claro que tais teorias têm que ser compreendidas dentro da ótica de seus teóricos, pessoas que aceitam como verdadeira a “Hipótese Causal Hidráulica” e que, dessa forma, entendem que depois da centralização do poder o Egito teria atingido o estágio necessário para começar a explorar os recursos do Nilo, coisa que, segundo a teoria adotada neste texto, o Egito já fazia muito tempo antes da unificação, mais precisamente, desde os tempos dos Spat.

Seja como for, essas três pirâmides demandaram muito tempo e mão-de-obra para serem construídas e construções tão bem acabadas não podiam ser feitas com quatro meses (o Período da Inundação) de trabalhos anuais apenas, mas necessitavam de trabalhos constantes, sendo assim é

quase certo que houvesse um grupo de trabalhadores altamente qualificados que fosse contratado do Estado em tempo integral para organizar a obra e montar sua infraestrutura, sendo que durante o Período da Inundação esse grupo era reforçado por legiões de trabalhadores.

Quanto ao fato de escravos terem sido utilizados na construção das pirâmides, essa hipótese já está totalmente descartada. Isso porque tanto a população pagava seus tributos ao governo em trabalhos, quanto a construção de um local de repouso eterno para o Semi-Deus se tratava, antes de tudo, de um ato de fé, o que certamente arrastava muitos trabalhadores de livre e espontânea vontade, em busca da garantia de suas próprias vidas após a morte, uma vez que a do Faraó fosse assegurada.

No que se refere aos processos de construção, o que mais se acredita possível é que houvesse uma espécie de moldura arredondada de madeira que era encaixada nas laterais das rochas de modo a faze-las aptas a rodas. Porém, outra teoria forte era a de que uma espécie de tapete era colocada sob a rocha e o chão por onde este iria deslizar era molhado para facilitar o deslocamento, sendo assim, a rocha seria arrastada do porto onde desembarcava (sim, porque o grosso do trajeto era feito de barco pelo Nilo) até o local da construção. Os que defendem esta teoria o fazem por dizer que as rodas afundariam nas areias, o que dificultaria ainda mais o transporte, além disso, eles também dizem que antes do Novo Império, quando da introdução das bigas, não há indícios da utilização da roda no Egito, visto que todo o transporte era realizado pelo Nilo, não havendo nem sequer estradas. A acomodação das pedras era, com certeza o processo mais trabalhoso, visto que não havia qualquer tipo de guindaste, sendo assim, para cada novo andar seria necessária a ampliação da passarela de acesso que era desmontada tão logo a pirâmide estava concluída. É ainda possível que se utilizasse um modo de construção destacado na Grécia, ou seja, o modo de ser ir enterrando o andar que estava pronto para se ter acesso aos níveis mais altos através de um andaime natural de areia. Por fim, quando a construção ficava pronta, desenterrava-se o edifício dando-lhe seu acabamento.

4.6.2 – Os Enigmas da Esfinge:

Se as Pirâmides de Gizé foram consideradas por Antípatro de Sídon, no século II a.C. como uma das Sete Maravilhas do Mundo, a Esfinge certamente não o foi por estar, à época da passagem do Grego pelo Egito, coberta pelas areias do deserto, como, aliás, ela esteve por vários períodos da História do Egito. Existe uma inscrição encontrada em sua capela (entre suas patas, como será explicado mais adiante) que diz que o Faraó Tutmés IV a desenterrou das areias onde jazia há muito tempo.

A Esfinge é uma grande estátua antropozoomórfica, com corpo leonino e feições humanas cuja presença está inserida no contexto do complexo funerário da Pirâmide de Quéfren, inclusive com uma espécie de avenida ligando-a a pirâmide. Ela foi esculpida naquilo que é o cume de uma montanha recoberta pela areia, sendo assim, não foi necessário transportar toneladas de pedras de lugares distantes para o Planalto de Gizé. Até aí, nenhum mistério, nenhum enigma. No entanto, como sempre sucedeu com tudo o que se refere ao Egito Antigo, a Esfinge sempre esteve cercada de especulações científicas e pseudo-científicas a respeito de tudo, desde sua origem até seu propósito, passando pelos padrões de erosão de sua superfície.

Para começo de conversa, existem os rumores de que é possível entrar dentro da Esfinge, ou seja, de que existem câmaras internas dentro da estátua. Na realidade, nunca ninguém encontrou (ou ao menos divulgou ter encontrado) uma entrada para a esfinge, contudo, exames de densidade da rocha e de ressonância comprovam que de fato há galerias internas e o que é mais intrigante: cheias d'água. Alguns especialistas explicam o fenômeno de forma simples, dizem que existem cavernas dentro da montanha no topo da qual a Esfinge foi esculpida e que tais cavernas estariam cheias d'água por uma dessas duas razões: ou seria apenas um braço do lençol freático, ou seria a conseqüência de uma suposta prática do Egito Antigo de encher com água o recinto da Esfinge de modo que esta ficasse apenas com a cabeça fora d'água. Esta água teria se infiltrado e se acumulado nas galerias internas estando impedida de evaporar e permanecendo lá até hoje.

É bem verdade, no entanto, que escavações realizadas entre as patas da Esfinge encontraram uma espécie de capela abarrotada de estelas de Faraós, aliás, numa dessas estelas aparece o nome Khaf, primeira sílaba de Khafre (Quéfren), o que serviu como reforço indelével para a teoria de que este Faraó teria sido o responsável pela construção da Esfinge, no entanto, o que muitos não levam em consideração é o fato do nome estar incompleto e não estar envolto na Cártula Real (espécie de circunferência oval que contornava os nomes dos Faraós Egípcios). Além disso, o texto em que esse nome aparece não indica que este indivíduo construiu a Esfinge, mas sim que construiu algo para o Deus Aton-Harmakhis (também chamado de Ra-Horemkhat), ou seja, a Esfinge (uma vez que se acredita que a Esfinge seja a representação do deus solar), o que pode indicar apenas que tenha construído uma imagem, ou mesmo a própria estela, para a Esfinge.

Seja como for, existem videntes e profetas que alegam que dentro das galerias da Esfinge estariam papiros com informações sobre o destino do mundo e que das duas uma: ou esses papiros ainda estão por ser encontrados e, sendo assim, por trazer suas informações para a

humanidade, ou já foram encontradas e hoje constam dos arquivos secretos de alguma antiga potência colonialista Européia (ou mesmo dos EUA).

O que fica de realmente instigante nessa especulação é a necessidade de se saber o que há realmente dentro das galerias da Esfinge e se elas são naturais ou não.

Outra interessante teoria sobre a Esfinge diz respeito aos padrões de erosão encontrados em sua superfície. Há algum tempo, em 1991, um renomado Professor de Geologia da Universidade de Boston chamado Robert Schoch, a pedido e patrocínio do esotérico John Anthony West (indivíduo extremamente mal quisto entre os Egiptólogos tradicionais, por defender, desde os anos 70, teorias de que Atlântida realmente existiu e de que uma civilização perdida de Marte teria influenciado a evolução da civilização na Terra), estudou os padrões de erosão da estátua (que mede 73,15m de comprimento por 20m de altura) e chegou à conclusão de que eles só poderiam ter sido causados por água. Essa conclusão gerou frisson entre os Egiptólogos, uma vez que os índices pluviométricos dos últimos 4000 anos não seriam suficientes para causar tais erosões. Novamente falou-se da teoria de que se enchia o recinto da Esfinge de água deixando-a apenas com a cabeça para fora o que, aliás, explicaria o fato de a cabeça ser bem menos erodida do que o resto do corpo da estátua. Houve diversas discussões e o Professor Schoch acabou propondo que uma piscina de águas paradas não seria suficiente para causar aquelas erosões, sendo assim, o impasse estava criado.

As teorias do geólogo Americano, reforçadas pelas dos dois gurus, Adrian Gilbert e Robert Bauval, autores do livro "*The Orion Mystery*" (que não trabalharam junto com ele, mas que também formularam teorias (estas Astrológicas (e não Astronômicas)) para o recuo da data da construção da Esfinge), chegaram à conclusão de que o padrão de erosão seria resultado de chuvas torrenciais que teriam varrido o Egito entre 10500 e 7000 a.C. (é bom que se saiba que para alguns as chuvas teriam começado a escassear por volta de 9500, como foi mencionado no início do texto, mas talvez só tenham realmente se encerrado por volta de 7000). O problema é que esta data se situa, pelo menos, mais de 4500 anos antes da data tida como sendo a da construção da Esfinge por Quéfren. Choveram então hipóteses que iam desde a associação da Esfinge com a Atlântida, como as divulgadas amplamente pelo esotérico Graham Hancock, até uma aceitação das datações de Mâneton para a cronologia da História do Egito. Porém, outro renomado geólogo, Dr. James Harrell, da Universidade de Toledo, na Espanha, lançou uma teoria que contrapunha a do primeiro: segundo ele, os padrões de erosão da Esfinge se dão (e aumentam diariamente por esse mesmo motivo) por causa do sereno, pois como a Esfinge fica relativamente próxima ao Nilo, o sereno noturno é úmido. Ele se infiltra nas camadas mais externas e porosas da rocha e, com o amanhecer, que o esquenta e

transforma em vapor, vai embora. Porém, a expansão da água se gaseificando dentro da rocha provoca leves erosões, o que acarreta no desprendimento de pequenas lascas de rocha da Esfinge diariamente.

Certo, muitos dirão, mas e quanto à cabeça? Por que ela não é erodida da mesma forma que o restante do corpo?

Bem, para pensarmos nisso temos que antes pensar em outro problema em relação à Esfinge. Muitos dizem que não foi Quéfren quem a construiu, afirmam que ela é mais antiga do que as Pirâmides e que foi sua localização que determinou a escolha do local para a construção destas. Estas teorias são as mais bem fundamentadas dentre todas, talvez até estejam corretas, pois vejamos:

A cabeça da Esfinge é desproporcionalmente pequena em relação ao restante do corpo da estátua. Isso leva a crer uma das duas coisas: ou seus escultores não tinham muita noção de proporção, o que parece um absurdo quando se está fazendo referência ao mesmo povo capaz de construir as Pirâmides, ou então, a cabeça é propositalmente menor do que o corpo. Agora vejamos, segundo as teorias mais aceitas, a cabeça da Esfinge representa o Faraó Quéfren (se bem que o investigador de polícia Americano Tem. Frank Domingo, especialista em comparação de retratos falados, tenha comparado seu rosto com uma outra escultura de Quéfren (esta com o nome do Faraó) e chegado à conclusão de que se tratam de pessoas diferentes, no entanto, a Esfinge, como todos sabem, não tem nariz, o que torna uma comparação muito difícil) e se isso for verdade, então por que justamente a parte da estátua que deveria ser (segundo os próprios padrões da arte Egípcia) maior por representar o Faraó é menor?

Talvez a resposta esteja no fato de a Esfinge ser realmente mais antiga do que as Pirâmides, talvez ela estivesse escondida debaixo das areias e tenha sido encontrada na época de Quéfren, o que o fez eleger o Planalto de Gizé para construir sua Pirâmide. Como o Faraó desejava ligara a estátua recém-encontrada ao seu complexo funerário, ele pode ter mandado reesculpir o rosto da Esfinge (fosse ele qual fosse) segundo o seu próprio, o que explicaria o fato dele ser desproporcionalmente pequeno em relação ao corpo.

Existe a história de uma expedição que se perdeu no deserto da Líbia a década de 20 do século XX d.C. e que depois de ter retornado para o Cairo contou que teria avistado, em meio a uma tempestade de areia, uma Esfinge que não a do Planalto de Gizé, mas com proporções semelhantes. Essa história é tida como uma invenção por muitos, mas o fato é que os caravaneiros nunca ganharam renome com ela e também que ela nunca foi pesquisada mais profundamente. Alguns poucos a pensar sobre ela chegaram à conclusão de que se ele for verdadeira, então poderia haver diversas Esfinges espalhadas pelos desertos próximos ao Nilo e elas poderiam ter uma espécie de função de defesa do território. Se isso for

verossímil (o que não parece ser) talvez a Esfinge de Gizé seja apenas uma das muitas Esfinges que podem haver soterradas por entre os mares de areia do Saara oriental.

É interessante lembrar que em seu livro "Civilizações que o Mundo Esqueceu", o Dr. Aurélio Medeiros Guimarães de Abreu, Professor de Antropologia das Faculdades Santo Amaro e da Fundação Cásper Líbero, nos diz que em 1952 uma expedição comandada por Taminarakus, oficial responsável pelo Museu do Cairo na época, seguindo os relatos do viajante Omar el Hawari, teria descoberto, numa região hoje pertencente à Líbia (e, por conseguinte, inacessível a novas pesquisas, por este governo, segundo o Dr. Abreu, não permitir a presença de pesquisadores estrangeiros em seu território), uma Esfinge ainda maior que a de Gizé. Esta descoberta, ainda segundo o Dr. Abreu, viria a confirmar a informação supostamente descoberta num papiro de 900 a.C., e encontrada em 1943, que fazia referência a seis Grandes Esfinges Guardiãs do Egito. Ah, sim. Em todos os livros que constam desta bibliografia, não vi nenhuma outra menção a esta Esfinge Líbia que o Dr. Abreu afirma estar descoberta e catalogada, por isso, como nunca tive a oportunidade de visitar a região, não creio que tal construção exista de verdade, caso contrário, a meu ver, deveria ser digna ao menos de menção em obras mais conceituadas, mas, em última instância, é o leitor quem decide no que acreditar.

Qual a verdade sobre a Esfinge?

Talvez nunca venhamos a saber. Isso porque devido a vários problemas, desde conflitos religiosos até a presença de pessoas sem real interesse científico (mas apenas a intenção de comprovar suas crenças esotéricas) na região, a pesquisa séria se torna muito comprometida. É interessante notar também, como falaremos mais no final do texto, que a ação de ladrões de antiguidades também compromete muito a formulação de teorias, visto que desde o Egito Antigo existem quadrilhas que vivem de pilhar aquilo que restou do Período Faraônico. A falta de investimentos financeiros (que deveria advir do turismo, mas que é comprometida devido a ação de grupos extremistas que julgam o passado "pagão" do Egito como algo a ser esquecer e não a se pesquisar) também é fator importante na demora em se descobrir novos sítios e em se formular novas teorias. Hoje, para que um Historiador decida se capacitar como Arqueólogo já é um custo, visto que isso indica quase a certeza de maus ganhos financeiros futuros, se este indivíduo decidir ser Egiptólogo, então, terá que romper sozinho diversas fronteiras, como por exemplo os altos custos das viagens e da manutenção internacionais, a dificuldade em se encontrar um orientador devidamente capacitado para orientar uma Pós-Graduação em Egiptologia (na própria Universidade de São Paulo, o maior centro de pesquisa do Brasil, não existem muitos professores capacitados em orientar alunos nessa área), dentre outras... Este é o destino da pesquisa científica

em Humanidades, ser relagada ao segundo plano em detrimento de pesquisas das áreas de Exatas e Biológicas.

5 – As Guerras Divinas no Panteão Egípcio:

Neste item explicarei algumas das questões mais pertinentes sobre a religião Egípcia, no entanto é muito importante que se atente para o fato de que a Mitologia Egípcia além de ter se modificado muito ao longo dos séculos, também não era conexa, na medida em que se baseava em tradições orais e em cleros independentes que visavam obter poder elevando as características de seus Deuses acima dos demais.

Para uma mais perfeita compreensão, dividirei este item em sub-itens que se dedicarão a partes isoladas da Mitologia Egípcia. Recomendo ao leitor que atente para o fato de que muitas das Histórias são paradoxais e não se encaixam, além disso, também venho alerta-los para o fato de que por vezes existe mais de uma versão para a mesma História, entretanto, por razões de espaço, só me aterei às versões mais populares dos mitos, deixando as demais parcial ou totalmente de lado.

5.1 – A História da Colina Primeva:

Havia duas teologias básicas para a criação do mundo; aliás, para que se note, mundo (ou terra) é sinônimo de Egito, que, literalmente, significa “a Terra”; a teologia de Heliópolis e a de Hermópolis. Essas duas cosmogonias se fundiram numa terceira, a Menfita, que as sintetizava de comum acordo sendo, dessa forma, ao menos oficialmente, a teoria aceita de criação do mundo. Vamos a ela:

No início havia apenas a água, chamada de Nun, uma deusa que vivia solitária em sua imensidão infinita. Certo dia, de dentro da água emergiu uma colina, a Colina Primeva, que se chamou Hermópolis, o primeiro lugar da terra.

Sobre Hermópolis estava uma flor de lótus coma as pétalas fechadas. De dentro da flor, contudo, percebia-se uma forte claridade, tão forte que a flor mal pôde segura-la e assim sua pétalas se abriram revelando Aton, também chamado Ra, o sol que trouxe luminosidade à Colina. Em sua infinita sabedoria e poder, Ra contemplou Nun e desejou que com eles houvesse mais coisas, por isso, sentado sobre a Colina Primeva, o Deus Pássaro agarrou seu falo (pênis) e começou a se masturbar.

Quando Ra atingiu seu clímax, de seu sêmen surgiram dois irmãos: o ar, chamado de Shu e a umidade, chamada de Tefnut. Agora eram quatro os Deuses que se reconheciam como tais e que se entreolhando, desejaram ser mais. Por isso, na boca de Ra, Shu gerou o céu, Deusa chamada de Nut e Tefnut gerou a Geb, o Deus da Terra.

Os novos Deuses queriam mais companhia. Por isso, depois que Ra ascendeu a Nut (céu); lá ficando a brilhar sobre Hermópolis; Geb e Nut resolveram também procriar e de sua união nasceram quatro irmãos: as irmãs Isis e Néftis e os irmãos Osíris e Set.

Em Nut, Ra encontrou Ptah e assim ficou sabendo que tudo se havia dado por sua vontade, pois ele era a própria essência da Criação. Ptah explicou a Ra que ele deveria Reinar sobre a Colina, mas que esta se expandiria, porque Nun (a água original), não tendo gostado de ter sua tranqüilidade abalada, se retiraria para lugares distantes, voltando, contudo, com mais força, de tempos em tempos. Ela era o próprio Nilo e como tal, a fonte de toda a vida.

5.2 – O Reinado de Ra:

Ptah era o Deus principal de Mênfis e sua sobreposição a todos os demais Deuses como sendo o Deus da Criação pela vontade do qual tudo se originou é tida como sendo um marco representativo da unificação do Egito, visto que Mênfis, a cidade de Ptah e capital do Egito unificado, havia sido construída num lugar supostamente neutro para apaziguar as tensões entre o Alto e o Baixo Egito, sendo assim, não é de se espantar que a cosmogonia dessa cidade tenha se esforçado para englobar as teologias pré-existentes da maneira mais sincrética possível de modo a não gerar descontentamentos.

A figura de Ra como Deus mais importante do panteão não é casual, possivelmente ela remonta à época da ascensão do clero desse Deus, durante a IV Dinastia. A intensificação do culto a Ra, que originalmente também era Aton, fez com que o Egito se tornasse definitivamente um país devotado ao culto solar. Mas vejamos a história do governo de Ra sobre o mundo:

Incumbido de comandar os destinos dos homens e das coisas num tempo anterior àquele em que os homens pudessem se estabelecer numa sociedade própria, Ra se viu muito atribulado de funções. Decidiu, então, tomar a forma humana e realizar a unificação do Egito.

Ra foi o primeiro Faraó e em seu governo tudo e todos prosperaram. A pujança era tanta e a alegria tamanha que, aos poucos, os homens deixaram de reverenciar Ra por seu trabalho, o que fez o Deus se revoltar contra seus súditos.

Utilizando-se dos segredos que só ele conhecia, Ra criou uma Deusa maligna chamada Sekhmet, uma mulher com corpo de leoa e tamanho gigante, e a enviou para punir seus súditos ingratos.

Por vários dias Sekhmet destruiu vilas e matou pessoas promovendo um banho de sangue jamais visto. A crueldade da Deusa fez com que os

homens se lembrassem novamente de seu bondoso e poderoso Faraó-Deus, rogando-lhe que fizesse a Deusa Leoa parar a carnificina.

Ra, contente por ver seus súditos voltarem a adora-lo, ordenou a Sekhmet que não matasse mais ninguém, porém a Deusa havia se viciado no gosto do sangue dos homens e, mesmo contrariando os desígnios do Deus Sol, o Pássaro Ra, continuou a destruir vilas, matar pessoas e tomar seu sangue. Gostava de espalhar o sangue pelo chão e bebê-lo ali, gelado, muitas vezes no dia seguinte à matança em si, para, dessa forma, sentir o posto podre do sangue velho.

Temendo que Sekhmet destruísse toda a humanidade, Ra convocou pela primeira vez o Conselho dos Deuses e ordenou que todos trabalhassem em conjunto para deter a Leoa.

A uns coube a tarefa de produzir cerveja e a outros a de conseguir corante vermelho. Quando tudo estava pronto, os Deuses tingiram grandes quantidades de cerveja com corante vermelho e a espalharam pelo chão, no meio da madrugada.

Ao amanhecer, Sekhmet retornou para beber o sangue derramado e iniciar um novo dia de matanças, mas ao beber a cerveja, ficou embriagada e pôs-se a dormir. Ra, aproveitando a chance, apareceu e capturou sua criatura levando-a para sempre para Amentet, o mundo dos mortos.

Ra governava já há muitos anos e estava velho, conhecia todos os segredos e por isso podia Reinar soberano, entretanto, Isis cobiçava o poder e não aceitava vê-lo por tanto tempo nas mãos de Ra, agora que o Deus estava velho ela vislumbrava uma chance de obtê-lo.

Isis era Deusa de muitas coisas, das mulheres, dos partos, da cura e da magia. Depois de Ra ela era quem mais conhecia segredos, na verdade, Ra só conhecia um segredo que Isis não conhecia e era por isso que ele podia governar e não ela. O segredo que Ra conhecia era seu próprio nome secreto, a essência de sua liberdade. Isis queria arrancar isso dele.

Mesmo tendo a velhice tornado Ra menos poderoso, ele ainda era o Deus mais poderoso dentre todos, por isso Isis precisaria de um bom plano para arrancar seu nome sem incorrer no risco de despertar sua ira. Lembrava-se bem do que a ira do velho Deus era capaz, a destruição que Sekhmet provocara quase havia sido impossível de deter.

Enquanto o velho Deus dormia em seu leito, Isis recolheu a baba que lhe escorria da boca. Misturando essa baba à essência de Geb (a terra), Isis enrolou-a e assim, produziu uma serpente venenosa.

Com um passe de mágica, a Deusa transformou sua serpente num pedaço de madeira e colocou-o no caminho que sabia que Ra traçaria no dia seguinte.

Ao acordar, o Faraó-Deus saiu a caminhar, mas, devido à velhice, vinha andando cada vez mais arqueado, por isso, quando se deparou com um pedaço de madeira, julgou que ele poderia ser um bom cajado. Pegou-o

e nesse exato instante, ele se transformou numa serpente que picou-lhe a mão a fugiu.

Isis fez-se presente então ao lado do Deus Sol que gemia agoniado, prestes a morrer. Ela ofereceu ajuda dizendo que se soubesse seu nome verdadeiro poderia fazer um feitiço capaz de cura-lo. Ra, é claro, não desejava dizer seu nome a Isis, sabia que a Deusa só precisava disso para tomar-lhe o lugar, por isso recusou-se.

Contudo, a morte se avizinhou do Deus e, temendo-a, o Faraó disse seu nome verdadeiro à Deusa. Isis, mais do que depressa recitou um encantamento que curou Ra, deixando-o livre para seguir seu caminho, porém, retirando-lhe o trono.

5.3 – A Epopéia de Osíris e Set:

A tomada do poder de Ra por Isis, como vimos, pode ser interpretada como a origem da tradição Egípcia de as mulheres serem as portadoras do poder Real. É interessante se notar que a origem da crença Egípcia do poder dos nomes está contida nesta lenda. Para os Egípcios os nomes tinham poderes, sendo assim, todos os Egípicos tinham dois nomes, o nome público, pelo qual eram conhecidos por todos e o nome secreto, que só era conhecido pelas pessoas mais próximas do indivíduo, afim de evitar que ele fosse enfeitiçado, como aconteceu com Ra quando Isis descobriu seu nome.

No que se refere ao panteão Egípcio; a esta altura existiam alguns outros Deuses cujas origens não são explicadas, alguns deles, como Hapi (o Nilo, visto que Nun era toda a água) são plenamente aceitáveis como extensões de Deuses pré-existentes, porém outros, como Anúbis (Deus do Embalsamamento) e Thot (Deus da Escrita e, futuramente, também da Magia), têm origens desconhecidas, parecem muito mais ter sido criados na medida em que se fizeram necessários, como veremos:

Quando Ra partiu para o ocidente, o mundo dos mortos e das trevas onde todos eram imortais, o poder passou às mãos de Isis, porém de acordo com os desígnios de Ptah, ela não poderia governar, porque era uma mulher, sendo assim, seu poder foi exercido por seu marido, Osíris.

Assim como Isis, Osíris não tinha traços animais e até esse momento, não possuía nenhuma característica Divina que o diferenciasse. Esmo assim tornou-se o sucessor de Ra no comando do Egito.

O governo de Osíris foi marcado por muita prosperidade, tanta quanto, ou até mais que no início do governo de Ra. O novo Faraó-Deus ensina os homens a cultivarem Geb depois que esta era fertilizada por Hapi, e assim permite-lhes possuir alimentos indefinidamente. Porém, a principal criação desse Deus foi o marco principal do poder do Egito. Osíris criou Maat.

Essa entidade invisível não era propriamente um Deus, mas uma espécie de Espírito Divino. Através de Maat Osíris governou com justiça, verdade e ordem por muitos e muitos anos. Em seu governo, a convocação do conselho dos Deuses, assim como Ra fizera no caso de Sekhmet, era constante, Osíris queria governar agradando a todas opiniões.

Todos os Deuses, outrora ciumentos com o poder de Ra, agora estavam contentes com o governo de Osíris, se sentiam respeitados e não excluídos por um Sol que brilhava sozinho. Todos, menos um...

Set (Deus antropozoomórfico cuja feição animal não é muito bem definida, não sendo identificada a nenhum animal, mas talvez seja uma hiena ou algo parecido), o irmão gêmeo de Osíris, Deus dos Desertos, dos Animais, do Caos e do Mal, não estava contente, queria poder governar, sentia-se em relação a Osíris da mesma forma que Isis, outrora, sentiu-se em relação a Ra.

Da mesma forma que Osíris casara-se com sua irmã Isis, também Set casara-se com sua irmã (os quatro Deuses eram irmãos entre si) Néftis, a Deusa da Morte. Eram pares equivalentes e opostos.

Em sua ânsia por destronar o irmão, Set conseguiu amealhar seguidores, eram 72 ao todo e todos haviam sido convencidos pela eloqüência de Set a trair Osíris, mesmo esse sendo o “Deus Perpetuamente Bom”.

Com a ajuda de seus seguidores, Set consegue adentrar nos aposentos de Osíris e enquanto este dorme, tira todas as suas medidas. Com base nas medidas do irmão, Set constrói a mais bela arca que já fora construída; perfeita em seus mínimos detalhes, feita com o mais belo cedro, as mais perfeitas jóias e o mais puro ouro.

Na noite seguinte, Osíris ofereceu um banquete aos Deuses em seu palácio e, durante a festividade, Set ordenou que seus seguidores trouxessem a arca para o salão. Os comentários foram gerais, todos os Deuses adoraram a obra de Set. Todos queriam possuí-la!

Vendo que seu plano estava funcionando, Set propôs um jogo aos convivas. A arca seria daquele Deus que coubesse deitado perfeitamente dentro dela.

Um a um os Deuses foram se deitando na arca de Set, mas nenhum cabia perfeitamente nela. Uns eram muito grandes, outros muito pequenos e assim, todos se deitaram e a vez de Osíris, que por educação deixara todos os seus convidados tentarem a sorte antes dele, testar a arca do irmão.

Quando Osíris se deitou, coube perfeitamente dentro arca. Claro, ela havia sido feita sob medida para ele!

Nesse exato momento, os seguidores de Set avançam para a arca e seguram Osíris em seu fundo. Set, mais do que depressa, coloca a tampa sobre ela e seus seguidores pregam-na. Para assegurar que Osíris não

escaparia, Set derruba metal derretido sobre as frestas de modo a soldar a tampa na caixa.

Atônitos, os Deuses nada fazem para impedir que o Faraó-Deus seja capturado por seu irmão. Muitos ainda pensam se tratar de parte do jogo proposto por Set. O Deus e seus seguidores carregam a caixa para fora do palácio e atiram-na no Nilo, onde ela vai boiando até desaparecer nas longínquas águas de Nun.

Uma vez tendo expulso o Faraó-Deus, Set se torna o novo governante do Egito e Néftis, sua esposa. Os 72 seguidores de Set são agraciados com altos cargos e se inicia um verdadeiro período de terror. Néftis espalha a morte entre a população e Set, com seu governo de caos, praticamente destrói a Maat.

Os demais Deuses sabem que não podem com o poder de Set, sua Grande Mulher e seus seguidores, por isso, aceitam voltar a uma condição bem inferior àquela que conheciam durante o egoísta governo de Ra, uma vez que, ao menos, Ra era bondoso.

5.4 – A Busca pelo Corpo de Osíris:

Pode-se notar claramente que alguns mitos Egípcios influenciaram a religião Grega, por exemplo, para os Gregos, o mundo havia surgido do caos, para os Egípcios, também e este caos eram águas negras e solitárias, além disso, se o mundo surgiu do caos, ele deve caminhar para a ordem, o fundamento básico da existência Egípcia, ou seja, a busca de Maat. Na Grécia, Saturno, o Céu, fecundando Gaia, a Terra, criou os demais Titãs, no Egito, alguns dos principais Deuses surgiram da fertilização de Geb, a Terra, por Nut, o Céu. Na Grécia, Chronos, filho de Saturno, derrota-o e mata-o tomando seu lugar, no Egito, Isis (de um certo ponto de vista uma filha, ou ao menos neta de Ra) faz o mesmo, mas só não toma seu lugar porque é mulher. Set expulsa e mata Osíris da mesma forma que Chronos fizera com Saturno, porém, também da mesma forma, acaba expulso por um Deus subseqüente, ele por Hórus, Chronos, por Zeus. É interessante traçar paralelos entre doutrinas religiosas para se perceber que elas podem se difundir de uma região para outra, assim como o fizeram no fim da Antiguidade (como é o caso do Cristianismo), já o faziam bem antes, na época Egípcia.

Quanto ao governo de Set, pode-se perceber uma clara influência do Baixo Egito nesta lenda, visto que, como vimos, o Deus padroeiro da I Dinastia, aquela que conquistou o Baixo Egito e unificou o país era justamente Set. É claro que nessa época ele não era associado ao caos e ao mal, mas essa associação deve ser posterior à mudança da Divindade padroeira da Monarquia, com a substituição de Set por Hórus, o Deus dos Monarcas do Baixo Egito. Como já vimos, essa substituição se deu

provavelmente para aplacar a ira das populações do Delta e, sendo assim, as memórias das mortes ocorridas na conquista e nas primeiras tentativas de pacificação pela força devem ter se refletido na atribuição a Set de um governo de Caos e Morte, implantado pela traição e pelo assassinato.

Depois que Set toma o poder, a única Deusa que se levanta contra ele é Isis, vejamos como a lenda continua:

Isis, por ser a verdadeira guardiã do poder Real, não aceita que Set o tenha usurpado de seu marido e irmão Osíris, por isso, faz menção de enfrenta-lo. Contudo, Thot (Deus que deu a escrita aos homens e que por isso será citado mais adiante, além de ter sido adotado como padroeiro dos Escribas), o mais sábio dos Deuses, aconselha-a a não tentar contestar o poder de Set, pois ele se havia tornado muito poderoso como Faraó-Deus e não poderia ser derrotado facilmente.

O Deus diz a Isis que o melhor a fazer seria fugir para o Delta e se refugiar por lá a fim de evitar que a cólera de Set se voltasse também contra ela. Isis acaba achando a idéia de Thot boa e vê nela uma oportunidade de encontrar Osíris que ela ainda tem esperanças de que esteja vivo. Parte então para o Delta, porém, Thot dá a ela sete escorpiões para que a acompanhem e protejam na viagem.

Chegando no Delta, Isis percebe o quão difícil é se locomover por entre os brejos, por isso, assim que encontra uma casa, pede à sua moradora para que possa passar a noite. A mulher, contudo, nega o pedido da Deusa, visto que tem os escorpiões que a acompanham. Isis, furiosa, decide continuar seu caminho por entre o brejo. É quando ouve a mulher que lhe negara abrigo gritando desesperada. Decide voltar para ver o que havia acontecido.

Quando chega na casa da mulher, percebe o que ocorrera, seis de seus escorpiões haviam picado um deles, e nome Téfen, matando-se para injetar seu veneno no escolhido. Este escorpião, então, antes de morrer envenenado, esgueirou-se por entre as frestas da parede da casa da mulher e, ao encontrar seu bebê dormindo no berço, picou-o. A picada matou o bebê e também o escorpião. De tão contrariada, Isis nem sequer se havia dado conta que não tinha sido acompanhada por seus escorpiões protetores, no entanto, quando viu a mulher chorando com seu bebe morto no colo, estendeu as mãos sobre o rosto da criança e, com um passe de mágica, restituiu-lhe a vida.

A mulher ficou tão agradecida que ofereceu estadia à Deusa, no entanto, esta não aceitou, havia mudado de idéia, não iria só se refugiar no Delta, iria vasculha-lo inteiro à procura de seu marido.

Dias se passaram... Meses... E Isis não encontrou o esquife de Osíris. Pensou então que ele não deveria ter ficado retido nos brejos do Delta, mas sim, deveria ter flutuado em direção ao mar sendo levado, talvez à Fenícia.

Com um barco a Deusa saiu navegando e mapeando a costa desde o Delta até a Fenícia, não queria deixar de procurar em lugar algum, sabia que em algum lugar Osíris haveria de estar, vivo ou morto.

Conversando com pescadores e pessoas que habitavam o Sinai, a Palestina e a Fenícia, Isis não ficou sabendo sobre a localização do corpo de seu marido, mas, em compensação, ouviu rumores sobre uma árvore maravilhosa que havia em Biblos, na Fenícia. Imaginando que tal árvore deveria estar relacionada com a presença de Osíris e concluindo que se se tratava de uma árvore maravilhosa deveria estar nos jardins do Rei, Isis foi até Biblos e, para não levantar suspeitas sobre sua presença na região, se disfarçou de empregada do palácio do Rei.

Todos os dias a Deusa limpava, arrumava, cozinhava, tecia e procurava... Queria encontrar a tal árvore maravilhosa, revistou todas as árvores dos jardins do Rei e também as mais espetaculares dentre as do bosque Real. Havia muitas árvores fantásticas, mas nenhuma parecia ser mais do que uma árvore normal.

Certo dia, quando já estava cansada de tanto procurar, Isis entrou no salão principal do palácio e então, ao prestar atenção numa magnífica coluna de madeira que, sozinha, sustentava todo o teto do recinto, percebeu que sua busca acabara. A árvore que procurava não estava em estado bruto, já havia sido trabalhada pelas mãos do homem e, por ser tão maravilhosa, fora escolhida para sustentar o teto do saguão principal do palácio do Rei de Biblos. A Deusa se aproximou da coluna, se desfez de seu disfarce e, sem esforço, devido às suas qualidades Divinas, retirou o esquife de dentro da coluna. Agora ela compreendia que quando a correnteza levou o baú até a Fenícia, este acabou se enroscando numa árvore que estava por nascer. Percebendo a divindade de Osíris dentro da caixa, a árvore cresceu rápida e majestosamente a fim de envolver e proteger o Deus. Vendo essa árvore, o Rei de Biblos ordenou que fosse cortada e trabalhada para que se tornasse o principal e mais belo pilar de seu palácio.

Isis arrastou a caixa até o mar e, colocando-a num barco, navegou de volta ao Egito. A Deusa sabia que, dentro do esquife, Osíris jazia sem vida, mas, mesmo assim, queria leva-lo de volta à Colina Primeva (o Egito) para que pudesse ter um enterro digno.

Assim que as águas ao redor do barco de Isis perderam a salinidade, a Deusa percebeu que já estava no Delta, em terras Egípcias, sendo assim, retirou o esquife do barco e o escondeu em meio a arbustos, depois rumou para Buto, no Alto Egito, para encontrar os outros Deuses e comunicar seu achado.

Na noite em que Isis rumava para Buto, Set decidira caçar patos no Delta. A caça era sua diversão favorita, estava ligada à morte e ele não precisaria se preocupar com o governo enquanto a realizava, afinal, queria

o poder, não as responsabilidade dele advindas. Quando se esgueirava em silêncio por entre as moitas do delta com seu arco armado, Set tropeçou em algo que o fez cair e soltar um grito. Seu grito espantou as aves que saíram voando e, com ira, o Faraó-Deus se levantou para ver o que o tinha feito cair.

Qual não foi sua surpresa quando notou se tratar do esquife que havia construído para seu irmão Osíris. Nesse exato momento, Set foi tomado de ódio e, com as próprias mãos passou a golpear sua obra de arte. Sua fúria era tanta que nem mesmo o cedro e o ouro do esquife foram capazes de resistir a ela. Com alguns golpes o Deus rasgou os esquife em pedaço e, ao se deparar com o corpo do Deus-Faraó morto, sua ira não se aplacou e, sendo assim, ele continuou golpeando. Fez o corpo de Osíris em pedaços, pedaços que lançou ao vento e, só então se deu por feliz.

Isis, em meio a sua jornada a Buto percebeu o que estava acontecendo e mudou a direção de seu caminho, porém, não teve tempo de impedir seu irmão maligno de destroçar o cadáver de seu marido irmão. Quando chegou ao Delta, só encontrou os pedaços do caixão destroçados. Sabia que teria que procurar os pedaços de Osíris para poder, enfim dar-lhe um sepultamento decente.

5.5 – O Nascimento de Hórus:

Obviamente os mitos religiosos são, como não poderiam deixar de ser, baseados nas experiências cotidianas da comunidade que os cria. Por isso, no caso da peregrinação de Isis à Fenícia, podemos perceber diversas coisas: por exemplo, o comércio de cedro com a Fenícia produziu no imaginário Egípcio a idéia de que o país possuía as mais maravilhosas árvores do mundo, inclusive, uma capaz de agir de modo a proteger o cadáver de Osíris. Pode-se perceber no comportamento de Isis um dualismo característico da sociedade Egípcia; se por um lado ela pode ser má a ponto de permitir que seus asseclas matassem um bebê, por outro ela pôde ser boa a ponto de se comover com essa morte e reviver a criança. Se por um lado ela pode ser uma Deusa de aparência esplêndida e imponente, por outro ela pôde se disfarçar de empregada do palácio do Rei de Biblos e lá trabalhar, de fato, por vários meses. É claro que a história também nos mostra a determinação vencendo os contratempos e, no final sendo recompensada, por outro lado, ela também nos mostra que descuidos podem acarretar em perdas irreparáveis, como o que aconteceu com Isis ao deixar o corpo de Osíris sem ser vigiado no Delta do Nilo.

A História, contudo, ainda está por ter um desfecho e, sendo assim, vou continuá-la:

Isis percebeu o que Set tinha feito com o corpo de seu marido, por isso, resolveu partir em busca de seus pedaços que se haviam espalhado, levados pelo vento, por todas as partes do Egito.

A jornada de Isis foi longa, pois a fúria de Set fez Osíris em 15 pedaços e estes não ficaram em nenhum lugar aparente, mas escondidos nas mais diversas regiões.

Pouco-a-pouco, navegando o Nilo sem ser incomodada em sua busca nem mesmo pelos mais violentos crocodilos, a esposa de Osíris foi encontrando os pedaços de seu irmão marido e, em cada lugar onde encontrava uma parte de seu corpo, erigia um templo em sua honra, sendo assim, o culto de Osíris se espalhou por todo o Egito.

Dentro em pouco tempo Isis já contava com 13 dos quinze pedaços do corpo de Osíris, faltavam-lhe, no entanto, duas partes fundamentais: a cabeça e o falo.

Subindo o Nilo em direção ao sul, ao Alto Egito, Isis avistou uma bela árvore, uma tamargueira. Ela parecia tão frondosa que nem sequer se inseria no contexto das pequenas, frágeis e retorcidas árvores Egípcias. Parecia uma árvore da Fenícia. A Deusa, por jamais ter notado tal árvore em suas viagens pelo Nilo, logo percebeu que ela não estava ali por acaso, mas que era um sinal para que se percebesse a presença de Osíris. A Deusa atracou sua embarcação e se aproximou da árvore. Nada viu em seu caule, como havia visto na árvore da Fenícia. Resolveu, então, escala-la. E o fez.

No topo da árvore, bem no entroncamento dos galhos mais altos, Isis encontrou a cabeça de Osíris. Agora a Deusa dispunha de 14 pedaços de seu marido, porém, ainda faltava seu falo. Seu corpo não estava completo...

Isis desceu da tamargueira e, enquanto reunia os pedaços de Osíris, se deu conta de que havia procurado em todos os lugares possíveis e que se até aquele momento ainda não havia encontrado o falo de Osíris era porque seria impossível faze-lo. Por isso, quando todos os pedaços de Osíris estavam reunidos, Isis, com o barro do Nilo, fez-lhe um falo artificial. Moldou-o exatamente igual o original e o colocou em seu devido lugar. Depois, com uma prece, invocou Anúbis, o Deus dos Embalsamamentos, e pediu-lhe que imortalizasse Osíris.

O Deus com cabeça de Chacal preparou o antigo Faraó-Deus para a vida eterna e, finalmente quando terminou sua cerimônia de abertura de boca (essa cerimônia era a última etapa das mumificações e também era utilizada o final das construções de estátuas de Deuses, consistia em cortar a perna de um carneiro e esfrega-la contra a boca da múmia ou da estátua restituindo-lhe simbolicamente a vida), Osíris voltou à vida. O Deus tocou sua esposa num sinal de gratidão e depois seguiu sua jornada para Amentet (o Ocidente, o mundo dos mortos).

Em Abidos, local onde se encontrava a tamargueira onde fora encontrada a cabeça de Osíris, foi erigido o principal santuário fúnebre do Egito, onde muitos Faraós vieram a ter sua imagem imortalizada através de estátuas.

Quando Osíris tocou Isis, a Deusa sentiu com se algo dentro dela houvesse mudado, percebeu então o que havia acontecido. De alguma forma, quando a Deusa ficou sabendo o nome verdadeiro de Ra e, dessa maneira, tomou-lhe o trono, destinando-o a Osíris, era como se o Faraó original, o Grande Sol do Egito, tivesse compartilhado sua semente de poder com ela. Agora que ela acabara de ajudar a salvar o Faraó-Deus do Egito, Osíris, ajudando-o a completar sua jornada para Amentet. Essa semente havia começado a germinar. Dentro dela nascia um novo Faraó-Deus.

Isis e Anúbis seguiram pra Buto e depois se separaram. Vivendo disfarçada nessa cidade, a Deusa teve seu filho, o Deus Falcão Hórus. Ela e o filho viveram disfarçados, como gente comum e foi como gente comum que certo dia Hórus, enquanto ainda era apenas um bebê, foi picado por um escorpião enquanto repousava em sua canoa de junco, embalado pelas águas do Nilo e sob o olhar da mãe.

Hórus, como o bebê da mulher do Delta, morreu e, como aquela mulher, Isis ficou desesperada. Ela era poderosa, havia restituído a vida ao bebê daquela senhora, porém, aquele era um bebê comum, um humano destinado a viver como tal, e não um Deus-Bebê carecendo apenas de crescer para reclamar o trono do Egito. Para trazer seu filho de volta à vida Isis não tinha nenhum poder.

Ra odiava Isis pelo que ela o havia feito, contudo, ele também era pai do bebê que acabara de morrer, por isso, a ver seu filho sem vida, largado nos braços de sua impotente mãe em prantos, o Deus Sol ordenou a Thot, o deus Íbis (espécie de ave Egípcia), que fosse até Isis e revivesse seu filho Hórus. E assim fez Thot, aquele que mais rapidamente chegava aos lugares.

Com um toque o Deus da Sabedoria trouxe Hórus de volta a vida. O bebê jamais se lembrou de sua passagem pelo Reino que seu pai (Osíris) agora governava, porém, depois dela, se tornou diferente. Tão logo começou a andar, começou a praticar as técnicas de combate. Empunhava muito bem um kopesh, atirava flechas como ninguém, conduzia carros de guerra (não devemos nos esquecer que as lendas evoluíam conforme novas tecnologias iam sendo introduzidas)... Era muito hábil, sábio e destro, porém, não possuía muito vigor físico.

Depois de muitos anos, quando já era um adolescente, Hórus resolveu sair de Buto e da proteção da mãe. Queria ir ao conselho dos Deuses. Queria requisitar para si o que era seu de direito, o trono do Egito.

A reunião do conselho dos Deuses foi a primeira vez em que Set soube da existência do Filho de Osíris. O surgimento de um herdeiro legítimo não estava em seus planos, queria continuar governando de maneira inconteste e espalhando o caos e a morte por todo o Egito como vinha fazendo desde que matara Osíris.

Diante do conselho dos Deuses, Hórus declara que o trono do Egito, por ter pertencido a seu pai e por ter sido concedido a este por sua mãe, lhe é de direito e que Set é um usurpador. Thot e Shu dão-lhe razão e a assembléia se tumultua.

Os Deuses não conseguem chegar a um acordo, estão divididos, alguns apóiam Hórus, outros apóiam Set, mas a maioria não toma partido algum. Thot sugere que se consulte Ptah, o Deus Criador, que nunca participava das reuniões do conselho. Todos concordam e Thot então escreve a ele.

A resposta vem rápida, Ptah quer que a coroa seja entregue a Hórus, pois este é o Filho de Osíris.

Parecia que a decisão estava tomada, afinal, o Criador havia proferido sua sentença e ainda havia acrescentado a ameaça de que o céu desabaria caso sua decisão fosse contrariada. Porém, os Deuses não conseguiam chegar a uma acordo e, sendo assim, mesmo um veredicto parecia em vias de ser proferido, Ra, o chefe do conselho dos Deuses, contrariado pela arrogância de Ptah e revoltado por também não ser mencionado como pai de Hórus, alega que o Filho de Osíris é muito jovem e inexperiente para assumir o trono que já foi dele.

Novo tumulto se inicia, Set se dá por feliz por ter obtido o apoio de Ra à sua causa e incita mais ainda o caos entre os Deuses, contudo, Ra, apesar de sua influência e poder, não consegue convencer seus pares de que seu ponto de vista é razoável, por isso, sem chegar a qualquer decisão, a assembléia se dissolve.

Irado com a situação, Ra se recusa a iluminar o mundo deixando tudo e todos perdidos na escuridão perpétua da criação. Porém, sua filha Hator, Deusa da Lua, do Amor e da Música, ao ver o pai tão contrariado, mesmo à luz da lua, resolveu cantar e dançar para ele. A Deusa Vaca conseguiu alegrar Ra que decidiu voltar a reunir o conselho dos Deuses para deliberar sobre a questão de Set e Hórus.

Novamente a assembléia se reúne, porém, desta vez é Set quem consegue angariar a preferência dos Deuses. A maioria defende que se ele já é o Faraó, assim deve permanecer. Ra é quem mais argumenta em seu favor, visto que afirma que Set obtivera o poder através de uma trapaça semelhante àquela que Isis utilizara para transferir o poder a Osíris, porém, naquela ocasião ninguém se posicionou contra o governo do Deus agora morto.

Isis e Thot se indignam com as exposições e declaram que Hórus é o herdeiro legítimo, coisa que não havia na época em que Ra perdeu o trono.

Neste momento, nervoso, Set se manifesta pela primeira vez. Declara que abandonará a assembléia e a julgará inválida se dela Isis não for impedida de participar.

Todos, em especial Ra, concordam com o ponto de vista do Deus-Faraó e, sendo assim, uma nova reunião é marcada, esta, a se realizar na ilha de Filae, no Nilo. O barqueiro que conduz as pessoas àquela ilha é instruído para não permitir que Isis chegue até a ilha e, sendo assim, a assembléia prossegue sem a Deusa.

Contudo, como já fizera outras vezes, Isis muda de forma. Desta vez, assume a forma de uma velha senhora e se aproxima do barqueiro pedindo para ir à ilha. O barqueiro, seguindo as ordens dos Deuses, não permite que ela siga para Filae, visto que nenhuma mulher deveria pisar naquele solo até que a reunião Divina acabasse. Isis, no entanto, alega ter ouvido sobre tal proibição, mas diz que o barqueiro está equivocado, visto que a proibição se restringe apenas à Deusa Isis. Ela, ainda sob a forma de velha, diz que precisa visitar seu filho que está na ilha e que se o barqueiro a conduzir ganhará seu anel de ouro. E mostra-o ao homem...

Fascinado pelo reluzente brilho da jóia, o homem aceita conduzir a Deusa até Filae em troca dela.

Uma vez na ilha, Isis toma a forma da mais bela das mulheres e surge na reunião num lugar em que apenas Set podia avista-la. Ao ver tão bela forma, o Deus se apaixonou imediatamente e, afastando-se da reunião, foi abordar a jovem.

Quando Set aborda Isis, ela diz a ele que está com um problema e pede sua ajuda para resolve-lo. Ele, prontamente, se oferece para ajuda-la. Ela então, diz que tem um filho, mas que, após a morte de seu marido, um estranho tomou posse de seus bens e, sendo assim, seu filho agora não pode usufruir daquilo que o pai lhe deixou.

Indignado com a injustiça e querendo impressionar a moça, Set se compromete a reparar o que está errado, custe o que custar. Diz que lutará pessoalmente pela jovem se for preciso. Dito isso Isis se transforma numa ave e voa até o meio da assembléia onde, reassumindo sua forma normal, brada que Set havia decretado sua própria sentença. Que ele próprio considerava injusta a situação a qual estava submetendo Hórus.

Diante dos argumentos de Isis, todos os Deuses, sem exceção, se voltam contra Set, no entanto este não desiste de seu trono. Dispõe-se a lutar contra Hórus para que, num combate físico, possam decidir quem será o novo Faraó-Deus.

Muitos anos de discussões se arrastam até que a luta de fato aconteça. Nesses anos, Set defende-se sempre sozinho no conselho dos

Deuses. Os anos, no entanto, só fazem trabalhar em favor de Hórus que, agora, já não é mais um adolescente, mas um adulto.

Chega então o dia em que os dois se opõem frente-a-frente. Set é forte e resistente, porém lento e não muito esperto. Hórus tem constituição física frágil, mas é muito inteligente e ágil, além de estar bem treinado.

No momento da luta, contudo, Hórus tem a estranha sensação de que está sendo protegido por seu pai. Ele é o Filho de Osíris, não Set. Com o ânimo mais que renovado, o jovem Deus investe contra seu tio e o fere gravemente em diversos pontos. Porém, Set é muito resistente e não está disposto a desistir facilmente. Com sua lança, investe contra Hórus furando-lhe um dos olhos. A luta é indefinida...

Percebendo que aquela disputa não decidiria realmente nada, Thot se interpõe entre os combatentes. Afasta-os um do outro e, depois de curar os ferimentos de ambos, inclusive restituindo o olho vazado a Hórus, propõe que só há um indivíduo capaz de decidir quem deve ser o novo Faraó-Deus: Osíris. Dito isso, Thot propõe enviar uma mensagem a Osíris em Amentet, coisa que todos temem fazer.

Thot, porém, providencia que um mensageiro entregue a correspondência e traga uma resposta do Deus morto.

A resposta não tarda e é tão categórica quanto previsível: Hórus deve ser o herdeiro de Osíris. Diante de uma intervenção de tamanha magnitude, até mesmo Set se curva. A coroa de Osíris é entregue a Hórus que, a partir de então se torna o governante do Egito.

Quando Hórus chega ao palácio, os 72 seguidores de Set que o haviam ajudado a matar Osíris fogem e em direção ao Delta. Para evitar serem rastreados pelo Filho de Osíris, eles se fazem animais, os Animais de Set. Porém, Hórus os encontra e os mata a todos pondo um fim ao Reinado de Set sobre os Homens.

5.6 – O Reino e o Tribunal de Osíris:

As comparações entre o mito de Hórus e as tradições Judaico-Cristãs são inevitáveis. Primeiramente, é óbvia a comparação entre as lutas de Hórus com Set e de Davi com Golias. Em ambos os casos o que está em jogo é uma decisão política na base do confronto físico. Em ambos os casos existe um confronto de um indivíduo mau, grande, forte e burro com um indivíduo bom, franzino, inteligente e ágil. Em ambos os casos o indivíduo que em condições normais seria derrotado sai vitorioso.

No entanto, a principal comparação que se pode depreender da epopéia de Hórus é a com a vida de Cristo. Inicialmente, ele é uma verdadeira trindade: Pai (Osíris), Filho (Hórus) e Espírito Santo (Ra). Em segundo lugar, também ele é concebido sem relação sexual, afinal, Osíris nem sequer dispunha de um falo de verdade e ele apenas toca Isis e ela

engravida. Ainda enquanto criança ele morre e ocorre sua ressurreição, como a de Cristo. Também o reino de seu pai (Osíris) não é deste mundo, mas do outro. Também ele, quando morto fica largado nos braços de sua mãe em prantos. Também Hórus é o Salvador da Humanidade (no caso dele, a única coisa que importa é o Egito, no de Jesus, seu povo eleito é o povo de Israel). Também ele tem de enfrentar o Demônio (e o que é Set, senão o Demônio Egípcio?) para poder se purificar. Também ele passa por enormes sofrimentos e estigmas em seu caminho para a Salvação da Humanidade. Além disso, uma imagem recorrente na mitologia do Mediterrâneo Oriental era a de Isis com o bebê Hórus no colo, imagem que depois do Cristianismo será adaptada para a de Maria com o bebê Jesus no colo. Acredito que não é necessário dizer que tais semelhanças não são por acaso e, nem tão pouco, que são meras coincidências.

Bem, salientadas as coincidências com a mitologia Judaico-Cristã, não podemos nos esquecer de ressaltar algumas coincidências também com a mitologia Grega. O conselho dos Deuses guarda uma grande semelhança com o Olimpo da Grécia e a posição de líder semi-ditatorial de Ra também é muito próxima da ocupada por Zeus frente ao seu panteão. Além disso, a postura de Ptah lembra aquela dos Titãs Gregos, ou seja, como grandes Deuses originais, os Titãs não se intrometiam muito nos feitos dos Deuses, ou, quando o faziam, tal intromissão não era muito relevante (leve-se em consideração que, na mitologia Grega, depois da ascensão dos novos Deuses a participação mais relevante de um Titã é a de Atlas, quando colhe uma maça de ouro de uma árvore do Jardim das Espérides para Hércules), assim como Ptah que decide, faz ameaças, não vê sua vontade feita e, mesmo assim, nada faz para punir a desobediência, como seria de se esperar que fizesse.

Agora que já explicamos um pouco melhor a relação entre a mitologia Egípcia e as outras Mitologias que lhe são posteriores, podemos concluir esta parte da História. Há que se explicar o que foi feito dos Deuses:

Como se pode notar, todas as histórias até aqui se remetem a um tempo em que os Deuses caminhavam livremente entre os homens, porém depois da vitória de Hórus sobre Set, vitória essa que não é definitiva, na medida em que set não morre (o que é proposital para deixar a lição de que deve-se tomar cuidado na manutenção da Maat, pois o mal e o caos espreitam), as coisas se tornaram diferentes.

O próprio Hórus, como se pode constatar, na mitologia Egípcia é um deus atípico. Filho de três Deuses (Ra, Osíris e Isis), ele morre, mas ressucita, o que indica que pode voltar do mundo dos mortos, de onde ninguém volta. Sua ressurreição explica o fato de um novo Faraó ser empossado após a morte do anterior, afinal, o Faraó é o Hórus Vivo.

Quando Hórus assume o trono, o que, na mitologia Egípcia equivale à unificação do Egito e à entrega do poder aos homens, os demais Deuses

não perdem seus poderes, mas passam a não mais caminhar por entre o mundo dos vivos, vão se juntar a Osíris em Amentet. Lá, organizam sua sociedade divina e de lá são convocados todas as manhãs em seus respectivos templos, por seus Sacerdotes, ou pelo próprio Faraó. O único Deus Vivo a caminhar por entre os homens era o Hórus, na figura do Faraó. Este, por sua vez, era uma figura dual, ao mesmo tempo homem e Deus (*Niswt*) e Homem (*Hm*).

Todos os homens, contudo, estavam aptos a entrar em Amentet, o Reino dos Mortos, e lá viverem ao lado dos Deuses por toda a eternidade. Para isso, no entanto, alguns cuidados deveriam ser tomados, cuidados estes que, originalmente, como vimos, estavam ligados à pessoa do Faraó, mas que posteriormente, ainda no Antigo Império, passaram a ser cada vez mais individualizados.

Não bastava apenas que o indivíduo fosse corretamente mumificado, ele deveria ser sepultado de acordo com todas as normas, ou seja, deveria possuir os quatro vasos canópicos nas formas dos Deuses (filhos de Hórus) protetores de seus respectivos órgãos internos (estômago (protegido por Duamutef), intestinos (protegidos por Qebesenuf), pulmões (protegidos por Hapi) e fígado (protegido por Amset)), deveria receber uma cerimônia adequada de abertura de boca na qual seu *ka* (espécie de conceito de alma Egípcio, em termos gerais, a personalidade individual de cada um, por isso, no início apenas o Faraó e os Deuses o possuíam, depois, esse conceito foi difundido a todos) retornava para seu corpo, deveria ser corretamenete alimentado (com alimentos que seriam devorados apenas pelo "olhar" da múmia), receber ungüentos e fragmentos de encantamentos mágicos entre as bandagens e, por fim, um amuleto em formato de escaravelho (o chamado "Olho de Hórus", que ele perdeu na batalha com Set, mas que, depois, teve restaurado por Thot) deveria ser adicionado às bandagens.

Todas essas precauções, no entanto, de nada valeriam se o indivíduo não fosse bem sucedido nos testes do Tribunal de Osíris. Quando chegava ao Mundo dos Mortos o indivíduo era submetido ao conselho dos Deuses, perante o qual deveria declarar que sempre colaborou com a manutenção da Maat (inicialmente essa declaração deveria ser verdadeira e espontânea, mas, com o passar do tempo, como veremos mais adiante, acabou se tornando uma mera repetição mecânica de fórmulas mágicas contidas no Livro dos Mortos, que, ainda não era utilizado no Antigo Império), ou seja, que não havia roubado, matado, desviado canais de irrigação em benefício próprio, sonegado tributos, invadido terras alheias, etc.

Se os Deuses julgassem sua declaração como verdadeira, então Anúbis colocaria o coração (que os Egípcios acreditavam ser o repositário tanto da mente (ou seja, da consciência) quanto do *ka* (a alma)) do morto sobre um dos pratos de uma balança. Osíris colocaria, então, uma pena (o símbolo da Maat) sobre o outro prato da balança e então a medição se

daria. Se o coração fosse mais leve ou do mesmo peso que a Maat, o morto seria declarado apto a entrar no Reino de Osíris e, sendo assim, a se tornar imortal. Contudo, se o coração do morto fosse mais pesado que a pena, este seria atirado a Sebek, o Deus Crocodilo criado por Osíris para devorar os corações impuros, e, sendo assim, o indivíduo seria destruído para sempre.

Não se tem certeza, mas é fortemente possível que sim, se os Egípcios acreditavam que o vilipêndio a um túmulo destruiria a imortalidade do indivíduo dono da múmia. Se eles realmente acreditavam nisso, então o trabalho dos ladrões de sepultura, cultistas de Set, era, também, diminuir a população do Reino de Osíris.

5.7 – Culto a Deuses Solares:

Como vimos, o culto ao Sol e a seus diversos aspectos povoava o imaginário religioso dos Egípcios. Porém, já que este astro era tão importante na vida daquele país, nada mais importante do que dissecar as diversas imagens que ele veio a ter, bem como suas implicações até mesmo na política Egípcia, visto que no Vale do Nilo política e religião eram um só assunto, uma vez que este era governado por um Faraó-Deus.

Na história do panteão Egípcio pudemos ver que Ra foi o primeiro Deus a surgir, mas que surgiu com o nome de Aton. Por que isso aconteceu?

Bem, porque Aton e Ra não eram exatamente a mesma divindade, mas sim, duas divindades relacionadas a uma mesma coisa: o Sol.

Aton correspondia ao Círculo Solar, ou seja, àquela bola amarelo-avermelhada que se vê quando se olha para o céu durante o dia. Podemos dizer que Aton é a forma física do Sol, por isso, o primeiro a surgir.

Porém, quando Aton surge, inevitavelmente Ra surge junto com ele. Ra é o Sol em si. O caráter Real e, porque não, Divino daquele astro. É ele quem toma atitudes, tem personalidade e até uma forma física humanóide (é um homem com uma cabeça de pássaro e uma coroa com o Sol sobre a cabeça). Ra é o Sol que governa, Aton o sol que brilha nos céus, ambos são um e este um são os dois.

Hórus, contudo, é, em seu aspecto humanóide, muito parecido com Ra. Muitas vezes só se pode diferenciar os dois pelo adorno de cabeça (o de Ra é o próprio Sol, o de Horus, a coroa dupla do Egito). Por esse motivo e por ser filho de Ra, Hórus também é uma divindade solar. Com efeito, ele é o Sol Vivo. O Sol que caminha entre os homens. Ele é o que Ra costumava ser. Quando Ra deixa de sê-lo, praticamente se fundo a Aton em uma só divindade cujo nome preponderante é Ra, mas também chamada Ra-Aton.

O fenômeno de fusão divina, tão comum na Antiguidade, também é uma criação Egípcia. Antropologicamente falando, ele se deve, ao menos no Egito, ao próprio fenômeno político da união gradativa dos Spat. Em muitos casos, dois Deuses poderosos e que se relacionavam a aspectos (ou portfolios) semelhantes acabavam se fundindo num só. Usualmente o nome do Deus preponderante é colocado antes e o do Deus "vassalo", depois, dessa forma, Ra-Aton constitui a fusão de Ra com Aton sendo que este está em condição de inferioridade em relação àquele. Muitas histórias (deve-se ter em mente que nem todas as histórias da mitologia Egípcia foram aqui contadas, apenas o eixo narrativo principal) falam sobre o canibalismo de Deuses, ou seja, sobre Deuses que se tornam mais poderosos ao devorar outros. Este é um desses casos. No Catolicismo atual podemos perceber ainda resquícios fortes dessa antiga tradição surgida no Egito. Santos como Nossa Senhora de Fátima, Virgem de Guadalupe, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Lourdes... são, na verdade, aspectos de uma mesma Santa: Maria. No entanto, existem milhares de fiéis e registros de milagres de cada uma delas e, ao menos em teoria ela acabam se tornando divindades diferentes. O mesmo ocorreu na Grécia na medida em que esta se expandiu militarmente no Período Helenístico e também em Roma, quando de sua expansão, ou seja, o canibalismo divino com um mesmo Deus adquirindo diversos aspectos é um fenômeno típico de fés expansionistas. Assim como empresas estrangeiras quando compram uma empresa já conceituada tendem a manter o nome da empresa comprada por um certo tempo (como, por exemplo, fez a Toshiba ao comprar a Semp, tornou-se, por alguns anos a Semp-Toshiba, para hoje, agora que já conquistou o mercado que outrora pertencera à outra, voltar a ser apenas Toshiba como, aliás, em seu país de origem, ela nunca deixara de ser) para, não causando estranhamento nos consumidores, angariar sua fidelidade, também as religiões adaptam seus dogmas e seus Deuses às realidades de cada região para, não chocando os fiéis com a pura e simples imposição, angariar sua fidelidade como se ela fosse um prolongamento natural do culto às antigas Divindades nacionais agora suplantadas pelo expansionismo (geralmente militar) de outra nação.

Por fim, não podemos nos esquecer que Osíris era o outro pai de Hórus. Isso também é um acerto teológico para agradar a todos, visto que ao menos nos primórdios, Osíris era a única Divindade verdadeiramente nacional. Era adorado em todas as partes do Egito, em especial pelas camadas mais pobres da população. Por isso sua lenda diz que em cada um dos 14 lugares onde Isis encontrou um pedaço de seu corpo foi erigido um templo em sua homenagem. Deve-se pensar que 14 é igual a 2X7 e que 7 é o número do infinito segundo o ocultismo, cujas raízes são Egípcias. Por isso, não é de se espantar que esse 14 queira na verdade dizer duas vezes o infinito, ou seja, na prática, em todos os lugares.

Osíris foi o primeiro Deus importante a realmente morrer. Porém, sua morte não é completa, na medida em que ele ressucita com a mumificação. Ele vai então viver em Amentet, o Mundo dos Mortos, do qual se torna Rei. O único Rei verdadeiro dos homens, visto que a existência no mundo dos vivos é temporária, mas no mundo dos mortos é eterna. Essa lenda foi feita para se salientar necessidade da mumificação no processo de busca da vida eterna, com efeito, Osíris é a primeira múmia da História. No entanto, com o passar do tempo Osíris foi associado à explicação de mais um fenômeno: o nascer e o pôr do sol.

Se o Sol era Ra-Aton, isso era durante o dia, enquanto brilhava forte e vigoroso, porém, assim como todos os indivíduos fazem uma vez na vida, no final de cada dia o sol ia para o ocidente, para o Mundo dos mortos. Então surgia a noite comandada por Hator, mas, enquanto ela alegrava a Ra-Aton depois de sua jornada diária, no Mundo dos Morto era Osíris quem o conduzia de volta ao Egito. Por essa razão Osíris passou a ser cultuado também como o Sol Noturno, aquele sol que não se vê, pois, durante a noite, está em Amentet.

Como já foi dito, a partir da IV Dinastia o clero de Ra, radicado em Heliopolis, foi ganhando cada vez mais força e isso pode ter sido a razão da derrocada do Antigo Império. Pois bem, na V Dinastia, quando os parentes dos Sacerdotes de Ra já não mais compunham a Realeza, estes começaram a exercer o poder que haviam obtido durante o tempo em que seus parentes se sentavam no trono de Mênfis.

Uma das primeiras e mais impressionantes demonstrações da força do clero de Heliopolis foi a submissão de Hórus a Ra e a conseqüente submissão da figura do Faraó ao clero de Heliopolis.

Durante a IV Dinastia Ra já havia canibalizado Aton fazendo com que esse Deus fosse praticamente esquecido por muitos e muitos séculos (ele viria ater muita importância ainda, mas apenas na XVIII Dinastia, como veremos), agora sua missão era canibalizar também o Faraó-Deus. Para esse propósito, a primeira coisa que o clero de Ra conseguiu foi considerar Hórus como filho de Ra, data, portanto, da V Dinastia, a mudança na teologia oficial que passa a aceitar dois pais para Hórus (é curioso notar que Osíris nunca é descartado como figura paterna de Hórus porque os Egípcios em tudo, mas especialmente em assuntos religiosos, tinham o costume de nunca descartar totalmente tradições antigas, sendo assim, se uma nova explicação para algo surgia, esta era simplesmente fundida às já existentes; isso, em muitos casos é o responsável pela complexidade e dificuldade de compreensão de muitos aspectos da história e da religião Egípcias).

A partir daí, ocorre uma mudança gradativa e progressiva na figura do Faraó que passa de Deus Vivo a Filho de Deus, ou seja, um título de muito menos poder. Por fim, ainda na V Dinastia, ocorre a submissão de Hórus a

Ra (se bem que em muitos lugares se possa ler a expressão Hórus-Ra, o que inçaria uma submissão de Ra a Hórus, essa expressão é errada, sendo a correta a que vem a seguir), passando esse Deus a se chamar Ra-Horemkhet, ou seja, "Ra, o Hórus no Horizonte", nome pelo qual esse Deus seria conhecido por todo o Primeiro Período Intermediário e também por todo o Médio Império.

5.8 – Implicações da Religião na Vida da População:

Acredito que grandes explicações neste item sejam dispensáveis, a esta altura o leitor já deve ter podido perceber que a religião, no Egito Antigo, era a principal preocupação de todos os indivíduos.

No entanto, apenas para que se possa ressaltar essa noção; enumerarei algumas das influências da Religião na vida dos Egípcios:

As cidades Egípcias eram construídas, em geral na margem oriental do Nilo e as tumbas e templo na margem ocidental. Isso se dava porque, por causa do ciclo do sol, os Egípcios desenvolveram a noção de que a morte está relacionada com o ocidente e a vida com o oriente, sendo assim, cidade, onde se vivia, se situavam no oriente e túmulos (onde habitavam os corpos dos mortos) e templos (onde se comunicava-se com o além) situavam-se no ocidente. É claro que isso não é uma lei universal, existiam tumbas e, sobretudo, templos na margem oriental do Nilo, bem como cidades e vilas na margem ocidental, no entanto, via de regra o que ocorria era o contrário.

Quanto à criação do mundo, o Egito é nitidamente o centro de tudo, do cosmos e do mundo. É a Colina Primeva e seus habitantes, leia-se os Egípcios e não seus escravos e mercenários, são os verdadeiros habitantes do mundo, os demais habitantes, os estrangeiros, são menos que humanos. Criações grotescas de Set. Aliás, de uma forma um tanto quanto distante; essa tradição dialoga com o Judaísmo, onde Seth, o terceiro filho de Adão e Eva, teria sido o responsável pelo povoamento do mundo e, sendo assim, o pai da humanidade.

Como já foi falado, os nomes, para os Egípcios, eram considerados fontes de poder, sendo assim, quem soubesse o verdadeiro nome de um indivíduo poderia controla-lo, o que gerou a prática de se batizar os filhos com dois nomes. Um nome verdadeiro e secreto e um nome público, mas falso.

As tradições mágicas do mundo (como veremos) em muito devem ao Egito. É verdade que estas só se espalharam devido aos Filósofos Neo-Platônicos que habitaram Alexandria, porém, muitas delas ou foram criadas pelos Egípcios (sendo, às vezes, modificadas pelos povos que as recebiam), ou inspiradas (mesmo que de forma errônea, com veremos, foi o caso do Hermetismo e da Alquimia) em sua cultura.

O calendário Egípcio era muito confuso e se faz hoje de difícil datação porque, como já foi mencionado, ele era zerado a cada nova encarnação de Hórus, ou seja, a cada novo Faraó que tomava posse, sendo assim, as datas eram registradas segundo a seguinte fórmula: tal evento ocorreu no ano X do Faraó Y.

6 – O Primeiro Período Intermediário:

Como já foi mencionado, as causas para a descentralização política que ocorreu no final do Antigo Império ainda são um tanto obscuras, mas, por outro lado, suas conseqüências são bem claras.

Primeiramente, deve-se saber que num país como o Egito Antigo, onde não havia estradas e onde o único meio de comunicação entre as diferentes regiões era o Nilo, a ausência ou fraqueza de uma autoridade central ocasiona certamente um aumento dos particularismos regionais. Como já mencionei, os Egípcios não se consideravam seres humanos superiores aos demais, se consideravam apenas seres humanos, coisa que os não Egípcios não eram; também o Egito não era o melhor lugar do mundo era apenas o mundo, sendo que o restante das regiões consistia numa espécie de cópia mal feita de sua perfeição.

Diante de tamanha arrogância, é natural que o declínio da Maat e a ascensão das autoridades locais em detrimento do Semi-Deus de Mênfis ocasionaria tremendo impacto na sociedade Egípcia.

Para se compreender o que aqui se fala é interessante que se note que o Egito foi o primeiro Estado-Nação do mundo, ou seja, a primeira região onde a política, a religião e as manifestações artísticas trabalharam juntas no sentido de construir uma identidade nacional, sendo esta aceita (muito mais do eu imposta) por todas as partes do Reino. A arte Egípcia se desenvolveu de forma a criar formas perfeitas, muito mais do que os Greco-Romanos, que construíam suas estátuas e faziam suas pinturas para retratar a aparência estética dos homens, os Egípcios, com suas figuras sóbrias, retilíneas e (no caso da pintura) chapadas, ou seja, sempre na posição padrão (tórax de frente, cabeça de perfil e membros trabalhando no sentido de mostrar a atividade do indivíduo), imprimiam uma noção de perfeição aos homens.

Os artistas Egípcios nunca retratavam velhos e doentes como eles realmente eram, mas como deveriam ser, ou seja, perfeitos. A arte do Vale do Nilo também desenvolveu a técnica, posteriormente muito utilizada na Europa Medieval, de representar os indivíduos mais importantes, bem como os Deuses, com estaturas maiores do que aqueles menos importantes, dessa forma, para a arte, não importava a real estatura de um indivíduo, mas sim sua importância social (mulheres, a menos que fossem muito importantes eram sempre retratadas como sendo menores do que os

homens), o Faraó era sempre o maior de todos os indivíduos a ser retratado, afinal, era um Deus. Mesmo que o faraó estivesse sentado, os demais indivíduos seriam menores do que ele, ou, na pior das hipóteses, estariam prostrados de joelhos adorando-o com a face colada ao chão.

A arte correspondia ao exato pensamento Egípcio de relação hierárquica, uma vez que ninguém, nem mesmo o Tjati, podia falar com o Faraó ou sequer olha-lo nos olhos. Quando o Faraó conversava com alguém, referia-se a si mesmo na terceira pessoa e também assim era referido por seus interlocutores, com efeito, ninguém falava com o Faraó, mas, tão somente, em sua presença.

Para Platão, a arte Egípcia era uma representação mais realista do mundo do que a Grega, visto que a Grega, por retratar as imperfeições, segundo o Filósofo, não conseguia discernir entre o real e o imaginário, enquanto que a arte Egípcia, ao retratar os indivíduos sempre no esplendor de sua forma física, sem emoções ou desequilíbrios, conseguia ver o âmago (e porque não a alma) de cada um, conseguia ver sua verdadeira essência, como ele realmente era. Na realidade, os Egípicios foram os primeiro a pensarem os homens como seres feitos à imagem e semelhança dos Deuses (tradição que certamente se espalhou pelo Mediterrâneo Oriental) e, dessa forma, perfeitos. De um certo ponto de vista, a arte Medieval, talvez pelas fortes influências de Fayum (no Egito), talvez por algum outro motivo, guardou em si muitos dos aspectos da arte Egípcia (considerada por críticos de arte como sendo uma arte Pré-Perspectivista, ou seja, sem a capacidade de retratar figura em perspectiva, com impressão tridimensional), enquanto que a arte Renascentista, ao regatar os padrões da arte Greco-Romana Clássica, ao se julgar mais evoluída de um ponto de vista artístico, acabava se chocando com a opinião de um dos mais cultuados Filósofos Antigos na época do Renascimento: Platão.

6.1 – As Admoestações de Ipuwer:

Segundo as datações de Mâneton, depois do longo governo de Pepi II se inicia a VII Dinastia que ele retrata como sendo uma Dinastia de “70 Reis que Reinaram por 70 dias”. É óbvio que a VII Dinastia não deve ter tido 70 soberanos e também é óbvio que estes soberanos não governaram apenas um dia cada. Essa colocação de Mâneton é muito mais possivelmente uma licença poética para mostrar que a VII Dinastia foi um período de disputas e crises onde a autoridade central tinha pouca ou nenhuma legitimidade, afinal, o governo, em meio a uma crise terrível (como já foi visto) teria passado às mãos de alguém que não tinha a legitimidade do sangue Real para governar, visto que Pepi II teria sobrevivido à morte de seus filhos.

Em meio a esse período de crise (ou, segundo alguns, no final do governo de Pepi II, o que não é muito diferente em termos da grandeza da

crise), surgiu no Egito a primeira narrativa de que se tem notícia na História a conter a forma de conto narrativo linear. Essa história, conhecida como "As Admoestações de Ipuwer" fala sobre as tragédias que se abatiam sobre o Egito naquele momento e conta a peregrinação de um sábio chamado Ipuwer até o palácio Real de Mênfis para alertando o Faraó, conseguir salvar o Egito. Vejamos a versão dessa história compilada por Brigitte Évano, traduzida por Eduardo Brandão e publicada no Brasil pela Companhia das Letras:

> *Nada vai bem no Egito. De norte a sul, o país parece estar atravessando uma crise de loucura. Uma grande infelicidade se abate sobre o Reino do Velho Faraó. Tudo anda às avessas.*
>
> *O Nilo transborda, mas ninguém aproveita para cultivar os campos. As mulheres ficam estéreis, os homens são dizimados pelas doenças. Nas cidades, os acontecimentos se aceleram de maneira inquietante. Ninguém mais paga imposto. O país inteiro está à beira do abismo.*
>
> *Ante essa situação, os grandes, os que costumam tratar dos negócios do Reino, estão desconsolados. Eram ricos antigamente, agora são obrigados a vestir farrapos e o estômago deles chora de fome.*
>
> *Enquanto isso, os pobres possuem os mais belos objetos, e os que antigamente não tinham, meios nem para comprar sandálias de viajem, agora andam em liteiras douradas.*
>
> *Os que não tinham pão possuem agora paióis de trigo, mas neles não há mais Escribas capazes de controlar os estoques.*
>
> *As que não possuíam nem mesmo uma caixa de metal ordinário, vivem agora rodeadas de arcas ricamente ornamentadas, repletas de tecidos suntuosos.*
>
> *As que eram obrigadas a se debruçar sobre a superfície da água para ver sua imagem, possuem agora mil espelhos.*
>
> *O sábio Ipuwer contempla todas essas mudanças inquieto.*
>
> *Não é tanto a reviravolta das situações que o faz estremecer e temer pelo futuro. Porque, afinal de contas, se se trata-se apenas do mundo pelo avesso, se os pobres tivessem ficado ricos, mas continuassem a fazer o Reino funcionar corretamente, enquanto os que outrora foram ricos passassem a ocupar o lugar dos pobres, o Reino do faraó poderia continuar enfrentando os anos por vir.*
>
> *Mas as coisas não são tão simples. Não há mais estabilidade, nenhuma situação dura o bastante para que a boa marcha do país seja assegurada.*
>
> *Ipuwer decide ir ao palácio conversar com o velho Faraó.*

O palácio Real não parece afetado pela tormenta que atinge a todos. Os guardas estão a postos, a vida corre tranqüila, como se nada de errado estivesse acontecendo lá fora.

Ipuwer pede uma audiência, que lhe é concedida de muito má vontade. O sábio começa a suspeitar de alguma coisa.

Quando se apresenta diante do Faraó, está decidido a lhe contar a verdade, por mais que isso possa lhe custar, porque ele sabe perfeitamente que suas palavras vão ser consideradas verdadeiros crimes de lesa-majestade.

De fato, o Faraó vive como antigamente, e Ipuwer suspeita de que ele não está a par dos acontecimentos. Seus conselheiros, felizes por escapar do tumulto permanecendo no palácio, escondem-lhe a verdade.

Ipuwer começa assim seu discurso:

"Sabedoria, inteligência e direito estão contigo, mas tu deixas o país presa da desordem. Ninguém mais respeita tuas ordens. O país gira como o torno de um oleiro e tu nada fazes."

Sem deixar ao Faraó tempo para replicar, Ipuwer continua:

"Mentiram-te, o país está entregue às chamas, os homens se matam de uma ponta à outra do Reino, os próprios templos já não são respeitados. Faraó, vê o estado do teu país! Fica sabendo que és culpado que és culpado pelo que lhe sucede! Tu te trancaste em teu palácio sem procurar saber o que acontece lá fora. No entanto, devias suspeitar de que teus conselheiros estavam te mentindo. Age já, restabelece a ordem, se ainda podes faze-lo!"

Ipuwer percebe no rosto do velho Faraó sinais de cólera. Sabe que sem dúvida vai perder a vida por ter ousado dizer a verdade. Contudo, teme, ainda mais que isso, que seja tarde demais para restabelecer a ordem às margens do Nilo.

O Faraó, porém, não está com raiva dele: está é furioso contra os que o enganaram por tanto tempo.

Agradece, pois, a franqueza de Ipuwer e pede-lhe que o ajude a trazer o Egito de volta à normalidade.

É certo que nesta tradução das "Admoestações de Ipuwer" não constam todos os trechos da obra, afinal, não é uma tradução literal, apenas uma compilação que dá sentido ao texto. No entanto, o principal erro dela é justamente o fato de ter (possivelmente para que o texto ficasse apto à leitura infantil) retirado o trecho em que Ipuwer se queixa ao Faraó de que "Estrangeiros vieram para o Egito... em todos os lugares eles se tornaram gente". Esse trecho nos dá a clara noção de dois pontos muito importantes da História Egípcia. Em primeiro lugar, com o crescente fluxo de estrangeiros para o Egito (iniciado com as capturas e recrutamentos durante

a expansão e concluído com as invasões, especialmente do Delta, por Líbios), a ordem social que garantia que os Egípcios seriam gente, coisa que os estrangeiros não podiam ser, acabou abalada. Por outro lado, é possível perceber que a crise estava muito forte, visto que o governo não era capaz de evitar que estrangeiros adquirissem poder em seu próprio território.

Uma breve análise das "Admoestações de Ipuwer" nos dá ainda outros elementos sobre a sociedade Egípcia e sobre seu autor. Possivelmente o texto data do final do governo de Pepi II, visto que fala num velho Faraó, o que este certamente era. Em outra medida, podemos presumir que o texto deve ter sido escrito por um Escriba, alguém importante e que se julgava sábio, mas que jamais encontrou ou teria tido a oportunidade de encontrar o Faraó, visto que não conhecia os procedimentos de etiqueta adotados em sua presença. Podemos ainda presumir que este indivíduo respeitava a autoridade Faraônica e via nela a única chance de restauração da Maat que havia sido fortemente abalada. É possível que o autor das "Admoestações de Ipuwer" fosse um Escriba de algum Spat, ou templo, mas não da corte, visto que não detinha muitas informações sobre esta e, em seu texto, parece idealiza-la, como alguém que nunca a vira realmente. Outra conclusão lógica a que pode se chegar é a de que o autor da obra vivia no Baixo Egito, isso porque apenas essa região foi de fato invadida por estrangeiros. Nas demais, estes habitavam como escravos ou empregados (mercenários no caso de Mênfis), mas apenas o Delta foi de fato invadido e teve partes submetidas. Essa conclusão também explicaria a motivação da criação da obra, ou seja, buscar no Faraó um auxílio para se livrar do domínio estrangeiro. Por fim, os mesmos fatos que nos levam a crer que o autor não conhecia a corte e que vivia no Delta podem nos levar a crer que talvez o texto não tenha sido escrito durante o governo de Pepi II, visto que este Faraó deve ter se popularizado muito devido ao longo tempo em que governou, o que implicaria no fato de uma região submetida e sem contato com Mênfis não ter condições de saber se ele ainda vivia ou não, tendo assim, mencionado o velho Faraó como sendo também um possível símbolo da arcaicização do regime decadente.

6.2 – A Política no Primeiro Período Intermediário:

Como vimos, a VII Dinastia não parece ter tido força alguma e, além disso, não deve ter tido uma longa duração sendo logo substituída pela VIII Dinastia. Esta Dinastia, que também governava a partir de Mênfis, pode ter sido um pouco mais duradoura do que sua antecessora, no entanto, também não logrou controlar o país e, assim como na VII Dinastia, nenhum Monarca da VIII mereceu destaque nas listas de governantes do Egito.

Por volta de 2170, uma nova Dinastia, a IX, se estabelece no Fayum, uma região semi-pantanosa localizada na margem ocidental do Nilo, próxima ao lago Moeris (atual Birket Karun). Essa região, apesar de ser muito produtiva, coisa que era rara em regiões não banhadas pelo Nilo, costumava ser alagada anualmente com as cheias do rio, visto que, por se tratar de uma planície pantanosa dotada de um grande lago, constituía o escoadouro propício para as águas da enchente. Justamente por essa razão, o Fayum, apesar de produtivo, até então não havia sido muito densamente habitado, pois as pessoas temiam a fúria das enchentes.

Pois bem, por volta da data referida, em Herakleópolis, no Fayum, Achtoes estabeleceu a IX Dinastia. A partir dessa região a IX Dinastia conseguiu gradualmente retomar sua autoridade central. Pouco a pouco as populações do Baixo Egito foram sendo submetidas e os invasores Líbios derrotados. Porém, um esforço reunificador do Egito estava além das possibilidades daquela Dinastia, tanto por seu centro de poder se localizar fora das margens do Nilo, quanto por não dispor do precioso cedro Fenício obtido outrora pelo comércio com Biblos. A falta do cedro não permitia que embarcações de grande porte fossem construídas e, sendo assim, o ímpeto expansionista destes Monarcas estava limitado.

Paralelamente, no Alto Egito, por volta dessa mesma data, estabeleceu-se um novo Reino unificado do Alto Egito. A capital desse Reino era uma cidade bem ao sul chamada de Tebas (não se deve confundir esta cidade com a cidade Grega de mesmo nome, este nome não é o verdadeiro nome da cidade, mas apenas o nome pelo qual ela foi conhecida pelos Gregos e que, sendo assim, passou adiante na História). Chamaremos a Dinastia de Tebas de XI, pelo fato de que em Herakleópolis, num curto período de tempo, a IX Dinastia acabou sendo substituída (por razões ignoradas, mas, possivelmente questões de sucessão) por uma nova: a X Dinastia.

A História da reunificação do Alto e do Baixo Egito foram diferentes, no caso do Baixo Egito, a IX e a X Dinastias conseguiram obter o apoio dos Nomarcas na luta contra os povos invasores (havia Líbios vindos do ocidente e, talvez, Hebreus vindos da Palestina, isso porque, ainda na VI Dinastia, há indícios de que Hebreus tenham atacado as minas do Sinai, o que teria motivado uma expedição punitiva Egípcia em direção à Palestina. É claro que esse argumento é muito fraco para sustentar que os Hebreus (numa época anterior ao seu monoteísmo e à sua unificação) tenham tido fôlego para aproveitar a fraqueza de seu vizinho poderoso e invadi-lo, essa hipótese parece apenas uma conveniência para justificar teses Bíblicas de que os Hebreus depois de um breve período de estabelecimento como senhores no Egito, teriam sido por estes derrotados e escravizados, o que sustentaria a teoria de Moisés e do êxodo). Por isso, a ascensão da Monarquia se deu como uma espécie de esforço conjunto para o

restabelecimento da Maat. No caso do Alto Egito, no entanto, a situação parece ter sido bem diferente, Mentuhotep I, parece ter sido um Nomarca da região de Tebas que, através de sua força militar, herdada em parte das forças militares Faraônicas do Antigo Império, iniciou a submissão dos Nomarcas do Alto Egito. Sendo assim, nessa região, a violência imperou e a união se deu pela força e pela imposição, não pela busca do bem comum.

Por volta de 2133, talvez mais tarde, o Egito era novamente composto de dois Reinos: o Alto Egito e o Baixo Egito e ambos estavam prontos para se enfrentar rumo a uma nova unificação.

6.3 – Práticas Funerárias do Primeiro Período Intermediário:

O enfraquecimento da Monarquia centralizada, como já explicamos, fortaleceu os líderes regionais, em especial no Alto Egito. Estes indivíduos passaram a receber os tributos para si próprios em vez de ter que entrega-lo ao Faraó, além de, por vezes (enquanto a VI Dinastia ainda existia), receberem financiamentos do governo Real.

Como o ímpeto unificar do Antigo Império havia partido do Alto Egito, não é difícil imaginar que esta região sempre houvesse sido mais desenvolvida e poderosa do que seu par do norte. Sendo assim, é muito provável que os Nomarcas mais influentes estivessem situados nos Spat dessa região. Para se ter uma idéia, o Museu do Cairo conta com oito despachos proferidos num só dia por um Faraó da VI Dinastia em direção a seu Tjati no Alto Egito. Esses despachos pediam auxílio para resolver problemas na corte. Não se sabe a resposta do Tjati, se é que houve uma, mas a mera existência de tais pedidos desesperados nos mostra que algo estava errado na ordem das coisas. Era o Faraó quem deveria ajudar os seus subalternos e não o contrário, se ele estava fraco a ponto de ter que necessitar da ajuda do Tjati, então é possível que este, por sua vez, estivesse forte a ponto de poder recusar este pedido.

Com efeito, o norte estava praticamente fora do controle do Faraó e nas mãos de invasores Líbios (com certeza) e Hebreus (talvez), sendo assim, é muito provável que as forças armadas do Egito estivessem concentradas no sul, sob as ordens dos Nomarcas da região, o que fez com que a militarização da região favorecesse a ascensão de líderes capazes de reivindicar o poder central, coisa que pode ter desencadeado as crises da VII e VIII Dinastias.

Com o enriquecimento dos Nomarcas do sul e o enfraquecimento dos Faraós, aqueles pararam de se contentar em construir suas tumbas na Necrópole Real, como verdadeiros satélites da tumba Faraônica, na prática, em seus Spat eles eram mais poderosos do que o Faraó e assim passaram a se comportar. Construíam tumbas em suas próprias regiões e se faziam

adorar por suas populações como os verdadeiros Reis que haviam se tornado.

Esse crescimento do poder local em detrimento do central gerou, no plano filosófico, uma transformação do pensamento acerca da vida após a morte. Se antes todo o Egito estava ligado à vida do Faraó através da manutenção da Maat, agora se fazia impossível acreditar nisso, caso contrário todos passariam a estar condenados após suas mortes, visto que no mundo real a Maat estava totalmente desequilibrada, como nos relatam as "Admoestações de Ipuwer". Dessa maneira, volta-se à idéia antiga de que cada um poderia ser imortal desde que tivesse seguido em vida uma estrita norma moral e de que recebesse os devidos cuidados devidos em seu funeral.

6.3.1 – Os Saques das Tumbas Reais:

O principal trauma sofrido pela civilização Egípcia no final do Antigo Império foi o saque das tumbas Reais de Sakkara e, especialmente, das Pirâmides de Gizé. Até então os Faraós eram reverenciados como verdadeiros Deuses sobre a terra, criaturas dotadas de poderes inimagináveis e, portanto, dignas de culto e obediência, nunca de predação e vandalismo.

Pois bem, a preocupação com possíveis ladrões de sepultura sempre foi grande, não foi à toa que os Faraós optaram por amontoar seus túmulos em Necrópoles, uns próximos dos outros, faziam isso porque sabiam da existência de ladrões de sepultura que atormentavam o descanso de dignatários e Reis desde os tempos dos Spat, sendo assim, reunindo os túmulos em um único lugar, a vigilância seria facilitada, bastava manter um pelotão de guardas constantemente na Necrópole e que os ladrões não lograriam entrar.

De fato, as "Admoestações de Ipuwer" contém diversos trechos que a obra por mim utilizada não anota, no entanto, como já expliquei, aquela obra não é completa, mas tão somente uma compilação dos dados contidos no famoso e incompleto pergaminho Egípcio. Um trecho muito importante que pode ser inserido naquele já transcrito é esse que segue abaixo:

> *Olhai agora, algo nunca acontecido se realizou: o Rei foi levado pelos homens pobres... alguns irresponsáveis despojaram a terra de seu Rei... homens se rebelam contra as Uraeus que fazem a paz das Duas Terras. Olhai, o segredo da terra, cujos limites são desconhecidos, foi posto à mostra. O palácio pode ser destruído em uma hora... As esposas dos nobres trabalham agora no campo, e seus maridos, em casas pobres. Mas aquele que nunca dormiu nem mesmo num leito de tábuas possui agora uma cama própria... Os*

donos de belas roupas estão em andrajos. Mas aqueles que nunca costuraram para si possuem agora os mais belos linhos... Ela, que nunca possuiu uma pequena mala para guardados, possui agora um baú, e aquela que se olhava nas águas vê-se agora nos próprios espelhos... os filhos dos nobres são atirados contra as paredes... empregados falam o que querem...

Muitos lamentos sérios que haviam sido excluídos daquela primeira transcrição constam desta, neles se pode ter mais pertinentemente a noção de que uma revolução, ou talvez uma invasão por povos inimigos que estivessem despojando os Nomarcas de seus bens, estava acontecendo. Porém, para a relevância deste trecho do trabalho, acredito que o ponto mais importante seja o que trata do fato de o rei ter sido levado pelos pobres. O que isso significaria?

É óbvio que não podemos pensar em um seqüestro Real ou coisa do gênero, mesmo porque Ipuwer está se queixando ao próprio Faraó. Fica latente que ele se refere às múmias de Faraós já mortos e ao saque de seus túmulos.

Agora vejamos, os Egípcios dispunham de diversos dispositivos capazes de enganar os ladrões de sepultura, dando-lhes a impressão de que outros já haviam chegado antes. Além disso, instalavam armadilhas, como nas Grandes Pirâmides (fossos, portas falsas e outros tipos delas) e talvez até maldições, coisa que não é comprovada, contra os invasores dos túmulos. Mesmo assim os ladrões conseguiam entrar e roubar os tesouros das tumbas?

Sim, conseguiam. Temos que pensar que ao contrário do que nos dizem filmes com "A Múmia", dentre outros, os Egípcios não conheciam ou utilizavam quaisquer tipos de fechaduras ou cadeados. Tais peças só foram introduzidas no Vale do Nilo com a chegada dos Romanos. Por essa razão, o trabalho dos ladrões era facilitado.

É óbvio que saquear um edifício monumental como qualquer das Grandes Pirâmides não é algo que se possa fazer num dia, ou mesmo de uma só vez. É trabalho para meses, talvez até anos de saques contínuos. Porém, com o colapso da autoridade central, certamente nem as Pirâmides nem quaisquer outras coisas eram guardadas. Sendo assim, os saques foram constantes. Tumbas feitas para abrigar um morto e seus tesouros para toda a eternidade eram abertas e despojadas num ato até mesmo sacrílego da parte dos ladrões, porém, como já mencionamos, os clãs de ladrões de sepultura (dos quais alguns sobrevivem até nossos dias, é certo que com modificações em suas atividades, hoje são ladrões de antiguidades) eram seguidores de Set, o deus rival, o inimigo de Hórus, o Deus Falcão da Realeza, portanto, despojar o túmulo, a múmia e a

eternidade de uma das antigas manifestações do Hórus vivo era até mesmo uma obrigação religiosa de tais ladrões.

É possível que os saques às tumbas Régias tenham acelerado o processo de multi-polarização das tumbas dos Nomarcas em seus próprios Spat em detrimento da antiga centralização desta em torno da tumba Faraônica, agora não mais um lugar seguro. Porém, além disso, os saques às tumbas Régias das Dinastias do Antigo Império, durante o Primeiro Período Intermediário, fez com que, como veremos, as práticas funerárias futuras fossem drasticamente alteradas.

7 – O Reino Médio:

Como havia sido dito, por volta de 2133 o Egito estava novamente dividido em dois Reinos: o Baixo Egito com a capital em Herakleópolis, no Fayum, e o Alto Egito, com a capital em Tebas.

Mentuhotep I havia sido o responsável pela criação de uma forte Dinastia em Tebas e pelo início da unificação do Alto Egito, após sua morte, seus sucessores Inyotef I, II e III concluíram sua obra, tanto que, à época do governo de Mentuhotep II, a XI Dinastia de Tebas entrou em choque com a X Dinastia de Herakleópolis.

O Nomarcas do Alto Egito haviam sido o último baluarte do poderio militar do Antigo Império, por isso, possuíam armas superiores e melhores táticas de guerra. É verdade, contudo, que a reunificação do Baixo Egito se havia dado como meio para expulsar os estrangeiros que ocupavam o Delta, porém, até no campo da tarimba em batalhas os combatentes do sul estavam mais adiantados, visto que haviam se reunificado pela imposição da força das armas de Tebas sobre os demais Spat.

A falta de força política dos governantes de Herakleópolis também parece ter sido determinante na derrota da X Dinastia frente à XI. A submissão do Fayum, no entanto, não garantia a submissão de todo o Baixo Egito, por isso, Metuhotep II teve que organizar diversas campanhas militares para submeter um a um todos os Spat do Baixo Egito. Foi questão de tempo apenas, pois ainda em seu governo, Mentuhotep II pôde se considerar o Faraó do Alto e do Baixo Egito.

A tática de Mentuhotep II, que foi mantida por seus sucessores (Mentuhotep III e IV) foi a de confiscar as terras que haviam sido doadas aos templos no Antigo Império e substituir os Nomarcas do governo de seus Spat, colocando em seus lugares indivíduos de sua confiança.

A tática de organização estatal dos Faraós de Tebas gerou muita insatisfação entre os Nomarcas e suas cortes locais, além disso, o clero de Ra, que até então era o mais forte do Egito, viu seu poder esvair-se com o confisco de suas terra e a ascensão do Deus de Tebas como nova Divindade principal do panteão.

7.1 – Transferência do Centro de Poder:

Apesar de o Médio Império ser também conhecido como o Primeiro Período Tebano da História Egípcia, na realidade apenas três foram os Faraós que Reinaram em Tebas: Mentuhotep II, III e IV. Quando este último morreu, ocorreu uma séria crise política que terminou por ocasionar a mudança da capital do Egito.

O fato foi que o governo dos Faraós da XI Dinastia foi totalmente voltado para a centralização do poder que estava descentralizado desde o final do Antigo Império, por isso, diversas foram as medidas por eles tomadas. Algumas, de cunho mais político-militar ou religioso e de caráter mais óbvio, como o confisco das terras dos templos (em especial dos de Ra), a substituição dos Nomarcas por funcionários leais e imposição do culto à sua Divindade local (que será visto mais adiante) já foram ao menos mencionadas, porém, houve outras que também tiveram relevância.

Primeiramente, os Faraós da XI Dinastia chegaram mesmo a extinguir os Spat, dividindo o Egito em quatro grandes regiões administrativas, cada uma delas sob a supervisão de um funcionário leal ao Faraó, isso gerou insatisfação não só nos antigos Nomarcas que haviam sido destituídos de seus postos, mas também nas populações dos Spat que agora não possuíam um governante local tão próximo delas como costumavam possuir. Porém, o ponto que detonou a crise foi ocasionado talvez pelo único erro dos Faraós desta Dinastia: a diminuição (ou talvez extinção, como querem alguns autores) de sua corte.

Na verdade, talvez se pautando na História final do Antigo Império, os primeiros Faraós do Médio Império teriam percebido que as cortes Reais teriam precipitado a crise que pôs todo o sistema a perder. Por isso, limitaram o máximo que puderam seu séqüito de seguidores e parentes. É possível que até mesmo costume da poligamia Faraônica não tenha sido observado por esta Dinastia. O que não surpreenderia, afinal, o Faraó havia acabado de reaver seus poderes Divinos e, sendo assim, os indivíduos que ocupavam o cargo ainda não estavam totalmente acostumados à sua real importância, e conseqüentes direitos, Divina.

A limitação do número de esposas (mesmo que a poligamia não tenha sido abolida, o que não é comprovado, é certo ao menos que os Faraós dessa Dinastia tiveram bem menos esposas do que seus predecessores costumavam ter) ocasionou uma conseqüente redução no número de herdeiros o que fez com que Mentuhotep IV morresse sem ter um filho homem para assumir o trono em seu lugar.

Todo o clima de discórdia contido que estava fermentando no Egito nas últimas décadas ameaçou explodir. Não havia um “herdeiro necessário” (título dado ao filho do Faraó que estava sendo preparado para governar)

para assumir o trono e continuar a conduzir a Maat, por isso os Nomarcas depostos (mas que ainda conservavam grande influência sobre suas populações) ameaçavam se rebelar contra o sistema de divisão territorial imposto pela XI Dinastia.

Foi nesse clima de desordem que um oficial oportunista, na verdade, o Tjati, apoiado por alguns Nomarcas do Baixo Egito conseguiu desposar a filha de Mentuhotep IV e, dessa forma, se tornar o novo Faraó. Seu nome era Amenemhat I e ele viria a se tornar um dos mais famosos Faraós do Egito, pois seria o responsável por uma reforma política essencial que viria a ser adotada no Egito posterior pela maioria dos Faraós.

Para começar, Amenemhat I resolveu abandonar Tebas onde as pressões políticas sobre ele (cuja base de sustentação era o Baixo Egito) eram muito fortes e se mudar para o Fayum. Porém, ele não queria se instalar em Herakleópolis para não dar ao Alto Egito a impressão de que o Faraó governava em prol do Baixo Egito, por isso, mudou-se para uma cidade sem muita expressão até então, chamada Iti-tauí. De lá os Faraós da XII Dinastia, fundada por Amenemhat I, governaram o Egito. Com efeito, esta foi a capital Egípcia durante o Médio Império. A medida política mais importante de Amenemhat I, contudo, não foi a transferência de capital, mas sim uma outra. Antes de falarmos dela, todavia, devemos lembrar que tão logo se estabeleceu na nova capital, o Faraó desfez o que seus sucessores haviam feito, ou seja, devolveu as terras confiscadas aos templos e acabou com a divisão do Egito em quatro, voltando à antiga divisão em 44 Spat.

Falemos agora, finalmente, da inovação de Amenemhat I. Este Faraó sabia que havia podido ascender ao trono devido à redução de membros da família Real operada pelos Faraós da XI Dinastia. Porém, ele também sabia que esta redução se fazia necessária para evitar a proliferação, à volta do Monarca, de pessoas com poder e influência suficientes para exigir "direitos" e favores. Para resolver o problema que ele podia ver que o havia favorecido, mas que ainda poderia vir a colocar o Egito em sérios problemas, Amenemhat I associou seu filho ao trono, dessa forma, ele governava, mas o filho era uma espécie de co-regente e, após sua morte, não haveria a necessidade de uma transição, visto que bastaria que o co-regente assumisse o trono. Na prática, o co-regente não tinha poderes, apenas status. Sua função era a de se tornar conhecido e respeitado como aquele que viria a ser Faraó, isso facilitaria sua legitimação no cargo. A medida de Amenemhat I realmente deu certo visto que, como veremos, reduziu drasticamente (nos momentos de estabilidade política) a velocidade com que se mudavam as Dinastias.

O co-regente era também chamado de "herdeiro necessário" e passava a ser preparado para assumir o trono de seu pai aprendendo tudo o quanto fosse necessário para se governar bem. Para se destacar das demais crianças e/ou jovens, ele utilizava o cabelo quase todo raspado,

exceto por uma trança no lado esquerdo da cabeça. Quando se tornava Faraó, o "herdeiro necessário" tinha sua cabeça inteira raspada e assim iria viver pelo resto de seus dias, como todos os Faraós sempre fizeram.

7.2 – As Duas Capitais do Egito:

Qualquer um que conheça minimamente a História do Egito já ouviu falar em pelo menos duas de suas muitas capitais: Mênfis e Tebas. Realmente estas foram as duas primeiras capitais do Egito unificado, porém, não se deve a isso sua enorme fama.

Mênfis foi a cidade construída (como vimos) pelo próprio e legendário Narmer para ser a capital do Egito unificado. Sua localização foi escolhida a dedo para ficar na intersecção entre o Alto e o Baixo Egito, não diferenciando nenhuma das regiões aos olhos do poder central e até sua Divindade principal, Ptah, foi a responsável pela conciliação entre as Enéades de Heliopolis e Hermópolis.

Tebas, por sua vez, emergiu como potência capaz de operar a reunificação do Egito após quase cem anos de desordens e abalos na Maat. Porém, esta cidade foi abandonada após ter sido residência de apenas três Faraós, portanto, porque veio a se tornar tão importante?

Bem, como foi o Spat de Tebas que teve forças para unificar o Egito, essa força foi considerada advinda de sua Divindade: o obscuro Amon. Até então este Deus sempre existira, mas nunca havia sido mais do que um Deus local, padroeiro de um Spat e sem qualquer relevância no cenário nacional. Com a tendência extremamente centralizadora dos três Faraós imediatamente seguintes à unificação, Tebas se tornou rapidamente o centro político do Egito e, com a drenagem da força do Clero de Ra, o Clero de Amon se tornou, em pouco tempo, o principal do Egito.

A decisão de Amenemhat I de abandonar Tebas e devolver as terras confiscadas ao Clero de Ra favoreceu em muito o culto a esse Deus, porém, os Sacerdotes de Amon, aproveitando-se do descontentamento natural do Alto Egito pela transferência da capital e pela ascensão ao trono de um Monarca apoiado pelo Baixo Egito, começaram uma conspiração contra o poder Faraônico.

Tebas não precisava da presença do Faraó para ser poderosa, o Clero de Amon podia cuidar disso. Com efeito, Tebas se tornou tão mitológica no imaginário Egípcio que, no futuro, seria considerada como sua eterna capital religiosa, mesmo tendo Mênfis voltado a ser a capital administrativa.

7.3 – Sinuhe:

Readquirida a soberania nacional, o Egito reiniciou suas campanhas de dominação sobre as regiões próximas. É verdade que séculos foram necessários para que o Egito pudesse enfim submeter, durante o Antigo Império, a Núbia, os nômades do deserto e o Sinai, bem como realizar campanhas punitivas à Palestina e à Líbia. Porém, sempre era tempo de se reiniciar tais campanhas.

Senuosret, filho mais velho de Amenemhat I e por ele associado ao trono estava justamente em campanha na Líbia quando a conspiração dos Sacerdotes de Amon contra seu pai se deu. O Faraó foi assassinado e como seu "herdeiro necessário" estava longe, seus demais filhos começaram, certamente instigados pelo Clero de Amon, a disputar o trono.

Mensageiros foram enviados para avisar Senuosret do ocorrido, mas a crise ocasionada foi tal que gerou um conto, tal qual as "Admoestações de Ipuwer", porém, encontrado em sua totalidade e, por ser mais recente, com um estilo literário mais bem acabado. A "História de Sinuhe", ou simplesmente "Sinuhe", é considerada a melhor história do Egito Antigo, sendo que, também por sua causa, o Médio Império é considerado a época Clássica da literatura Egípcia, e conta justamente a transição do governo de Amenemhat I para seu filho Senuosret I. Este, aliás, como forma de pacificar o Clero de Amon, mostrando que tinha para com ele baos intenções, construiu em Tebas aquele que seria o maior templo do Egito e talvez de toda a Antiguidade: o Templo de Karnak (como veremos, no item sobre o Novo Império, este templo viria a ser não apenas a sede do Clero de Amon, mas também a principal forma de legitimação do poder Faraônico).

No entanto, a principal preocupação do autor não foi retratar o assassinato do Faraó, que nem sequer é mencionado na obra (diz-se apenas que ele morreu), nem a ascensão de Senuosret I ao trono, mas sim, dado o reinício das campanhas militares internacionais, manifestar a preocupação Egípcia em se morrer fora do Egito. Com efeito, a universalização (dentro do Egito e para os Egípcios, que fique bem claro) do conceito de *ka* (que já foi referido) fez com que todo Egípcio adquirisse uma grande preocupação com seus ritos fúnebres, sendo assim, a possibilidade de se morrer em combates e, o que é pior, fora do Egito soava tétrica. Não receber os ritos fúnebres devidos era ser condenado à destruição após a morte, sem nem mesmo a chance de se defender frente ao tribunal de Osíris.

Não transcreverei "Sinuhe" como fiz com as "Admoestações de Ipuwer" porque não julgo necessário, afinal, este conto é bem maior que o outro e sua história, apesar de mais bem acabada, muito mais simples.

Em termos gerais, Sinuhe, um cortesão, após a morte do Faraó e frente ao conflito iminente entre Senuosret e seus irmãos, passa a temer por sua vida, pois o vitorioso certamente iria exterminar a corte e eleger um

séqüito próprio entre seus homens de confiança. Por isso, Sinuhe foge para a Líbia. Quando vaga pelo deserto, já quase morto, é encontrado e salvo por um beduíno e este o torna seu braço direito. Em várias ocasiões Sinuhe se mostra leal ao Egito (mesmo tendo fugido do país por medo e mesmo sendo tentado pelos beduínos a não sê-lo), o que mostra a superioridade de espírito dos Egípcios em relação aos estrangeiros. Com o tempo Sinuhe se torna um grande líder guerreiro, dono de muitas terras e conselheiro do chefe. Porém, à medida que a velhice se aproxima, especialmente após vencer um combate muito difícil contra um indivíduo que o desafiara, ele passa a pensar constantemente no Egito e a rogar para que os Deuses o ajudem a voltar em segurança para lá, para que possa ser sepultado dignamente. Os Deuses intervém em favor de Sinuhe e levam um seu velho amigo a perguntar por ele (mesmo à custo de sua própria vida) para o Faraó. Senuosret I, contudo, vendo que o requisitante, mesmo tendo falado em sua presença sem obter permissão, pedia sinceramente, concorda em ajuda-lo e, sendo assim, envia batedores para todas partes à procura de Sinuhe. Estes o encontram e o trazem de volta para o Egito onde o Faraó o cumula de honras e bens, inclusive a honra máxima, um túmulo próximo ao seu.

Falarei mais sobre as práticas funerárias do Médio Império no item devido.

7.4 – A Decadência do Médio Império e suas Razões:

O Médio Império durou menos tempo do que o Antigo Império e, também por isso, foi constituído de menos Dinastias, apenas uma (a XII) e parte de outra (os últimos três Faraós da XI). Porém, nem por isso ele deve ser visto como um período de fraqueza ou de não tanta glória para o Egito.

Como já lemos, várias mudanças religiosas, políticas e sociais ocorreram nesta época, mas também mudanças tecnológicas como a entrada do Egito na Idade do Bronze ocorreram neste período. Na verdade, os Monarcas do Médio Império restabeleceram os contatos comerciais com os países estrangeiros que haviam sido quebrados com a desintegração do Antigo Império. Punt, Biblios, Creta, Núbia e Sinai voltara a fornecer os mais variados materiais ao Egito, desde ouro, prata e marfim até madeira e pedras.

As expedições militares também voltaram a ocorrer e com elas aumentou a afluência tributos e de escravos capturados. Para se ter uma idéia, o Faraó Amenemhat I, em sua ânsia por combater os beduínos do oriente (que viviam nas proximidades do Sinai e para onde Sinuhe, em sua história, deve ter fugido), construiu uma verdadeira coluna de fortalezas na fronteira oriental do Delta. Ao que parece eram 14 ao todo.

Também a Núbia voltou a ser submetida. Se no Antigo Império os Faraós havia podido tomar a primeira catarata do Nilo e conquistar toda a região entre esta e a segunda catarata, no Médio Império, sob o governo de Senuosret III, foram ainda mais longe, conquistaram toda a região entre a primeira e a terceira cataratas, tendo estabelecido fortalezas para a defesa das posições conquistadas.

Senuosret III, do ponto de vista militar, foi o principal Faraó desse Período da História do Egito, as fontes não são claras, mas é possível que tenha chegado a realizar uma expedição militar à Palestina. As expedições militares eram constantes e se faziam, no mais das vezes como formas de aquisição de tributos. De um ponto de vista mais contemporâneo, sem exageros nós poderíamos associar estas expedições a campanhas de pura pilhagem, visto que os Egípcios nem sequer se davam ao trabalho de assinar tratados de paz ou mesmo deixar guarnições para garantir o pagamento de novos tributos. Essas expedições seriam o mesmo que se o Brasil estivesse precisando de dinheiro e/ou algum produto que a Argentina dispõe, ele pura e simplesmente atacasse a Argentina, roubasse aquilo que deseja e depois fosse embora. O Egito tratava seus vizinhos como reservas infindáveis de recursos os quais bastava-se ir até lá e pegar.

Não devemos, todavia, exagerar o poder dos exércitos Egípcios. Como já foi falado, nenhum tipo de animal de tração era utilizado, sendo assim, os exércitos marchavam à pé o que demorava e diminuía sua capacidade destrutiva. Tão pouco existiam máquinas de cerco como aquelas que serão inventadas na Grécia posteriormente (torres de cerco, catapultas e balistas, principalmente). O arco e flecha já era utilizado, se bem que não ainda nas proporções que viria a ser no Novo Império. Apesar da metalurgia do bronze estar sendo desenvolvida no Egito (diga-se de passagem, com um atraso de cerca de mil anos em relação à Mesopotâmia), ela ainda não era empregada na fabricação de armas. Estas eram ainda de madeira, cobre e couro (especialmente as armaduras). Armaduras agora já eram empregadas com maior alcance, mesmo assim, muitos soldados ainda lutavam sem qualquer proteção. Finalmente, não devemos nos esquecer do fundamental: os Egípcios temiam os combates, pois estes representavam chances muito grandes de se morrer fora de casa e, sendo assim, empregavam grandes contingentes de mercenários como suas tropas principais, o que (pela própria motivação) reduzia a eficiência dos exércitos.

Se a decadência do Antigo Império é um tanto quanto confusa, a do Médio Império não é muito mais clara. Ao que parece, a política desenvolvida por Amenemhat I e continuada por seus sucessores da XII Dinastia, ou seja, devolver as terras confiscadas aos templos e os títulos caçados aos Nomarcas, contribuiu para um isolamento da Realeza, de modo que seu poder efetivo se limitasse ao Fayum, aliás, essa região era

nitidamente a mais favorecida do Egito durante esse período, afinal, seus pântanos foram drenados, barragens foram construídas e a capacidade agrícola foi consideravelmente ampliada. É certo que as campanhas militares e o controle sobre o exército davam ao Faraó a legitimidade necessária para governar o país inteiro, mas não lhe davam o mesmo reconhecimento e devoção de que dispunham os Monarcas do Antigo Império, especialmente em seu período de maior glória: a IV Dinastia.

Contudo, a causa mais provável da decadência do Médio Império é a que a relaciona ao início da infiltração dos povos Indo-Europeus no contexto do Mundo Mediterrâneo. Sobre isso, acredito ser melhor dedicar um item à parte.

7.4.1 – Os Povos do Mar:

A designação "Povos do Mar" engloba uma vasta gama de povos que começaram a se infiltrar no contexto do Mundo Mediterrâneo no final do III milênio a.C. e que, por volta do final do II milênio, tinham operado uma mudança radical na ordem estabelecida até então naquela região. Outra designação possível para esses povos é "Povos Indo Europeus". Ambos os termos são ruins e quase completamente vazios de sentido. Não se pode definir seriamente um grupo como sendo Indo Europeu, exatamente pelo fato de que a Índia e a Europa se situam a milhares de quilômetros, espaço suficiente para o surgimento de diversas civilizações sem qualquer correspondência cultural. Já Povos do Mar se refere à aparente impressão de que tais povos visavam atingir o Mediterrâneo, visto que só interromperam suas marchas para o oeste quando o encontraram.

Dentro dessas designações se encontram povos como os Assírios, os Hititas, o Mitanitas, os Dórios, os Medos, os Persas e outros. A grande vantagem tecnológica que esses povos dispunham se referia ao campo bélico. Uns, como os Dórios e os Assírios, chegaram ao Mediterrâneo conhecendo a metalurgia do ferro enquanto os povos da região ainda estavam na Idade do Bronze, por isso, possuindo armas melhores, conquistaram facilmente seu espaço. Hititas, Medos e Persas, bem como também os Assírios, conheciam a técnica de se prender animais a carros e assim, criar veículos de guerra rápidos e destruidores: os carros de guerra.

Muitos povos inclusos nesse grupo chegaram ao contexto do Mediterrâneo Oriental num período de 1000 anos (entre 2000 e 1000) e, para Mâneton, os Hicsos eram um deles.

Os Hicsos, cujo nome em Egípcio significa "Príncipes de Países Estrangeiros" (o que, portanto, não significa que este fosse o nome pelo qual este povo se chamava a si mesmo) começaram a invadir e se estabelecer no Delta oriental por volta de 1800. As fortalezas construídas na região com o intuito de barrar os beduínos e talvez as primeiras incursões

desses povos invasores nada puderam fazer e, pelo contrário, uma vez sobrepujadas, passavam a pertencer ao inimigo, tornando-se parte de sua própria linha de defesa.

A perda do Delta oriental fez com que o governo central praticamente abandonasse a região do Delta, o que fez com que os Líbios também se encorajassem a atacar o Delta em seu lado ocidental. Visando se defender dos ataques Líbios e sem poder contar com a ajuda do poder central, as populações do Delta ocidental se uniram criaram uma Dinastia independente da Dinastia Reinante. Esta Dinastia é conhecida com sendo a XIV.

Você disse XIV? Deve haver um erro, você ainda não mencionou uma XIII Dinastia. A Dinastia Reinante no Fayum é a XII, certo?

Bem, é praticamente isso. Na realidade, a XIII Dinastia não tem muitos registros, nem sequer governantes (são apenas três: Sebekhotep III, Khasekhemrá Neferhotep, e Meryankhrá Mentuhotep). Teria sido uma continuação natural da XII Dinastia, tendo, inclusive, Reinado em Iti-tauí. O que pode ter ocorrido é que dada a perda do Delta (principal componente do Baixo Egito, a base de apoio da XII Dinastia), uma crise política pode ter se abatido sobre a Realeza e feito com que o poder passasse às mãos de outra família.

Quanto a se fortificarem, como eu tinha dito que os Hicsos haviam feito no Delta oriental, bem eles construíram uma cidade, Avaris (a primeira cidade murada do Egito), e, de lá se lançaram contra todo o país, conquistando-o por volta de 1640.

7.5 – Práticas Funerárias do Médio Império:

Depois da descentralização política ocorrida no Primeiro Período Intermediário, com a reunificação do Egito operada por Mentuhotep II, os Faraós voltaram a possuir recursos para construir túmulo imponentes. No entanto, os saques dos túmulos dos Faraós do Antigo Império fizeram com que um novo ideal de sepultura começasse a ser formulado.

Primeiramente é interessante que se note que a restauração do comércio com Biblos possibilitou aos Egípcios voltar a construir barcos de cedro. Desses, os mais suntuosos pertenciam ao Faraó e por serem tão caros e belos, quando seu proprietário Divino falecia, eram com eles sepultados. Sendo assim, retomou-se no Médio Império a prática do Antigo Império de se sepultar os Faraós com seus barcos. No Antigo Império essa prática havia se difundido tanto que Imhotep, na falta de cedro (ou talvez por saber que o cedro é passível de destruição pelo tempo e a pedra não), construiu um barco de pedra para o conjunto funerário de Djeser.

Com medo dos saques, Mentuhotep II construiu para si o primeiro túmulo escavado na rocha da história do Egito. Como já foi mencionado, o

túmulo em si não era a única coisa a compor a paisagem funerária do complexo de um Faraó morto. Além dele haviam a capela, o santuário e também a pirâmide (que, no caso de Mentuhotep II) não era o túmulo, mas apenas um monumento fúnebre, talvez construído com o intuito de enganar possíveis ladrões.

Na medida em que foi se percebendo que a restauração da autoridade central bastara para coibir os roubos, os Faraós, especialmente os da XII Dinastia, voltaram a construir pirâmides. Estas, no entanto, não eram tão grandes nem tão suntuosas quanto as do Antigo Império e, ao contrário daquelas que eram construídas em Necrópoles à beira do deserto, estas foram construídas no próprio Fayum. Isso se deve talvez à falta de recursos (pois como já foi mencionado, o governo não era tão soberano assim) ou, mais possivelmente, à falta de fé, visto que a construção de pirâmides não se dava com mão-de-obra escrava (como vemos em filmes hollywoodianos antigos), mas livre. Os trabalhadores colaboravam por convocação, mas, sobretudo, por fé, afinal, estavam construindo a casa eterna de seu Deus Vivo, por isso, na medida em que a importância religiosa do Faraó decresceu (deve-se notar que ele continuava venerado e cultuado como um Deus (aliás, os cultos Egípcios ao Faraó, mesmo nas épocas de menor intensidade, fariam qualquer fanático religioso dos dias de hoje parecer um homem sem fé), apenas não tão fanaticamente quanto antes), o vigor da construção também o fez. Os templos eram agora mais valorizados e continuariam a sê-lo até o final da Históriaa do Egito.

Uma prática funerária importante e interessante que surgira no final do Antigo Império, mas que fora restaurada no Médio e que perduraria pelo Novo foi a prática de o Faraó financiar, em vida, a construção de uma vila à beira do deserto onde haveria um santuário seu. Após sua morte, as pessoas daquela vila ficariam responsáveis por manter sua memória viva. Essas pequenas comunidades vivam uma vida monástica praticamente à parte do resto do Egito e perduraram até a Era Cristã, quando finalmente foram atingidas por missionários Cristãos que viram nelas uma grande oportunidade de perpetuação de seu culto, sendo assim, converteram-nas e fizeram delas os famosos mosteiros do deserto do Egito Medieval, de que nos fala Peter Brown. Mosteiros onde surgiram diversas das teorias tidas como heréticas pela Igreja e que foram responsáveis pela gestação do fanatismo religioso Cristão no Egito. Fanatismo esse que, aliado ao Islâmico, foi responsável pela destruição de muitas peças remanescentes do passado “pagão” do Egito. É, parece que o destino do Cristianismo no mundo foi destruir, da mesma forma que um câncer faz com o corpo do paciente, toda a memória histórica (tratando tudo, cada prédio, cada documento como sendo de cunho religioso e, portanto, perigoso; parece que se trata de uma fé que não se basta em si, precisa eliminar as outras para evitar a competição teológica (o que é natural, na medida em que,

como veremos, a teologia Cristã de original nada tem, sendo uma série de compilações de teologias mais antigas como a própria Egípcia)) das civilizações em que se infiltrou.

8 – O Segundo Período Intermediário:

O Egito sempre fora uma civilização pautada na manutenção da ordem e das coisas como elas sempre haviam sido, por isso, nada mais natural que os períodos de maiores progressos desta civilização tenham sido justamente aqueles em que a manutenção das coisas, pela falta de uma autoridade central forte, se havia tornado impossível. Já havia sido assim no Primeiro Período Intermediário e seria assim também no Segundo.

Como já foi dito, por volta de 1800, povos estrangeiros, provavelmente vindos da Ásia, conseguiram transpor os "Muros do Príncipe" (nome pelo qual fora batizada a cadeira de fortalezas do Delta oriental) e se instalar naquela fértil região do Egito. A esses povos, Mâneton, e possivelmente também os Egípcios do início do II milênio, chamou Hicsos.

Os Hicsos, com seus carros de guerra, suas armas de bronze e uma vida acostumada a marchas constantes, puderam romper as defesas Egípcias instaladas no Delta e, delas se apoderando, se instalar na região sem dar ao governo central da XII, e depois da XIII, Dinastia a chance de expulsa-los de lá.

Por cerca de 250 anos o Egito esteve mergulhado num período de conflitos constantes onde chegaram a existir até três Dinastias concorrentes. Inicialmente havia a XII Dinastia (a Dinastia oficial) governando do Fayum e com autoridade sobre todo o Alto Egito, esta foi substituída pela XIII Dinastia que, por algum tempo, ainda conseguiu manter o controle sobre as mesmas regiões; se bem que esse controle era; como vimos; apenas relativo na medida em que o Faraó só podia se dizer soberano absoluto do próprio Fayum. No Delta ocidental, com o intuito de se defenderem de Líbios e de Hicsos, as populações se uniram e formaram a efêmera XIV Dinastia. No Delta oriental, baseados na cidade de Avaris, os Hicsos estabeleceram a XV Dinastia, sendo que depois conseguiram conquistar também as regiões do Delta ocidental e assim, estabelecer a XVI Dinastia naquela região.

Todos esses movimentos militares fizeram com que o Egito tivesse sua soberania estilhaçada. Com efeito, com o Delta nas mãos de estrangeiros, o comércio com o Mediterrâneo se tornava impossível, bem como as expedições ao Sinai se tornavam impraticáveis (pela proximidade da região com o Delta oriental e, portanto, com o centro de poder dos Hicsos).

Sem os minérios do Sinai e sem o comércio com Biblos e Creta, a XIII Dinastia não teve escolha a não ser se limitar a explorar o máximo que

podia a Núbia. Contudo, os esforços militares que tais expedições demandavam começaram a também se tornar inviáveis. Parecia que o fim havia chegado à civilização Egípcia.

De fato, desde a unificação do Egito, nunca havia ocorrido o que viria a ocorrer: por volta de 1700, depois de já terem submetido todo o Delta ao poder de Avaris (sua capital fortificada), os Hicsos começaram a subir o Nilo e assaltar também o Alto Egito. Uma a uma as cidades Egípcias foram sendo tomadas e, rapidamente a XIII Dinastia foi deposta do poder. O Egito passava, pela primeira vez em sua História, a ser controlado por estrangeiros.

8.1 – O Governo dos Hicsos:

Na realidade, os Hicsos nunca conseguiram submeter todo o Egito ao seu domínio, havia regiões no extremo sul que se mantiveram independentes, além disso, o próprio Fayum nunca aceitou o domínio estrangeiro e parece que a XIII Dinastia continuou Reinando na região por todo o Segundo Período Intermediário.

Mesmo assim o ímpeto migratório, que havia trazido os Hicsos sabe-se lá de onde até o Egito, cessara. A invés de seguir sua marcha para o ocidente, os Hicsos decidiram se estabelecer no Egito. Estavam desejosos de se Egipcianizar. Parecem ter adorado a cultura Egípcia, tanto assim que ao tomarem o poder nacional (ou a maior parte dele), adotaram Set, justamente o Deus dos Estrangeiros, dos Desertos, dos Animais (seus cavalos, por exemplo) e do Caos, como seu Deus Dinástico. Era a volta, depois de tantos séculos passados desde o final da II Dinastia, de Set ao trono do Egito.

A tomada do poder pelos Hicsos devolveu a independência à Núbia, pois, com efeito, os estrangeiros que não haviam conseguido atingir nem mesmo as regiões mais ao sul do próprio Egito, jamais conseguiriam transpor as cataratas do Nilo para impor seu domínio à Núbia. Outras importantes mudanças trazidas pelos Hicsos ao Egito foram a introdução da criação de cavalos e da fundição do bronze.

A situação da população, no entanto, não era das melhores, se por um lado há suspeitas de que durante o Primeiro Período Intermediário tenha havido um resfriamento do clima da África Central de modo a ocasionar cheias muito diminutas, no caso do Segundo Período Intermediário essas suspeitas se comprovam através de documentos da época. Com efeito, a política centralizadora dos últimos Monarcas da XI Dinastia fez com que os diques de irrigação pública fossem desvinculados das tarefas dos Nomarcas e vinculados às tarefas do Faraó. No entanto, se por um lado essa medida visava criar uma maior interação entre as regiões. Por outro, com a falência do poder central, os diques estavam fadados a também deixarem de ser

cuidados, o que, certamente, ocasionaria fome e más colheitas (independentemente de cheias menos potentes do Nilo).

Seja como for, o fato é que existem relatos de fome extrema assolando o Egito em todas as partes, mas, sobretudo no Alto Egito. É compreensível que, com o fracasso da agricultura, os homens se voltassem para o extermínio dos animais como forma de busca por alimentos. Porém, depois que os animais de criação se esgotaram e que os poucos animais disponíveis também já haviam rareado, não sobraram alternativas a algumas populações além do extermínio mútuo, em outras palavras, o canibalismo.

Em algumas localidades do centro da África essa prática ainda hoje ocorre. Em geral ela tem caráter muito mais místico (com o indivíduo que come a carne absorvendo as qualidades daquele que é devorado) do que gastronômico. No entanto, não é de se estranhar que acabe se tornando um recurso de uma comunidade assolada pela fome. É a luta pela sobrevivência: vale qualquer coisa!

Aos poucos, o governo dos Hicsos foi se fragmentando dentro de si próprio. Parece que uma facção dissidente fundou no Delta ocidental uma nova Dinastia, a XVI. Além disso, em Tebas, no Alto Egito, os Sacerdotes de Amon, que ainda dispunham de algum poder e de muita organização (algo que naqueles tempos difíceis se fazia mais importante do que qualquer outra coisa), iniciaram uma luta contra os invasores estrangeiros. Por volta de 1650 eles nomearam Nebkheperrá Inyotef VII como Faraó, o que constituía um cisma decisivo dentro do poderio Hicso.

8.2 – A Reunificação do Egito:

Assim como Amon havia comandado a reunificação do Egito após o Primeiro Período Intermediário, também ele (mais precisamente seu clero) o fez no Segundo Período Intermediário. A situação, contudo, era diferente da anteriormente encontrada. Dessa vez os Spat não se haviam tornado independentes como após o declínio do Antigo Império, além disso, dessa vez havia um inimigo externo dentro das terras do Egito e esse inimigo precisava ser combatido.

Se, como vimos na leitura das “Admoestações de Ipuwer”, o simples fato de estrangeiros serem tratados como iguais, no final do Antigo Império, já causava aos Egípcios uma grande dor; imaginemos então o que não lhes causaria a sensação de serem governados por “Príncipes de Países Estrangeiros” (significado da palavra Hicsos, proveniente do termo *hekau-khasut*).

Por quase cem anos os soberanos da XVII Dinastia de Tebas deram combate aos invasores. Inicialmente eles estavam em desvantagem, mas,

motivados pelo orgulho nacional e talvez pela fome, não desistiram de suas intenções.

A sorte Egípcia começou a mudar por volta de 1633, ano em que os registros sobre a XIII Dinastia de Iti-tauí, no Fayum, desaparecem completamente. É de se supor que estes soberanos locais, mas vivendo dentro de uma verdadeira "torre de marfim" dentro de um oceano de caos tenham se unido, se rendido ou mesmo sido destruídos e conquistados pelos soberanos da XVII Dinastia de Tebas.

De qualquer maneira, a aquisição de uma região produtiva como o Fayum havia se tornado depois das reformas operadas nele pela XII Dinastia para a causa da luta contra os Hicsos pode ter sido fundamental. É possível que a estabilidade da dieta tenha sido novamente alcançada, o que deu mais ânimo para a continuidade das lutas que, em 1567, expulsaram os Hicsos do Egito, reunificando-o outra vez.

8.3 – Sobre o Destino dos Hicsos:

Como já foi explicado, não se sabe ao certo de onde provinham os Hicsos. Se eram um povo só ou uma leva de vários povos. Não se sabe nada sobre seus cultos originais ou mesmo sobre seu destino após sua expulsão do Egito.

Os seres humanos, em geral, tendem a não suportar a realidade do não-saber, por isso, formulam teorias, investigam, pesquisam, lêem e, em última instância, acreditam... Sendo assim, aonde chegamos?

Bem, não se sabe sobre um povo que tenha sido expulso do Egito e que se tenha tornado uma ameaça invasora em qualquer outra região do norte da África ou do Oriente Médio, sim, pois estas duas rotas seriam as mais prováveis para um povo que nunca tinha ousado sequer chegar até as cataratas do Nilo e que, para faze-lo teria que cruzar Tebas, o centro de poder daqueles que os estavam expulsando. Como não se tem notícias sobre tal leva migratória, o que se pode acreditar é que os Hicsos não tenham de fato sido expulsos, mas, sim, sido assimilados pela população Egípcia.

Mas espere, você não disse e reforçou que os Egípcios não consideravam os estrangeiros como pessoas? Sendo assim, como podem tê-los aceito no seio de sua população mesmo depois de terem sofrido com sua dominação?

Bem, a resposta a essa pergunta é óbvia, se bem que não definitiva. Os Hicsos devem ter sido escravizados pelos Egípcios e, dessa forma, terem sido forçados a pagar pelos anos em que os oprimiram com seu domínio.

Espere aí! Conheço essa história de povo que impôs seu domínio sobre o Egito e que depois de se ver derrotado acabou escravizado... Sim, os Hicsos devem ser os Hebreus! Certo?

Para sermos sérios, não podemos confirmar nem recusar completamente esta hipótese. É sim bastante plausível que os Hicsos tenham sido Hebreus errantes que, por volta do início do século XVIII a.C. invadiram o Delta oriental do Egito em busca de terras melhores do que as suas. Como se sabe, a região que hoje corresponde a Israel e à Cisjordânia nem sempre foi habitada por Hebreus (ou Judeus, mas me referirei a este povo como Judeus apenas depois da criação do Judaísmo, não antes). Este povo pode muito bem ter sido um dos primeiros Povos do Mar, oriundos dos confins da Ásia e introduzidos no contexto do Crescente Fértil. É verdade que quando me referi ao Médio Império, disse que Senuosret III teria realizado uma expedição militar à Palestina, no entanto, não disse que povos ele teria combatido na região. Não é possível saber com certeza. Talvez até mesmo os próprios Hebreus que, como recém-chegados à região, talvez estivessem causando problemas com tentativas de ataques ao Sinai, quem sabe?

Realmente é tentador, especialmente para os Judeus e Cristãos de hoje, pensar que os Hicsos podem ter sido os Hebreus, afinal, isso justificaria que a Bíblia está correta no que tange a tais episódios contados no livro do Êxodo (livro que também é parte integrante do Torah dos Judeus). Porém, pensando de um ponto de vista mais cético, também temos que concordar que o Velho Testamento é uma compilação (obviamente de caráter fortemente ideológico) dos principais acontecimentos da História do Crescente Fértil dos quais se tinha conhecimento através da tradição oral. Muitas Histórias nele presentes foram modificadas pelo passar dos séculos e acabara sendo compiladas de modo a parecerem um amontoado de provações de Javeh (o Deus dos Judeus e Cristãos) para com seus filhos. Nesse contexto, podemos depreender do Velho Testamento diversas passagens da História de outros países, mas, em especial, como estudaremos mais adiante, do Egito.

Neste trabalho, até mesmo como forma de poupar especulações demasiadas, mas também como forma de melhor interar o leitor com aquilo que está lendo, considerarei que os Hicsos eram Hebreus e, sendo assim, que, após sua derrota frente aos Tebanos, acabaram servindo como escravos no Egito.

No entanto, recomendo muita atenção ao leitor para um assunto de suma importância: o filme “Os Dez Mandamentos”, onde Charleton Heston interpreta Moisés, principal responsável, pela formação do imaginário popular moderno acerca da vida no Egito Antigo e, sobretudo, acerca da vida dos Hebreus no Egito, em nada tem de verdadeiro. Eu poderia escrever um outro texto apenas sobre esse filme (e talvez um dia eu o faça),

mas, por agora, o que mais importa e ressaltar que os Hebreus ainda não eram Monoteístas quando (e se) estiveram em cativeiro no Egito. Como explicaremos mais adiante, o Monoteísmo Hebreu ainda demoraria alguns séculos para surgir.

8.4 – Práticas Funerárias no Segundo Período Intermediário:

Este é o período mais nebuloso da História do Egito no que se refere às práticas funerárias. Com efeito, não sabemos como os Hicsos enterravam seus mortos, ou mesmo se o faziam, porque, pelo fato de Avaris se localizar no Delta, e pelo fato de aquela região ser freqüentemente alagada sendo semi-pantanosa, a maior parte dos vestígios arqueológicos acabou destruída. Mesmo Mênfis, capital secular do Egito tem suas escavações muito dificultadas pela destruição das águas do Nilo. Sendo assim, infelizmente, nada sabemos sobre as práticas funerárias Dinásticas dos Hicsos.

Contudo, no tocante às práticas funerárias da população nesse período, sabemos que a mumificação, bem como o sepultamento o mais digno possível, continuaram ocorrendo. A XIII Dinastia do Fayum, enquanto existiu, construiu pirâmides naquela região e os Faraós da XVII Dinastia de Tebas iniciaram a construção de túmulos escavados nas rochas. Com efeito, os túmulos nas rochas foram a saída encontrada para combater os saques generalizados que se abateram sobre as tumbas Faraônicas no Segundo Período Intermediário, de forma ainda mais epidêmica do que no Primeiro.

Outra inovação introduzida nos enterramentos do final do Segundo Período Intermediário, especialmente nas primeiras tumbas escavadas nas rochas, foi o Livro dos Mortos. Esses livros eram longos pergaminhos ricamente pintados e decorados que continham informações importantes sobre como ser bem sucedido no julgamento dos Deuses no Tribunal de Osíris. Não havia qualquer garantia de que o portador de tais livros adentraria em Amentet, o livro servia apenas como uma espécie de “cola”, um lembrete para que o morto não se esquecesse do que deveria declarar e de como agir na presença dos Deuses. É possível que tais livros tenham sido criados para evitar que o choque da presença Divina atrapalhasse o raciocínio do morto. Porém, também há indícios de que bem cedo estes Livros dos Mortos tenham se tornado uma grande forma de arrecadação financeira do Clero de Amon em Tebas.

9 – O Novo Reino:

Em 1567, Ahmés, um Faraó de Tebas, conseguiu tomar Avaris e impor uma derrota definitiva aos Hicsos. O Faraó voltou a Tebas cumulado

de glórias e, por seu feito heróico, data de seu governo o estabelecimento de uma nova Dinastia: a XVIII. Estava iniciado o período Clássico da História Egípcia: o Novo Império.

Antes de mais nada, só a título de elucidação, é bom que os leitores compreendam o que significa delimitar um período como sendo Clássico. Clássico é o período da História de uma civilização em que ela não só atinge o apogeu de suas técnicas artísticas, militares, políticas, tecnológicas e sociais, mas, especialmente, o período que melhor caracteriza aquela civilização como um todo, ou seja, o "período modelo" daquela civilização. No caso do Egito, embora a figura mais conhecida de sua História seja Cleópatra (que, como veremos, foi sua última governante, tendo vivido no período anterior à conquista Romana da região) e ainda embora as construções Egípcias que mais povoam o imaginário popular ao redor do globo sejam as Pirâmides (como vimos, construídas no Antigo Império); mesmo assim, o período que melhor compreende o que foi a civilização Egípcia é aquele conhecido como Novo Império.

Além de ser já considerado como o Período Clássico da História do Egito, o Novo Império será também o eixo central desta obra, pois é durante este período que se constrói, consolida e, no final dele, desmorona aquilo que foi o primeiro Império Internacional do Mundo: O Império Egípcio.

Pois bem, comecemos pela recuperação da narração da História da reunificação do Egito perpetrada pela XVII Dinastia de Tebas e concluída por Ahmés (em Grego o nome deste Faraó é Ahmosis e como as principais fontes acerca do Novo Império são Gregas, muitas vezes será visto seu nome grafado desta maneira, no entanto, neste texto optei pela grafia que mais se assemelha à original Egípcia, retirada do Copta, como já mencionei na Introdução). Este Faraó é um daqueles homens legendários, sobre o qual não se sabe muito, aliás, não se sabe nem se quer se existiu realmente ou se não passa de um Faraó mítico criado para explicar e marcar uma transição entre um período de caos e um novo período de ordem. Em todos os sentidos, Ahmés está para o Egito assim como Narmer, ou seja, um ancestral fundador cujo governo é envolto em lendas e sombras e cujo grande feito parece ter sido apenas a unificação, ou reunificação, no caso de Ahmés.

O processo de guerras contínuas por quase cem anos que culminou com a derrota dos Hicsos deu ao Egito não apenas a restauração da soberania sobre seu território e as inovações trazidas pelos invasores (entre elas se contam diversos tipos de frutas, o gado zebu, alguns legumes, a metalurgia do bronze (e as conseqüentes armas desse material), roldanas e guindastes há muito utilizados na Mesopotâmia, o gado eqüino, os carros de guerra e a disseminação do uso do arco e flecha, até então muito restrito), mas, especialmente, uma inovação criada no Egito e que viria a ser a responsável, juntamente com as novas técnicas militares introduzidas

pelos Hicsos, pela viabilização da construção do Império Egípcio nos próximos anos. Essa inovação foi a criação de um exército nacional.

Pela primeira vez o Egito tinha um corpo militar fixo e grande o suficiente para realizar campanhas militares constantes em todas as partes. É verdade que desde o Antigo Império o uso de mercenários estrangeiros já era disseminado no Egito, no entanto, estes serviam apenas como uma espécie de guarda palaciana, nunca sendo usados em ataques a países estrangeiros. O novo exército nacional era dividido em diversos pelotões chefiados por comandantes e generais, todos submetidos à autoridade suprema do Faraó que, devido aos conflitos geradores da nova ordem, emergira, mais do que nunca, como um grande líder militar. Os soldados, por sua vez, eram pagos em ouro e trigo para não terem que se dedicar a outra coisa senão o serviço militar, sendo assim, em qualquer época do ano o Egito dispunha de um contingente armado e, sobretudo, bem treinado, para realizar campanhas onde quer que fosse.

O treinamento militar profissional também passou a existir no Egito. Antes, o grosso dos contingentes militares era composto de aldeões livres do trabalho pela cheia do Nilo. Agora, com a profissionalização do exército, os soldados que não estavam combatendo estavam em quartéis sendo treinados e, com isso, melhorando suas técnicas militares. O uso de bigas e do arco e flecha modificou completamente o modo de combater dos Egípcios. Se antes muitos homens perdiam as vidas em combates corpo-a-corpo, agora os combates, centrados em disparos à distância e em ataques com lanças realizados por lanceiros em cima das bigas reduziam muito as perdas Egípcias. Com a conquista das primeiras regiões (novamente a Núbia e a Líbia); novo contingente de mercenários foi introduzido no contexto do Egito, estes, destinados à infantaria e, sendo assim, a uma morte mais provável.

Já que estamos falando das técnicas militares básicas, falemos um pouco mais sobre as bigas. Estes carros de guerra foram amplamente utilizados no Egito e em muitos países do Crescente Fértil. Posteriormente, Gregos e Romanos ainda fariam uso deles, mas com algumas incorporações, como sua transformação em quadrigas (puxadas por quatro cavalos ao invés de dois) e a adaptação de facas nas extremidades das rodas de modo a que cortassem as pernas das tropas de infantaria que ousassem se interpor ao seu lado. Porém as bigas Egípcias ainda não contavam com tais adendos, eram meros carros de guerra puxados por dois cavalos. No carro, em si, iam de três a quatro homens, cada qual eximiamente treinado em sua função, com efeito, a biga estava para o Novo Império do Egito assim como o cavalo estava para a Nobreza feudal da Idade Média. Os ocupantes do carro de guerra eram:

1 – O Condutor: Geralmente o mais velho e experiente dos ocupantes da biga. Tinha que estar apto a conduzir ambos os cavalos à

mesma velocidade para evitar acidentes, inclusive desviando prontamente de desníveis no terreno que poderiam fazer a biga capotar, além de manobrar de modo a buscar os melhores ângulos para os combatentes que com ele estavam. O condutor não portava quaisquer armas e era geralmente o único da biga a utilizar armadura (uma vez que se todos os ocupantes vestissem armaduras, o peso seria muito grande e a velocidade diminuiria). Na realidade, o uso de armadura pelo condutor era indispensável, pois, caso ele fosse atingido e morto, todo o conjunto estaria comprometido, ele era a peça chave. Em geral, os Faraós eram treinados desde a infância para esta função, se bem que alguns tenham preferido ocupar outras.

2 – O Arqueiro: Outra função indispensável das bigas. O arqueiro era alguém com muita desenvoltura com o arco e flecha, geralmente o responsável pelo maior número de mortos entre as fileiras inimigas. Justamente por esse caráter decisivo na batalha, muito Faraós optaram por desempenhar esta função em seus respectivos carros de guerra. O arqueiro geralmente se posicionava entre os outros três ocupantes da biga e tanto por não ter aonde se segurar, quanto por ter que utilizar ambas as mãos para operar o arco e as flechas, mantinha-se sobre o carro porque era amarrado a ele. Além de um lugar no piso da biga para que seus pés fossem encaixados, havia também uma corda que o prendia pela cintura à própria estrutura do carro. Com efeito, o arqueiro era o ocupante que tinha menos chances de cair da biga. Em geral suas flechas eram disparadas para trás, tanto por uma questão de facilidade, quanto para evitar acidentes, como acertar um dos companheiros ou um dos cavalos.

3 – O Lanceiro: Num dos lados da biga se localizava o lanceiro. Algumas vezes este indivíduo também era amarrado à biga, mas, em geral, não. Além da lança, o lanceiro geralmente possuía um kopesh na cintura para a eventualidade alguém se aproximar demais e de ele próprio vir a cair, ficando no meio do campo de batalha. Sua função primordial era impedir que inimigos se aproximassem demasiadamente da biga, o que poderia não só assustar os cavalos, como também ferir o condutor ou mesmo tombar o carro. Quando ocorria de o arqueiro vir a perecer, às vezes a biga era utilizada para realizar rápidas escaramuças nos flancos da infantaria inimiga, sendo assim, o lanceiro se fazia ainda mais útil.

4 – O Ajudante: O quarto ocupante da biga, quando havia, era uma espécie de coringa. Em geral um jovem; ainda em treinamento; que estava indo junto com o exército para adquirir experiência prática nos combates, o ajudante podia desempenhar qualquer uma das funções, exceto a do arqueiro. Sendo assim se o condutor perecesse, ele deveria estar pronto para assumir as rédeas dos cavalos, o que seria a diferença entre a vida e a morte de todos os tripulantes. Se o lanceiro perecesse, ele deveria tomar seu lugar. Caso nenhum infortúnio acontecesse, o lanceiro deveria servir de

flechas o arqueiro, o que aumentava a taxa de disparos dele, ou ainda, caso surgisse a necessidade, atuar como um segundo lanceiro. Por ser uma espécie de faz tudo, ajudante não era amarrado à biga e, por isso, estava muito sujeito a cair. Justamente por estar sujeito a quedas, ele também levava um kopesh à cinta.

Agora que já compreendemos o funcionamento das bigas, resta-nos ver algumas das novas tecnologias militares que foram introduzidas no Egito do Novo Império. Por exemplo, além do kopesh que já era usado há muito tempo e que passaram a ser feitos de bronze, espadas curtas, também de bronze, foram introduzidas no Vale do Nilo. O uso de escudos e armaduras, bem como o de capacetes, também passou a ser generalizado entre a infantaria, contudo, devido à necessidade da importação do estanho para se criar a liga estanho-cobre, que resulta no bronze, este se fazia caro, o que fazia com que a maioria das armaduras, escudos e capacetes fossem feitas de cobre, sendo apenas as armas feitas de bronze. O cobre é menos resistente que o bronze, por isso, mais sujeito a corte e amassos, mesmo assim, é superior à madeira, também cara, anteriormente utilizada na confecção dos escudos.

A profissionalização dos exércitos se deu em todos os âmbitos, por exemplo, havia pelotões de homens (e também mulheres e crianças) que acompanhavam as tropas para carregar pertences, levar água e comida e também cozinhar. Com efeito, o Egito desenvolveu uma grande logística militar, o que propiciava a seus exércitos irem muito mais longe e realizarem feitos muito mais grandiosos do que antes.

9.1 – A XVIII Dinastia:

Sem exageros, pode-se dizer que a XVIII Dinastia é a mais conhecida dentre todas as Dinastias Egípcias. Isso se deve ao fato de a única tumba Faraônica a resistir intacta até os dias de hoje ter sido a tumba de Tutankhamon, o jovem Faraó desta Dinastia. A partir do estudo dos objetos encontrados nela foi possível reconstituir com quase exatidão o modo de vida Faraônico e, por conseguinte, a História Política do Egito no Novo império, em especial, na XVIII Dinastia, mas falaremos de Tutankhamon num outro item, agora a principal preocupação deve ser contar a História da XVIII Dinastia e de seus feitos.

Como foi dito, Ahmés foi uma espécie de Faraó mítico, cuja existência é provável, mas os feitos não são comprovados parecendo mais uma espécie de herói criado como marco da transição do caos para a ordem novamente. Se acreditarmos naquilo que é atribuído ao seu governo, veremos que ele não só impôs a derrota definitiva aos Hicsos, mas também retomou as expedições à Núbia, submetendo rapidamente as regiões (entre a primeira e a terceira cataratas, mas não além) outrora dominadas. Além

disso, Ahmés também teria reaberto a rota para o Sinai e construído um posto de avançado de defesa em Sharuen, na Palestina.

Ahmés foi sucedido por seu filho Amenófis I (em Egípcio a grafia mais correta seria Amenhotep I, no entanto, como se trata de um nome consagrado e como a grafia Egípcia é muito diferente da consagrada, preferi manter a forma Grega). Este Faraó procurou organizar a política do Reino que herdara do pai, sem, contudo, ter operado grandes conquistas militares, pode ser apontado, no entanto, como o consolidador da XVIII Dinastia fornecendo a ela fortes bases políticas para que pudesse agir.

Amenófis I foi sucedido por seu filho, Tutmés I (que a nomenclatura Grega imortalizou como Tutmósis I), este foi, com efeito, o iniciador do Império Egípcio.

Tutmés I partiu para uma grande expedição rumo à Ásia. Com efeito, as primeiras marchas dos Povos do Mar não haviam criado problemas apenas para o Egito, mas todo o Oriente Próximo havia sentido o peso da chegada de novos povos. Hititas se haviam estabelecido na Capadócia (região oriental da Anatólia), formando o Reino de Hatti, Mitanitas se haviam estabelecido na Mesopotâmia, especialmente a leste do Tigre, mas também influenciando a região entre Rios como um todo. Foi contra esses povos que Tutmés I combateu. Por vários meses ele impôs severas derrotas às cidades da Palestina e ao Mitani chegando a erigir uma estela Egípcia na margem ocidental do Eufrates.

Contudo, a expedição de Tutmés I não constituiu um esforço de conquista, mas, tão somente mais uma expedição de saque, como as tantas realizadas pelos Faraós do passado, só que agora o Egito havia atingido lugares jamais visitados antes, tanto a sul quanto a oriente.

Tutmés I morreu e, após sua morte, foi o primeiro Faraó a ser enterrado no Vale dos Reis, nas colinas a oeste de Tebas. Depois dele, praticamente todos os Faraós do Novo Império viriam a ser enterrados também no Vale dos Reis. Era mais uma das iniciativas tomadas por Tutmés I, o primeiro grande Faraó do Novo Império.

Tutmés I havia, seguindo o costume iniciado no Médio Império, associado um filho seu ao trono, porém, antes que seu pai, o filho faleceu. Tutmés I, não teve nem sequer tempo de escolher aquele que seria o seu novo “herdeiro necessário”, já estava velho e também faleceu, sendo assim, seu filho, Tutmés II, herdou o trono. Ele não era filho da Grande Mulher do Rei, mas, ao casar-se com sua irmã Hatshepsut, que o era, legitimou-se como herdeiro legal ao trono. É curioso notar no Novo Império a força do Clero de Amon havia se tornado tal que ele era quem arbitrava as sucessões Reais no caso de controvérsia, sendo assim, Tutmés II só pôde ser Faraó porque os Sacerdotes de Amon assim o desejaram.

O governo de Tutmés II foi tão efêmero que nem sequer foi digno de muitas notas, além das tradicionais ampliações no Templo de Karnak, o

Faraó nada realizou de importante. Como sua morte foi prematura, o Faraó ainda não tinha tido tempo de escolher um "herdeiro necessário", sendo assim, seu filho mais velho (filho dele com uma concubina) foi legitimado por um oráculo de Amon como sendo seu herdeiro, casando-se com uma das filhas de Tutmés II com Hatshepsut.

Como o novo Faraó era ainda uma criança, a Grande Mulher de Tutmés II, seu pai, governou como regente. Hatshepsut era uma mulher de caráter extraordinário. Parece ter tido tanta força política quanto carisma, além de saber controlar habilmente o Clero de Amon, sendo assim, num dado momento, conseguiu usurpar o trono de Tutmés III e se tornar, com direito a todas as honras, o Faraó do Egito. Ao contrário do que viria a ocorrer no Período Ptolomaico; as mulheres não podiam ocupar o cargo de Faraó. Não eram nem sequer Rainhas, eram, no máximo, a Grande Mulher do Rei. Por isso, a ascensão ao trono de Hatshepsut foi um fenômeno tão importante dentro do contexto político nacional.

Ao que parece, Hatshepsut conseguiu convencer o Clero de Amon (ou parte dele) a ver nela a verdadeira encarnação de Amon-Ra (como veremos a seguir, o atual Deus Dinástico não era mais Hórus, nem mesmo Ra-Horemkhat, mas Amon-Ra) e, sendo assim, a herdeira do trono. Ela tomou para si o cajado, o mangual, as coroas e até mesmo a barba Reais e, sendo assim, se tornou o novo Faraó.

Como mulher, a Rainha não se arriscou a dar continuidade à expansão militar rumo à Ásia, preferiu se ater a embelezar o templo de Karnak (colocando nele os mais altos obeliscos que viria a ter) e a incentivar o comércio. Em seu governo o Egito voltou a comercializar com o Reino de Punt, trazendo de lá diversos animais e produtos exóticos.

No campo da construção, assim como Mentuhotep II fizera na XI Dinastia, ela decidiu construir um suntuoso túmulo-palácio escavado nas rochas do Deir el-Bahari, este, porém, muito mais amplo e bem acabado do que seu parceiro, tendo inclusive uma pirâmide externa, uma das últimas a ser construídas no Egito. O executor dessa obra foi também o homem forte de seu governo. Seu nome era Senmut e, possivelmente tratou-se de um amante da Rainha. Com efeito, Senmut fora nomeado por Hatshepsut como sendo o tutor e guardião de Neferurá, sua filha, que a Rainha queria que ocupasse o trono após sua morte.

É certo que o fato de uma mulher (mesmo se fazendo passar por homem) ocupar o trono do Egito deve ter desagradado muito os Sacerdotes mais ortodoxos de Amon, afinal, isso ia contra a ordem estabelecida e, sendo assim, contra a Maat. Porém, o Reinado de Hatshepsut era perfeitamente aceitável, o que não era aceitável era a idéia da Rainha de garantir que sua filha assumisse o trono após sua morte. Por isso, tão logo Hatshepsut morreu, o Clero de Amon organizou uma conspiração palaciana que ajudou Tutmés III a chegar ao trono.

Para chegar ao trono Tutmés III, que havia sido enquanto criança legitimado pelo Clero de Amon, precisou organizar o extermínio do séqüito de Hatshepsut, sendo assim, Senmut, o Imhotep da Rainha, foi assassinado e, logo em seguida, Neferurá também desapareceu da História, pode ter sido assassinada ou enviada para servir como Sacerdotisa em algum templo de menor relevância.

Apenas 75 dias após assumir o trono, Tutmés III partiu em campanha rumo a Ásia.

9.1.1 – As Raízes do Império Egípcio:

Como veremos no item 10, sobre a supremacia do Sol nas guerras Divinas, não é possível entender a formação do Império Egípcio sem se entender a participação de Amon-Ra nela. No entanto, neste item só será exposto o elemento humano desse fenômeno, ficando o elemento Divino para o item 10 por questão de manutenção da lógica na estrutura do texto. Espero que os leitores compreendam.

O governo de Hatshepsut, bem como o de seu marido Tutmés II fez com que os grandes avanços militares de Ahmés, bem como os resultados da campanha de Tutmés I à Ásia se encontrassem agora quase desfeitos. Tutmés III partiu para a primeira de suas 17 (segundo alguns Historiadores, não seriam 17, mas 14) campanhas, realizadas em 16 anos de governo. Seu primeiro passo foi expandir ainda mais os domínios na Núbia, construindo e reformando as fortalezas ao longo do Nilo. Com efeito, sob este Faraó o Egito atingiu a quinta catarata do Nilo, um lugar antes nunca sonhado em ser atingido. No forte Napata (fundado por este Faraó), no meio do caminho entre a quarta e a quinta (limite máximo da expansão Egípcia na Núbia) cataratas, foi estabelecida a capital da Província Egípcia da Núbia. O lugar passaria a ser administrado por um Vice-Rei e concederia a base financeira de que o Egito necessitaria para se expandir rumo a Ásia.

Na Palestina, Tutmés III submeteu diversos governantes ao seu poder estabelecendo guarnições militares nos pontos em que julgava de maior importância. Marchou então contra o Mitani impondo severa derrota a este Reino, o que o fez recuar para os limites geográficos impostos pelo rio Eufrates.

Depois da vitória sobre o Mitani, Tutmés recebeu embaixadas de diversos Reinos, tais como Hatti, Creta, Biblos, Reinos Mesopotâmicos e o próprio Mitani. Todos traziam presentes ao grande conquistador. Presentes esses que foram tratados e registrados como tributos, o que contribuiu para a atribuição a Tutmés III do título de “o Grande”. Talvez o primeiro Monarca da História a fazer jus ao título.

No âmbito interno, Tutmés III estabeleceu que o Egito deveria ter duas capitais: uma religiosa e uma política. Sendo assim, Mênfis, a lendária

cidade fundada por Narmer (possivelmente o Menés dos Egípcios) voltou a ser uma capital desde o final do Antigo Império. Por sua vez, Tebas nunca perdeu a glória de ser a legitimadora Real, local onde os Faraós eram coroados e onde obrigatoriamente deveriam realizar obras de ampliação, restauração e embelezamento do Templo de Karnak, dedicado a Amon, seu Deus invisível. O principal ato de Tutmés III em relação à política interna (e também externa) foi a captura dos herdeiros dos países que conquistara, com efeito, o Faraó os trazia para o Egito onde ele eram educados no *Kap*, uma espécie de escola secreta da qual falaremos mais tarde. Além de revitalizar Mênfis, Tutmés III ainda conseguiu associar seu filho ao trono, sendo assim, após sua morte, a sucessão foi tranqüila. Ao contrário da sua, que havia sido turbulenta e retardada pelas pretensões de Hatshepsut.

Aliás, os últimos anos de seu governo Tutmés III dedicou à destruição da memória de Hatshepsut. Por sua ordem a maior parte dos monumentos por ela erigidos e das inscrições que continham seu nome foram destruídas, foi a tentativa de Tutmés III de, ao menos frente à História, receber de volta os anos de governo que lhe haviam sido tolhidos pelas manobras da Grande Mulher de seu pai. Hoje em dia só se sabe da existência e dos feitos de Hatshepsut por causa das pinturas de seu túmulo (que foi deixado em paz por Tutmés III) e por causa da inscrição contendo seu nome no topo dos obeliscos por ela erigidos no Templo de Karnak (é que tais obeliscos eram tão altos que, talvez por preguiça, talvez por acharem que ninguém os veria, talvez até por desconhecimento de tais inscrições em seus topos, foram deixados em paz pelos executores da ordem de Tutmés III).

Amenófis II, filho de Tutmés III, ascendeu ao trono logo depois da morte de seu pai. Como ele, realizou diversas campanhas militares, seus feitos, é claro, não podem ser comparados aos do pai que já havia conquistado boa parte daquilo que se havia para conquistar, no entanto, ele manteve os limites do Império Asiático e Núbio e conseguiu, apenas simbolicamente (para mostrar que havia atingido um local mais distante do que aquele atingido por seu pai), transpor o Eufrates, erigindo uma estela em sua margem oriental.

Da mesma forma que Tutmés III, Amenófis II também assegurou uma transição pacífica de seu governo para o de seu filho, associando-o ao trono. Sendo assim, Tutmés IV pôde tomar posse sem maiores complicações.

O governo de Tutmés IV foi marcado por uma única transformação no panorama político internacional: o Reino de Mitani, antes inimigo do Egito, agora se aliara a este por livre e espontânea vontade. Na verdade, os soberanos de Wassuganni (capital do Mitani) haviam concluído que de maneira alguma conseguiriam se defender contra os ataques de dois adversários poderosos: Egito e Hatti, sendo assim; tão logo começaram a ser atacados por Hatti (o país dos Hititas), que visava expandir seus

domínios sem, por hora, se interpor com os poderosos Egípcios; propuseram aliança ao Egito enviando-lhes princesas para servirem de Esposas Secundárias aos Faraós.

O filho de Tutmés IV, Amenófis III, foi um Faraó padrão, realizou algumas campanhas militares (se bem que poucas, o que fez com que o Clero de Amon, principal beneficiário dos botins de guerra, se tornasse um pouco contrário ao Faraó), investiu no comércio, erigiu monumentos e se fez ser reconhecido como a verdadeira Divindade que era. Aliás, foi justamente no campo religioso que se deu a maior realização do governo de Amenófis III.

Para começar, devemos ter em saber que este Faraó tinha como característica principal o autoritarismo, tanto que foi o primeiro Faraó de que se tem notícia a se casar com uma mulher do povo e eleva-la à condição de Grande Mulher do Rei. Sua notificação ao Clero de Amon sobre seu casamento em nada legitimador do governo (que já havia sido legitimado pela sua associação ao trono, perpetrada por seu pai) foi simples, objetiva e com um forte tom autoritário. Ele enviou ao Sumo Sacerdote de Amon, em Karnak, um escaravelho (escaravelhos são insetos, mas, no caso do Egito, também eram utilizadas réplicas desses insetos feitas em pedra como forma de correspondência entre pessoas abastadas, por exemplo, o Faraó) com a seguinte inscrição na base: "*Viva Tiye, a Grande Mulher do Rei. O nome de seu pai é Yuya. O nome de sua mãe é Tuya. Ela é esposa de um poderoso Faraó*". O recado era claro: gostassem ou não, ele iria se casar com aquela mulher e fazer dela sua Grande Mulher, pois, tinha poder para isso.

Ao que parece, um forte conflito religioso vinha se desenrolando desde o governo de Tutmés IV. As conquistas Asiáticas parecem ter trazido aos Egípcios uma nova forma de ver o Sol, sendo assim, começou a se intensificar um culto há muito abandonado na região: o culto ao Sol em si, ou seja, ao disco solar que brilha nos céus. Se o leitor se recordar, no item sobre a mitologia Egípcia eu mencionei que o Sol nascera de dentro de uma flor de lótus como sendo Aton, mas que se tornara Ra ao caminhar sobre a Colina Primeva. Pois bem, Aton era o nome do disco solar, era um Deus antigo e, como tal, nunca totalmente abandonado, apenas, canibalizado há muito por Ra.

Os cultos a Ra se davam em recintos abertos, sem teto, para que as pessoas pudessem contemplar o Sol em toda a sua grandeza. Com certeza tais práticas não contentaram os Sacerdotes de Amon que, a esta altura já eram os verdadeiros senhores do Egito, sendo o Faraó apenas o chefe político-militar, enquanto eles faziam o papel do grande conselho de impunha sua vontade ao governante.

Para acalmar os ânimos já muito acirrados por sua decisão de se casar com Tiye, Amenófis III aceitou se legitimar ao trono casando-se com uma Princesa Real, sua própria filha, Sit-Amon. Contudo, a medida não

parece ter surtido o efeito desejado, o Clero de Amon continuou descontente com o Faraó e até pode ter encarado sua atitude de se casar com a própria filha como sendo um desaforo, uma gozação para mostrar que ele próprio fizera da menina uma Princesa Real e agora a desposara para se legitimar por sua própria criação e não pela tradição.

Amenófis III, que tinha o autoritarismo como marca registrada, não aceitou a continuada repudia do Clero de Amon às suas manobras, por isso, resolveu mostrar-se mais poderoso do que ele.

Iniciou uma espécie de reforma religiosa tendo como Mênfis a cidade principal de sua ação. Para ele, Aton era o principal Deus do Egito e guardava dentro de si as essências de Ra, Ptah e Amon. Sendo assim ele era a um só tempo o Criador, o Sol e o Invisível e Onipresente. Seu filho e "herdeiro necessário", Tutmés, foi escolhido como Sumo Sacerdote de Mênfis e responsável pelo culto à nova Divindade Solar. Enquanto isso, para humilhar os Sacerdotes de Amon, Amenófis III erigiu um enorme templo na margem ocidental de Tebas. Este templo não era em homenagem a outro Deus senão ele próprio, o Faraó.

Do fabuloso templo de Amenófis III hoje nos restam apenas duas estátuas colossais: os Colossos de Memnon, duas estátuas do Faraó sentado em seu trono que adornavam a entrada de seu magnífico templo.

Amenófis III Reinou por 43 anos (37 para alguns), porém, quando estava próximo da morte, já muito velho e doente, teve o desgosto de ver seu "herdeiro necessário" falecer. Amenófis III pode ter interpretado tal acontecimento como um sinal de reprovação de Amon em relação a seus atos, por isso, no final de seu governo aproximou-se novamente do Clero de Tebas, reformando o Templo de Karnak, ampliando o salão principal do Templo (sempre que mencionar Templo com letra maiúscula, estarei me referindo a Karnak, visto que ele foi o principal templo do Egito Antigo), construindo pilonos em sua frente e iniciando a construção de novas portas para o recinto principal.

Antes de morrer, Amenófis III se viu obrigado a associar ao trono um filho por quem aparentemente não nutria afeição (ao menos é o que nos diz o Egiptólogo Americano Bob Brier): Amenófis, que viria a se tornar o Faraó Amenófis IV; aquele que mudaria a História do Egito e, quiçá, do mundo posterior a ele.

9.2 – O Complexo Período de Amarna:

Para Barry Kemp, Egiptólogo de Cambridge: "No momento em que alguém decide escrever sobre essas figuras [de Amarna], começa a escrever ficção".

A meu ver, esta afirmação não é válida apenas para o Período da Amarna, ou mesmo para a História Egípcia, mas sim, para qualquer evento

passado a ser estudado; mesmo que seja de um passado recente como o dia de ontem, ou horas atrás. O passado nada mais é do que uma construção e, como tal, uma ficção. É óbvio que, diferentemente do autor ficcional, o Historiador tem uma obrigação profissional para com a verdade. No entanto, também é verdade que a verdade não pode ser alcançada, afinal, não passa de um ponto de vista. Porém, a busca da verdade implica em seriedade e, sendo assim, mesmo que o Historiador vá construir um passado hipotético ele não pode faze-lo pautando-se unicamente em sua imaginação, mas, também, em documentos Históricos. Platão defendia que a abstração é a peça fundamental para as conclusões a que se pode chegar a respeito de algo. Concordo com ele, no entanto, faço uma ressalva. Penso que em termos de História a abstração deve ser feita em cima dos documentos e não livremente, ou seja, não a abstração pela abstração. É isso que, a meu ver, diferencia o trabalho do Historiador daquele realizado pelo Filósofo: ambos são Cientistas Humanos, no entanto, o primeiro tem um compromisso com a verdade (mesmo que nunca a atinja) e o segundo apenas com a abstração em si.

Depois dessa digressão que deve ter situado o leitor melhor no contexto daquilo que está lendo, ou seja, uma construção de alguém que teve acesso a alguns documentos e a alguma bibliografia, além de estar minimamente interado com o trabalho da profissão de Historiador, mas, ainda assim, uma construção. É claro que a farei, assim como venho fazendo em todo o texto, segundo uma busca da verdade, no entanto, estou consciente de que não poderei alcança-la e, mesmo que pudesse, não o saberia, pois, infelizmente (ou felizmente) a máquina do tempo ainda não foi inventada, vamos à descrição do Período de Amarna em si:

Após a morte de Amenófis III, seu filho, Amenófis IV, tomou posse como novo Faraó. Por essa época o Egito vivia ainda dos frutos das conquistas militares de Tutmés III e Amenófis II. O novo Faraó que parece ter ascendido ao trono ainda muito jovem, com cerca de 17 ou talvez 20 anos, de início, não tomou nenhuma atitude drástica. Pelo contrário, nos quatro primeiros anos de seu governo, esforçou-se para ser um Faraó o mais “normal” possível.

Amenófis IV terminou os portais do Templo de Karnak que haviam sido iniciados por seu pai e depois disso, iniciou ele próprio as suas adições àquele Templo. Porém, inexplicavelmente, num dado momento ele ordenou que as obras fossem interrompidas, reuniu seus seguidores mais próximos e leais, convocou uma grande massa de trabalhadores ao longo de todo o Egito e se mudou para um local ermo e distante de tudo, a meio caminho em Tebas e Mênfis. Um lugar que ele chamou de Akhetaton.

Não há razões aparentes para tal mudança repentina no comportamento de Amenófis IV, por isso, diversas teorias surgem a esse respeito. As mais plausíveis dão conta de que o Clero de Amon, depois de

dois governos de relativa paz (sendo que o de Amenófis III durara cerca de 40 anos) começava a pressionar o Faraó para que partisse em expedições militares. Amenófis IV, contudo, não tinha nem sequer as características físicas de um Faraó-Guerreiro, nem mesmo a fé em Amon que seu ancestral Tutmés III demonstrara em suas campanhas, por isso, ao se recusar a partir pode ter gerado sérios conflitos com o poderoso Clero de Amon, motivo que o teria feito tomar tais decisões radicais.

Mas, para que possamos entender melhor esse Faraó, estudemos sua vida.

9.2.1 – Akhenaton:

Ainda criança, Amenófis IV presenciou seu pai romper com o Clero de Amon em detrimento de um novo culto a um Deus Solar: Aton. O culto, sediado em Mênfis, longe do poder do Clero de Amon, se tornou um pesadelo para estes Sacerdotes. No fim da vida, porém, o pai de Amenófis IV reatou seus elos rompidos e voltou a favorecer Amon. No entanto, para alguém que crescera tendo uma religião como certa, especialmente numa época como o Egito Antigo, mudar de crença não era nada simples.

Além disso, segundo alguns estudiosos, Amenófis IV não estaria sendo preparado para governar, não seria o "herdeiro necessário" de seu pai, mas apenas alguém que fora indicado para governar de improviso, como uma peça de substituição. Como a múmia deste Faraó nunca foi encontrada, só podemos supor sua aparência devido às suas representações artísticas. No entanto, como já foi mencionado, a arte Egípcia não tinha o costume de retratar as coisas tais como elas pareciam ser, mas, segundo Platão, como elas realmente eram. Sendo assim, seria impossível determinar a real aparência de um Faraó através de uma estátua ou mesmo de uma pintura sua. Porém, o rompimento de Amenófis IV com o Clero de Amon em Tebas criou não só uma revolução política, mas também uma revolução religiosa e, principalmente, artística.

A partir do quinto ano de seu governo, Amenófis IV (cujo nome se referia a Amon) trocou seu nome para Akhenaton (Benéfico a Aton) e mudou-se para uma nova localidade, onde iniciou a construção de uma nova capital para o Egito. Antes, porém, talvez como forma de humilhar os Sacerdotes de Amon, o Faraó celebrou seu Festival de Sed.

O Festival de Sed era um acontecimento raro no Egito. Ocorri somente quando um Faraó conseguia Reinar por 30 anos, era um jubileu especial onde o Faraó desfilava com as coroas do Alto e do Baixo Egito e depois, trancado em salas secretas de diversos templos, reverenciava cada uma das Divindades Egípcias. O pai de Akhenaton, Amenófis III havia celebrado o seu, segundo as lendas, Pepi II teria celebrado três Festivais de Sed (um aos 30, um aos 60 e outro aos 90 anos de governo), mas, ainda

assim, este era um acontecimento especial na História do Egito. Porém, Akhenaton celebrou-o no quarto ano de seu governo.

A celebração do Festival de Sed de Akhenaton não foi diferente apenas no fato de ocorrer muito antes do que deveria (se é que viria a ocorrer), mas também em sua configuração principal. Akhenaton não reverenciou nenhuma estátua Divina, mas a sua própria. Algo estava acontecendo no Egito, mas o que?

Bob Brier, Egiptólogo com formação em Medicina (há que se saber que o Egiptólogo não é necessariamente um Arqueólogo, apenas mais comumente; para ser considerado um Egiptólogo o indivíduo deve ser um Cientista capaz de oferecer alguma contribuição científica para o esclarecimento da História do Egito Antigo, por isso existem Médicos, Historiadores, Geógrafos, Geólogos, Lingüistas, Arqueólogos, Dentistas... que ostentam tal título), em seu livro "O Assassinato de Tutancamon", sustenta que Akhenaton deve ter sido preterido e até mesmo rejeitado por seu pai por sofrer de uma doença congênita causadora de deformações físicas. Essa teoria não é nova, no entanto, esse Egiptólogo encontrou uma nova doença mais plausível para Akhenaton. Vejamos:

As estátuas e representações de Akhenaton retratam-no como sendo um indivíduo de crânio e dedos alongados, tórax estreito, quadris largos e, por vezes, hermafrodita. As explicações para um retrato tão bizarro o indivíduo que deveria ser (e era) um Deus Vivo são muitas, mas nenhuma é muito clara. Lembremos que até então os Faraó, independentemente da aparência real que tivessem, eram retratados como sendo pessoas fortes e viris, de traços perfeitos e equilibrados, sem demonstrar quaisquer emoções, como um Deus deve ser.

Independentemente do que tenha acontecido, uma coisa é certa: as modificações artísticas foram ordenadas por Akhenaton, pois só o Faraó teria poderes para romper com mais de 1500 anos de tradições estilísticas. Resta saber por quê?

As teorias mais antigas, em geral convergiam para a indicação de que Akhenaton seria portador da Síndrome de Froelich, uma doença causada por uma disfunção na hipófise. Esta síndrome, contudo, causa atrofia dos órgãos genitais o que torna o indivíduo invariavelmente estéril. No entanto, Akhenaton, que fora casado com a célebre Nefertiti (da qual falaremos mais adiante) teve, só com ela, seis filhas, além de seus eventuais filhos com Esposas Secundárias. É claro, no entanto, que se pode imaginar que as filhas de Akhenaton não fossem dele realmente, mas geradas por homens contratados para dar um herdeiro ao Faraó. No entanto, as cenas familiares nas quais o governante aparece com suas filhas e também com Nefertiti em situações bem íntimas (mais uma das inovações da arte do Período de Amarna, nunca antes um Faraó seria retratado em cenas familiares, talvez, na verdade, nem se desse ao luxo de desfrutar da companhia afetuosa dos

filhos e, mesmo com as esposas, só mantinha contato físico em situações reservadas (lembrem-se que quem tocasse o Faraó era morto por sua pele ígnea!)) depõem contra o fato dele não ter sido o pai verdadeiro das crianças, ou mesmo não ter sido um marido de fato de sua esposa.

Bob Brier formulou a teoria de que Akhenaton não seria então portador da Síndrome de Froelich, mas da Síndrome de Marfan. Esta última, descoberta no final do século XIX d.C. pelo Médico Francês Antoine Marfan, implica em características físicas muito semelhantes àquelas apresentadas pelo Faraó em seus retratos e estátua. Os portadores da Síndrome de Marfan possuem olhos alongados, crânio e queixo alongados, dedos dos pés e das mãos também alongados, tórax estreito e são mais altos da que as pessoas em média, sendo assim, por vezes se tornam curvados.

O Egiptólogo, a fim de estudar o possível comportamento de Akhenaton e, com isso poder formular teorias mais plausíveis sobre o que o teria levado a realizar a revolução que realizou, reuniu-se com a Associação dos Portadores da Síndrome de Marfan de Nova York. Depois de entrevistas individuais com estas pessoas (em geral a síndrome afeta mais mulheres do que homens), ele mostrou-lhes slides com fotos de estátuas e desenhos de Akhenaton. A reação foi imediata, todos se identificaram com o Faraó, vendo nele um seu par.

É claro que as impressões da platéia (que obviamente buscava um ícone (hoje o encontrou, desde essa reunião, Akhenaton tornou-se oficialmente o símbolo da referida associação) com o qual se identificar) de muito pouco valem na pesquisa de Brier. No entanto, as entrevistas pessoais com os portadores, de muito valeram. O Egiptólogo descobriu que, ao contrário do que se pensa, os portadores da Síndrome de Marfan não se sentem feios ou mesmo inferiores, pelo contrário, muitos relataram gostar de suas aparências e se sentirem figuras exóticas, mas não feias. Há casos de pacientes que usam roupas com listras verticais e alongadas para realçar mesmo o seu visual. O próprio Bob Brier declarou que tais pessoas não são feias, mas exóticas e que guardam uma beleza incomum em seus traços proporcionais e alongados.

Certo, Akhenaton era então portador da Síndrome de Marfan! Mas o que isso tem a ver com o fato de ter realizado uma revolução no Egito Antigo?

Bem, a análise psicológica de Brier sobre os pacientes de Marfan visava justamente descobrir traços que pudessem ser comuns à personalidade do Faraó. Por isso ele só fez a exposição dos slides posteriormente às entrevistas individuais. Sua conclusão foi a de que, por ser diferente desde criança o Faraó fora rejeitado por seu pai, só tendo chegado ao trono por ocasião da morte prematura do “herdeiro necessário”. Quando se viu em posição de mando, talvez inspirado pelos atos revolucionários de seu próprio pai, Akhenaton resolveu restaurar a fé em

Aton e, proscrevendo os demais Deuses (inclusive e especialmente Amon), considerar-se o Aton Vivo. A mudança das concepções artísticas seriam explicadas como sendo uma expressão absoluta não só da vontade, mas também da aparência do Faraó a todos os indivíduos. Com efeito, no Período de Amarna, todas as pessoas passam a ser retratadas com crânios semelhantes ao de Akhenaton, além disso, as cenas familiares (coisa que Akhenaton pode ter sentido falta enquanto criança e que, por isso, fazia questão de dar às suas filhas) se tornaram um recurso artístico comum.

A teoria de Bob Brier pode até ser questionável, afinal, não sabemos nem sequer se a Síndrome de Marfan já existia há 3500 anos, mas que é uma teoria razoável, isso é. Além disso, num mundo teocêntrico como aquele em que viveu Akhenaton é razoável pensar que um Faraó (já um Deus em sua própria existência) que possuísse características tão ímpares poderia facilmente ser considerado, e/ou se considerar, um indivíduo "tocado pelos Deus" (apenas a título de exemplo, num outro contexto teocêntrico igualmente forte, mas completamente distinto como o do Mundo Maia, os indivíduos portadores de deformações físicas e/ou mentais eram de tal forma considerados "tocados pelos Deuses" que eram nomeados Reis mesmo sem pertencerem a linhagens Reais).

9.2.2 – Akhetaton:

Depois de já termos examinado quem foi Akhenaton, vejamos agora como foi sua revolução em si, porém, tenhamos em mente que os aspectos religiosos de tal revolução (alguns dos mais importantes) não serão tratados neste item, mas no item 10, com havia sido dito.

Akhenaton tomou posse como Faraó por volta de 1353. Governou normalmente até 1349 quando enfim iniciou sua rápida revolução. Nesse mesmo ano, deixou de ser Amenófis IV e passou a ser Akhenaton, ordenou a proscrição do culto aos demais Deuses do Egito e realizou o seu Festival de Sed. No ano seguinte, reunindo o maior número de pessoas que pôde, inclusive sua mãe e seus sogros, partiu rumo a um local desconhecido Nilo abaixo.

Ao que parece, o local escolhido para ser a nova sede do poder Faraônico já havia sido escolhida de antemão. Era um lugar isolado uma reentrância nas colinas protegida por elas em três de seus lados e pelo Nilo no outro. Segundo consta, Akhenaton teria escolhido o lugar por ter recebido um sinal divino de Aton. Possivelmente um nascer do sol atrás das colinas avistado de um barco no Nilo.

Nesta região o faraó ordenou que fosse edificada Akhetaton (o Horizonte de Aton). Em dois anos a cidade estava pronta. Tinha 12km de extensão por 5km de largura e era cortada por uma larga avenida de 12km paralela ao Nilo. Por sobre esta avenida pendia, mais ou menos no centro

da cidade, uma passarela que ligava os dois palácios de Akhenaton (talvez um fosse dele e o outro de Nerfertiti).

Os melhores artesãos de todo o Egito foram empregados na construção de casas, palácios, do porto, de fortes, de tumbas nas colinas e de estelas, muitas estelas. Numa destas estelas esta gravada a mensagem de Akhenaton segundo a qual ele havia jurado a Aton que jamais sairia dos limites de Akhetaton. Por quê? Não se sabe.

Nos quase doze anos em que viveu em Akhetaton (que hoje é conhecida pelo nome de Tell el-Amarna pelo fato de se localizar nas proximidades de um vilarejo que tem esse nome e, sendo assim, ter recebido este nome dos Arqueólogos que a descobriram no século XIX). A corte de Akhenaton foi contemplativa. Dedicou-se a construção de obras de arte (algumas, no entanto, consideradas heréticas, como o famoso busto de Nefertiti, por não se encaixarem no perfil estabelecido pelo faraó), de edifícios, ao culto a Aton (que, como veremos, era realizado em santuários muito diferentes dos até então existentes), à pesca, ao comércio nacional (com efeito, Akhetaton se tornou, em sua época, o principal porto do Egito) e às exibições públicas do Faraó. Akhenaton era uma espécie de "Messias" da nova religião. Era a um só tempo o profeta, o Sacerdote e o Deus.

A criação desta nova cidade, bem como a revolução religiosa, afastaram definitivamente o Faraó de seus compromissos militares. Porém, como seus dois predecessores (Tutmés IV e Amenófis III) também não haviam tido muito ativos militarmente, o Império Egípcio começava a entrar em colapso.

A correspondência internacional de Akhetaton (que se encontra, por motivos que veremos mais adiante, praticamente toda preservada, assim como o desenho da cidade), escrita em Cuneiforme (a escrita Mesopotâmica era utilizada para as comunicações entre os Reinos do II milênio e início do I), revela que os vassalos Asiáticos que costumeiramente escreviam a seu pai demandando ouro da Núbia para manter tropas, agora escreviam reclamando que tais remessas haviam cessado. Muitos pedem que o Egito envie tropas para auxiliar na defesa contra os Hititas que vinham se expandindo através de incursões sobre os territórios Egípcios da Ásia. Vejamos um exemplo com as correspondências de Rib-Addi, Rei de Biblos para Akhetaton (segundo compilação de Samuel Mercer):

> *Quem é Abdi-Assuta, o servo, o cão, para tomar as terras do Rei para si?*
>
> *...Portanto, envia-me 50 parelhas de cavalos e 200 homens de infantaria, para que eu possa permanecer em Sigata (...)*

Os pedidos do Rei de Biblos não foram atendidos, por isso ele enviou outra correspondência, esta não a Akhenaton, mas ao General Amanappa:

Copyright Klepsidra – Revista Virtual de História – www.klepsidra.net

A Amanappa, meu pai, assim (diz) Rib-Addi, teu filho:
Aos pés de meu pai me prostro (...)
Por que te contiveste e não falaste
como o Rei, teu senhor, para que possas
avançar com arqueiros (...)?
Portanto, transmite esta palavra ao Rei, teu senhor (...)
Para que ele me mande ajuda o mais depressa possível.

Continuando sem resposta (é sabido que não foi enviada uma resposta porque as cópias das correspondências enviadas eram guardadas juntamente com as recebidas e nenhuma foi achada), Rid-Addi voltou a escrever a Akhenaton, desta vez, em tom de desespero:

Rib-Addi falou a (seu) seu senhor, Rei das terras,
O grande Rei, o Rei das batalhas (...)
Aos pés de meu senhor, meu sol,
mais sete vezes me prostro.
Saiba o Rei, o senhor, que tudo vai bem com Gubla,
A fiel criada do Rei, desde o tempo de seus pais.
Mas, vede, agora Abi-Asirti tomou Sigata para si
e disse ao povo de Amnia: "Matai vossos príncipes. Então
sereis como nós e tereis descanso."
E eles agiram conforme suas palavras,
e se tornaram o povo de Gaza.
E agora, vede,
Abdi-Asirti escreveu aos guerreiros:
"Reuni-vos na casa de Nimit e cairemos sobre Gubla..."
Fizeram, portanto, uma conspiração entre si,
e tenho assim grande temor de que homem algum venha
resgatar-me de suas mãos.
Qual pássaro numa armadilha, assim estou eu.

Como a corte de Akhetaton continuasse a ignorar os apelos de seu vassalo, este, depois de sofrer um grave atentado no qual quase foi morto, voltou a escrever. Foi a última correspondência dele de que se tem notícias:

Um estranho postou-se de adaga desembainhada (...) contra mim;
mas o matei (...)
Não posso sair [dos portões] e escrevi ao palácio.
(Mas não me) enviaste resposta.
Fui ferido [nove] vezes

Copyright Klepsidra – Revista Virtual de História – www.klepsidra.net

E muito tenho temido [por] minha vida (...)

Por tais correspondências pode-se ter uma idéia bem exata de que Akhenaton não se importava com a política Imperial desenvolvida por seus antepassados. Não era, nem pretendia ser um Faraó-Guerreiro, contudo, tal desleixo custou-lhe o império Asiático que praticamente desmoronou perante as investidas Hititas. Estes, que há cerca de cem anos havia se curvado perante Tutmés III enviando-lhe presentes (ou tributos, como registraram seus Escribas), agora, vendo a fraqueza e a falta de ímpeto que o Egito vinha demonstrando, começaram a lançar-se sobre seus domínios, tomando-lhes uma a uma todas as suas posses na Ásia. Até o Mitani, o aliado Egípcio mais importante, foi completamente aniquilado e a Dinastia de origem Védica (na Índia), desapareceu, sendo que se povo acabou por seu fundir com os Urritas nativos.

A decadência do Império durante o governo de Akhenaton não passou em pune, com efeito, a quantidade de ouro que entrava anualmente nos cofres Faraônicos já não era mais a mesma, uma vez que não havia os territórios Asiáticos para tributar. Sendo assim, frente a falta de verbas a qualidade de vida da nova capital (que até então deveria ser semi-utópica) começou a declinar. Muitas pessoas importantes começaram a abandonar Akhetaton, visto que não haviam aderido à causa do Faraó por princípios religiosos verdadeiros, mas por ganância. Para manter junto a si os asseclas que lhe restavam, Akhenaton adquiriu o costume de presentear quase diariamente seus mais importantes seguidores com colares de ouro que ele lançava da passarela sobre a avenida principal de sua capital.

Quando o ouro para as doações também começou a escassear, Akhenaton mostrou sua face mais tirânica. Ao ver que muitos haviam abandonado Akhetaton para, voltando às suas cidades de origem, voltar também a cultuar os Deuses proscritos, em especial Amon, o Faraó enviou suas tropas a todas as cidades do Egito, mas em especial para Tebas, onde estavam encarregadas de destruir todas as imagens de Amon que encontrassem, além de apagar o nome do Deus de quaisquer monumentos que o contivessem. É claro que tal ordem não pode ser cumprida na íntegra, mas ainda que tenha sido apenas parcialmente cumprida, certamente causou ódio nas populações que contemplaram a destruição de seus Deuses de uma hora para outra. O Faraó não podia esperar ser amado por este ato extremo de demonstração de força.

Com o passar do tempo, a redução populacional (em seu auge Akhetaton chegou a ter cerca de 20 mil habitantes) deve ter comprometido a realização de todos os serviços importantes, sendo assim, não seria de se estranhar se uma peste tivesse se abatido sobre a cidade, coisa que explicaria a sucessão de mortes que ocorreu na corte de Akhenaton: Kiya (que veremos mais adiante), foi a primeira a morrer; depois foi a vez de

Tiye, mãe do Faraó; duas de suas filhas pequenas; Smenkhare (se "herdeiro necessário"); talvez, Nefertiti e, por fim, o próprio Akhenaton.

Tantas mortes num espaço tão curto de tempo trouxeram um terrível destino para a cidade sagrada de Aton. Um destino que entenderemos melhor lendo os itens subseqüentes.

9.2.3 – O Problema de Nefertiti, Kiya e Smenkhare:

Estes três personagens são, de fato, alguns dos mais controvertidos do Período de Amarna, ao seu redor figuram muitos dos mistérios que cercam este período obscuro e fascinante da História Egípcia.

Comecemos por Nefertiti. Seu nome significa "É chagada a Bela", o que para muitos indica que se tratasse de uma mulher muito bonita. Uma história corrente entre os fanáticos pela História do Egito diz que seu famoso busto encontrado na oficina do artesão Tutmés, em Akhetaton, não foi terminado propositalmente, pois, caso o fosse, sua beleza ofuscaria até a das Deusas. Exageros à parte, seu busto revela realmente se tratar de uma mulher muito bonita, com traços perfeitamente equilibrados e nada grotescos (como são seus retratos nos padrões da arte de Amarna). No entanto, devemos notar que este busto segue os padrões da arte Egípcia Clássica, sendo assim, não deve ser tido como um indicativo da real aparência da Grande Mulher do Rei. Aliás, um bom motivo para que este busto não tenha sido terminado pode ter sido realmente a proibição da arte Clássica em detrimento dos padrões novos criados por Akhenaton, por isso o busto talvez tenha sido guardado sem ter sido terminado.

Não se sabe ao certo a origem de Nefertiti, mas é provável que fosse filha de Aye, o irmão de Tiye, mãe de seu marido. Se esse dado estiver correto, então Nefertiti e Akhenaton seriam primos, o que seria perfeitamente aceitável para os padrões do Egito Antigo.

Em muitos retratos, só é possível diferenciar Akhenaton de Nefertiti por causa do tamanho, uma vez que o Faraó é sempre representado em tamanho maior do que os demais indivíduos. Ambos são dotados de seios e de caracteres femininos. Isso, segundo especialistas, por não se repetir em todas as representações do Faraó, não indica que ele fosse hermafrodita, mas que se fizesse representar como um para abarcar a idéia de que ele (como o Aton Vivo) era ao mesmo tempo o pai e a mãe do Egito.

Em muitos momentos, ambos aparecem representados juntos, o que leva a crer que ela desempenhasse uma função mais importante dentro do governo do marido do que as Grandes Mulheres do Rei em geral desempenhavam. Alguns pesquisadores chegam até a acreditar numa co-regência de Nefertiti e Akhenaton. Porém, por volta do 12º ano de governo do Faraó que Reinou por 17 anos, Nefertiti desaparece do cenário político, o que leva a crer que talvez tenha morrido. Entretanto existe uma outra teoria

que, embora mais atraente (justamente por ser mais romântica), parece-me menos verossímil.

Apesar de ser a Grande Mulher do Rei, filha do Tjati e pessoa de grande atuação política, Nefertiti não foi a única esposa do Faraó e, ao que parece, também não teve a sorte de gerar para ele um varão (pelo menos não pelo que nos indicam as representações da família Real (Akhenaton, Nefertiti e suas seis filhas), se bem que houvesse um costume no Egito de se omitir o "herdeiro necessário" das representações até que o Faraó tivesse morrido; esse costume se dava para evitar tentativas de golpe de Estado). Seja como for, ao menos um filho homem Akhenaton deixou: Tutankhamon. Este, ao que tudo indica seria um seu filho com uma Esposa Secundária: Kiya, que, inclusive, detinha o título de "A muito Amada".

Segundo a teoria que referi, depois que Kiya teve Tutankhamon, Akhenaton teria pensado em dar a ela o lugar que era de Nefertiti, esta, por sua vez, temendo perder seu status (ou ainda, segundo alguns, por ciúme (sentimento que nem mesmo podemos comprovar se existia na sociendade Egípcia)) teria envenenado Kiya. O certo é que uma das últimas aparições de Nefertiti é junto a Akhenaton, segurando no colo um bebê varão, retratados na parede do túmulo de Kiya. Por essa razão acredita-se que o bebê seja Tutankhamon, filho de Kiya e que a morte de sua mãe tenha feito com que sua criação ficasse sob a responsabilidade de Nefertiti.

Como explicar, porém, o desaparecimento subseqüente de Nefertiti? Seu túmulo nunca foi encontrado (se bem que; como veiculado em notícia nesta mesma edição; alguns acreditem ter descoberto sua múmia), sendo assim, não se pode datar precisamente a sua morte. Existe uma corrente de Egiptólogos que acredita que ela pode ter se afastado da vida pública para criar Tutankhamon, outros ainda acreditam que ela pode ter sido banida da corte (sendo rejeitada pelo Faraó) por ter assassinado a mãe do "herdeiro necessário" e outros crêem que ela simplesmente morreu, talvez, como punição por seu suposto crime.

Mas por que tudo isso constitui um enigma? Qual a relevância de se saber se Nefertiti morreu, criou Tutankhamon, foi banida, matou Kiya?...

Realmente, concordo que não haveria relevância nenhuma se não fosse a inexplicável figura de Smenkhare. Se bem que, mesmo que não houvesse essa figura, há que se pensar que Nefertiti é, depois, talvez, de Cleópatra, a mulher mais famosa do Egito Antigo, por isso haveria aqueles "fãs" que iriam querer saber a qualquer custo o que se deu com a Grande Mulher de Akhenaton.

A História de Akhetaton nos fala de um governante chamado Smenkhare. Este indivíduo é uma quase completa lacuna na Egiptologia. Sabe-se que ele existiu e que governou como co-regente de Akhenaton em seus últimos anos. Mais nada. Tudo o mais que se diz dele é a mais pura

fantasia. Porém, não é porque se trata de fantasia que deve ser descartado, afinal, a fantasia, neste caso, também é História.

Para alguns, Smenkhare seria filho de Akhenaton e Nefertiti e teria governado como co-regente do pai até poucos meses antes de sua morte. No entanto, por razões inexplicáveis, acabou padecendo antes que o Faraó, tendo que ter sua posição rapidamente substituída por Tutankhamon.

Para outros, Smenkhare teria sobrevivido à morte de Akhenaton e governado por quatro anos antes de morrer e ser substituído no trono por seu irmão Tutankhamon.

Outra teoria é a de que após a morte de Akhenaton, Nefertiti (que não teria morrido), com medo de ver o sonho de marido solapado pela falta de um herdeiro, visto que Tutankhamon teria apenas cerca de cinco anos de idade, teria enviado um pedido de ajuda ao Rei de Hatti (país dos Hititas, inimigos do Egito) e pedido por um filho seu. Este filho teria sido enviado e, ao chegar a Akhetaton, teria se casado com Meritaton, filha mais velha de Nefertiti, e se tornado o Faraó, com o nome de Smenkhare.

Outra teoria ainda dá conta de que após as mortes quase seqüenciais de Smenkhare e Akhenaton; Nefertiti teria ascendido ao trono (como no passado fizera Hatshepsut) com o nome do filho.

É possível ainda que o príncipe Hitita tenha chegado e governado por um tempo, mas, ao tomar atitudes que desagradavam Nefertiti, teria sido morto e teria tido seu lugar tomado por ele, com o mesmo nome.

Toda a controvérsia se dá pelo costume Egípcio de proteger os nomes. Como já foi dito, todos os indivíduos tinham seu nome secreto e seu nome público, porém, no caso dos Faraós, seu nome público não era seu nome Real, por isso, eles possuíam três nomes. Aos nomes secretos são impossíveis de se conhecer, visto que não eram escritos em lugar algum. Os nomes públicos de alguns (nomes pelos quais eram chamados enquanto crianças, antes de se tornarem a encarnação Divina do Deus Dinástico Vigente) nos são conhecidos e os nomes Dinásticos são os que nos sobram na grande maioria das vezes. No caso de Smenkhare, por exemplo, apesar de não termos muitas informações, temos seu nome público e é aí que está o problema.

Smenkhare, na realidade é o nome público de um Faraó cujo nome Dinástico era Ankhkheprure. Porém, existem, ao que parece, dois nomes públicos relacionados a este Faraó. Considerando-se que a hipótese de um desses nomes ser seu nome secreto é praticamente nula, nos fica uma grande questão: teriam havido dois Smenkhare?

O primeiro nome público de Ankhkheprure era Smenkhare, porém, o outro era, simplesmente Nefernefruaten; o nome de Nefertiti em Egípcio.

O que se pode tirar disso? Pouco além de uma porção de questões. Mas, o que é a História senão a própria questão (na definição de Heródoto, por acaso, o pai da História)?

9.2.4 – Tutankhamon:

A cronologia mais aceita para o Período de Amarna aponta o ano de 1336 como ano da morte de Akhenaton e o ano de 1332 como o da posse de Tutankhamon. A lacuna de quatro anos que essa cronologia nos deixa seria justamente o nebuloso período do(s) governo(s) de Smenkhare.

Considerando essa cronologia como correta, somos levados a acreditar que nos quatro anos de governo de Smenkhare (seja ele quem for), Tutankhamon estava sendo preparado para assumir o trono. Porém, esta hora chegou muito mais cedo do que se podia esperar.

A tutela do jovem "herdeiro necessário", possivelmente por falta de alguém mais próximo, foi confiada ao pai de Nefertiti, o Tjati Aye. Aye era uma espécie de tio do garoto e talvez tenha tido algum contato com ele, como rezava a cartilha de Akhenaton, que pregava as relações afetuosas entre os familiares. O fato é que quando Tutankhamon assume o trono, para se legitimar como Faraó ele é obrigado a se casar com sua irmã Ankhsenamon, ao que parece, a única das seis filhas de Akhenaton e Nefertiti a estar viva nessa época.

Os dois tinham a mesma idade e assumiram o trono com os respectivos nomes de Tutankhaton e Ankhesenpaaten. Porém, como ainda tinham algo em torno de nove ou dez anos, não podiam governar de fato e, sendo assim, o governo recaiu sobre as mãos de Aye, o Tjati e tutor do Faraó.

Aye era, ao que parece, um homem de visão e, sendo assim, tão logo teve o poder nas mãos, achou que o melhor a fazer seria reatar com o Clero de Amon em Tebas. Este Clero, apesar da proscrição e da "caça às bruxas" perpetrada por Akhenaton, continuava existindo, forte e controlando de forma soberana a cidade de Tebas. Aye parece ter conduzido o jovem Faraó para fora de Akhetaton pela primeira vez na vida, visto que devido ao juramento de Akhenaton de jamais deixar sua cidade, é de se concluir que não permitisse isso a seus filhos também.

Chegando em Tebas, Aye ordenou que o Templo de Karnak fosse restaurado, que o Festival de Opet (festival que será mais discutido no item 10) fosse executado novamente após tantos anos e que Tutankhamon fosse coroado como mandava a tradição, no Templo de Karnak, adentrando no Templo ao lado de sua nova esposa Ankhesenamon. Data do dia da coroação em Karnak a mudança de nome dos dois (com a finalidade de renegar a reforma religiosa de seu pai e se reaproximarem do Clero de Amon em Tebas) e também data deste dia a estela da restauração, cujo texto é o seguinte (segundo compilação de John Bennett):

Ora, quando esta majestade se fez Rei, o templo dos Deuses e Deusas, desde Elefantina até os charcos do Delta (...), tinha sido negligenciado.

Seus santuários haviam caído em desolação e se transformado em terrenos cobertos de raízes.

Era como se seus santuários nunca houvessem existido, e seus salões eram uma trilha calcada com os pés.

A terra estava em confusão, os Deuses abandonaram esta terra (...)

Sua majestade estava administrando esta terra e governando diariamente as duas margens do rio.

Então, sua majestade consultou seu coração, em busca de todas as oportunidades excelentes, buscando o que fosse benéfico para seu pai Amon, para moldar sua augusta imagem em ouro realmente puro (...)

Todas as (oferendas) do templo foram duplicadas, triplicadas e quadruplicadas com prata, ouro, lápis-lazúli, turquesa, todas as pedras raras e de alto valor, linho real, tecidos brancos, linhos finos, azeite, resina... incenso e mirra, sem limite de tudo o que há de bom (...)

Os Deuses e Deusas que há nesta terra têm o coração cheio de alegria.

Os donos dos santuários estão contentes,
As terras encontram-se em estado de júbilo e festa,
Há celebração por toda [a terra] e boas [coisas] sucedem.

Nos dez anos de seu governo, Tutankhamon não tomou muitas decisões administrativas. Era uma criança e, como tal, bricou e se divertiu ao lado de sua esposa-irmã. Quem governou de verdade foi Aye, este sim revitalizou o comércio, enviando expedições a Punt e à Fenícia. Reforçou o controle do Egito sobre a Núbia, controle este que, assim como o sobre a Ásia, estava comprometido, porém, diferentemente deste, ainda pôde ser mantido.

O jovem Faraó gastava seu tempo caçando aves no Delta, aprendendo a conduzir bigas e viajando entre Tebas e Mênfis. Se bem que é provável que tenha passado a maior parte de sua vida em Mênfis, visto que Tebas não deve tê-lo agradado pela distância dos costumes em relação àquilo que estava acostumado.

Não se sabe se pela tenra idade ou se por de fato amar sua esposa, possivelmente a única pessoa em quem confiava de verdade e com a qual deve ter desenvolvido uma estreita relação (por motivos que vão desde o exemplo paterno até as tensões que passaram juntos), o fato é que Tutankhamon não teve outras esposas, apenas Ankhesenamon.

Enquanto Aye, como Tjati e detentor do poder de fato, reestruturava a política e a economia do Egito, Akhetaton começava a se tornar uma cidade fantasma. A ausência da corte acabou com a razão de ser da cidade e, sendo assim, ela foi sendo gradativamente abandonada.

Quando Tutankhamon atingiu a idade adulta (algo entre 18 e 20 anos), um evento inusitado aconteceu: ele foi golpeado na parte posterior de sua cabeça, mas precisamente na nuca, com um pesado instrumento (talvez uma maça de pedra). A análise de Bob Brier sobre as radiografias do crânio do Faraó concluiu que a posição em que o golpe foi desferido só pode denotar que o Faraó foi golpeado enquanto estava dormindo deitado de bruços. Por isso, ele certamente não morreu numa batalha, mas foi assassinado. O ferimento provocou um leve traumatismo craniano que não foi suficiente para matar o governante do Egito no ato, mas que o levou a sobreviver alternando entre a consciência e o coma por diversos meses (fato que explicaria a cicatrização parcial do ferimento), no entanto, Tutankhamon pode ter morrido de fome ao entrar em coma, pois como não existia a alimentação endovenosa através do sono fisiológico, os Egípcios podem ter sido incapazes de alimentar seu Deus Vivo em coma e, sendo assim, deixado-o morrer.

Ao longo dos dez anos em que foram casados, Tutankhamon e Ankhesenamon não conseguiram ter nenhum filho. A garota engravidou duas vezes, mas sofreu abortos espontâneos (será?) em ambas. Sendo assim, o Faraó morto não deixou herdeiros o que tornava Akhesenamon, como a última das princesas do Egito, a única capaz de legitimar um novo governante para o país.

Com certa lógica, Bob Brier situa nesta época (nos setenta dias em que o Egito ficou sem governante, entre a morte de Tutankhamon e seu sepultamento) o envio da correspondência ao Rei de Hatti pedindo-lhe um de seus filhos. Sendo assim, carta enviada a Supiluliumas (cuja compilação de Hans Gustav Guterbock consta abaixo) e comentada por seu filho Mursilis II, encontrada em Bogazköy, antiga capital de Hatti, não teria sido escrita por Nefertiti, o que faria um certo sentido em se observando seu conteúdo e o contexto em que Nefertiti pode ter governado como Smenkhare, mas por Ankhesenamon. Vejamos os comentários de Mursilis II sobre a carta:

> *Quando meu pai esteve na região de Carquemich, enviou Lupakki e Tarhunta [?]-zalma à região de Amka. E então eles atacaram Amka e trouxeram deportados, gado e ovelha para meu pai. Mas, quando o povo do Egito soube do ataque a Amka, ficou temeroso, e como, além disso, seu senhor Nibhuruiya havia morrido, a rainha do Egito, que era Dahamunzu [?], enviou um mensageiro a meu pai e assim lhe escreveu: "Meu marido faleceu. Filhos, não os*

tenho. Mas de ti, segundo dizem, os filhos são muitos. Se me desses um de teus filhos, ele se tornaria meu marido. Jamais escolherei um servo meu para torna-lo meu marido! (...) Tenho medo!"

Levando-se em consideração o que de fato aconteceu: Ankhsenamon foi obrigada a casar-se com Aye (que era possivelmente seu avô, pai de sua mãe, Nefertiti) e torná-lo Faraó. Pode-se muito bem acreditar que os comentários à carta que Supiluliumas teria recebido do Egito se refeririam a Ankhesenamon. Infelizmente os Hititas costumavam traduzir os nomes dos Egípcios, por isso não é possível saber ao certo sobre quem o documento está falando. A única coisa que se pode fazer é situar a época e compara-la com o Egito, mas isso acaba sendo muito impreciso, pois as melhores datações podem diferir em até 30, 50 anos e, sendo assim, não esclarecem muita coisa. Quem seria Nibhuruiya e Dahamunzu? Alguns acham que podem se tratar de Amenófis IV (Akhenaton) e Nefertiti; e outros, que pode se tratar de Tutankhamon e Ankhesenamon. Possivelmente nunca saberemos a verdade.

9.2.5 – Aye:

Em 1322 (ainda segundo a cronologia mais aceita), após a morte de Tutankhamon, Aye, pai de Nefertiti, assume o trono ao se casar com Ankhesenamon.

Bob Brier assume no final de seu livro que o Tjati de Akhenaton e Tutankhamon teria sido o assassino ou mesmo o mandante do assassinato do Faraó. É possível, visto que se o governante fora mesmo assassinado enquanto dormia, esse crime só pode ter sido cometido por alguém com livre acesso a todos os aposentos do palácio: o Tjati, por exemplo. Além disso, Aye foi realmente o maior beneficiário da morte do jovem Faraó, visto que assumiu o trono como Faraó ele próprio.

Outros argumentos que reforçam a teoria de que Aye teria sido o responsável pela morte de Tutankhamon são o fato do Monarca ter sido assassinado justamente quando atingira a idade em que estaria apto a começar a reivindicar seu papel de governante; coisa que, até agora, não havia feito; e uma estranha pintura no próprio túmulo de Tutankhamon.

Nessa pintura, Aye, trajado como Sumo-Sacerdote de Amon, realiza a cerimônia de abertura de boca da múmia de Tutankhamon, porém, esta cena que poderia não trazer em si maiores indícios nos diz muito em dois sentidos: Aye é retratado com o mesmo tamanho do Faraó, coisa que não ocorria jamais, visto que o Faraó era um Deus Vivo e, além disso, sobre a cabeça, Aye leva a coroa militar azul do Egito, honra somente concedida aos Faraó, sendo assim, antes mesmo de ser proclamado Faraó, Aye já se consideraria como tal, o que é, em si próprio, muito suspeito.

Todos esses indícios podem ser retirados da tumba de Tutankhamon por dois motivos: o Faraó morreu muito jovem e, mesmo os Egípcios tendo o costume de preparar suas tumbas em vida, eles nunca as terminavam antes de morrerem, pois isso era considerado de mau agouro. A tumba de Tutankhamon, contudo, é muito pequena, o que denota que, possivelmente não estava destinada a ele, mas a outra pessoa, mas acabou sendo cedida ao Faraó dada a urgência da situação.

Como já foi mencionado, a poligamia só era permitida ao Faraó, estando os demais indivíduos restritos a apenas uma esposa. Pois bem, Aye era casado com Tey, mãe de Nefertiti e uma das mais influentes cortesãs do Período de Amarna. Pelas pinturas de Aye e Tey em sua tumba em Akhetaton (eles estavam preparando uma tumba na antiga capital, decorada com os motivos consagrados na revolução de Akhenaton, porém, quando viram o naufrágio das idéias revolucionárias, abandonaram esta tumba incompleta e iniciaram outra nas proximidade de Tebas), pode-se perceber que os dois também eram muito unidos, sendo assim, é pouco provável que Tey aceitasse de bom grado o casamento de seu marido com sua neta o que, aliado ao desaparecimento de Ankhesenamon (cuja tumba nunca foi encontrada e cuja última vez que é mencionada é quando se casa com Aye), contribui para a idéia de que talvez ela também tenha sido assassinada quando perdeu sua serventia: legitimar o poder Faraônico do avô.

Uma vez entronizado, Aye não teve tempo de realizar grandes feito. Já era um homem velho e só logrou governar dois anos, morrendo em 1320 (ou 1319, para alguns).

9.3 – Horemheb e a Reconstrução do Império:

Após a morte de Aye, quem toma o poder é Horemheb, um antigo general que lutara por Amenófis III, antes do Período de Amarna. Ninguém sabe ao certo como este indivíduo fez para se legitimar no poder, mas a teoria mais provável é a de que após a morte de Aye, um velho sem filhos, o Clero de Amon tenha se esforçado para colocar no poder alguém que lhe fosse fiel e que, ao mesmo tempo, possuísse o ímpeto guerreiro do qual o Egito tanto necessitava, visto que urgia retomar as expedições ofensivas na Ásia, antes que os Hititas começassem a realizar reides em terras Egípcias.

Horemheb era ambas as coisas: religioso e um general ligado ao furor das batalhas. Por isso é provável que o Oráculo de Amon tenha entrado em ação mais uma vez e, legitimando um novo governante, garantido o poder mais uma vez de volta para as mãos do Deus Invisível.

A fim de reestruturar o Egito, Horemheb dividiu o poder de duas formas: primeiramente, o Faraó já não seria mais o único responsável pela manutenção da Maat, mas, ao contrário, deveria administra-la em conjunto

com os Sacerdotes de Amon, sendo assim, Horemheb coibia a realização de uma nova revolução como a de Akhenaton. Em segundo lugar, visando limitar o poder do Tjati e, sobretudo, sua influência sobre o Faraó, Horemheb dividiu o cargo em dois. Havia agora um Tjati para o Alto Egito e outro para o Alto Egito (um residindo em Tebas e o outro em Heliópolis), sendo assim, dificilmente outro Aye apareceria no cenário nacional e ganharia a notoriedade que aquele Tjati havia ganho.

Em termos de justiça Horemheb também operou reformas, estas, porém, de nítida inspiração nos códigos dos povos Asiáticos. É de se supor se os Assírios (povo recém-instalado na cidade de Assur, na Mesopotâmia) não teriam inspirado Horemheb, mas como? A partir de seu governo, passaram a existir leis para coibir abusos de poder e sobre-taxações da população por parte dos Nomarcas e funcionários Régios corruptos.

9.3.1 – O Período das Proscrições de Horemheb:

Quando Akhenaton resolveu migrar para Akhetaton, é possível que Horemheb tenha sido um dos indivíduos ligados à corte que tenha se recusado a ir com ele. É ainda possível que ele tenha ido para a nova capital, mas que tenha sido um dos primeiros a abandonar o Faraó de Aton, quando percebeu que as reformas daquele só estavam pondo a perder as conquistas seculares do Egito.

Horemheb é o típico governante com perfil idealista, a espécie de homem que impõe seu pensamento sobre o Estado assim como se este fosse a verdade absoluta. Utilizando-se da força dos exércitos (que ele sabiamente reformou de modo a recuperar sua força), este Faro conseguiu se legitimar como poucos antes dele haviam feito. Nos treze anos em que passou no trono, dedicou-se a desfazer o que seus antecessores haviam feito. Fez isso de maneira tão bem feita que, na verdade, optou por risca-los da História.

Com efeito, Horemheb datou seu primeiro ano de governo como sendo seu 34º, sendo assim, se considerou o primeiro Faraó a ocupar o trono depois de Amenófis III, a quem tinha servido como general. Para tornar sua proscrição do Período Amarna mais verossímil, Horemheb enviou homens a Akhetaton e dispersou as últimas pessoas que ainda habitavam a cidade, depois, ordenou que a cidade fosse literalmente desmontada e que suas pedras fossem embarcadas para Tebas, onde ele as utilizou para realizar as obras de ampliação do Templo de Karnak em seu governo. Fora de Akhetaton (que ficou reduzida ao que é hoje (a cidade praticamente não mudou), ou seja, ruas que ligam o nada ao lugar nenhum, onde se pode avistar os alicerces intactos das casas e prédios e onde é possível desenterrar ainda hoje salões subterrâneos ignorados pelos executores de Horemheb), todo monumento onde se encontravam os nomes de

Akhenaton (ou Amenófis IV), Smenkhare, Tutakhamon e Aye, tiveram suas inscrições raspadas e rudemente substituídas pelo nome de Horemheb. Sendo assim, em muitos monumentos o nome de Horemheb está entalhado numa profundidade maior do que os demais hieróglifos.

As proscrições de Horemheb foram tão bem feitas que até mesmo os túmulos dos membros do Período de Amarna foram violados e tiveram suas inscrições destruídas. Todos... Menos o túmulo de Tutankhamon.

É provável que Horemheb não nutrisse qualquer sentimento de repudia a este jovem Faraó, é possível até (segundo Bob Brier), que nutrisse alguma afeição por ele e que o visse como vítima, porém, para que sua proscrição fosse bem feita, também o nome de Tutankhamon deveria ser apagado da História, mas, no entanto, seu espírito (*ka*) não precisaria ser destruído, sendo assim, a tumba de Tutankhamon foi poupada da destruição que assolou tudo o que pertencera ao Período de Amarna. Tendo sido passada a Horemheb, a própria estela da restauração havia sido esvaziada de sentido, visto que não haveria o que restaurar se este Faraó apenas tivesse sucedido o anterior numa seqüência lógica e natural, como ele quis que fosse.

A hipótese de que Horemheb tivesse ido com Akhenaton para Akhetaton não é de todo descartável, visto que há fortes indícios para se acreditar que este Faraó também adorasse Aton. Sendo que ele poderia, como parte de suas proscrições, proscrever também o culto ao Deus que todo o transtorno causara, mas, não o fez.

9.3.2 – A Tumba de Tutankhamon:

Como foi dito, Horemheb poupou o corpo e, conseqüentemente o *ka* de Tutankhamon da fúria de suas proscrições. No entanto, estas fizeram com que seu nome fosse apagado da História do Egito, sendo que nem mesmo Faraó futuros (nem mesmo Mâneton) vieram a saber de sua existência (bem como da de todos os principais personagens do Período de Amarna). Se ninguém conhecia Tutankhamon, se seu governo foi curto e sem nenhum feito relevante, como vimos, então, resta a pergunta: Por que ele é o mais famoso dos Faraós do Egito Antigo?

A fama de Tutankhamon se deve a dois pontos importantes: a descoberta de Tell el-Amarna, no sítio onde se localizava Akhetaton, o que intrigou os Egiptólogos que não puderam explicar o que foi aquela cidade, nem porque ela foi demolida; e o fato de sua tumba ter sido a única tumba Real do Egito Antigo a não ter sido saqueada.

A descoberta de Tell el-Amarna ajudou muito na compreensão de como se organizavam internamente as antigas cidades Egípcias justamente pelo fato de ter mantido todo o seu traçado de ruas inalterado, uma vez que, como foi literalmente desmontada, não passou pelo longo processo de

saques que destruiu (e ainda destrói) aos poucos os grandes sítios da Antiguidade.

A tumba de Tutankhamon, no entanto, vem sendo o maior referencial para se compreender muito sobre o Egito Antigo. Antes que se fale mais detalhadamente sobre ela, é bom que se saiba que ela chegou a ser saqueada, porém, por alguma razão (possivelmente a chegada de guardas) os ladrões tiveram que sair antes de poder levar muita coisa, por isso, apenas algumas pequenas peças foram retiradas. Parece que o saque às tumbas havia se tornado endêmico no Novo Império, tanto que um Faraó já não podia descansar em paz por dois anos (governo de Aye) sequer.

A proteção dada provavelmente por Horemheb à tumba do Faraó menino consistiu em cobrir sua entrada (já entulhada de cascalho) com mais cascalho ainda, sendo assim, aquele que passava pelo local tinha a impressão de se tratar de um amontoado de cascalho advindo da escavação de outras tumbas Reais, e não de uma tumba Real em si.

Dentro da tumba, o Egiptólogo Howard Carter, em 1922, encontrou mesas de cedro, jóias, tabuleiros de jogos, arcos e flecha, kopeshs, lanças, vasos, uma cama, muitas estátuas, diversos ubshabtis e o esquife, aliás, os esquifes, visto que Tutankhmon estava dentro de três sarcófagos: um de cedro, um de pedra e um de ouro maciço. Praticamente tudo o que se sabe sobre os enterramentos Faraônicos do Egito Antigo se deve a esta tumba. Comparações podem ser traçadas com as demais através do tamanho e das inscrições nas paredes. Para se ter uma idéia, não havia nada posicionado geometricamente, pelo contrário, tudo estava empilhado desordenadamente, como se a mera presença das coisas ali bastasse para que o Faraó pudesse desfrutar delas na outra vida.

Só a título de comparação, se a tumba de Tutankhamon, mesmo sendo pequena e tendo sido designada para ele de improviso continha tantas coisas de tanto valor, apesar dele próprio também ter sido um Faro de menor importância que Reinou num período de recessão econômica do Egito, podemos apenas imaginar quão fabulosas não teriam sido as riquezas das tumbas de Faraós como Quéops, Tutmés III, ou Ramsés II, os grandes Faraós do Egito Antigo.

9.3.3 – A Descoberta do Período Amarna:

Se o trabalho proscrição realizado por Horemheb foi tão bem feito que conseguiu apagar Akhenaton e seus sucessores da História de tal modo que nem mesmo Mâneton pôde dispor do conhecimento de sua existência, como é que viemos a saber sobre esse período?

A descoberta do Período de Amarna se deu por dois motivos: a descoberta de Tell el-Amarna, onde se pôde verificar que uma cidade havia sido desmontada e onde os resquícios de arte encontrados, sobretudo, em

tumbas nas colinas (como as de Aye e Kiya) e restos de pisos internos de residências e edifícios, indicavam uma arte fora da convencional, centrada na representação de cenas da natureza, animais, flores...

Ao redor das ruínas do Templo de Karnak, por volta de 1840 d.C., encontrou-se pedras que passaram a ser chamadas de *talatat* (termo originário do Árabe, três, por que elas têm três palmos de largura e de profundidade). Ao se examinar tais pedras, constatou-se que não haviam sido preparadas originalmente para o destino que tiveram, ou seja, integrar as paredes do Templo de Karnak. Ao que parecia, as faces pintadas e/ou esculpidas eram colocadas para baixo de modo a ficarem, para sempre sepultadas nas paredes do Templo.

Estudando-se essas pedras, constatou-se que seu tamanho também não era proporcional ao das demais pedras utilizadas em Karnak, por isso, começou-se a indagar de onde seriam oriundas, e mais, porque seus desenhos haviam sido escondidos?

O trabalho de montagem das pedras de modo a dar significado aos desenhos (trabalho digno de um verdadeiro quebra-cabeças) constatou que muitas das cenas se articulavam com aquelas encontradas em Tell el-Amarna, por isso, começou-se a investigar a possibilidade de tais pedras procederem de lá.

Percebeu-se, então, que essas pedras haviam sim sido as paredes daquela cidade, em especial de seus templos e que eram tão menores do que os blocos utilizados em geral por dois motivos: para facilitar a rápida construção da cidade, os blocos que eram cortados das montanhas não eram maiores do que um homem poderia carregar sozinho, sendo assim, o trabalho era mais rápido. O segundo motivo era que os templo de Tell el-Amarna, ao contrário dos demais templos do Egito, não possuíam teto, o que diminuía a necessidade de paredes grossas para sustentá-los. Mas por que esses templos não tinham teto? Restava saber disso, assim como também restava saber porque as pinturas reveladas por aquelas paredes propositalmente escondidas eram tão diferentes daquelas consagradas na arte tradicional do Egito.

Todas essas questões começaram a dar os primeiros indícios para se supor a existência de um período que se quis apagar da História, um período revolucionário e de uma revolução que não havia dado certo. A tumba de Tutankhamon veio a preencher uma lacuna que se encontrava nesse sentido. Agora sabia-se do que se tratava aquele período, bem como, agora podia-se entender porque o nomes do Faraó Horemheb estava gravado de forma mais profunda em alguns monumentos, como se tivesse sido gravado sobre algo que havia sido raspado.

No que se refere aos templos, bem com à religião do Período de Amarna, como já mencionei, tratarei mais adiante, no item 10.

9.4 – A XIX Dinastia:

Depois de governar por 13 anos, tendo-os registrado com se fossem 47, Horemheb, que já era um homem de idade avançada ao assumir o trono, morreu.

Assim como seus dois predecessores, ele não deixou herdeiros, porém, ao contrário deles, ele deixou um documento que encaminhava o trono para as mãos de um amigo seu, o Tjati do Baixo Egito, um homem chamado Ramsés.

Ramsés assumiu o trono como Ramsés I, mas, como também era um General dos tempos de Horemheb, como ele, já era idoso quando assumiu o trono, por isso, seu único ato de relevância nos dois anos em que governou foi associar seu filho Seti ao trono.

Seti também era um militar, mas bem mais jovem do que o pai. Durante o governo dele (Ramsés I), o jovem co-regente realizou comapnhas militares na Núbia (garantindo a soberania Egípcia na região) e na Palestina, que havia sido perdida durante o governo de Akhenaton. Quando Ramsés I morreu, Seti assumiu o trono tornando-se Seti I (sobre ele falarei um pouco mais no item sobre Omm Seti).

O governo de Seti I simbolizou a reconstrução do Império perdido, com efeito, este Faraó foi muito ativo militarmente, tendo reconquistado para o Egito toda a Palestina e também algumas partes da Síria que haviam sido tomadas por Hatti.

Foi no governo de Seti I que o culto a Aton foi completamente proscrito no Egito sendo seus devotos, caso encontrados em culto, condenados a morte. O filho de Seti I, Ramsés (algumas correntes sustentam que Ramsés não seria filho do Faraó, mas seu sobrinho) foi associado ao trono do pai enquanto ainda criança e, antes mesmo da morte do pai, já iniciou as construções que o tornariam célebre como o maior construtor do Egito. Comandou pessoalmente a construção de duas cidades no Delta do Nilo (local de onde a família Real era originária). Ambas levaram seu nome, mas, uma delas, Pi-Ramsés, após a morte de Seti I, tornou-se a capital do Egito.

Horemheb, Ramsés I e Seti I haviam governado quase que exclusivamente em Mênfis sendo Tebas quase que abandonado ao Clero de Amon, definia-se completamente o papel de capital religiosa daquela cidade.

9.4.1 – Ramsés II, o Grande:

Ramsés é, talvez apenas depois de Tutankhamon, o Faraó mais conhecido do Egito Antigo. Sua fama se deve em muito ao filme “Os Dez Mandamentos”, onde ele é o irmão adotivo de Moisés que consegue afasta-

lo do trono e depois começa a perseguir o povo Judeu que vive como escravo no Egito. É certo que o filme de Charleton Heston não deve ser visto como verdadeiro, no entanto, talvez, como veremos mais adiante, haja algo de verdadeiro na História de Moisés, como veremos no item 10.

Outro ponto importantíssimo para a fama de Ramsés foi a série de Romances Históricos de Christian Jacq: "Ramsés: o Filho da Luz", "Ramsés: A Batalha de Kadesh", "Ramsés: A Dama de Abu Simbel", "Ramsés etc, etc, etc...". Livros como esses só têm um papel na História: confundir a cabeça de seus leitores com informações sonhadas por seus autores e tidas como Históricas por terem como pano de fundo uma época desconhecida para muitos e que, por isso, aceita quaisquer absurdos que lhe forem atribuídos como sendo verdadeiros. Para se ter uma idéia, pode-se comparar um livro como os de Christian Jacq (que, aliás, ficou milionário vendendo enganações a pessoas com tempo disponível para ler algo que não lhes acrescentará em nada) com um filme como "O Escorpião-Rei" (já citado neste texto), onde o lutador de Luta Livre conhecido como "The Rock" interpreta o protagonista que se encontra completamente descontextualizado historicamente, em suma, obras para não se ler ou se ver.

Absurdos e sensos comuns à parte, Ramsés II foi realmente um grande Faraó. Para começar, governou por 67 anos, tempo no qual teve mais de 150 filhos com suas dezenas de esposas. Só isso já faria dele um recordista, no entanto, é também provável que tenha tido o governo mais duradouro do Egito Antigo, uma vez que é muito duvidoso que Pepi II tenha governado tanto tempo quanto se lhe atribuí.

Militarmente falando, o feito mais impressionante (e inverossímil) deste Faraó foi a famosa Batalha de Kadesh. Nesta batalha, realizada na Ásia, contra os Hititas, pela tomada da cidade de Kadesh, ao contrário do que muitos pensam, Ramsés foi derrotado, inclusive, em suas exaltações às suas glórias, ele mesmo reconhece isso. Porém, segundo escreveu em muitas e muitas paredes (esta é a narrativa mais exaustivamente reproduzida em paredes da História do Egito), num determinado momento ele foi separado do corpo de seus exércitos que, sem comandante, começou a ser trucidado pelos Hititas. Com uma inspiração Divina, porém, Ramsés conseguiu romper as linhas inimigas, reagrupar seu exército e bater em retirada. Com o tempo, como esta foi a última batalha da qual Ramsés participou e como ele não dispôs de outras sobre as quais se enaltecer, esta derrota sem maiores conseqüências acabou se tornando (nas inscrições mais recentes) uma espécie de manifestação de poderes Divinos do Faraó. Algumas inscrições relatam que com apenas uma das mãos (a outra estaria machucada), Ramsés conseguiu destruir milhares de bigas Hititas e atingir seu exército.

Seja como for, Ramsés se dedicou, em seu governo, a construir grandes obras ao longo de todo o Egito. Inspirado em Amenófis III (que erigiu os Colossos de Memnon), ele construiu muitas estátuas de si próprio ao longo de todo o país. Não contente ele ainda usurpou diversas estátuas de Faraós antecessores, simplesmente apagando seus nomes e entalhando o seu por cima. As mais célebres obras de Ramsés são o Ramesseum, em Tebas; Abu Simbel, na Núbia e a Sala Hipostila do Templo de Karnak, onde existem 134 colunas gigantes ricamente esculpidas com a narração dos feitos de Ramsés.

Com efeito, a sede de Ramsés pelo grandioso fez com que seu nome se espalhasse aos quatro ventos dando ao Monarca uma fama muito maior do que seu real poder comportava, contudo, a proliferação demasiada de estátuas e templos colossais em sua homenagem fez com que os tradicionais padrões arquitetônicos Egípcios deixassem de ser tão requintados. Em muitos desses templos, especialmente nos mais recentes, ao invés de grandes blocos de concreto, as paredes são construídas com duas paredes paralelas de pequenas pedras e um vão recheado de cascalho no meio, o que dá a impressão de que se tratam de pedras muito grandes, mas estas paredes, por serem frágeis, só podem ser sustentadas por colunas de apoio.

Apenas alguns meses após a Batalha de Kadesh, Ramsés recebeu uma proposta para um tratado de paz com os Hititas. Prontamente o Monarca aceitou-o, se bem que tenha feito com que este fosse retratado como sendo uma rendição. Na verdade, este tratado era um tratado e mútua defesa, proposto porque os Hititas começavam a ser seriamente atacados por diversos povos. Era a segunda e derradeira leva dos Povos do Mar que chegava ao Crescente Fértil. Talvez o avanço desses povos tenha se precipitado pela destruição do Mitani por Hatti durante o Período de Amarna, talvez por outros motivos, o fato é que vários povos, entre eles Assírios e Dórios avançavam agora com uma velocidade impressionante por sobre os antigos países do mundo. Estes povos, detentores da metalurgia do ferro, logo aprenderam a utilizar também os carros de guerra e, sendo assim, em pouco tempo se tornaram inimigos invencíveis para aqueles que haviam até então dominado o cenário do Mediterrâneo Oriental.

Ramsés II foi sucedido por Menerptah e este teve sérios problemas com a invasão do Delta de forças conjuntas dos Povos do Mar e dos Líbios (povo que há muito estava esquecido pelos Egípcios, mas que agora alcançara um nível evolutivo capaz de impor-lhe resistência). O novo Faraó foi vitorioso, contudo, talvez tenha sido obrigado a abandonar Pi-Ramsés (a capital construída por Ramsés II), voltando para Mênfis. Após sua morte diversos Faraós governaram em curtos períodos de tempo, dentre eles, o mais conhecido é Seti II. O Egito entrou num processo de desagregação

interna e, como sempre, os Nomarcas se tornaram semi-independentes. Alguns indivíduos de origem Síria conseguiram posições de destaque dentro do cenário político Egípcio. E apenas o Clero de Amon conseguiu manter a unidade necessária para que a XX Dinastia pudesse emergir tendo, no entanto, apenas dois Faraós de relevância: Ramsés III e Ramsés IV. Esta Dinastia é usualmente incluída dentro do Novo Império por conta desses dois Faraós, mas, neste texto decidi incluí-la no período seguinte por conta de todos os outros oito.

9.5 – Razões para a Desintegração do Novo Império:

Comumente se diz que as invasões dos Povos do Mar agravadas pelo atraso tecnológico crônico no qual se encontrava o Egito foram os responsáveis pela desintegração do Novo Império, no entanto, uma nova teoria soa-me um pouco mais atraente do que a fórmula quase matemática de relacionar o declínio de um povo a invasões externas numa espécie de Darwinismo Social expandido, ou seja, a civilização mais adaptada sobrevive, a menos desaparece.

A que se saber que o governo de Ramsés II se voltou quase que unicamente para a exaltação da imagem do Faraó. É verdade que isso pode ter sido o suficiente para a construção de uma imagem internacional de invencibilidade daquele homem, o que explicaria (além da explicação óbvia do acaso) o fato de o Egito só ter vindo a ser atacado depois de sua morte, ou seja, quando os inimigos sentiram que não teriam mais a oposição de um Deus Vivo.

No entanto, esse aspecto do governo de Ramsés negligenciou praticamente todas as outras coisas e é certo que em seu governo os saques às tumbas Faraônicas, que já eram endêmicos há alguns anos, tenham se tornado uma constante quase incontrolável (talvez até por não haver interesse do próprio Faraó em controlar tais atitudes, visto que ele próprio cometia freqüentemente o crime de se expropriar da memória de Faraós anteriores roubando-lhe monumentos e estátuas). Certo, é realmente possível que os saques tenham se tornado uma constante quase incontrolável durante o governo de Ramsés, mas o que isso tem a ver com a derrota do Egito frente a seus invasores?

Bem, vejamos, os túmulos estavam abarrotados de tesouros como jóias, ouro e madeira. Esquecendo-se da madeira que apodrece e se torna imprestável depois de alguns anos, o ouro e as jóias eram importantes moedas de troca no comércio internacional. O Egito os utilizava para negociar com seus aliados e com seus vassalos. Era através do ouro que ele, e qualquer um, obtinha o estanho necessário à fundição do bronze, a madeira necessária à construção de carros e navios, gado, inclusive cavalos, que não eram muito abundantes no Egito e até mesmo

mercenários, visto que os trabalhadores eram costumeiramente pagos em trigo e ungüentos, porém os mercenários (as infantarias Egípcias), grosso do exército do Faraó, eram pagos em peças de ouro.

Agora vejamos, se os túmulos eram recheados de riquezas e se estas riquezas eram saqueadas, para onde elas iam?

Para o mercado, entravam em circulação para enriquecer aqueles que as roubaram, certo?

Pois bem, até o indivíduo mais ignorante em economia já sabe que quanto mais dinheiro em circulação, mais caras ficam as coisas e quanto mais caras ficam as coisas, mais dinheiro se gasta para compra-la, o que leva a preços proibitivos e a uma potencial redução do poder de compra. Então, se a quantidade de ouro e pedras preciosas no mercado aumentou abruptamente durante o governo de Ramsés II, logo o poder de compra do Egito diminuiu, sendo assim, contratar mercenários, importar estanho, madeira, gado, cavalos, etc, ficou muito mais caro. Isso aliado ao tratado de paz assinado por Ramsés II e pelo Rei Hitita pode ter feito com que o Faraó, tão preocupado que estava em promover sua própria imagem, tenha abandonado também os investimentos nos exércitos, visto que acreditava que sua única ameaça seriam os Hititas e como este haviam se rendido (como Ramsés mandou escrever)...

A metalurgia do bronze não era muito desenvolvida no Egito, aliás, excetuando-se as armas e armaduras dos mais importantes oficiais do exército, as demais armas, armaduras e instrumentos eram ainda feitas de cobre, pedra, couro e madeira.

Quando as invasões Asiáticas bateram Hatti e adentraram o Egito, os corpos diminutos aliados à falta constante de produtos essenciais levaram o país à derrota e, sendo assim, ao final do Novo Império.

9.6 – Práticas Funerárias no Novo Império:

Não há muito o que acrescentar ao que já foi dito, os Faraós, a partir de Tutmés I, passaram a ser sepultados no Vale dos Reis, em túmulos escavados nas rochas como galerias. Estas eram abarrotadas de preciosos artigos como os descritos no item sobre a tumba de Tutankhamon, e depois seladas com a obstrução de seus túneis com o cascalho retirado pelos responsáveis pela escavação. Em muitos desses túmulos havia fossos e dispositivos de segurança, além de paredes falsas e até mesmo falsas câmaras mortuárias para dar a possíveis ladrões a impressão de que não havia muito o que roubar ou mesmo a de que outros ladrões já haviam estado lá antes deles. Porém, mesmo com toda essa segurança, apenas a tumba de Tutankhamon não foi saqueada e, por isso, se tornou a mais célebre da História Egípcia (para que se saiba, a tumba da mãe do Faraó

Quéops também não foi saqueada, mas, por não se tratar da tumba de um Faraó, não tem o mesmo valor que a de Tutankhamon).

A principal mudança no que concerne às práticas funerárias não se refere aos enterramentos em si, mas ao pensamento da população.

O Livro dos Mortos que antes era visto como uma espécie de lembrete, sendo um compilado das regras a serem decoradas, agora, mais do que nunca, passara a ser uma receita mágica de entrada em Amentet. Uma espécie de ticket, sem o qual não haveria possibilidades de se ser salvo.

É claro que esta crença é de inteira responsabilidade do Clero de Amon. Como únicos responsáveis pela inscrição dos Livros dos Mortos, os Sacerdotes produziam-nos aos milhares, com preços e tipos para todos os bolsos, sendo assim, na medida em que pregavam a necessidade de seu uso, tratavam de garantir uma renda estável para os cofres do Templo, uma vez passados os períodos de expansão territorial que tantos dividendos traziam.

Essa mistificação de uma teologia tão bela e bem elaborada provocou um triste reducionismo abstrativo, quase uma superstição. O Amentet que antes era um mundo justo no qual só poderia entrar quem fosse puro de coração e houvesse cumprido seu papel na sociedade (pois, afinal, a função da Maat era garantir justamente isso, que todos cumprissem seus papéis na sociedade), tornara-se agora um grande estádio onde quem comprasse o ingresso teria direito a um assento. Mais um dos indícios de que a sociedade Egípcia se havia tornado uma sociedade materialista e não tão espiritualista como costumava ser.

No mais, quanto aos ubshabtis, é interessante ressaltar que nas tumbas do Período de Amarna, os ubshabtis não portavam instrumentos de trabalho como mandava a tradição, mas um cajado e um mangual (símbolos do poder só utilizados pelo Faraó), ou uma ankh (a Cruz Egípcia que simboliza a vida). Não se sabe o porque disso, mas é de se supor que também estivesse ligado à nova doutrina de Akhenaton. Talvez você trabalhasse em vida para o Sol (Aton na figura do Faraó), para que ele trabalhasse por você na sua pós-vida.

10 – A Supremacia do Sol na Guerra dos Deuses Egípcios:

A religião realmente foi um dos principais e mais complexos aspectos da civilização Egípcia, justamente por isso é que neste texto dois itens inteiros (este e o item 5) foram dedicados a ela, além disso, em praticamente todos os outros itens (exceto talvez o item sobre a Geografia) algumas menções a algum tipo de caráter religioso foram feitas.

Se você busca saber mais sobre a mitologia Egípcia em si, recomendo-lhe a leitura do item 5 deste texto, visto que é lá que me

debruço sobre isso, falando sobre a criação do mundo, o surgimento dos Deuses, suas guerras originais e mesmo fornecendo uma coligação com a mitologia vigente no Antigo Império e I Período Intermediário.

Neste item em me debruçarei sobre o aspecto do canibalismo Divino, já mencionado no item 5, explicarei a teologia provável do Período de Amarna e me debruçarei sobre a figura de Amon (aliás, é justamente por estudar especialmente Amon e Aton, dois Deuses ligados ao Sol, que este item tem o nome que tem), além disso, investigarei alguns dos possíveis paralelismos religiosos entre o Egito e as demais regiões do Crescente Fértil e Mediterrâneo Oriental.

10.1 – Uma Observação Crítica acerca de Isis:

Segundo a Dr. Elaine Farias Veloso Hirata, Professora de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), é possível que houvesse um culto Neolítico a uma espécie de Deusa-Mãe, comum a todas as regiões litorâneas do Mediterrâneo Oriental. Segundo a Professora, as origens desse culto seriam obscuras, mas poderiam remontar a uma época em que a humanidade ainda não se havia dado conta da importância da participação masculina na geração dos bebês.

Esse culto é ainda uma especulação, existindo a possibilidade de que ele venha a ser tido como uma mera tolice daqui a alguns anos, no entanto, os elementos que tornam sua existência verossímil são muitos, entre eles, pequenas estatuetas de mulheres grávidas encontradas ao longo da costa da Grécia, da Anatólia, da Síria, do Líbano, da Palestina e no Delta do Egito.

Se levarmos em conta que na mitologia Egípcia, como já vimos, Nun, a Água Primordial, era uma Divindade feminina e que depois de seu esquecimento (ela não foi propriamente esquecida, mas simplesmente desapareceu do contexto religioso Egípcio, visto que a divindade da água era Hapi, Deus do Nilo e se Nun era importante para os oceanos, isso dizia muito pouco aos Egípcios médios), a única Divindade feminina de relevância (notem que não se trata da única Deusa, mas da única com participação direta e determinante na cosmogonia) passou a ser Isis, além disso, se incorporarmos outros interessantes aspectos a essa lenda, como por exemplo:

O fato de o foco principal do culto a Isis se localizar no Delta (inclusive, suas Histórias se desenvolvem principalmente nessa região), ou seja, perto do mar e de onde foram encontrados os vestígios comuns da tal Deusa-Mãe.

Em segundo lugar, Isis é uma Deusa (ao contrário das demais Deusas do panteão Egípcio (Hator, Sekhmet, Bast, Néftis...)) com

características maternais acentuadas, ou seja, ela zela por seu filho o tempo todo, amamenta-o (a imagem de Isis com o Horus bebê no colo já foi discutida no item 5) e, ainda que furiosa, a dor de uma mãe que acabara de perder o filho (a mãe do Delta que teve o bebê morto pelos escorpiões de Isis) é o suficiente para amolecer seu coração e trazer o bebê de volta à vida.

Assim como Maria (o que é, sem dúvidas, mais uma das recorrências Cristãs à mitologia Egípcia), quando Horus morre, ela o segura em seus braços e, chorando, clama a Ra por sua vida. O filho ressucita...

Por todos os aspectos de ícone da mãe e da mulher ideal, além de transmissora do poder (como devemos nos lembrar, o costume Egípcio de o poder Real ser transmitido pelas mulheres a seus maridos advém da História de Isis que obteve o poder de Ra e o transmitiu a Osíris), ou seja, uma figura importantíssima e, sobretudo, originária do Delta (a região de difusão no Egito da provável Deusa-Mãe Neolítica), podemos vir a pensar que talvez Isis seja o nome que essa Deusa-Mãe tenha adquirido no Egito. Sendo assim, talvez essa Deusa seja a mais antiga Divindade Egípcia e, quiçá, do mundo Mediterrâneo, havendo a possibilidade de que esteja ligada muito de perto com a primeira noção de Divindade idealizada pela humanidade. Para isso, devemos regredir um pouco no tempo e pensar (esquecendo-nos de nossos conhecimentos em genética e anatomia atuais) como deveria ser encarada a gravidez pelos homens Pré-Históricos. Certamente eles não deveriam ser capazes (ao menos não no início) de relacionar um ato sexual de nove meses antes com o nascimento de um bebê, sendo assim, é muito possível que não existisse entre eles qualquer noção de paternidade e, por esse mesmo aspecto, é possível que as mulheres, por serem capazes de gerar a vida à partir do nada, fossem vistas como criaturas Semi-Divinas, a serem reverenciadas, talvez.

Por essa linha de raciocínio (há que se lembrar que são apenas hipóteses, especulações que têm como base empírica tão somente as referidas estatuetas Neolíticas), não é muito estranho pensarmos que os homens Pré-Históricos de dezenas milhares de anos atrás podem ter relacionado a criação de tudo (a partir, é claro, do momento em que começaram a ter um pensamento abstrativo consistente o suficiente para notarem que tudo nem sempre foi da maneira como eles conheciam, que um dia eles poderiam não ter estado na Terra e coisas do gênero, ou seja, quando perceberam que existe algo inerente à própria existência: a evolução, ou, mais propriamente, a modificação) com a criação das pessoas que, em sua concepção, se dava devido às mulheres, sendo assim, é possível que a Divindade Original tenha sido uma mulher grávida. Grávida do mundo. Essa mulher pode, no caso do Egito, ter sido Isis.

10.1.1 – A Figura de Isis como Determinante de uma Origem:

Como pudermos ver, Isis pode ter sido uma herança do culto a uma Deusa-Mãe Neolítica, sendo assim, isso explicaria a correlação entre seu culto ser originário do Delta e suas características serem essencialmente maternais. Se observarmos, a própria História de Isis é um tanto quanto sem objetivos e parece se desenvolver em torno dos objetivos de Osíris (antes) e de Horus (depois).

Agora que já temos esse conceito em mente, podemos tocar num ponto que para muitos é calamitoso e confuso. Acredito que seja muito provável que eu venha a receber duras críticas por minhas colocações neste item, mas, mesmo assim, não deixarei de faze-lo.

Vejamos, atualmente a hipótese mais aceita pela paleontologia é a de que o homem deve ter surgido na África e de lá se disseminado para o restante do mundo. As recentes descobertas apontam até mesmo para o achado de um elo perdido na corrente evolutiva entre o símio primitivo e o homem atual, ou seja, o *homo sapiens idaltu*.

Agora pensemos de uma maneira um pouco mais Platônica, ou seja, por analogias e abstrações muito mais do que por análise de fatos empíricos. A História não registra (excetuando-se o movimento isolado e efêmero de conquista do Egito perpetrado pelos Núbios, que, no entanto, como veremos, se motivou por questões ideológicas e por proximidade territorial, e não por uma simples idéia de movimento migratório) nenhuma marcha expansionista oriunda da África em direção ao Mediterrâneo; ao contrário, essas marchas são sim, oriundas da Ásia em direção ao Mediterrâneo e mesmo em direção à América (se considerarmos a teoria do Estreito de Bering para a ocupação inicial da América).

Vejamos esse dado, partindo das marchas mais recentes em direção às mais antigas de que se tem notícia:

1 – Entre os séculos XII e XV d.C., os Mongóis fizeram vários reides em direção a Europa e aos países da Ásia Mediterrânea. Chegaram a conquistar a Rússia e ocupar regiões Balcânicas, além de impor seu domínio sobre grandes partes do mundo Islâmico.

2 – Um pouco antes, por volta do século IX d.C., os Turcos, também oriundos de uma região hoje pertencente à China, marcharam por toda a Ásia até atingirem a Anatólia onde, depois de 1071, com a vitória sobre o Império Bizantino, na batalha de Mazinkert, se estabeleceram.

3 – Entre os séculos VII e VIII d.C., saídos da Península Arábica, os Árabes realizaram uma impressionante marcha de conquista que terminou por delimitar as fronteiras do mundo Islâmico Contemporâneo. Em sua extensão máxima, o Império Islâmico chegou a dominar todo o norte da África e a Espanha, além do sul da Itália.

4 – Entre os séculos III e VI d.C., diversos povos, batizados com os nomes pejorativos de Bárbaros, ou mesmo com os errôneos coletivos de Germânicos, atacaram o Império Romano vindos da Ásia Central e de Monções. Dentre esses povos, podemos dar destaque especialmente para os Hunos, os Vândalos, os Godos (Visigodos e Ostrogodos), os Suevos, os Avaros, os Lombardos e os Teutões.

5 – No século III d.C., o poderoso Império da Partia, Império que mesmo os Romanos nunca lograram derrotar, entrou em colapso pela marcha de Persas vindos da margem oriental do Golfo Pérsico: os Sassânidas.

6 – No século I a.C., a Ásia Selêucia, cujas raízes formadoras remontava à expansão de Alexandre, o Grande, foi tomada de assalto pela invasão dos Partos que, com suas táticas de guerra baseadas em arqueiros à cavalo (táticas consagradas em regiões distantes da China e conhecidas como "Tática do Arqueiro Zen") atropelaram os Selêucidas e construíram um Império que serviu de cordão de isolamento contra a expansão Romana no oriente.

7 – No século VI a.C., repentinamente surge um grande Império Persa que, em menos de trinta anos (entre Ciro II, o Grande e Cambises), conquista praticamente todo o Crescente Fértil criando o maior Império que o mundo já vira até então. Este Império só seria derrotado pelos exércitod e Alexandre, o Grande, em sua marcha no século IV a.C..

8 – Entre os séculos VIII e VII a.C., a Assíria se expandiu tanto que além de conquistar de maneira efêmera (apenas 4 anos) o Egito (como veremos), foi capaz de impor seu domínio sobre toda a Mesopotâmia e Palestina, destruindo diversos Reinos poderosos.

9 – Entre os séculos XV e XII a.C., vários movimentos populares se destinaram ao Mar Mediterrâneo, dentre eles podemos destacar o avanço dos Dórios sobre a Grécia, que provocou a Primeira Diáspora Grega, e o primeiro movimento expansionista da Assíria que teve ímpeto para destruir o Império Hitita, o Reino do Mitani e tomar a Judéia e a Mesopotâmia.

10 – Entre os séculos XVII e XV a.C., Vedas (no Mitani), Hurritas, Cassitas, Hititas, Jônios, Eólios e Aqueus, dentre outros povos, chegam ao contexto do Mundo Mediterrâneo. É neste período que se situa a invasão do Egito pelos Hicsos ("Os Príncipes de Países Estrangeiros").

Acredito que dez marchas migratórias sejam mais do que suficientes para se comprovar que meu argumento deve, ao menos, ser levado em consideração, não acham?

Pois bem, quantas marchas oriundas da África nós conhecemos? Nenhuma! A única marcha que se supõe, teria ocorrido há centenas de milhares de anos, realizada por homens semi-homínideos que teriam se espalhado pelo mundo. É uma teoria que não procede (segundo uma

análise Platônica dos acontecimentos) se analisarmos o clima e as barreiras climáticas.

Pensemos, mesmo considerando-se que os estudiosos de Climatologia estejam certos e que, dessa forma, o Deserto do Saara e suas ramificações (como o Deserto da Líbia) não existissem antes de 10000 a.C., mesmo assim, temos que considerar que a África negra é uma região muito mais agradável de se viver do que a Europa, visto que na Europa o clima proporciona uma estação de destruição anual: o inverno, onde nada se planta e onde é necessário que se busque abrigos confortáveis e aquecidos, caso contrário, morre-se de frio.

Na África negra não existe esse problema, além disso, a fauna é muito mais variada e abundante, proporcionando melhores condições de caça. Por que, então, num contexto de pujança como este, o homem primitivo (e, portanto, sem tantas capacidades de alteração da natureza como nós, por exemplo, não conhecia a agricultura, meio de subsistência básico para se sobreviver ao inverno Europeu, visto que sem ela não se pode garantir um excedente necessário para se estocar para o inverno) teria optado por deixar a África, caso tenha surgido realmente lá?

Alguns dirão a resposta padrão: superpopulação!

Certo, agora sejamos realistas, num mundo sem remédios, de vida nômade ou semi-nômade e com diversas feras (leões, crocodilos...) a serem combatidas com armas simples como pedras e paus, certamente a expectativa de vida não seria muito alta. É certo que comunidades coletoras e caçadoras tendem a destruir o meio em que vivem, sendo obrigadas a marchar quando esgotam a antigo acampamento. Nessas marchas, ocasionalmente uma comunidade devia se deparar com outra, no que resultavam guerras e/ou fusões. Tudo isso é verdade, mas se observarmos essa ocorrência de uma forma Malthusiana, chegaremos à conclusão de que talvez fosse mais provável que a minoria dos grupos optasse por abandonar uma região de extrema pujança natural, sendo que a maioria absoluta optaria por decidir a ocupação do território através de guerras.

Pensando a esse respeito e comparando-se a África com a Ásia em termos de qualidade da natureza local (conjunto de fauna, flora e hidrografia), somos levados a crer (sustentados pelas invasões e marchas Históricas de cujo conhecimento dispomos) que, talvez, a vida tenha surgido na Ásia. Teria que, ao menos eu, nunca ouvi à respeito.

Devo assumir que apenas conheço a teoria de que o homem deve ter surgido na África, coisa que, particularmente (inclusive em professores que já tive e conheci) tende a servir como legitimação de preconceitos, uma vez que se torna fácil, para a mente mais suscetível, pensar que se o homem veio de uma espécie de macacos e se os macacos têm as peles mais escuras, logo, os primeiros homens teriam as peles mais escuras e, como

os homens de peles escuras são originários da África: a vida deve ter surgido na África.

O preconceito não pára por aí, pois, uma vez que, toda a nossa idéia de civilização e mesmo de mundo é pautada numa noção de evolução, ou seja, na idéia de que aquilo que vem depois é necessariamente melhor e mais adaptado do que aquilo que existia antes. Podemos concluir que os homens descendentes dos homens originais são melhores do que eles e se os homens originais são os Africanos, somos levados a crer que eles são naturalmente inferiores aos demais humanos.

Eu sei que será muito fácil refutar tudo o que eu disse de forma "científica", dizer que não tenho material empírico para alegar que a vida pode ter surgido na África. Muitos dirão até que este item de meu texto é totalmente sem propósito, visto que se insere num contexto de religião e, em hipótese alguma falou de religião, não é mesmo? Bom, para esses eu não tenho resposta, ao menos não uma que eles pudessem compreender...

Mas voltemos ao eixo principal agora que já mostrei que a vida pode não necessariamente ter surgido na África, mas, talvez, na Ásia. Continuando com o pensamento Platônico, podemos analisar que a Ásia é justamente o centro do mundo. Não estou sendo reducionista nem mesmo, sou ignorante o suficiente para pensar que uma esfera possa ter um centro localizado em sua superfície, não é isso. Falo de uma maneira mais geopolítica, ou seja, a Ásia é o único continente de onde se pode ir à pé (ou fazendo uso de embarcações pequenas) para qualquer outro continente do mundo, sem ter que passar por outro continente que não seja a própria Ásia e o seu destino.

Baseado nessas reflexões e também numa hipótese quase que matemática da História, ou seja, na hipótese de que antes do primeiro processo de "globalização mundial", iniciado com as Grandes Navegações dos séculos XV e XVI, as levas migratórias de caráter violento incidiam sobre o Mediterrâneo Oriental (vindas da Ásia) a cada período médio de 200 anos, podemos pensar que talvez as dez marchas relacionadas acima não sejam as únicas, que talvez tenham havido outras mais antigas das quais perdemos a memória pela falta de registros. Sendo assim, venho através desse item, e, agora sim, baseado em algumas evidências materiais (as estatuetas da Deusa-Mãe), propor que talvez Egípcios, Cretenses, Fenícios e os Micênicos (também ditos Pelasgos) tenham sido oriundos de uma marcha Asiática mais antiga, de um povo (ou conjunto de povos) que, a exemplo de tantos outros que lhe foram posteriores, tenha abandonado a Ásia como forma de fugir das grandes instabilidades climáticas do continente.

Sei que minha proposta é complicada, na medida em que nos obriga a questionar o que temos como verdade científica, mas só proponho que não tomemos a ciência como a religião do século XXI. Na Idade Média, e

mesmo ainda hoje, muitas pessoas se recusavam a pensar de uma maneira que fosse de encontro com aquilo que a Bíblia propunha. Deixavam que a religião as cegasse, não se permitiam ver as barbaridades que cometiam. Dentre essas pessoas se encontram muitos heróis nacionais de diversos países que entraram para a História por terem mantido, criado e/ou reforçado preconceitos que se tornaram vencedores em seus respectivos tempos. Pretensos heróis que tiveram suas causas derrotadas como Hitler, Mussolini e Napoleão, se viram convertidos em monstros pela História. Porém, talvez se Hitler tivesse vencido a guerra, o holocausto teria sido encarado assim como as bombas de Hiroshima e Nagasaki o são nos parâmetros da História Mundial, ou seja, como uma mácula quase perdoável num passado brilhante de um povo que quem odeia o faz por inveja e, obviamente, sem razão...

Apenas como forma de complemento e também visando fornecer ao leitor mais elementos para que possa pensar por si só em minha proposta, gostaria de que pensássemos a respeito das primeiras técnicas de combate. Como já mencionei neste texto, espadas (sejam elas de cobre, bronze ou ferro (e depois aço)), arcos e flecha, carros de guerra, animais adestrados (como cavalos, elefantes e camelos), armaduras, escudos, dentre outras armas criadas pela tecnologia bélica humana são originárias da Ásia. Vendo isso podemos muito bem pensar que o que pode ter levado os Asiáticos a desenvolver tais armas pode muito bem ter sido a vontade de sair da Ásia, de se verem livres de um território distante do mar, onde desertos (sejam de gelo ou de areia) se alternam a montanhas e estepes, onde a fauna é muito escassa e onde os rios se concentram apenas em pequenas regiões, tornando difícil até a obtenção de água. Talvez tenha sido esse ímpeto que tenha levado os Asiáticos a povoarem a Oceania e a América, mas porque não pode ter sido este mesmo ímpeto o responsável pelo povoamento da Europa e da África.

Eu lhes digo o porque, porque para infelicidade dos EUA, eles ainda não puderam encontrar nenhum fóssil Americano (em parte porque a umidade do solo da América facilidade decomposição, impedindo, em muitos casos a fossilização e/ou a preservação de tecidos e ossos como ocorre no clima seco e/ou gelado) com idade superior a 30000 anos, por isso, nunca foi possível contestar as teorias de que o homem se originou no Velho Mundo. Essas teorias dão conta de que o processo natural de dominação da terra parte e sempre partiu do Velho Mundo em direção ao Novo Mundo, e não ao contrário, inclusive, os primeiros “cientistas” a realizarem escavações Arqueológicas e Paleontológicas na África foram justamente aquele que estavam a serviço de Napoleão, o mesmo Napoleão que foi o criador do termo América Latina, com a intenção de identifica-la aos países Latinos dos quais o mais poderoso (e, por conseguinte, destinado a domina-los) era a França.

10.1.2 – As Estatuetas da Deusa-Mãe e uma outra Hipótese:

Bem, mas toda a polêmica do item anterior foi suscitada pela existência de estatuetas de mulheres grávidas (em geral, mas não só, visto que existem mulheres não grávidas também), certo? Certo, mas o que isso prova de verdade?

Prova, de um ponto de vista Positivista, apenas e tão somente, que os homens Neolíticos do Mediterrâneo Oriental faziam este tipo de estatuetas.

Porém, o Positivismo já é há muito uma ótica de pensamento desatualizada e, até mesmo, vista como errada, especialmente em se tratando de Ciências Humanas. Sendo assim, uma vez que já vimos (no item anterior) como podemos analisar essas estatuetas de um ponto de vista Platônico e, por que não, Fenomenológico, veremos agora como poderíamos fazer uma análise Nihilista dessa mesma situação.

O Nihilismo pressupõe uma desconstrução do que foi dito para que seja colocada apenas uma grande pergunta em seu local, em outras palavras, ele não apresenta explicações, assim como as demais teorias fazem (afinal, ou bem, ou mal, todas as teorias buscam uma maneira menos ruim de se explicar o real, pressupondo que este exista; mesmo a Fenomenologia, que leva em consideração que é impossível estudar o real na medida em que ele está preso num instante passado e que seu estudo se pautará nas diversas impressões tomadas a respeito desse real passado, pressupõe um real, mas não o Nihilismo). Para o Nihilismo, de quem podemos destacar como criador (se bem que ele talvez tenha sido apenas aquele que primeiro tenha se atrevido a divulgar tais tipos de pensamentos já existentes e reprimidos na humanidade desde a Idade Média) Friedrich Nietzsche, Filósofo Alemão do final do século XIX e início do XX, o importante é mostrar que a verdade e os conceitos não são nada mais do que criações e que, portanto, não existem. Porém, se nós temos perguntas e queremos respostas, não devemos espera-las dessa corrente, pois, certamente, só obteremos mais dúvidas, por esse motivo, tão poucos Filósofos até hoje se enveredaram pelos caminhos do Nihilismo, mesmo que, em seu âmago, tivessem alguma simpatia pela teoria.

O que farei neste item é, até certo ponto, uma ação Nihilista, visto que apenas desconstruirei o que já havia falado, no entanto, como minha fala anterior levou em si a construção de uma verdade em cima da demolição de paradigmas anteriores, o que restará será o nada e, por conseguinte, a dúvida.

Pensemos na América Pré-Colombiana apenas para começarmos a discussão. As crianças indígenas, em especial na cultura Asteca (mas também entre os índios Brasileiros, por exemplo) possuíam pequenos bonecos feitos de madeira ou pedra com os quais brincavam. Esses

bonecos eram nada mais do que estatuetas que, se encontradas numa região onde o contexto nada possa informar, poderiam sugerir que fossem pequenas Divindades de culto, talvez portáteis, como talismãs pessoais, devido à enorme quantidade.

Pensemos num outro exemplo, esse hipotético, mas, ainda assim, interessante. Em meu porão, disponho de uma lata (daquelas de quartos de meninos, que servem também como banquinhos) onde estão guardados diversos bonequinhos de minha infância. São guerreiros, como os da série HE-MAN, soldados, como o RAMBO e os COMANDOS EM AÇÃO, além de bruxos e magos. Nada de mais, brinquedos velhos que guardo de recordação de meus tempos de infância. Pois bem, imaginemos que um cataclisma se abatesse sobre a Terra que a civilização fosse inteiramente dizimada (seja lá porque motivo fosse). Daqui a alguns milhares de anos, uma raça alienígena chega à Terra e, ao descobrir vestígios de uma civilização extinta, resolve estuda-los. Como não têm base de como foi nossa civilização, os estudos dessa raça se basearão em achados e na abstração sobre eles. É claro que tal abstração se dará a partir de um parâmetro, ou paradigma estabelecido. Este paradigma, certamente será o modo de vida da própria sociedade alienígena que nos descobriu, sendo assim, eles podem descobrir minha lata de bonequinhos (que, por algum motivo teria restado) e, ao abri-la, pensar que, por exemplo, se tratasse de um costume que se remetesse a práticas funerárias, sendo assim, esse bonequinhos estariam guardados numa lata colocada no sub-solo de uma casa para que os proprietários da casa se lembrassem de parente que perderam. As roupas dos bonequinhos seriam vistas como claros indícios de nossas vestimentas, sendo assim, seria provável que os alienígenas concluíssem que nós utilizávamos roupas de guerreiros medievais, ninjas, e fardas de soldados no nosso dia-a-dia, ou, ao menos, que tais roupas fossem roupas de gala com as quais éramos enterrados.

Pense sobre isso!

10.2 – A Invisibilidade e a Abstração:

No século XXI a.C, Mentuhotep II conseguiu, a partir de Tebas, reunificar o Egito depois do I Período Intermediário. Tebas era, até então, uma cidade de pouca relevância no cenário nacional, mas, tendo se tornado a campeã da reunificação, acabou por se tornar não só a nova capital do Egito, mas também uma força político-religiosa que só viria a desmoronar com o saque perpetrado pelos Assírios, no século VII. Se bem que, mesmo depois desse período a cidade ainda continuasse influente até o início do Período Ptolomaico, no final do século IV.

Para que uma força se levante do nada e se transforme em algo tão poderoso que sua influência seja capaz de perdurar por cerca de dezessete

séculos, ela não deve ser algo sem fundamentação, ao contrário, deve ser muito bem enraizada nas cabeças da população.

Como já foi mencionado, cada aspecto, ainda que seja o mais simples, da vida no Egito Antigo tinha uma forte implicação religiosa. Um Renascimento depois de um período de caos, ou seja, um fato extraordinário dentro de um contexto nacional, não poderia ser diferente. E realmente não foi...

Cada Spat tinha, e sempre teve, seu Deus principal, além de inúmeros outros Deuses menores. Os Deuses principais de cada Spat sempre foram considerados os mais importantes em suas respectivas localidades, ainda que houvesse leis, acordos e determinação que implicassem na aceitação de um Deus nacional, como foi o caso de Ra, no Antigo Império. No caso de Tebas e sua região, o Deus principal era Amon, o Deus com Cabeça de Carneiro.

Na realidade, apenas originalmente o culto a Amon o representava como sendo um carneiro e depois, um homem com cabeça de carneiro. Sua representação mais comum é a de um Faraó portando a Nems do Alto Egito na cabeça. Sempre fora uma Divindade relacionada com o Sol, se bem que seu título fosse "O Invisível". Originalmente, ainda no Antigo Império, quando houve o embate entre os blocos teológicos (Enéades) de Hermópolis e Heliópolis, Amon fazia parte da Enéade de Hermópolis, no entanto, quanto Mênfis criou o sistema nacional unificado (que é o que foi registrado no item 5), Amon foi sutilmente excluído dele. Segundo a teologia de Hermópolis, que atribuía a cada Deus uma contraparte feminina, Amon seria casado com Amonet, e juntos seriam o casal da invisibilidade (os outros casais são Nun e Naunet (água), Heh e Hehet (espaço) e Kek e Keket (trevas); todos os oito Deuses teriam criado Hermópolis e, sobre ela, posto um ovo do qual nascera Ra, o único que não tem par: o Sol).

A Amon foi atribuída a responsabilidade pelo resgate do Egito que estava mergulhado no caos, sendo assim, em sua homenagem, foi construído o Templo de Karnak (o maior do Egito e o maior templo do mundo a ser construído até então). Os Faraós de Tebas e do Médio Império (mesmo depois da capital ter sido transferida para Iti-tauí, pela XII Dinastia) naturalmente eram muito devotados a Amon, pois consideravam seu poder como oriundo dele, mas, como o Deus principal era, até então Ra, um problema teológico foi criado: Como ascender um novo Deus dentro de um contexto em que já existem dois Deuses poderosos lutando pela hegemonia.

Se o leitor bem se lembra, no item 5 eu mencionei que o Faraó era considerado a encanação de Horus, mas que depois da ascensão do Clero de Ra, estes dois Deuses se fundiram num só que ficou conhecido erroneamente como Horus-Ra, mas cuja pronúncia correta seria Ra-Horemkhet, ou seja "Ra, O Horus no horizonte", também dito Harmachis.

Vejamos então, como já foi dito, Horus era sim (e também) filho de Ra e, como estava a ele associado numa única Divindade, o simples culto a Ra já englobaria também o culto a Horus. Como Amon se havia convertido no Deus mais importante, mas como Ra era que deveria ser reverenciado como sendo o Deus Dinástico (com Horus implícito nele, e, justamente por causa disso, que fique bem claro, uma vez que quem possuía o direito sobre a coroa era Horus, não Ra), então, a saída teológica encontrada foi associar os dois Deuses.

O problema surge na medida em que se pensa que não existia a possibilidade dos dois Deuses meramente se associarem sem perdas para um deles. Como nos casos dos Deuses menores que Ra havia canibalizado (até mesmo o grande Criador Ptah, muitas vezes era referido como Ra-Ptah), suas imagens resistiam, mas, na maioria das vezes, associadas ao Deus maior.

O ascendente Clero de Amon não poderia aceitar que seu Deus se tornasse mais um aspecto de Ra, especialmente porque na teologia oficial vigente até então, por culpa da influência vitoriosa da Enéade de Heliópolis sobre a de Hermópolis na criação da teologia de Mênfis, Amon não havia sido considerado um dos Deuses originais. As pressões foram muito grandes e refletem bem o período conflituoso em que Amenemés I, fundador da XXI Dinastia, decidiu mudar-se para Iti-tauí, no Fayum, a fim de escapar das pressões do Clero. Este, porém, insatisfeito com as ações do Faraó, pode ter sido o responsável por seu assassinato, o que constituiu uma grave crise política (como vimos em “Sinuhe”).

Talvez para resolver a crise política, Senuosret I tenha se decidido a construir o Templo de Karnak e, também por isso, é provável que tenha aceito que Amon era, de fato, mais poderoso do que Ra e que, na verdade, o continha dentro dele, assim sendo, surgia o Deus mais famoso do Egito Antigo: Amon-Ra.

Com efeito, no Novo Império era Amon-Ra e seu Oráculo que legitimava os governantes. Estes se consideravam filhos desse Deus e sob esse nome e esse culto o Egito fundou seu Império. Amon-Ra, a fusão dos dois Deuses mais importantes do Egito (dentro de um contexto de culto nacional oficial, visto que entre a população comum, Osíris nunca deixou de ser o Deus mais popular, assim como também o eram Imhotep (o arquiteto de Djeser) e Bes, Divindades ligadas à cura de doenças e ferimentos) à época do Médio Império, foi a primeira das grandes revoluções teológicas que o Egito viria a conhecer.

10.2.1 – Um Deus Tipo Exportação:

Apesar de Tutmés I ter sido o primeiro Faraó a realizar grandes reides na Ásia, foi seu neto, Tutmés III, quem iniciou a construção do Império

Asiático do Egito. Uma das grandes providências desse Faraó-Guerreiro, o mais notável entre eles, aliás, foi criar uma espécie de pacto Divino com Amon-Ra, de quem era filho. Segundo esse pacto, o Templo de Amon seria o principal beneficiário das conquistas que o Deus o permitisse realizar. Sendo assim, Karnak, que já era absolutamente majestoso, se tornou um verdadeiro lugar de sonhos na Terra. Tudo com a afluência das riquezas advindas das conquistas do Faraó.

Antes de Tutmés III o temor Egípcio em sair do país era muito grande. Esse medo era perfeitamente explicável, visto que os templos, os Deuses e as práticas mortuárias adequadas para a entrada de um indivíduo em Amentet ficavam no Egito e, no exterior, tudo o que havia era a perspectiva de se morrer e não se poder encontrar a vida após a morte em função da qual os Egípcios viviam. Após Tutmés, o medo de se morrer longe do Egito permaneceu nas mentes dos Egípcios, no entanto, ao menos agora eles sabiam que seus Deuses, ou melhor, seu Deus, os estavam protegendo, afinal, se por um lado Amon era invisível, por outro, Ra era o sol, sendo assim, se o sol se fazia presente nos céus, Amon se fazia presente em qualquer lugar, pois sua invisibilidade também denotava imaterialidade e, sobretudo, onipresença.

Não é exagero pensarmos que Amon, na figura de Amon-Ra, possa ter sido o primeiro Deus de caráter onipresente da História. É interessante de se notar, no entanto, que esse caráter onipresente não foi pensado para o Deus, mas surgiu naturalmente. Na medida em que ele era invisível e que, por isso, não se podia saber ao certo onde ele estava, quando ele foi associado ao sol, que se pode ver em qualquer lugar onde seja dia, o calor natural do sol se tornou a idéia da presença que não se vê, apenas se sente e, sendo assim, Amon-Ra se fez onipresente.

Como onipresente, o Deus podia acompanhar os exércitos em combate e sendo assim, motiva-los a lutar. Em contrapartida, os tesouros obtidos pelos exércitos em luta eram repartidos com Amon-Ra o que tornava compensador ao Deus acompanhar os exércitos e verossímil aos combatentes acreditar que ele, de fato, os acompanhava.

10.3 – Aton e a Segunda Revolução Divina:

Se, como eu afirmei, a primeira revolução Divina do Egito foi a criação de Amon-Ra, por outro lado, o culto a Aton foi a segunda e, se não pôde ser tão duradoura, certamente trouxe à humanidade implicações muito mais efetivas.

Aton é, segundo a teologia oficial, o primeiro Deus a ser criado, bem como também é o primeiro Deus a ser canibalizado. Se bem o leitor se lembra, de dentro da flor de lótus que estava sobre Hermópolis (ou sentado sobre a colina) quando esta emergiu de Nun, saiu Aton que, ao caminhar

entre os homens, se tornou Ra. Ra, sendo assim, rapidamente incorporou Aton em si, tornando-se Ra-Aton, o primeiro de seus múltiplos nomes.

Na medida em que Ra foi incorporando outros Deuses (Horus, Ptah...) e, especialmente depois que foi incorporado por Amon, o nome de Aton praticamente desapareceu, na verdade, quando se queria referir a Amon com seu nome completo, dizia-se apenas Amon-Ra-Ptah (inclusive, discutirei isso um pouco mais adiante).

Se Aton foi o primeiro Deus a ser canibalizado e se seu culto foi praticamente esquecido, no entanto, ele não foi completamente esquecido, sendo assim, no governo de Amenófis III (mas, talvez por influência de governos anteriores como os de Amenófis II e Tutmés III) o culto a esse Deus ressurgiu com força total.

Na verdade, o culto a Aton ressurgido no governo de Amenófis III não era, segundo especulações teológicas, um culto tipicamente Egípcio, mas uma forma de se cultuar um Deus Egípcio de uma forma Asiática. Aton era o próprio Sol, o círculo que flutua em torno da Terra (como acreditavam os Egípcios); ele era o responsável pela luz e pelo calor, mas também pela própria vida. Dele não se faziam estátuas como dos demais Deuses, mas apenas se cultuava sua própria imagem, ao alcance do olhar de todos, mas que, a exemplo do que acontecia com o Faraó, não poderia ser contemplada diretamente (pois olhar para o sol ofusca e fere os olhos).

Aton era cultuado em templos muito diferentes daqueles dedicados aos demais Deuses do Egito, não havia dezenas de salas e, nem sequer a tradicional sala escura onde se encerrava a imagem do Deus e onde só o Faraó e os Sacerdotes podiam entrar. Tudo o que havia era um grande salão, sem teto, com diversos bancos onde os fiéis podiam se sentar e adorar o próprio Deus em toda a sua glória celestial.

É notório que a Fé em Aton caminhava no mesmo sentido da Fé em Amon-Ra, ou seja, visava se tornar um culto popular, sendo assim, todos podiam entrar no templo e adorar o Deus e não apenas se contentar em saber que rituais desconhecidos eram praticados numa sala escura por determinadas pessoas em absoluto segredo.

Quando Amenófis III faleceu e seu filho Amenófis IV assumiu o trono, a Fé em Aton passava por um período de baixa. Após um grande incentivo a esse culto no auge do governo de Amenófis III, no final do Reinado o Faraó havia se reaproximado do Clero de Amon, em Tebas. Mênfis havia sido marcada como sendo a cidade de renascimento do culto a Aton e isso por se encontrar distante em muitos quilômetros de Tebas, a auto-intitulada capital religiosa do país; mas, também devido à rivalidade entre Tebas e Mênfis, visto que esta não aceitava que o poder daquela lhe fosse superior no cenário nacional.

O rompimento entre Amenófis IV e o Clero de Amon em Tebas no quarto ano de governo desse Faraó se deu em circunstâncias nebulosas,

como já vimos, mas o fato é que, depois disso, o Faraó reuniu seu séqüito e mais fiéis adoradores e bajuladores e, com eles, partiu para uma região distante onde fundou uma nova capital para o Egito: Akhetaton, "O Horizonte de Aton".

O próprio Monarca mudou seu nome para Akhenaton ("É Benéfico a Aton") e, à partir dessa data, iniciou a maior revolução teológica que o mundo já conhecera até então. No tocante ao estilo artístico e às próprias características físicas e mentais do governante, já nos referimos quando estudávamos a política do período conhecido como Período de Amarna, sendo assim, agora estudaremos tão somente as repercussões religiosas desse período.

É bom que se tenha em mente que tudo o que se disser não passará de uma construção a esse respeito, sendo que a verdade não é passível de ser conhecida (e talvez nunca venha a ser). No entanto, este texto trabalhará de acordo com as teorias mais aceitas a respeito da reforma religiosa de Akhenaton e, além disso, proporá algumas abstrações pessoais do autor.

10.3.1 – A Cidade de Aton:

Quando Akhenaton ordenou a construção de Akhetaton, não o fez aleatoriamente (ao menos não alegou que o estivesse fazendo), mas segundo uma inspiração divina. Segundo o Faraó, fora o próprio Deus quem teria indicado o lugar destinado à construção de sua cidade. Segundo o Faraó, Akhetaton teria sido a Colina Primeva, e não Hermópolis ou Heliópolis, como queriam as cosmogonias mais antigas.

Depois de criar Akhetaton, Aton teria criado o mundo todo, mas sua criação principal seria o Egito. Nenhum outro Deus havia, houve ou haveria, segundo a cosmogonia do Período de Amarna, apenas Aton, Reinando solitário e soberano. Ele era ao mesmo tempo o criador de tudo e também aquele que a tudo mantinha.

Esse conceito claramente Monoteísta inserido na ideologia Egípcia acostumada a um Politeísmo confuso (na medida em que o Politeísmo Egípcio não partia do pressuposto de que todos os Deuses fossem iguais nem também de que houvesse uma hierarquia fixa entre eles, mas sim, do pressuposto de que oficialmente Amon era o Deus supremo, mas localmente cada Deus era o soberano de sua comunidade estando todos os demais, inclusive Amon, abaixo dele; sendo assim, canibalizações de Deuses poderiam ser até mesmo invertidas nos cultos regionais: não devemos ser ingênuos o suficiente para acreditar que Heliópolis, por exemplo, tivesse aceitado a absorção de seu Deus Ra por Amon de uma forma normal, na verdade, para eles, Ra continuava o supremo soberano do panteão e isso valia para todas as regiões) não deixou de trazer em si um

grande paradoxo: Akhenaton não queria abrir mão de sua condição de Rei-Deus, por isso, em sua doutrina Monoteísta havia um pleno espaço para que o Faraó pudesse ser considerado como um Deus sem que fosse concorrente de Aton ou mesmo que isso descaracterizasse o Monoteísmo.

Na prática, o que ocorria com Akhenaton dentro da teologia de Amarna era o mesmo que viria a ocorrer com Cristo mais de treze séculos depois, ou seja, ele era um ser Divino, filho do Deus e, ao mesmo tempo, uma sua encarnação. A forma pela qual se podia fazer adorar acima de todos na Terra era simples: só através dele se poderia acessar Aton.

A semelhança com tudo o que o Cristianismo prega é impressionante, visto que também no Cristianismo o Cristo não era nada mais do que o Filho e Pai, mas também o Espírito Santo em um só indivíduo. Essa idéia de tríades ou trindades não é Judaica, mas Egípcia. Em todas as regiões os Deuses Egípcios se dividiam em tríades e todas as Histórias convergiam para três indivíduos importantes (Horus, Ra e Osíris; Horus, Osíris e Isis; Isis, Osíris e Set; Isis, Horus e Set; Ra, Isis e Osíris; Anúbis, Isis e Osíris...). Sendo assim, era natural que Aton também pudesse ter seu pensamento pautado na trindade, sendo assim, ao conceber seu novo credo, pôde basear-se em Amon-Ra-Ptah (o Invisível (e, por isso, Onipresente), o Onipotente e o Criador Onisciente) para determinar que Aton brilharia sobre ele e que, através dele as demais pessoas receberiam sua luz, seu poder, sua atenção.

Dessa forma, podemos perceber que quando na Bíblia Jesus diz que não há outro caminho para se chegar a Deus senão através dele, essa não é exatamente uma idéia nova, mas uma idéia de quase 1500 anos, celebrizada por Akhenaton recebendo os raios do sol (o Aton que, ao final de seus raios traziam Ankhs (a cruz Egípicia que simboliza a vida)) e sendo adorado por multidões.

É certo que de tais imagens poder-se-ia depreender que Akhenaton fosse um Deus distinto de Aton, uma espécie de canalizador de seu poder na Terra e, sendo assim, não haveria um Monoteísmo, no entanto, há outras imagens onde Akhenaton aparece prostrado adorando a si próprio, ou seja, dois Akhenatons se fazem ver em uma só imagem no sentido de se mostrar que ele não adorava a Aton apenas pelo Sol, mas por si próprio, visto que ele era o Aton Vivo.

Se Akhenaton, um homem, podia ser filho de um Deus que era ele próprio, então ele era Pai e Filho ao mesmo tempo, mas o que garantia isso a ele era o seu *ka*, no seu caso, o Espírito Santo.

10.3.2 – Idéias Antigas Realizações Recentes:

Pensar que a História de Akhenaton pudesse ser tão semelhante à do Messias Cristão e pretenso Messias Judeu é, no mínimo perturbador par

muitas pessoas, visto que toca na questão de suas Fés e, sendo assim, as faz encontrar os argumentos mais variados, mesmo os mais absurdos, para invalidar essa possibilidade.

Porém, pautemo-nos na Bíblia para pensarmos sobre essa questão. A Bíblia fala que os Hebreus fugiram do Egito onde eram escravos tendo sido liderados por Moisés. Essa História é tida como tendo ocorrido durante o Reinado de Ramsés II o que, de um certo ponto de vista, até faz um certo sentido, visto que foi por essa época que novos povos (dentre eles, por que não os Hebreus) começaram a se tornar uma ameaça crescente na Ásia. Se ligarmos esses acontecimentos aos dados que se tem de que o culto a Aton foi finalmente proscrito no governo de Seti I, pai de Ramsés II, o Faraó que teria ordenado o assassinato de todos os bebês Judeus com medo da profecia de que surgiria um escolhido entre eles para liberta-lo, podemos obter a seguinte situação:

Os Hebreus que poderiam ter sido os Hicsos, trabalhavam como escravos e/ou mão-de-obra de segunda categoria no Egito desde que Ahmés terminara a reconquista da independência e fundara a XVIII Dinastia. Por não serem nem se sentirem Egípcios, os Hebreus teriam adotado Set (o Deus dos Estrangeiros) como seu Deus Dinástico quando governavam, mas, quando foram derrubados, passaram a buscar por um elo que os mantivesse coesos e fortes e, na Antiguidade, que elo poderia ser mais forte do que a Religião? Talvez os Hebreus tenham encontrado nas palavras de Akhenaton um novo sentido em sua consciência e, sendo assim, não é absurdo assumir que Akhetaton tenha sido construída por trabalhadores Hebreus dispostos a abandonar suas vidas oprimidas em Tebas e outras regiões do Egito em busca de um novo caminho, de uma nova orientação religiosa.

Quando Akhetaton deixou de ser habitada pela Realeza, continuou a ser uma cidade até o governo de Horemheb, quando ele ordenou que a cidade fosse desmontada e a população dispersada. É certo que não havia muitos habitantes, mas também é certo que os que haviam permanecido o fizeram por algum motivo que não o econômico, visto que a cidade praticamente morrera desse ponto de vista desde o falecimento de Akhenaton (e até um pouco antes). A Religião, portanto, seria um bom motivo para manter os últimos habitantes ligados à cidade, visto que a Religião a havia criado. Com a dispersão, esses habitantes (assumindo-se que fossem Hebreus e que fossem seguidores de Aton) continuaram cultuando o Deus criado por Akhenaton, porém, cerca de 50 anos depois, no Reinado de Seti I, viram seu culto ser completamente proibido e aqueles que o praticavam passarem a ser caçados. Isso pode ter feito com que as lideranças Hebraicas passassem a se organizar no sentido de abandonar o Egito, o que foi possibilitado durante o governo de Ramsés II, quando o

exército já não era mais tão ativo e quando as principais preocupações do Faraó se voltavam à expansão de sua própria imagem.

É claro que a figura de Moisés se não for inexistente foi, no mínimo, mitificada, na medida em que é muito pouco verossímil a História contada no filme de Charleton Heston e tida como verdadeira por milhões de pessoas. Porém, uma marcha migratória de fiéis fugindo de um país que proibira o culto à sua divindade não é de todo impensável, ainda mais num contexto teocêntrico como o do Crescente Fértil.

As pragas do Egito, a abertura do Mar Vermelho, os 40 anos perdidos no deserto e o próprio Moisés são, quase que com 100% de certeza, mitos, mas a marcha em si pode ter acontecido. Até mesmo o episódio do ídolo de ouro não é de todo impensável, visto que, dadas as dificuldades da marcha, alguns podem ter pensado em desistir e, construindo o ídolo, tentado retornar. Os dez mandamentos, com efeito, representam a tentativa final de construção de uma consciência étnica Hebraica forjada na religião que surgia: o Judaísmo.

As semelhanças e verossimilhanças não param por aí, originalmente, o primeiro mandamento ("Amar a Deus sobre todas as coisas") continha em si uma proibição de se criar imagens de Deus, coisa que se remete sensivelmente ao Período de Amarna, quando não havia imagens de Aton, visto que este era adorado diretamente através do culto ao Sol.

O Messianismo, outra característica marcante do Judaísmo (e que foi responsável pelo desmembramento que se tornou o Cristianismo), também pode ser visto como uma herança do Período de Amarna, visto que o Faraó era um Deus Vivo que governava os mortais e que vivia para salva-los. Os Hebreus (agoras também Judeus) podem muito bem ter passado a aguardar um novo Rei-Deus que viesse a salva-los, assim como alguns ainda aguardam volta de Dom Sebastião de Portugal há mais de 400 anos.

10.3.3 – Um Consolo para a Fé e uma Revisão Conceitual:

Todas as teorias aqui expostas são controversas, muito, é verdade, por causa de barreiras religiosas que são difíceis de derrubar, mas que, lentamente, caem uma a uma.

Como consolo para aqueles mais sérios que se dão ao trabalho de ao menos pensar na possibilidade de tais teorias serem verdadeiras, vai uma interessante observação que, especialmente por partir de um ateu, deve ser levada em consideração. São, todavia, apenas conjecturas:

Se é que Deuses existem e se é que as Religiões do Grande Eixo Monoteísta (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) estão corretas, por que descartar a hipótese de Akhenaton ter estado correto e de, sendo assim, este Faraó ter sido um verdadeiro Rei-Deus, um filho de Deus e um Deus Vivo ao mesmo tempo? Se observarmos bem, ele teve até mesmo um final

semelhante ao de Cristo, ou seja, não viu suas pregações renderem nenhum fruto em vida e se viu abandonado por aqueles que lhe eram mais próximos no momento em que mais precisava (como Pedro que, segundo o Novo Testamento, negou Cristo e Judas que o traiu). Há até mesmo um Judas na História de Akhenaton: Aye, que depois de ter sido um dos indivíduos mais próximos do Faraó, seu Tjati, foi o principal idealizador do abandono de Akhetaton e da reaproximação com o Clero de Amon.

É verdade que as Histórias de Cristo e Akhenaton são bem diferentes, afinal, um tinha um Reino que não era deste mundo e o outro, um Reino que era dos dois mundos, mas isso pode ser entendido como diferenças temporais, além do que, se o Período de Amarna é conturbado e controverso, a História de Cristo não é menos confusa. Para começo de conversa, não qualquer vestígio Arqueológico sério de que Cristo tenha realmente existido, sendo assim, pode-se propor de um ponto de vista científico com o mesmo ceticismo que os Cristãos demonstram em relação às crenças de religiões que, como as Egípcias, não seguem seu Deus, apenas Pedro e Paulo tenham existido de verdade que, em comum acordo, depois de tramarem tenham decidido espalhar uma nova visão do Judaísmo sobre a Terra. Até uma explicação plausível para isso há: a vinda de um Messias poderia assustar os Romanos que dominavam a Judéia.

É claro que minha última proposição teve até um certo tom blasfêmio, mas se formos capazes de pensar racionalmente apenas por alguns instantes, poderemos ver que propor o que eu propus é tão sério quanto se estudar o Período Amarna acreditando-se que Akhenaton, ao fazer o que fez, desejou apenas realizar uma poderosa manobra política. Por que é que quando se trata de mitologias já em desuso (ou em pouco uso com as de outros povos sobre os quais já escrevi) tem-se o costume de se pensar que tudo o que faziam e/ou acreditavam era regido por motivações políticas e sociais, uma visão cética e científica sobre aquelas religiões, mas, quando se trata daquilo em que o próprio indivíduo acredita, a mesma proposição adquire tom de blasfêmia?

Devemos ter isso em mente antes de estudar um culto passado, devemos ser coerentes, temos duas opções: ou seremos críticos ou crédulos, o que não podemos fazer é sermos críticos com o que não nos afeta e crédulos com o que nos afeta. Isso é hipocrisia e um verdadeiro placebo psicológico. Se optarmos por sermos crédulos, que olhemos para Osíris como o verdadeiro Deus dos Mortos, senhor do Amentet e Juiz das Almas, que olhemos para os Faraós (ou, ao menos para alguns deles) como verdadeiras encarnações Divinas e, dessa forma, como indivíduos dotados de poderes impressionantes. O que não é possível é que ao estudarmos um Faraó do Egito nós achemos absurda a idéia de que seu toque era ígneo que as serpentes em sua coroa poderiam cuspir um fogo venenoso àqueles que se atrevessem a atentar contra ele, mas, ao mesmo tempo, achemos

perfeitamente plausível que um indivíduo tenha curado lepra com um toque, ressucitado os mortos, multiplicado alimentos, transmutado água em vinho, caminhado sobre as águas e que, no fim, depois de morto, tenha subido aos céus de corpo e alma.

Temos que decidir se acreditamos no sobrenatural (e isso inclui fantasmas, demônios, fadas, lobisomens...) ou se não acreditamos no sobrenatural, pois se formos ser seletivos, faremos isso às custas da seriedade, visto que há tantas provas dos milagres de Cristo quanto das proezas de Hércules ou da natureza Divina de Alexandre, o Grande, ou seja, nenhuma que não se esgote na Fé de cada um.

10.3.4 – O Hino a Aton:

Uma das mais importantes evidências da influência do Período de Amarna sobre o Judaísmo e, através deste, sobre o Cristianismo, é o Hino a Aton. Sendo uma espécie de canção religiosa cuja autoria é atribuída ao próprio Akhenaton, o Hino a Aton é, para muitos especialistas, muito semelhante ao Salmo 104 do Velho Testamento.

Apesar do Livro dos Salmos não fazer parte do Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) ou Torah, sua tradição também é antiga e remonta ao período Pré-Cristão, por isso está inserido no Velho Testamento (sendo o seu 19º Livro). Especificamente o Salmo 104 é aquele que trata da Criação do Mundo, bem como Hino a Aton que foi encontrado nas paredes do túmulo que Aye estava construindo para si em Akhetaton, antes de abandonar a cidade e abortar a construção desse túmulo (o Faraó foi enterrado em outro túmulo, no Vale dos Reis).

Vejamos ambas as canções (visto que os Salmos não deixam de ser canções como o próprio São Cirilo se referia a eles):

Hino a Aton

(compilação de Miriam Lichtheim e tradução de Vera Ribeiro)

Esplêndido te elevas nas terras claras do céu,
Ó Aton vivo, criador da vida!
Quando alvoreceres na terra clara do leste,
Enches a terra inteira com tua beleza.
És belo, grande, radioso,
Erguendo-te alto sobre toda terra;
Teus raios abraçam as terras
Até o limite de tudo o que fizeste.
Soberano Ra, alcanças seus limites,
E os curva (ante os) filhos a quem amas;
Ainda que estejas longe, teus raios estão sobre a terra,

Copyright Klepsidra – Revista Virtual de História – www.klepsidra.net

Embora te vejam, teus passos não são vistos...

Quão inúmeros são teus feitos,
Conquanto se furtem à visão,
Ó Deus Único, comparado a quem não há nenhum!
Fizeste a terra como querias, apenas tu,
Todos os povos, rebanhos e manadas:
Tudo o que na terra anda sobre pernas,
Tudo o que nos céus voa sobre asas,
As terras de Khor e de Kush,
A terra do Egito.
Puseste cada homem em seu lugar
E lhes supres as necessidades;
Todos têm seu alimento,
E têm contados os seus dias de vida.
Diferem suas línguas na fala,
Assim como o seu caráter;
Suas peles são distintas,
Pois distinguiste os povos...

Estás em meu coração,
Não há outro que te conheça,
Somente teu filho, Nefer-Khepru-Re (Akhenaton), o Único de Ra
A quem ensinaste teu caminho e teu poder (...).

Agora vejamos o Salmo 104 para que tenhamos uma contrapartida para comparar.

Salmo 104

1. Bendize minh'alma a Javeh!
Javeh, Deus meu, como és grande!
Tu te vestiste de glória e esplendor,
2. envolvido em luz, como num manto!
Entendeste o céu como um toldo
3. e assentaste nas águas Tua morada.
Fazes das nuvens o Teu carro
e andas sobre as asas do vento.
4. Fazes dos ventos os Teus mensageiros,
de fogo e chama os Teus ministros.
5. Fundaste a terra sobre seus alicerces,
nunca ela vacilará.

Copyright Klepsidra – Revista Virtual de História – www.klepsidra.net

6. O oceano a cobriu como um vetido
e por cima dos montes passaram as águas.
7. Diante da Tua repreensão fugiram,
à Tua voz trovejante se retiraram.
8. Surgiram os montes, baixaram os vales
para o lugar que lhes assinalaste.
9. Puseste limites que não ultrapassam;
nunca mais tornarão a cobrir a terra.
10. Tu fazes jorrar fontes nos vales,
que serpenteiam por entre os montes
11. e dão de beber às feras do campo;
os asnos selvagens matam nelas sua sede,
12. às suas margens moram as aves do céu,
que nos ramos ressoam suas vozes.
13. Do Teu sobrado irrigas os montes,
do fruto de Tuas obras se farta a terra.
14. Fazes brotar relva parao gado
e plantas para o uso do homem
que tira alimento da terra,
15. vinho que alegra o coração humano,
azeite para abrilhantar o rosto
e pão que fortifica seu coração.
16. Fartam-se as árvores de Javeh,
os cedros do Líbano que Ele plantou,
17. onde os pássaros fazem seu ninho,
em cujos cumes a cegonha tem sua casa.
18. Os montes altos são dos cabritos-monteses
e os penhascos o abrigo dos texugos.
19. Fizeste a lua para marcar os tempos;
sabe o sol quando deve deitar-se.
20. Quando estendes as trevas
e vem a noite,
nelas se movem todas as feras do mato.
21. Os leões rugem em busca de presa,
pedindo a Deus o seu sustento.
22. Ao nascer do sol se recolhem
e vão deitar-se nos seus covis.
23. Sai o homem para o seu trabalho
e para a sua lida, até a tarde.
24. Numerosas são tuas obras, Javeh!
Fizeste-as todas com sabedoria!
A terra está cheia de Tuas criaturas!
25. Eis o mar, imenso e vasto,

Copyright Klepsidra – Revista Virtual de História – www.klepsidra.net

onde inúmeros seres se movem,
animais pequenos e grandes.
26. Por ele os navios caminham
e o Leviatã que criaste,
para que nele brinque.
27. Todos esperam por Ti
para que lhes dê de comer
no devido tempo.
28. Quando lhes dás, eles recebem,
quando abres a mão, saciam-se de bens.
29. Quando escondes Teu rosto, temem;
quando lhes tiras a força vital, fenecem
e voltam ao nada.
30. Quando envias Teu sopro, renascem
e renovas a face da terra.
31. Perdure sempre a glória de Javeh!
Alegre-se Javeh por Suas obras!
32. Ele olha a terra e ela estremece,
Ele toca os montes e eles fumegam.
33. Quero cantar a Javeh enquanto viver
e celebrar a Deus enquanto existir!
34. Seja-Lhe agradável minha linguagem!
Eu porei minha alegria em Javeh.
35. Desapareçam da terra os pecadores
e pereçam os ímpios!
Bendize, minh'alma, a Javeh. Aleluia!

As semelhanças são muitas, se bem que o Salmo 104 seja maior, ele também é posterior e, sendo assim, pode ter sido muito modificado (ampliado, inclusive) pela tradição oral anterior à sua inscrição. Porém, é inegável mesmo ao observador mais incauto que ambos os textos tratam do mesmo tema e também que o segundo, em se sabendo mais recente, parece copiar o primeiro em diversas partes.

Semelhanças circunstanciais, mas, ainda assim interessantes podem ser constatadas, por exemplo, no fato de em ambos os textos o Deus Único ser chamado por dois nomes (Aton e Ra; e Javeh e Deus), nomes que dão a impressão, às vezes, de se tratarem de menções a outros Deuses.

Se o Salmo 104 foi realmente inspirado no Hino a Aton, não podemos precisar, mas que há uma boa chance de que tenha sido, isso há...

Essa possibilidade torna ainda mais verossímil a teoria de que talvez Akhetaton tenha sido uma comunidade Judaica. Essa teoria, não foi encontrada, é bom que se observe, em lugar algum, sendo, portanto, um fruto de minha abstração pessoal. É possível, no entanto, que alguém já a

Copyright Klepsidra – Revista Virtual de História – www.klepsidra.net

tenha desenvolvido antes de mim, mas quero afirmar que não se trata da expropriação da teoria de ninguém, visto que cheguei a essa possibilidade a partir da abstração sobre minhas leituras.

10.4 – O Monoteísmo e a idéia de Evolução:

Temos, enraizada dentro de nós, uma forte noção de que as sociedades, as pessoas, os pensamentos, as tecnologias... evoluem. Toda a nossa concepção de História é centrada nesse conceito, sendo assim, talvez o que eu venha a falar agora colabore um pouco mais para confundir nosso pensamento, mas, confesso que até mesmo eu fiquei um pouco confuso quando li o que vou relatar (a tradução é de Pietro Nassetti):

> *Ao contrário do que se afirma hoje, a humanidade não representa uma evolução para algo melhor, mais forte ou mais elevado. O "progresso" não passa de uma idéia moderna, ou seja, de uma idéia falsa. O europeu moderno tem bem menos valor que o europeu do Renascimento. Desenvolver-se não significa forçosamente elevar-se, aperfeiçoar-se, fortalecer-se.*

É claro que o trecho acima não poderia ter sido escrito por outra pessoa senão por Nietzsche, em sua obra intitulada "O Anticristo", mas ela se articula de uma forma incrível com o que passei a pensar depois de ler o livro de Bob Brier "O Assassinato de Tutancamôn".

O Egito, como vimos, conhecia uma panacéia de Deuses e credos. Não havia uma hierarquia muito bem estabelecida entre eles e os cultos locais se consideravam absolutos. A centralização religiosa se dava precariamente através do Templo de Karnak e da imposição do culto a Amon-Ra, no entanto, na realidade, apenas uma pequena elite governante (e às vezes nem mesmo ela) considerava, de fato, Amon como o principal Deus do Egito.

Nesse sentido, a revolução de Akhenaton e o Período de Amarna, em si, trouxeram uma evolução, ainda que efêmera, uma vez que foram capazes de terminar com as dissensões, ainda que em nível local, visto que, apesar da vontade do Monarca, a religião nova não conseguiu se expandir para todas as partes do Egito.

As afirmações do parágrafo anterior se reforçam se pensarmos na idéia filosófico-abstrativa que há por trás dos diferentes tipos de religião, ou seja, as religiões politeístas, como, as crenças Egípcias pressupõem um nível de compreensão de fenômenos inferior ao das pessoas que crêem em religiões dualistas (como o Cristianismo e a Fé de Aton), ou mesmo Monoteístas (como o Judaísmo).

Pois bem, as idéias dos dois parágrafos anteriores, em especial as do parágrafo anterior, são conceituais e filosóficas, no entanto, deixam de lado uma brecha abstrativa muito grande que eu mesmo em meu texto "A Religião e a Abstração", publicado em Klepsidra (www.klepsidra.net) não pude me dar conta: Quanto mais restritivas forem as religiões (ou seja, quanto menos Deuses elas permitirem), mais autoritárias elas serão, visto que num universo onde há diversos Deuses também há diversas verdades, mas num universo onde há apenas um Deus (ainda que, como no caso do Cristianismo e da Fé de Aton, esses Deuses tenham caracteres dualistas ou mesmo de tríades, essas religiões se auto-denominam Monoteístas) passa a existir apenas uma verdade, sendo assim, ou o indivíduo está do lado da verdade, ou é um infiel e, como tal, merece a punição.

Essa idéia não é minha, mas de Bob Brier, se bem que eu a valide totalmente, pois num contexto Monoteísta, a religião é absoluta, a única verdade, sendo assim, todos os fiéis se identificarão entre si e, como sendo maioria, se sentirão no direito de punir (seja de quais formas forem) a minoria que não é fiel. Surgirão então as guerras religiosas. Se percebermos, aliás, as guerras da Antiguidade poderiam ter legitimação Divina (como a própria expansão de Alexandre), mas não eram realizadas no sentido de expandir uma Fé (talvez, como veremos, o Império Egípcio tenha se formado com esse objetivo, mas isso estaria ligado a um passo em direção ao Monoteísmo de Amon-Ra), como viriam a ser na Idade Média quando as Cruzadas (as principais guerras da Idade Média) se realizavam entre dois povos (o Ocidental e o Médio-Oriental) com o intuito de expandirem e defenderem suas verdades (ambas Monoteístas) em detrimento da outra, visto que ambos os lados sabiam que os vencedores seriam tidos como corretos e poderiam suprimir a religião do outro e não incorpora-la em si.

Nesse sentido, a existência dos Santos no Catolicismo se provou uma arma muito grande na conquista da América, por exemplo, visto que em diversas localidades, o multiverso de Santos foi associado aos Deuses locais e facilitou a conversão dos índios, não que os Sacerdotes Católicos acreditassem realmente que os Deuses indígenas poderiam ser aspectos dos Santos Cristãos, apenas o faziam crer para colaborar com seus interesses.

Como vimos (e para isso o excerto de Nietzsche foi fundamental), nem tudo o que vem cronologicamente depois é necessariamente melhor do que o que havia antes, sabendo disso, podemos começar a nos preparar para questionar toda a noção de História que temos. Será mesmo que hoje nós vivemos no período mais avançado da humanidade (deve ficar claro que estou me referindo a níveis de pensamento, não a níveis tecnológicos, afinal, não dou crédito a teorias que se referem a eras passadas ou a grandes civilizações antediluvianas, como Atlântida, que seriam mais

avançadas do que o mundo de hoje e que não deixaram vestígios concretos de sua existência)?

10.5 – O Canibalismo Divino em níveis Internacionais:

Este item não será grande, na verdade, foi criado apenas para lembrar ao leitor do costume já mencionado da religião Egípcia de compreender a dança dos poderes divinos como uma série de canibalizações.

Conforme o Egito passou a entrar em decadência, Deuses estrangeiros começaram a chegar ao Vale do Nilo juntamente com imigrantes estrangeiros. Esses estrangeiros, no mais das vezes, tinham seu imaginário povoado pela grandeza passada do Egito. Lembravam-se das lendas de Ramsés II, o primeiro Monarca da História a ser conhecido internacionalmente como um Rei lendário.

O Egito, nos dois milênios de História que havia desenvolvido antes de sua decadência, no final do Novo Império, havia influenciado o pensamento do Mediterrâneo Oriental de tal maneira que muitos de seus costumes e mesmo de suas tecnologias acabaram por se difundir de maneira tão homogênea que nem mesmo os receptores da difusão se deram conta.

Foi através da influência Egípcia que a língua escrita se espalhou pelo ocidente (como veremos), foi através de sua influência que o modelo de construção com colunas sustentando os tetos também se difundiu e foi através de sua influência que o canibalismo divino (que em outras regiões adquiriu o caráter de mera fusão e, depois, de diferentes aspectos no sentido de um pensamento ecumênico) foi aprendido em outras regiões.

Para os estudiosos é um tanto ruim que esse fenômeno tenha acontecido, na medida em que se faz muito difícil compreender as cosmogonias através da interpretação dos diferentes aspectos das Divindades. Como estudar Zeus, da Grécia, por exemplo, se em um lugar ele era Zeus-Amon, em outro Zeus Olímpico e em outro apenas Zeus? E esse é apenas um dos problemas, visto que um mesmo Deus podia assumir diversos aspectos em um mesmo lugar, sendo assim, torna-se difícil compreender qual o real *portfolio* de cada Deus.

Na medida em que o Egito passou a ser dominado por povos estrangeiros, estes tentaram impor seus Deuses ao Egito, sendo assim, em tornaram os Deuses Egípcios em meros aspectos de suas Divindades.

A História da Grécia pode ser vista como uma espécie de continuidade da História Egípcia, visto que a História desta começa a ser contada, com o início do Período Arcaico (a que se perceber que a História da Grécia nos Períodos Homérico e Pré-Homérico não é muito mais do que um amontoado de lendas como as da Guerra de Tróia e do Labirinto do

Minotauro; não que tais lendas não tenham certa origem Histórica, mas praticamente não há documento acerca delas, e muito poucas fontes escritas), na mesma época em que a História Egípcia entrava em decadência, com o fim do Novo Império.

No Período Clássico da História da Grécia, quando viveram filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, começou a ser desenvolvido o ideal que viria a ser propagado no Período Helenístico, que se iniciaria logo em seguida: o ideal do Ecumenismo. Muitas tradições e pensamentos envolvem esta questão, no entanto, o mais importante em se ter em mente (ao menos para este trabalho) é que foi segundo este ideal que Deuses como Zeus-Amon chegaram ao Egito.

Os oásis, que passaram a ser acessíveis depois da introdução dos camelos no país, se tornaram pólos de atração para templos de Deuses sincréticos como Zeus-Amon, em Siwa. Em contrapartida, o costume Egípcio de consulta a oráculos a fim de predizer o futuro foi absorvido também pela Grécia, sendo assim, no final do Período Clássico, cidades como Delfos viviam em função dos oráculos que nela estavam instalados.

Com o início do domínio Grego sobre o Egito no Período Ptolomaico (que veremos mais adiante), uma infinidade de Deuses Gregos foi introduzida no Egito de modo a se fundir como os Deuses Egípcios ou se fazer ver como sendo os Deuses de quem os Deuses Egípcios eram apenas aspectos. Nesse contexto é que Cleópatra (a famosa) pôde ser Divinizada como filha de Isis-Afrodite e também nesse contexto é que Ptolomeu I Sóter pôde dar a ordem para que se criasse Serápis, o Deus padroeiro de Alexandria, uma Divindade com a aparência física de Zeus e os *portfolios* de Dionísio (o Deus de quem Ptolomeu se considerava filho), Osíris (o Deus mais cultuado no Egito) e Ápis (a Divindade mais cultuada no Delta do Egito na época da conquista Grega).

10.6 – O Retorno ao Zoomorfismo:

Como já foi referido no item sobre o Período Pré-Dinástico do Egito, no início as comunidades semi-nômades que deram origem aos primeiros Spat cultuavam Deuses totêmicos e de características zoomórficas, ou seja, com aspectos e animais.

Aos poucos, na medida em que o homem foi se tornando mais seguro de si e que a natureza começou a trabalhar segundo seus desejos, os Deuses animais foram adquirindo posturas mais eretas até que se tornaram homens com cabeças de animais ou até, em casos como o de Amon, apenas homens (lembremo-nos que ele originalmente era o Deus-Carneiro, depois o Deus com Cabeça de Carneiro e depois um Deus com feições humanas, apesar de sempre ter tido a qualidade da invisibilidade).

Pois bem, considera-se que artisticamente o Egito atinge seu momento de individualização em relação ao restante do Crescente Fértil no momento em que passa a retratar Horus não mais como um Falcão, mas como um Homem com cabeça de Falcão.

Paul Johnson, em seu livro "A História Ilustrada do Egito", diz que se pode analisar o sentimento do Egípcio em relação a si próprio a partir da figura de Horus, sendo que esse Deus surge como um falcão, ou seja, uma ave imponente a ser invejada por sua capacidade super-adaptada de caçar e se locomover pelos ares, depois, contudo, quando o Nilo é "domesticado" e as cheias e vazantes passam a garantir um suprimento contínuo de comida independentemente da caça e das habilidades físicas naturais, a figura do falcão deixa de ser invejada e, sendo assim, Horus passa a se tornar cada vez mais humano até que se torna um homem com apenas a cabeça de um falcão. O homem era agora seguro de si, sabia que era ele quem controlava a natureza e não o contrário. Por quase dois mil anos os Deuses Egípcios foram antropozoomórficos em sua maioria. Porém, com o fim da força da autoridade central e o início de um período de conturbações políticas que duraria cerca de 800 anos, a auto-confiança (e porque não, o orgulho) Egípcia desmoronou e, dentro desse contexto, qualidades animais voltaram a ser valorizadas, o que fez com que Horus, no III Período Intrmediário, voltasse a ser retratado como um mero falcão.

O curioso é que Paul Johnson não se dá conta da ambigüidade de seu texto, visto que um de seus capítulos chamado "A Anatomia da Arte Pré-Perspectivista", ele afirma por A+B que a arte Egípcia era menos desenvolvida do que a arte Greco-Romana (apesar de apresentar o argumento de Platão em contrário, esse argumento não é muito discutido e acaba passando despercebido na medida em que o autor realiza um verdadeiro trabalho de construção da arte Egípcia como sendo um período necessário, sim, mas anterior e, sobretudo, inferior, à arte Grega, para ele, Perspectivista). Essa afirmação em nada contaria contra o autor se não viesse imbuída da idéia de evolução, idéia essa que é desconstruída paradoxalmente no momento em que ele fala da imagem de Horus. Se Horus pôde ser um falcão (algo antiquado), depois se tornar um homem-falcão (algo moderno) para depois voltar a ser um falcão (novamente algo antiquado), isso denota claramente que não há uma noção de evolução claramente definida, mas, ao contrário, uma alternância de acordo com as necessidades humanas do momento.

É a questão da evolução à qual já me referi. Essa questão é fundamentalmente recheada de preconceitos, visto que muitos não conseguem acreditar que as Pirâmides, por exemplo, possam ter sido construídas pelos Egípcios, mas nunca vi ninguém contestar a construção do Farol de Alexandria (do qual falaremos mais tarde) pelos Gregos Ptolomaicos. Ora vejamos, não é porque nossa civilização se orgulha de ser

"descendente" dos Gregos (não em sangue, mas em ideais e pensamentos) que nós devemos acreditar que os Gregos (ou os Romanos, de quem também nos esforçamos para descender, inclusive, até os EUA, que não são descendentes de Latinos e que, aliás, nutrem um forte preconceito contra eles, construíram sua capital (Washington) inspirados na arquitetura e, evidentemente, no poder Romano) que devemos superestimá-los. Volta à questão da congruência. Se podemos dizer que não é possível construir um pirâmide sem guindastes e coisas do gênero, porque podemos aceitar que um edifício de cerca de 150m a 180m de altura pode ter sido construído sem as mesmas tecnologias?

Acho que, assim como na religião, a questão aqui está naquilo que nos toca. Se nós nos orgulhássemos em "descender" dos povos da América Pré-Colombiana, por exemplo, jamais nos passaria pela cabeça dizer que Macchu Picchu, Nazca e outras regiões tiveram participação alienígena em suas construções (como tantos, inclusive pessoas que conseguem publicar e vender livros, além de serem entrevistadas no Jô Soares, gostam de dizer). Já repararam que os alienígenas, segundo as teorias de pessoas como Erich von Däniken entre outros, só ajudaram as civilizações não Greco-Romanas a construírem coisas? Stonehenge, Nazca, Angkor-Vat, Ilha de Páscoa, Pirâmides do Egito... Todas regiões periféricas, nada que realmente comprometa a origem da qual nos orgulhamos, pois nossa civilização não pode descender de ETs, se, por acaso eles estiveram presentes entre nós no passado, a cultura que acabou por dominar o mundo foi aquela que esteve livre de sua influência.

Pensem sobre isso. É interessante que o façamos antes de formularmos teorias como as de que as estátuas de Divindades Egípcias eram os próprios Deuses na medida em que os Egípcios não possuíam a capacidade de abstrair e pensar que aquilo poderia ser apenas uma representação do Deus. Por que então, os milhões de Católicos que possuem crucifixos e imagens de Santos em suas casas não são considerados idólatras da mesma forma que os índios que eles queimaram no passado apenas por adorarem imagens de divindades? Será mesmo que todo Católico (até aquela mulher que amarra a estatueta de Santo Antônio embaixo da cama para arrumar namorado) tem a real consciência de que quando ele reza em frente à estatueta ele, na verdade, está rezando para uma entidade incorpórea e onipresente? Se tem, por que então rezar em frente a uma estatueta?

Sei que Cristãos e especialmente Católicos e todas parte se apressarão em responder das mais variadas formas essas questões, no entanto, eu apenas pergunto: Se por acaso os Católicos (mesmo aqueles mais humildes e das regiões mais afastadas) possuem o discernimento de que quando rezam em frente a uma estatueta, na verdade estão rezando para uma entidade incorpórea, por que então os índios das capitais de

Impérios tão avançados como o Asteca e o Inca não poderiam ter a mesma capacidade de discernimento?

Agora que já fiz uma grande digressão, gostaria de voltar ao eixo central apenas para comentar a respeito de Bast (também chamada de Bastet) e Ápis.

Bast era a Deusa-Gata, sempre existiu e foi cultuada, no entanto, apenas no III Período Intermediário, quando os Líbios fundaram a XXII Dinastia, em Bubastis, no Delta, a Deusa passou a ser a Deusa Dinástica e, sendo assim, seu culto ganhou projeção. A exemplo de Bast, muitos outros Deuses passaram a ser cultuados na forma de animais, por exemplo, Thot, que era representado com Cabeça de Íbis, mas que também era associado (em outras regiões onde a ave era mais rara) ao Babuíno, passou a ser cultuado na figura desses dois animais. Em Bubastis há um enorme cemitério de gatos mumificados e em Hermópolis, um de íbis.

No entanto, a principal transformação no sentido da zoomorfização (ou teriomofização) dos animais se deu durante a XXVI Dinastia, quando os Monarcas de Saís, no Delta, instituíram o culto ao Boi Ápis.

Desde muito tempo, em Mênfis, Ptah era associado à figura bovina, porém, Ápis não foi propriamente a zoomorfização de Ptah. O Boi era considerado a encarnação do Deus, mas não só dele e sim da tríade da qual fazia parte, sendo assim, Ápis era Amon-Ra-Ptah. Ao contrário do que ocorria com o culto aos outros Deuses, não se identificava os bois em geral com Ápis, mas apenas um boi em especial. Na verdade, o processo se tornou algo muito semelhante à sucessão Divina dos Faraós.

Quando o atual Boi Ápis morria, ele se tornava Osíris em sua morte e, ao mesmo tempo nascia outro boi que seria a sua reencarnação. Esse boi era identificado pelos sacerdotes de Ápis e passava a viver no templo de Ptah em Mênfis. Quando morresse, seria mumificado (e apesar das técnicas de mumificação estarem caindo em desuso nessa época, no que se referia ao Boi de Ápis, elas eram observadas à risca) e enterrado na antiga Necrópole Régia do Antigo Império: Sakkara.

Ápis vem de uma crença que surge no final da XIX Dinastia, segundo a qual “Todos os Deuses são três, Amon, Ra e Ptah, nenhum outro os secunda. Enquanto Amon, seu nome, é Invisível. Na face ele é Ra; e no corpo, Ptah”. O Boi Ápis, então, unificava em si essas três Divindades e, ao se tornar Osíris depois da morte, abarcava todas as principais Divindades do Egito na época (se bem que, paralelamente, o culto de Isis (como Horus como seu correlato) se fortalecesse cada vez mais (especialmente no sul do Egito), inclusive, este foi o único culto Egípcio a ser exportado oficialmente sendo que, em tempos Romanos, por exemplo, chegou a haver um santuário a Isis em Pompéia).

Quando os Gregos chegaram ao Egito (oficialmente, com a excursão de Heródoto, na época de domínio Persa, se bem que antes, durante a

XXVI Dinastia, já tivessem servido como mercenários aos Faraós e introduzido na região a metalurgia do ferro, mas não eram dominantes) identificaram o culto a Ápis com seus Mistérios, dedicados a Dionísio, por isso e também pelo fato de, posteriormente Ptolomeu I Sóter ter se considerado filho de Dionísio, no Período Ptolomaico a o culto a Osíris-Apis (Osoro-Ápis, ou Osorápis) se associou ao culto a Dionísio e se transformou no culto a Serapis, a nova Divindade de Alexandria.

11 – Período de Caos e dos Governos Estrangeiros:

Como já foi referido, oficialmente a XX Dinastia é incluída ainda na cronologia do Novo Império, no entanto, neste texto, por causa das invasões e do caos que se iniciaram já nos últimos anos da XIX Dinastia, resolvi incluir a XX já no III Período Intermediário por minha conta e risco.

Pois bem, como já referi, a XIX Dinastia, após a morte de Menerptah, o herdeiro de Ramsés II, entrou em colapso tendo vários Faraós, mas sem sequer conseguir controlar o país todo.

Nesse contexto tumultuado, por razões não muito claras, ocorre uma mudança de Dinastia. Setnakhtá toma o poder e estabelece a XX Dinastia. O Papiro de Harris, escrito a mando de Ramsés IV, em honra de Ramsés III, seu pai, que data da XX Dinastia, diz que a XIX Dinastia terminou num colapso tão astronômico que um Sírio chegou a tomar o poder. Talvez este Sírio seja Setnakhtá, coisa que talvez justifique o fato do Deus que o Faraó escolheu para dividir o nome ser Set, justamente o Deus dos Estrangeiros, mesmo Deus que, séculos antes, os Hicsos haviam nomeado como Deus Dinástico.

Ramsés III é, certamente, o último Faraó realmente forte do Egito Faraônico. Por acaso, apenas, seu governo se situa na XX Dinastia, porém, isso não justifica que toda essa Dinastia, composta de governantes fracos e que não conseguiram sequer controlar todo o Egito, seja equiparada às grandiosas XVIII e XIX Dinastias, situando-se num mesmo período.

Em seu governo, segundo o Papiro de Harris, Ramsés III restabeleceu a ordem. Na prática, depois de muitos anos ele foi o primeiro Faraó a Reinar sobre todo o Egito. Não conseguiu, no entanto, faze-lo facilmente, teve que comandar uma verdadeira guerra contra a Aliança dos Povos do Mar. Por essa época, o Delta do Nilo já estava totalmente nas mãos de estrangeiros, sendo assim, este Faraó, reunindo os recursos de que dispunha, enviou um exército para o Delta ocidental, local de onde chegavam reforços Líbios para a região. Lá, suas tropas derrotaram os invasores cortaram suas linhas de comunicação, isolando-os. Contudo, os Líbios parecem ter estado coligados aos demais invasores, sendo assim, reforços navais vindos das ilhas do Mediterrâneo deveriam estar à caminho do Delta. Ramsés III, com o ímpeto guerreiro de seus ancestrais

conquistadores, armou uma poderosa frota e aguardou os invasores nas águas rasas da foz do Nilo. Houve então a batalha da boca canópica do Nilo, batalha da qual os Egípcios saíram vitoriosos e na qual obtiveram a reunificação de seu país sob um só Faraó.

Guardando na memória a grandeza de seu ancestral homônimo (Ramsés II), o Faraó ordenou que as duas batalhas que garantiram sua supremacia sobre o Egito fossem registradas em diversas paredes. Esses registros são hoje considerados o ponto culminante da arte Egípcia. Depois deles as técnicas de entalhe em parede só declinaram e antes deles considera-se que ainda não haviam atingido sua capacidade máxima de expressão.

O governo de Ramsés III, contudo, não pôde ser apenas um eterno enaltecer das glórias de batalhas passadas, visto que a fome se havia tornado crônica e a corrupção endêmica. É possível que os últimos recursos disponíveis no tesouro nacional tenham sido gastos para derrotar os Povos do Mar, uma derrota que nem sequer foi definitiva. Por volta do final de seu Reinado, o Faraó foi obrigado a enfrentar uma greve dos trabalhadores que construíam sua tumba. Eles alegavam falta de trigo e até de óleos para o corpo.

A Tebas do governo de Ramsés III também já não era a mesma capital religiosa de vida voltada para as orações. Como forma de se defenderem de possíveis ataques, tanto o palácio do Faraó, quanto Templo de Karnak passaram a ser protegidos por muralhas, coisa jamais vista no Alto Egito até então. A vida do Faraó terminou de forma trágica. Segundo o Papiro Judicial de Turim, ele foi assassinado por uma conspiração cortesã que envolvia desde o Sumo Sacerdote de Sekhmet, até seus guardas pessoais, passando por mulheres de seu harém.

Ramsés IV assume o trono nesse contexto de turbulência política e instabilidade militar. Seu primeiro ato é punir os conjurados na morte de seu pai. As punições não são referidas diretamente no Papiro Judicial de Turim, mas pode-se concluir quais tenham sido na medida em que os indivíduos sujeitos a elas foram forçados a mudar de nome, tiveram que portar nomes que indicavam suas penas. Nomes como “Esse Escravo Cego”, para um indivíduo que foi cegado e vendido como escravo, ou “Rá Irá Cega-lo”, para outro que foi condenado apenas à cegueira. Indivíduos obrigados a portar nomes como “Rá O Odeia”, certamente devem ter recebido a pena capital, visto que ninguém poderia ser odiado pelo Deus invisível (e onipresente) e permanecer vivo.

O governo de Ramsés IV é um marco inicial de uma nova era não apenas para o Egito, mas para todo o Crescente Fértil e Mediterrâneo Oriental. Quando ele assumiu o trono, o Império Hitita já não mais existia, assim como Tróia também já havia sido destruía e a Grécia Micênica também já conhecera seu fim com a chegada dos Dórios. Novos povos se

erguiam, mas o Império Egípcio iniciado por Tutmés I, construído por Tutmés III e consolidado por seus sucessores imediatos, tendo (ainda que de maneira reduzida) se sustentado até Ramsés II, havia deixado marcas profundas na cultura e no imaginário das novas potências.

11.1 – As Desventuras de Uenamon:

A XX Dinastia é também conhecida como "A Dinastia Ramsética", isso porque, excetuando-se Setnakhtá, fundador da Dinastia, todos os demais oito Faraós que a compuseram possuíram o nome Ramsés. Esse recurso não foi casual, mas possível e provavelmente um recurso supersticioso, visto que no imaginário Egípcio (assim como ele próprio desejara em vida), Ramsés II era considerado como tendo sido o maior dentre todos os Faraós, sendo assim, num período em que o cargo já tinha, há muito, perdido seu status (ao menos em termos de respeito) Divino, era natural que os governantes buscassem a legitimação através de sua associação com uma figura de peso: Ramsés II era o ideal.

A Dinastia Ramsética viveu numa espécie de estase temporal no qual o declínio latente era camuflado pela crença nos antigos dogmas de superioridade Egípcia e Divindade do Faraó. Um dos melhores retratos desse período é uma obra literária (que não possui a mesma magnitude de "Sinuhe") datada da parte final desta Dinastia: "As Desventuras de Uenamon". Vejamos-na (a transcrição é uma compilação de Brigitte Évano, traduzida para o Português por Eduardo Brandão (Nesta compilação o nome de Uenamon foi grafado de forma diferente, ou seja, Unamon, mas como na maior parte da Bibliografia que consultei encontrei a forma Uenamon, decidi alterar o texto nisso)):

> *A barca sagrada de Amon, o Deus com cabeça de carneiro, apresenta algumas rachaduras, e suas cores não são mais tão brilhantes quanto eram. Está na hora de substituí-la, construir outra idêntica, nova e sólida.*
>
> *Os arredores de Tebas, cidade das cem portas, ainda não possuem uma árvore digna de servir à construção da barca sagrada. Nem nos arredores de Tebas, nem, por sinal, em todo o Egito podem ser encontradas árvores majestosas e grandes o bastante para tal uso. Desde sempre a barca sagrada é feita da madeira magnífica dos cedros do Líbano, única que convém à grandeza de Amon.*
>
> *O Faraó e sua mulher decidem pedir ao Rei desse país que lhes forneça a madeira, embora saibam que não é o melhor momento para negociar com ele. De fato, as relações entre o Egito e o vizinho andam tensas nos últimos anos.*

No entanto, a barca de Amon precisa ser urgentemente substituída.

Para conduzir as negociações, necessitam de um homem hábil, claro, mas que, sobretudo seja capaz de resistir às ameaças de intimidação, que não desanime. Esse homem é Uenamom.

O Faraó, para dar maior prestígio a seu Embaixador, tem a idéia de lhe oferecer um companheiro naquela missão, um Embaixador Divino: uma estátua acompanhará Uenamon, a estátua de Amon, o Deus com cabeça de carneiro.

Com grande pompa, Uenamon e seu Deus embarcam em Tebas. O Nilo os conduz ao Baixo Egito. Embora preocupado com as dificuldades da embaixada, Uenamon é sensível às belezas que admira do navio. O vento é suave, mas o leva rapidamente até o mar.

No ponto em que as águas do Nilo se confundem com as do mar, Uenamon muda de embarcação. A grande barca leve e esguia que o levara até ali não poderia enfrentar as águas do Grande Verde.Pra subir o litoral da Fenícia e do Líbano eram necessários navios mais pesados, mais sólidos e melhor aparelhados.

Uenamon encontra sem dificuldade um comandante que aceita leva-lo até sua próxima etapa, o porto de Dor.

A estátua e as arcas contendo o ouro e os presentes que deverão servir de moeda para compra do cedro são transferidas com cuidado de um barco para o outro. Uenamon supervisiona tudo e repreende o marinheiro que manejava a estátua com uma ligeireza que ele considera imprudente e sem Fé.

Logo tudo está bem amarrado no navio de alto-mar. Os objetos mais preciosos vão na cabine de Uenamon.O comandante anuncia que partirão no dia seguinte quando o sol nascer.

A viagem transcorre muito bem. O navio e sua tripulação são excelentes.O mar está um pouco agitado, mas é esse o preço do vento constante que enche as velas. O barco navega em boa velocidade até o porto de Dor.

O sol começa a se por quando o comandante dá início às manobras para atracar. A viagem está chegando ao fim, e Uenamon se sente muito satisfeito com a tripulação.

Agora o barco se acha amarrado ao cais. O porto de Dor é esplêndido à luz do poente. Terminado o trabalho, os marinheiros desembarcam e correm para os bares do porto.

Prudentemente, Uenamon tenciona passar a noite na cabine, junto dos tesouros pelos quais é responsável. Após o jantar, vai ver se o carregamento não foi danificado durante a travessia. E só então percebe que seu ouro desaparecera!

Agora ele entendia, tarde demais porém, porque os marinheiros pareciam ter tanta pressa de desembarcar. Como encontrá-los?Não conhecia o porto. As ruas eram estreitas, sinuosas e cada lojinha, cada casa era um esconderijo possível para os ladrões.

Sem demora, Uenamon pede audiência ao senhor de Dor, para que ele faça justiça, já que o roubo foi cometido em sua cidade.

O senhor arruma um jeito para não ter que ressarcir Uenamon. Alega que como o navio e os marinheiros foram contratados no Egito por Uenamon, ele não poderia ser responsável por esses homens. E de nada adianta Uenamon replicar que ele tem a obrigação de fazer respeitar a justiça em seu território: o outro não lhe dá ouvidos.

Apesar disso, Uenamon consegue que os ladrões sejam procurados pela polícia. Nem é preciso dizer que ele tratou de transportar para um lugar seguro tudo o que os ladrões não tinham roubado. Na verdade, só tinham levado o que era mais facilmente transportável, isto é, o ouro. Ainda bem que não tocaram na estátua de Amon!

Passam-se nove dias e os ladrões não são detidos. Em cada um desses nove dias Uenamon foi se queixar ao senhor da lentidão das buscas. Para se livrar dele, muito mais do que para lhe prestar serviço, o senhor de Dor lhe sugere uma artimanha.

"Os homens que o roubaram são marinheiros, não é? Pois bem, tome de outros marinheiros o que aqueles lhe roubaram."

Uenamon não gosta muito dessa artimanha, mas não esquece a missão que lhe foi confiada. Não deve demorar demais para chegar ao Líbano, senão o Rei terá uma boa desculpa para não lhe entregar o cedro: dirá que chegou depois da época do corte das árvores.

Aceita, portanto, a artimanha que lhe é proposta, encontra um navio que aceita leva-lo, com o que resta de seu carregamento, até Tiro, e de lá até Biblos.

Faz-se ladrão por sua vez e roua do comandante do navio o equivalente às suas perdas. Mas como não lhe agrada nem um pouco agir assim, eis o que diz aos marinheiros:

"Se estou lhes roubando, é porque me roubaram. Encontrem os homens que pegaram meu ouro e eu devolverei o de vocês."

Sem esperar a resposta dos marinheiros, Uenamon vai ao palácio do Rei do Líbano.

O palácio é magnífico, seus jardins suspensos têm vista para o mar, as salas de recepção são ricamente decoradas. Uenamon fica deslumbrado, embora esteja acostumado com as suntuosas moradas de Tebas.

Para dar maior brilho à sua primeira entrevista com o Rei, Uenamon se faze acompanhar do Embaixador Divino que o Faraó lhe confiou.

Desde as primeiras palavras que o Rei pronuncia, o enviado dos Egípcios compreende que o diálogo entre eles será difícil. Biblos não tem a menor vontade de ser agradável com Tebas. Uenamon negocia incansavelmente, mas não consegue nada.

Felizmente o Deus Carneiro vem em seu socorro.Por meio de um sonho, Amon insinua no espírito do Rei do Líbano a idéia de que é necessário satisfazer a Uenamon.

Ainda assim o Rei resiste. Desconversa. Uenamon continua esperando. Acreditando que sua missão fracassou irremediavelmente, pensa em voltar ao Egito. Até então ele se obstinara e resistira, dia após dia, à pressão do Rei, o qual tentava se livrar dele ordenando-lhe que deixasse o porto de Biblos.

Por isso, quando anuncia seu desejo de partir, fica surpreso ao ser proibido de fazer-se ao mar. Junto com essa ordem, recebe uma convocação para comparecer ao palácio Real. Uenamon obedece imediatamente.

O Rei o recebe com luxo, como sempre, e lhe concede audiência na mais linda sala do palácio.

Mas Uenamon percebe muito bem que, apesar da ordem secreta de Amon, o Rei de Biblos continua não querendo fornecer o cedro que o Faraó lhe pede; continua a desconversar e exige um preço exorbitante.

Como bom diplomata, Uenamon procura satisfazer ambas as partes.

O Rei do Líbano exige quatro cântaros e um jarro de ouro, cinco cântaros de prata, dez peças de tecido de linho Real, dez de bom linho do Alto Egito, quinhentos rolos de papiro de primeira, quinhentos couros de boi, vinte sacas de lentilha, trinta cestos de peixe.

O Faraó se enfurece com essa exigência, mas o conserto da barca Divina de Amon é urgente. Ele é obrigado a aceitar o que considera uma chantagem da parte do Rei de Biblos e manda tudo o que este lhe pede.

Barcas de bordo alto que convém ao transporte de mercadorias, são carregadas dos presentes pedidos pelo Rei de Biblos. Os remadores são escolhidos com cuidado. Não devem ser grandes demais porque nesse tipo de embarcação têm pouco espaço para remar: precisam se manter em equilíbrio numa espécie de balaustra ao longo do navio. Todo o espaço é destinado à carga e à cabine do comandante. Precisam ser fortes, já que vão ter que remar, mas também – e isso é o mais difícil – com certeza vão ter de rebocar

as embarcações, puxando-as com cordas das margens do Nilo quando o vento soprar fraco.

Pois o tempo urge e será impossível esperar que se apresentem as condições normais e favoráveis de navegação. Precisam chegar antes que a época de derrubada do cedro termine. O conserto da barca de Amon não pode ser deixado para o ano seguinte.

A navegação no Nilo corre bem. Agora falta enfrentar o mar e seus perigos; é impossível utilizar as barcas construídas para navegar no Nilo, por serem totalmente inadequadas às águas do mar.

Também agora os intendentes do Faraó agem rápido. Em algumas horas, o tesouro exigido pelo Rei de Biblos é transposto para os navios de alto-mar. A proa e a popa desses navios são ornadas de presságios favoráveis: o símbolo da vida e o olho de Horus.

Navio e mercadorias chegam por fim a Biblos. O Rei, mostrando mais uma vez seu amor pelas riquezas, manda verificar o carregamento de todas as embarcações, para se certificar de que tudo o que exigira estava lá em bom estado. O inventário demora, e cada hora que passa é preciosa, porque em breve não será mais possível cortar os cedros.

Mais uma vez Uenamon quase perde a paciência com o excesso de zelo dos funcionários do Rei, que verificam bem devagar cada dcântaro, cada jarro, cada peça de tecido, cada rolo de papiro, cada couro de boi e cada saca de lentilha. O Rei se declara satisfeito e dá a ordem tão esperada por Uenamon.

Enfim as árvores são cortadas, aqueles cedros imensos pelos quais o Líbano é famoso. Enfim Uenamon pode voltar ao Egito. Lá, os operários encarregados da construção da barca já foram escolhidos com cuidado e todas as ferramentas estão prontas.

O Faraó poderá ir para o Amentet serenamente, sem que Osíris possa repreende-lo por não ter cumprido com os deveres de seu cargo.

Uenamon é nomeado responsável pelo trabalho, Com esse cargo, recebe honrarias e recompensa por ter sabido conduzir a bom termo aquelas negociações tão difíceis.

Infelizmente esta compilação de que disponho (e que me parece ser a única em Português) não é de boa qualidade, muitos trechos lhe foram tolhidos de modo que algumas partes essenciais (não do ponto de vista da história em si, que é o que esta compilação (voltada ao público leigo) valoriza, mas do ponto que interessa-nos como estudiosos) não constam. Felizmente, entretanto, disponho de trechos desta História (bem como das

outras que já narrei) em outros livros, o que me faz poder discuti-la um pouco melhor.

Um dos pontos mais interessantes dessa obra se refere à religiosidade, podemos ver na fala do Rei de Biblos (*"Amon fundou todas as terras. Ele as fundou, mas fundou primeiro a terra do Egito, de onde viera. Trabalhos especializados vieram de lá, chegando ao lugar em que estou, e, de lá, vieram ensinamentos, chegando ao lugar em que estou"*) que os Egípcios haviam encontrado uma boa explicação para a difusão de seu Império, ou seja, seu Deus seria o criador de tudo, mas esse tudo começara no Egito, sendo assim, o Egito deveria ser o centro de tudo.

Outras observações interessantes que podemos fazer em relação ao texto é que o Egito e a Fenícia (chamada de Líbano no texto, porque hoje a Fenícia corresponde ao Líbano) não mantiveram boas relações comerciais durante a XX Dinastia. Talvez conseqüência da inflação já referida e conseqüente perda de poder de compra do ouro Egípcio. Pode-se constatar também as preocupações e gastos fúteis do Faraó em detrimento das verdadeiras necessidades da nação e, além disso, a crescente dessacralização da figura do Faraó e do Deus universal: Amon. Caso contrário, jamais marinheiros Egípcios haveriam roubado ouro do Faraó destinado à compra de madeira para a construção da barca do Deus Amon.

Podemos ainda ressaltar que certamente Uenamon e o Faraó acreditavam que a presença da estátua de Amon, por si só, faria com que o Rei de Biblos aceitasse a proposta de comércio nos termos Egípcios, no entanto, a fama de riqueza e prosperidade que o país adquirira ao longo dos séculos foi superior ao poder de Amon, sendo assim, o Rei de Biblos impôs seus próprios termos à transação.

Um último ponto interessante que se pode depreender da História é a moral torpe (ou mesmo amoral) e compensatória dos Egípcios da Dinastia Ramsética. Para alcançar seus objetivos, o indivíduo não hesitou em roubar daqueles a quem teve acesso e, como forma de compensação disse apenas que roubara porque fora roubado antes e que devolveria o que pegara se aqueles a quem roubaram recuperassem seu ouro. Mesmo tendo tudo isso sido em defesa dos interesses de Amon, foram atos que bateram de frente com a Maat, sendo assim, não seriam praticados por um Egípcio de Fé de períodos um pouco mais anteriores. Ah sim, no caso de Uenamon, o crime compensou e muito, afinal, se tornou protegido do Faraó no final.

11.1.1 – A Divisão do Egito:

A XX Dinastia terminou de forma curiosa. A corrupção endêmica do Egito havia feito com que a população passasse fome, pois o trigo e outros gêneros alimentícios que deveriam ser distribuídos pelo Estado, e que tinham sua distribuição controlada pelo Templo de Amon, era desviado de

modo a servir como moeda de troca com valor (numa economia quebrada pela hiper-inflação). Houve casos em que mais de 90% do montante a ser distribuído acabou desviado.

Greves e revoltas tornaram-se um lugar comum e a própria Tebas (nessa época dividida em duas prefeituras, um na margem ocidental e outra na margem oriental) passou a ser alvo de manifestações e conflitos de rua.

Durante o governo de Ramsés XI, enquanto o exército estava afastado numa batalha no Delta, um grupo de estrangeiros aproveitou uma manifestação popular contra Amenhotep, Sumo Sacerdote de Amon, e iniciou uma verdadeira guerra civil.

O Faraó, que não vivia mais em Tebas, mas em Mênfis, tardou a saber e a deslocar suas tropas, por isso, a paz na cidade teve que ser mantida por uma milícia de escravos do Templo de Amon. A milícia, por sua vez, era leal a seu líder, Herihor. Sendo assim, obedecendo-o, depois de colocar um ponto final no conflito urbano, depôs Amenhotep e instalou Herihor no cargo de Sumo Sacerdote de Amon.

Durante a vida de Ramsés XI, Herihor governou o Faraó, visto que esse não dava um só passo sem consultar o Oráculo de Amon. Este, por sua vez, representava a vontade de seu Sumo Sacerdote, sendo assim, Herihor governou de fato.

Quando Ramsés XI morreu, ainda muito jovem e sem herdeiros, Herihor tomou para si a coroa Real. Já era, durante a vida do Faraó, o supremo mandatário do Egito, além de deter o título de Tjati do Alto Império e o de Sumo Sacerdote de Amon.

Entretanto, em Tânis, no Baixo Egito, Smendes, o Tjati daquela região, alegou ser o legítimo herdeiro do trono, uma vez que era casado com uma irmã de Ramsés XI.

Por mais incrível que pareça não houve qualquer disputa entre ambos os pretendentes ao trono. Na prática, os dois sabiam que não poderiam controlar todo o Egito e preferiram mantê-lo dividido em dois do que arriscar uma guerra aberta enfraquecendo-se internamente e correndo risco de sofrerem uma invasão oportunista.

Dessa maneira, a XXI Dinastia teve dois Faraós: um em Tebas e outro em Tânis. Na prática, o primeiro detinha o poder Divino e o segundo, o poder Temporal. Ambas as Dinastias eram aliadas e, inclusive casavam seus filhos entre si. Porém, com o tempo os Monarcas de Tebas deixaram de marcar seus nomes nas paredes como sendo Faraós, preferiam resignar-se ao cargo de Sumo Sacerdote de Amon.

11.2 – As Invasões Estrangeiras:

Os Monarcas de Tebas controlavam o Alto Egito, mas os de Tânis não possuíam grandes poderes sobre o Baixo Egito, sendo assim, os

Líbios, que quase duzentos anos depois da derrota frente a Ramsés III, já haviam se recuperado, resolveram investir contra o Delta.

Em 935, Sheshonq I assumiu o trono em Bubastis e, em pouco tempo, derrubou a família Real de Tânis. Os soberanos Líbios de Bubastis adotaram Bast, a Deusa Gata como Divindade Dinástica e fundaram a XXII Dinastia.

Muito belicosos, os Líbios aproveitaram o domínio estratégico do Delta para se expandirem. Conseguiram impor um domínio tão fictício quanto efêmero sobre todo o Egito, tendo nomeado um de seus príncipes como Sumo Sacerdeote de Amon, em Tebas. Porém, esta cidade nunca caiu sob o domínio Líbio, fez apenas um acordo para evitar a guerra. Depois de se estabelecerem no Egito, os Líbios de Bubastis organizaram uma expedição militar à Judéia (antiga Palestina), onde saquearam o Templo de Salomão (se é que este já existia a essa época), em Jerusalém, e trouxeram suas riquezas para Bubastis.

Os gastos militares e a expansão da XXII Dinastia fizeram com que ela não pudesse manter seus domínios. Com efeito, ela nunca conquistou Jerusalém, apenas realizou um reide; seu domínio sobre o Alto Egito era apenas nominal e, no próprio Delta, por volta de 817, Petubastis fundou uma Dinastia concorrente: a XXIII Dinastia.

O Egito voltava a ser dividido em três partes depois de muitos anos, além disso, a presença da XXIII Dinastia no Delta oriental tampou o corredor de acesso de Bubastis para a Judéia.

Por volta de 730, ainda no Delta, Tefnakht fundou uma quarta Dinastia: a XXIV, que só logrou nomear dois governantes.

Dentro de um contexto tão difuso, o fato era que ninguém podia se dizer o verdadeiro Faraó do Egito. O que existiam eram diversos Reis de diversas cidadelas que, vez por outra, tentavam se expandir e entrava em choque com poderes vizinhos.

11.3 – O Domínio Núbio:

Historicamente a Núbia sempre foi uma região dominada pelo Egito. Desde o Antigo Império os Faraós Egípcios faziam incursões de saque e até mesmo de conquista dentro do território Núbio. O ouro da Núbia foi o principal financiador da política Imperial do Egito. Os mercenários Núbios por muitos séculos serviram como guardas pessoais e mesmo como buchas de canhão dos exércitos Faraônicos. Na Núbia foram construídas fortalezas que mais lembram verdadeiros castelos medievais (inclusive, tinham a mesma função que, na Idade Média, os castelos tiveram em regiões como o País de Gales, por exemplo, ou seja, manter a região sob vigilância constantes com contingentes armados prontos para uma intervenção), lá também foi construída a maior maravilha do governo de Ramsés II, Abu

Simbel. Em Napata, na Núbia, residia um Vice-Rei Egípcio; com efeito, se o Egito dominou diretamente alguma região, esta região foi a Núbia. Todas as demais regiões que um dia compuseram o Império Egípcio eram submetidas a domínios indiretos, mantinham seus governantes e, às vezes não possuíam nem mesmo guarnições Egípcias permanentes, somente a certeza de que, caso se rebelassem, seriam massacradas pelas tropas do Faraó. Na Núbia tudo era diferente...

Antes do estabelecimento de um Vice-Rei Egípcio em Napata, os príncipes Núbios foram os primeiros a freqüentar a Kap, em Tebas. Deveriam aprender a religião e os costumes Egípcios, pois, pensavam os Egípcios, se gostassem da cultura Egípcia, não veriam problemas em serem por ela dominados.

Realmente a estratégia dos Faraós deu particularmente certo na Núbia. A região não se diferenciava em nada do Egito em termos de cultura. Possivelmente, como já foi mencionado, a única diferença entre Egípcios e Núbios (diferença que (uma vez tendo existido) talvez tenha sido determinante) era a cor de suas peles. Os Núbios quase que sem dúvidas eram negros e, sendo assim, devem ter sido vistos como inferiores pelos Egípcios (que, aliás, se viam como superiores a todos os estrangeiros), apesar de habitarem, como eles, as margens do Nilo.

Após tantos revezes na política interna e a quase destruição de sua política externa, o Egito perdeu definitivamente o controle sobre a Núbia (este nunca mais seria recuperado, exceto no século XX d.C., visto que hoje aquilo que os Egípcios chamavam de Alta Núbia, ou Wawat, faz parte do território do Egito).

Assistindo de longe à destruição, por disputas internas, da cultura que tanto louvavam, os Núbios não resistiram e, por volta de 750, começaram a investir contra o Egito.

Começaram por submeter o Alto Egito, que estava mais vulnerável pela falta de um governo central (visto que desde a instauração do príncipe de Bubastis como Sumo Sacerdote de Amon, a XXI Dinastia de Tebas já não mais existia e o Clero de Amon já não dominava muitas regiões além de Tebas). Essa região caiu facilmente sob o jugo Núbio.

Entre 730 e 709, os Núbios atacaram o Delta, mas só lograram fazer pequenas escaramuças, sem abalar o equilíbrio de poder que se estabelecera entre as três Dinastias (XXII, XXIII e XXIV) daquela região.

Numa época em que a Fé andava em baixa num Egito dividido, os Núbios trouxeram de volta o fervor religioso e o tradicionalismo. Se bem que um tradicionalismo revestido de tradições Núbias.

É notório, no entanto, que Piankhi, Rei de Napata e idealizador da invasão ao Egito não obteve todo o sucesso que logrou obter apenas por seu fervor religioso. As táticas de guerra Núbias eram algo ainda nunca visto na região. Primeiramente, eles possuíam um exército nacional forjado

em cima de laços de aliança (muito semelhantes aos laços de vassalagem Medievais) entre os chefes, sendo assim, não dependiam de mercenários pagos que, no fundo, são muito pouco confiáveis. Em segundo lugar, mas principalmente, os Núbios foram s primeiros a utilizar a cavalaria em larga escala. Ao contrário dos povos do Crescente Fértil que apenas utilizavam bigas, eles de fato montavam nos cavalos. Não temos condições de saber se utilizavam ou não algo semelhante ao estribo, mas é mais provável que não, caso contrário essa técnica teria se disseminado muito antes do que o fez. Apesar disso, podemos perceber que tropas montadas a cavalo eram muito mais rápidas e ágeis até mesmo do que as bigas, por isso os Núbios parecem ter tido uma vantagem determinante no campo de batalha. Uma especulação que parece verossímil trata da qualidade das armas dos Núbios. Com efeito, existem teorias que fazem menção a uma fonte de disseminação do ferro no Sudão ocidental. Se isso proceder, então é possível que os Núbios possuíssem mais uma vantagem determinante: armas de ferro.

O que podemos saber realmente é como se deu a conquista do Egito, isso graças a uma bela estela erigida por Piankhi, em comemoração a essa conquista. Acredita-se que este indivíduo se tenha feito coroar Faraó valendo-se de uma possível descendência em relação a Herihor, fundador da XXI Dinastia de Tebas. Essa hipótese, contudo, é muito fraca, na medida em que se baseia apenas no fato do filho daquele Faraó ter se chamado Piankhi também.

O amor desses Núbios Kushitas (veremos o significado do termo mais adiante) por seus cavalos era tanto que há relatos de uma grande bronca de Piankhi no Nomarca de Hermópolis, pois, logo que ele acabara de tomar a cidade, ao visitar os estábulos constatou que os cavalos mal tinham o que comer, sendo assim, relatou:

> *"Por minha vida! Por meu amor a Ra! Como minhas narinas estão rejuvenescidas de vida! Ver cavalos tão famintos aflige meu coração mais do que todo o mal que, em sua perversidade, fizestes."*

Ao tomar o Egito, os Núbios estabeleceram-se em Mêmfis e, em seus enterramentos (em Napata), fizeram-se sepultar com seus cavalos para que estes os servissem por toda a eternidade. Podemos imaginar facilmente que a visão desses Núbios sempre em seus cavalos pode facilmente ter gerado no imaginário mítico Egípcio uma figura que depois teria alcançado a Grécia, tornando-se parte da mitologia daquele povo: O Centauro.

O que mais impressiona no período da dominação Núbia não é, contudo, a forma como ela aconteceu, nem tão pouco, as tecnologias bélicas empregadas pelos conquistadores. O que mais impressiona é

realmente o saber Histórico deles, coisa que parece tê-los motivado em suas campanhas.

Para se ter uma idéia, Piankhi, ao tomar o Egito, restabeleceu o poder do Faraó tal como o fora no Antigo Império. Dessa forma, ele justificou sua conquista como o extermínio daqueles sem Fé. Dizia-se um Deus Vivo, como um Faraó deveria ser, e todos os que se opunham a ele estavam se opondo à Maat. Profundo conhecedor dos hieróglifos, ele restaurou seu uso que já se encontrava praticamente perdido; com efeito, suas correspondências e registros Régios eram feitos em hieróglifos.

Também a construção de pirâmides, que já não ocorria há quase 1500 anos, voltou a ocorrer, em tamanho reduzido, é verdade, além disso, em Napata, não no Egito, mas, ainda assim, pirâmides.

O costume de que o Faraó era o único Sacerdote verdadeiro também foi restaurado. Desde os áureos tempos da IV Dinastia o Faraó já não tomava para si as funções de único Sacerdote. Sempre que estava presente num templo, Piankhi se encerrava sozinho na câmara escura e realizava as cerimônias de culto ao Deus.

No trato pessoal o Faraó da Núbia também resgatou velhos costumes: proibiu o peixe e o porco entre aqueles que freqüentavam sua presença e/ou o palácio. Ao tomar Mênfis, visando restaurar a integridade do culto de Ptah, há muito renegada, entregou seu templo a lustrações sagradas. Buscou restaurar os credos originais e a força da diversidade politeísta, o que não o impediu de também fortalecer o Clero de Amon, seu Deus preferido.

Em Tebas, sua principal ação foi a recriação do cargo de Adoradora Divina de Amon, um cargo restrito a mulheres que há muito havia sido extinto. Somente princesas de sangue Real podiam ocupar esse cargo e, com sua restauração ele se tornou uma espécie de contraparte feminina do poder do Sumo Sacerdote de Amon.

O controle de Piankhi sobre o Delta nunca foi efetivo, isso porque o terreno pantanoso dificultava o deslocamento por terra e os vários braços do Nilo tornavam o deslocamento por água muito demorado.

Quando morreu, Piankhi foi sucedido por seu filho, Shabaka e este, por Shebtiku, que, por sua vez, foi sucedido por Taharqa e esta, por Tanutamon.

No total, os Núbios governaram o Egito por 94 anos, entre 750 e 656. Porém, a expansão Assíria não pôde ser detida por muito tempo. Depois da invasão Assíria (que será referida mais adiante), os governantes Núbios se retiraram de volta para Napata de onde organizaram um novo Reino: Meroë.

11.3.1 – O Reino de Meroë:

Os Egípcios nunca ultrapassaram a quinta catarata do Nilo, aliás, Napata, a cidade fortaleza fundada para controlar a Núbia e ser a residência do Vice-Rei da região ficava justamente entre a quarta e a quinta cataratas. A região conhecida pelos Egípcios como Núbia estava, assim, como seu vizinho do norte, dividida em duas partes: Alta Núbia (ao norte) e Baixa Núbia (ao sul). Os nomes dessas duas regiões, no entanto, eram mais usualmente Wawat e Kush, respectivamente.

É possível que exista certa influência Hebraica na nomenclatura de ao menos uma dessas regiões, visto que, segundo a Dr. Vera Lúcia Amaral Ferlini, do departamento de História da USP, Kush, em Hebreu antigo significava negro e essa região corresponde justamente à Baixa Núbia, ou seja, a região da Núbia antiga que hoje pertence ao Sudão e que, inegavelmente está inserida dentre do contexto étnico da África negra.

Segundo o Torah e também o Velho Testamento, mais precisamente o Pentateuco, conjunto dos cinco primeiros livros do Velho Testamento que também compõem o Torah; Kush era filho de Noé e, durante o dilúvio, enquanto todos navegavam, certa vez Noé se embriagou e deitou-se nu.

Ao observar o pai despido, Kush zombou dele e chamou seus irmãos para também fazerem-no. Porém, ao chegarem os irmãos se ofenderam com a conduta de Kush e, ao invés de também zombarem de Noé, cobriram-no.

Quando o escolhido de Deus para salvar a humanidade acordou, seus outros filhos contaram-no o que Kush havia feito. Irado ele se dirigiu ao filho e o amaldiçoou: “Tu e teus filhos serão escravos dos escravos dos filhos de seus irmãos!”.

Ainda segundo esta fonte. Após as águas terem baixado, aos antediluvianos coube repovoar o mundo. A cada qual coube um grupo de animais e todos se dividiram. Kush rumou para a África e, dessa forma, seus descendentes se tornaram os negros: eternos fadados à escravidão. Essa lenda Bíblica serviu de legitimação à escravidão negra na América e é possível que tenha se originado quando os Hebreus observaram a condição de escravos dos indivíduos oriundos da Baixa Núbia no Egito. De qualquer maneira, essa é uma boa pista para que se pense numa possível solução para o problema étnico do Egito Antigo.

Quanto ao Reino de Meroë, infelizmente não disponho de fontes fidedignas a seu respeito. Tenho o maior interesse em estuda-lo o mais breve possível, mas ainda não o é. Só posso dizer que se centrava na região além da quarta catarata. Sua capital original foi Napata, mas depois ela foi transferida para Meroë, donde o nome do Reino, entre a quinta e a sexta cataratas, um lugar onde os Egípcios jamais pisaram. Nesse Reino, ao que tudo indica, tradições tribais Centro-Africanas se fundiram com tradições Egípcias e é provável que tenha havia a construção de pirâmides de madeira, pela falta das pedras que mais ao norte eram abundantes. Se o

Reino do Punt era mesmo a Somália, ou mesmo a Abissínia (Etiópia), então é provável que tenha tido contatos com Meroë e que, dessa forma, esse Reino tenha influenciado várias civilizações Africanas. Talvez, quiçá seja uma raiz minimamente Histórica para uma possível existência do lendário Reino de Prestes João.

11.4 – A Coroa Abandona o Egito:

Algumas teorias falam que talvez os Egípcios (mais possivelmente alguma das Dinastias do Delta do que a Dinastia Kushita) teriam fornecido apoio militar aos Judeus que estavam sob cerco Assírio, sendo assim, esta teria sido uma "desculpa" para que o Império (agora com sede em Nínive, não mais em Assur), atacasse o Egito.

A verdade não é possível de ser conhecida, mas deve-se lembrar que os Assírios eram a principal força Imperial do Crescente Fértil, sendo assim, não é difícil de pensar que a conquista do Egito, país cuja regularidade agrícola era lendária, estivesse nos planos Imperiais.

Seja como for, sob o comando de Assurbanipal, os Assírios realizaram quatro incursões em território Egípcio.

Na primeira, em 674, apossaram-se do Delta e chegaram a tomar Mênfis, a capital dos Núbios, porém estes a retomaram em 671. Além disso, os exércitos Assírios não puderam avançar mais porque foram trucidados pela veloz cavalaria Núbia.

Na segunda incursão, realizada em 667, o domínio do Delta foi reforçado e os Assírios se prepararam para a terceira incursão, em 663, quando obtiveram uma vitória retumbante sobre a cavalaria Núbia e tomaram Mênfis.

Contudo, refugiados em Tebas, os Núbios continuavam resistindo, sendo assim, Assurbanipal comprou a lealdade de Egípcios com pretensões ao trono, prometendo-lhes expulsar os Núbios e assenta-los no trono. Sendo assim, o poder de Tanutamon começou a ser minado e ele não pôde resistir ao ataque definitivo de Tebas, em 657. Sendo assim, um ano depois retirou-se para a Núbia onde iniciou o Reino de Meroë.

Por essa época os Assírios possuíam o maior Império do mundo: governavam desde a Mesopotâmia até o Egito, passando pela Judéia e pela Capadócia. É possível que se preparassem para atacar a Líbia, ou talvez a Grécia, agora que tinham o corredor do Mediterrâneo completamente aberto, no entanto, viram seu domínio, ainda recente, do Egito ser solapado apenas 4 anos após ter sido obtido.

Em 653, Saís, cidade fortificada do Delta e uma das pretendentes à coroa do Egito, organizou uma resistência aos invasores. Após ter conseguido se sobrepor às demais cidades do Delta, expulsou os Assírios

e, de quebra, anexou o Alto Egito. Mais uma vez o Egito voltava a ser independente. Estava iniciada a XXVI Dinastia: a Dinastia Saíta.

Por cerca de 125 anos o Egito conheceu um período de revitalização, também chamado de Renascença Saíta. É verdade que do ponto de vista cultural este período não se equiparou a seu anterior (se bem que foi justamente durante a Renascença Saíta que a escrita Demótica foi criada, o que constituiu uma revolução cultural, visto que o Demótico, como já foi mencionado, foi o primeiro tipo de escrita Egípcio a conter um caráter silábico (ainda que os Hieróglifos possuíssem um caráter de fonogramas baseados em ideogramas, não podem ser considerados como uma escrita silábica)), o Período Kushita, no entanto, do ponto de vista tecnológico sim, o fez e até superou.

Os Egípcios conseguiram retomar o comércio com a Fenícia e iniciaram uma tentativa de revitalização da arte. Porém, este estilo não era como o Arcaico original, ou mesmo tão perfeito quanto ele, como aquele do Período Kushita, na verdade, durante a XXVI Dinastia surge aquilo que chamamos de Estilo Artístico Arcaizante do Egito, o estilo que, a grosso modo, iria perdurar até os últimos anos da cultura Egípcia, no século IV d.C..

O domínio de todo o Egito operado por Saís não era de fato, mas de direito, visto que no Baixo Egito, em Saís, Reinava um Faraó e em Tebas, uma princesa Saíta havia sido nomeada como a Adoradora Divina de Amon, sendo assim, ela era a governante do Alto Egito, porém, ao lado do Sumo Sacerdote de Amon.

Os grandes feitos da XXVI Dinastia, contudo, remontam ao governo de Nekao II. Segundo consta nos registros Gregos, este Faraó abriu um canal entre o Nilo e o Mar Vermelho de modo que o Mediterrâneo e o Índico pudessem se interligar através do Egito. Na verdade, para alguns Historiadores, esse Faraó teria apenas iniciado a obra que teria sido terminada pelos Persas. Porém, o mais impressionante dentre todos os feitos da Dinastia Saíta, realmente digno de menção e, por si só, suficiente para atestar a grandeza dessa civilização que buscava resgatar o brilho do Egito Faraônico, foi a viagem de circunavegação da África.

Parece inverossímil, mas relatos Gregos atestam que Nekao II teria financiado um navegador Fenício para circunavegar a África. Ele teria zarpado do Delta e chegado ao Sinai numa viagem que lhe tomou meses. O objetivo da viagem era, tão somente, o mapeamento (mas talvez a coleta de provas da passagem da embarcação por aquelas regiões tão distantes). Se esta viagem de fato ocorreu, o que é perfeitamente possível, então os Egípcios e os Fenícios terão provado estar pelo menos 2200 anos à frente de seu tempo em termo de tecnologias navais, visto que a proeza só pôde ser repetida por Vasco da Gama, em 1498 d.C., e, mesmo naquela época,

foi considerada tão heróica que motivou Luís de Camões a escrever a maior obra da literatura Portuguesa: “Os Lusíadas”.

Esta viagem, se é que ocorreu, pode por em cheque a teoria de Arqueólogos da Mesoamérica que teimam em dizer que seria impossível uma viagem do Velho Mundo para a América em tempos tão antigos quanto o dos Olmecas. Para mais detalhes acerca desse ponto, ver “Olmecas: O Elo Perdido da Mesoamérica”.

No século VI a.C., o panorama geopolítico do Crescente Fértil havia se alterado, os Assírios que vinham sendo a força de maior potência desde o século XI havia sido praticamente aniquilados. Os Babilônios de Nabucodonosor haviam ensaiado uma Renascença Babilônica, mas esta não pôde lograr muito tempo de sucesso, visto que os Persas iniciaram sua expansão.

Se a máquina de guerra Assíria havia sido demais para os Kushitas, a invasão Persa praticamente esmagou os Saítas. Ahmés II, Faraó que Reinara por vários anos, havia acabado de morrer e seu filho Psamatik III, um rapaz ainda muito jovem e que acabara de assumir foi obrigado a se opor às tropas de Cambises, Grande Rei da Pérsia. Seu predecessor, Ciro, o Grande, havia desmantelado toda apolítica de alianças que Ahmés II havia montado. Um a um os governantes de Babilônia, Lídia e Samos foram caindo. Os Espartanos preferiram não se opor ainda ao poderio Persa, sendo assim, apesar de Ahmés II ter logrado conquistar a ilha de Chipre para o Egito, seu filho foi derrotado e morto (talvez o primeiro Faraó morto em batalha na História do Egito) na batalha de Pelusa, no Delta, em 525, e, sendo assim, o Egito caía em mãos estrangeiras mais uma vez.

11.4.1 – O Domínio Persa:

Cambises foi um governante Persa guerreiro. Nos moldes dos primeiros, como Ciro antes dele e Dario depois. Seu ímpeto de conquistas pôde ser capaz de anexar o Egito ao seu Império, um Império que não existia nem há 50 anos, visto que Ciro fora seu fundador.

O Egito se converteu numa Satrápia e, para todos os efeitos, o Grande Rei Persa acumulava entre seus tantos títulos também as coroas do Alto e do Baixo Egito.

Como veremos mais adiante, o Egito foi o primeiro Império a se estabelecer continentalmente (consideremos que o Crescente Fértil possa ser um Continente) e isso, aliado à antiguidade de sua civilização (atestadas por suas construções imortais de pedra) e às glórias semi-fictícias pregadas por Ramsés II, fez com que todos os Impérios subseqüentes almejassem o domínio do Egito. É claro que não podemos esquecer também da fama internacional da agricultura Egípcia, fama esta que, com a visita de Heródoto durante o governo Persa, se tornou ainda mais popular.

Pois bem, os Persas introduziram o elefante e o camelo como formas de transporte e "veículos" de guerra. É notório que os Persas cavalgassem muito bem e, possivelmente faziam uso do estribo. Dentre os feitos mais famosos de Cambises no período em que governou o Egito está o enviou de um exército de cerca de 10mil homens (com cavalos, camelos e elefantes, inclusive) em direção à Líbia. Esses homens se perderam no Deserto da Líbia e jamais foi encontrado qualquer sobrevivente ou vestígio deles. Foi uma das primeiras tentativas (talvez a primeira) de um exército em cruzar tal região.

Com efeito, a introdução do camelo, o "Navio do Deserto" no Egito, o acesso aos oásis se tornou muito maior, sendo assim, muitos povoados foram construídos, em geral ao redor de templo, nesses oásis. O mais famoso desses povoados se tornou o do oásis de Siwa, ao redor do Oráculo de Zeus-Amon.

A Cambises sucedeu Dario I e este, sem o mesmo ímpeto e mergulhado na guerra contra os Gregos, deixou que o Egito conhecesse um período de relativa tranqüilidade, se bem que mercenários (especialmente Judeus) rondassem o Egito e estivessem instalados em diversas localidades, desde Elefantina (na divisa com a Núbia) até o Delta.

11.4.2 – Heródoto:

Heródoto é conhecido popularmente como o pai da História, afinal foi ele quem primeiramente concebeu o termo como sendo significado daquilo que entendemos hoje. Em Grego, História significa Enquête, Pergunta. Para Heródoto a História no sentido de registro do passado não poderia ser outra coisa senão isso: uma pergunta.

Essa visão Grega, diametralmente oposta à visão dos países do Crescente Fértil, onde o pensamento abstrativo ainda não tinha sido desenvolvido no mesmo grau em que foi possível na Grécia Clássica (talvez e muito provavelmente, pela existência de Filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles, dentre outros é que tal acontecimento tenha sido possível) possibilitou que Heródoto se tornasse o pai da História, ou seja, de uma análise do passado baseada em observação, leitura e abstração.

No caso de Heródoto, apenas a observação e a abstração podem ser associadas, uma vez que, no caso específico do Egito, ele não tenha lido coisas muito aprofundadas pelo simples fato de não saber ler Egípcio (e de as traduções serem raras e inacessíveis naquela época).

A visita deste Historiador Grego ao Egito se deu exatamente durante o domínio daquela que, para Mâneton ficou conhecida como a XXVII Dinastia, ou seja, sob o domínio Persa. É, portanto, natural que se espere de Heródoto uma parcialidade (que ele em nenhum momento se compromete a não ter) proposital, uma vez que a Grécia, antiga "parceira"

do Egito, agora se via na posição de estar em guerra com os Persas e de vê-los dominando o Egito. Não que os interesses Gregos em relação ao Vale do Nilo fossem altruísticos, longe disso, a Grécia, que durante a XXVI Dinastia havia sido a responsável pela introdução da metalurgia do ferro no Egito (fazendo com que aquele povo finalmente entrasse na Idade do Ferro), bem como havia fornecido mercenários para a proteção dos Faraós Saítas, queria realmente era dominar as "Duas Terras". Por isso, Heródoto exagera ao avaliar as condições de vida dos Egípcios sob o domínio Persa. Diz que os conquistadores os escravizam e que praticam monstruosidades com a população.

Que os Egípcios tenham sido escravos é provável, mas talvez não dentro do Egito, onde essa situação poderia causar uma revolta generalizada, mas sim, em outros territórios ou mesmo na própria Pérsia (em uma das suas quatro capitais).

Exageros à parte, Heródoto é fonte importantíssima para se estudar o método de irrigação do Egito, bem como as moradias populares e o modo de vida da população. Apesar de não ler (e talvez não falar) Egípcio, Heródoto também é fonte interessante para se perceber a prostituição do Clero Egípcio nesse período tardio. Com efeito, os Sacerdotes se haviam convertido em espécies de guias turísticos para aqueles interessados em conhecer a arquitetura e a História (obviamente parcial, mas sem saber-se assim) do Egito. Por um certo valor em dinheiro os homens que deveriam cultuar os Deuses guiavam visitantes a lugares antes sagrados e vetados à entrada de pessoas comuns (ainda mais estrangeiros). É provável que soubessem falar diversos idiomas (ao menos Grego, Persa e Hebraico) para serem melhores guias. Além disso, vendiam souvenires dos templos como forma de arrecadação o que denota a total desintegração dos ideais antigos em prol de um materialismo necessário e inerente à nova ordem mundial.

Quanto à mumificação, parece que à época da visita de Heródoto ela já não estivesse tão em uso quanto antes, uma vez que o próprio Grego faz essa observação, diz que já não se mumificam tantas pessoas quanto num passado próximo se fazia.

11.5 – Período de Conflitos:

Para Mâneton, em 404, após a morte de Dario II (sendo que os Persas, sob Artaxerxes I, seu predecessor, já havia aceitado sua derrota frente a Grécia nas Guerras Médicas), também chega ao fim o domínio Persa sobre o Egito. É certo que isso não deve proceder, visto que Dario II havia apoiado Esparta na Guerra do Peloponeso e, como esta saíra vitoriosa, é pouco provável que seu aliado se tenha enfraquecido a ponto de perder um de seus mais impressionantes domínios: o Egito.

O que parece ter acontecido é que os Egípcios, percebendo o momento de fraqueza de seus dominadores (devido a derrota nas Gueras Médicas e não à morte de Dario II), devem ter iniciado uma série de movimentos militares de cunho popular no sentido de derrota-los. Certamente esses movimentos não devem ter sido unificados, mas devem ter sido suficientes para abalar o estado natural das coisas, especialmente porque o domínio sobre o Egito era mantido à força e essa força era composta principalmente de mercenários, os quais não lutam com tanto afinco.

O fato é que entre 404 e 343, ou seja, em cerca de 60 anos, Reinaram no Egito três Dinastias: XXVIII, XXIX e XXX.

Ao contrário do que nos diz Mâneton, estas Dinastias não foram seqüenciais e nem sequer governaram absolutas, o que é mais provável é que tenham governado sobre pequenas parcelas do território, tenham sido concorrentes e, o que é mais importante, não foram capazes de expulsar os Persas, tanto assim, que em 343, quando já estava recuperado da derrota sofrida nas Guerras Médicas; o Império Persa retomou facilmente o Egito para si.

Este domínio, contudo, durou apenas 11 anos, visto que em 332, Alexandre chegou ao Egito e, aclamado como libertador, tornou-se Faraó.

11.6 – Práticas Funerárias do III Período Intermediário:

A maior parte das tumbas desse período tardio ainda não foi encontrada, com efeito, muitos Faraós preferiram construir suas Necrópoles nas proximidades de suas zonas de influência, sendo assim, como muitas delas se localizavam no Delta, diversas tumbas devem ter sido destruídas.

Datados desse período podemos encontrar, no entanto, curiosas práticas funerárias como a volta à prática das construções de pirâmides praticada pela XXV Dinastia, ou mesmo os enterramentos de cavalos mumificados também praticados por eles.

Os Faraós de Bubastis, por cultuarem Bast, introduziram um novo culto no Egito: o culto ao gato como animal sagrado. Na prática, Bast sempre fora uma Deusa Egípcia, no entanto, nunca havia tido maior importância até este período. Como os gatos eram vistos como animais protegidos por Bast e os Monarcas da XXII Dinastia a adoravam, eles criaram Necrópoles Felinas, onde podem ser encontradas milhares de múmias de gatos. Talvez cultuadas como encarnações da Deusa.

A partir da XXI Dinastia, foi desenvolvida uma técnica de mumificação que permitia que os órgãos (antes guardados em vasos canópicos) fossem re-introduzidos no corpo das múmias, no entanto, esta pratica não parece ter se disseminado entre os poderosos e/ou governantes. É antes, porém, uma prática adotada por pessoas com recursos mais baixos que eram

enterradas em túmulos coletivos (como o que foi encontrado em 2000, se bem que este, especificamente fosse um túmulo de múmias do século I d.C.). Como essas pessoas não dispunham de espaço em seus túmulos, nem mesmo de recursos para vasos canópicos, a re-introdução de seus órgãos se provava uma técnica útil.

Os enterramentos continuavam a se fazer com o Livro dos Mortos, este, mais do que nunca, agora transformado num amuleto e não num livro de regras de boa conduta. Além disso, as pessoas de posses continuavam a levar consigo ubshabtis para trabalharem por elas no pós-vida, era praxe que cada pessoa dispusesse ao menos de um, para garantir uma eternidade sem trabalho.

12 – O Período Ptolomaico:

O século IV a.C. foi marcado pela maior transformação que a História do Mundo sofrera até então: a expansão sem precedentes do mundo Grego. Esse movimento foi comandado por Alexandre III da Macedônia, que ficou conhecido como Alexandre, o Grande.

Após a perda do pai, o Rei Filipe II, Alexandre eliminou seus concorrentes ao trono e, depois de organizar e reiterar o poder da potência Macedônica sobre a Grécia, iniciou uma campanha de conquista dirigida sobre os domínios do Império Persa. Em pouco mais de oito anos de expedições, Alexandre dominou todo o Crescente Fértil e ainda atingiu o Vale do Indu.

Tende sido pupilo de Aristóteles (visto que Filipe II queria que seu herdeiro fosse um Rei na total acepção da palavra, ou seja, um bom guerreiro, mas também um governante sábio), Alexandre recebeu, ainda que de forma indireta, a tradição Platônica, sendo assim, desde cedo, além de ser um apaixonado pelos clássicos da época (a Ilíada, a Odisséia e a Marcha de Xenofonte), Alexandre também conheceu a Metafísica e, por conseguinte, suas tradições originárias do Egito.

É verdade que de um ponto de vista político-militar, a expansão de Alexandre não poderia deixar de atingir o Egito, visto que essa região se situava muito perto da Grécia (o coração de seu poder), que possuía um potencial comercial muito grande e que estava dominada pelo Reino de Dario III. No entanto, havia razões sentimentais (como as reveladas acima), Históricas e proféticas para que a conquista dessa região se desse.

Do ponto de vista Histórico é natural que se perceba que o cargo de Faraó era algo cobiçado por todos os grandes Monarcas e pretensos grandes Monarcas do Crescente Fértil e Mediterrâneo Oriental, visto que em nenhuma outra parte havia uma legitimação ao trono tão grande quanto a que existia no Egito, em outras palavras, em nenhuma outra região o governante era um Deus Vivo. Além disso, a glória do Império de Ramsés II

ainda resplandecia como sendo a de um Império Original a ser conquistado ou, ao menos, superado.

Quanto ao tom profético que a conquista do Egito pode ter tido para Alexandre, podemos consultar Plutarco que nos diz que havia vários rumores a respeito da gravidez de Olímpia, mãe de Alexandre, ter sido provocada não por Filipe, mas por uma entidade Divina. Para alguns, tratava-se de Zeus, que teria engravidado Olímpia ao atirar um relâmpago em seu ventre e fazendo com que as faíscas penetrassem em suas entranhas enquanto ela dormia. Para outros adivinhos Reais Macedônios, tratava-se de um Deus zoomórfico, com forma de serpente que havia engravidado Olímpia da forma convencional. Vejamos o que Plutarco nos diz sobre isso (a tradução é de Gilson César Cardoso):

> *(...) Filipe, depois de ver a aparição, enviou a Delfos Querão de Megalópolis, que lhe trouxe, segundo se diz, um oráculo em que Apolo lhe recomendava sacrificar a Amon e venerar esse Deus dentre todos. O oráculo acrescenta que Filipe perderia um olho, aquele que aplicara à fenda da porta para espiar o Deus deitado com sua mulher sob a forma de serpente. Segundo Eratóstenes, Olímpia, ao despedir-se de Alexandre, que partia para sua expedição, revelou-lhe em particular o segredo do seu nascimento e exortou-o a cultivar sentimentos dignos de sua origem. Outros afirmam, ao contrário, que ela repelia essa fábula com ímpia, replicando: "Alexandre não parará nunca de caluniar-me junto a Hera?"*

Como pudemos ver, havia a lenda que, se não era pregada pela própria Olímpia (que, diga-se de passagem, era uma cultista de Dionísio, entregue às chamadas orgias regadas a vinho, comida em abundância, danças, sexo e rituais com serpentes (daí, talvez, a lenda da serpente Divina)), ao menos era pretendida e espalhada pelo próprio Alexandre, de que o conquistador Macedônio havia sido gerado por Zeus, mas Zeus em sua forma de Zeus-Amon, cujo principal santuário era no oásis de Siwa, justamente no Egito. Mais um motivo (e em se tratando de povos da Antiguidade (época em que o fanatismo religioso era muito mais forte), pode-se considerar um grande motivo) para quase necessidade da conquista do Egito por Alexandre.

É verdade, no entanto, que Plutarco não é exatamente uma fonte fidedigna para a História. Não que desejasse inventar episódios, mas costumava florear as vidas dos personagens a quem biografava, em especial das contrapartes Gregas de suas "Vidas Paralelas", afinal, num período de dominação Romana da Grécia (como aquele do início do século II d.C., quando viveu Plutarco), nada mais natural do que um escrito Grego querer exaltar a imagem da Grécia através da comparação de Heróis

Gregos com Heróis Romanos sendo aqueles necessariamente superiores a estes. Reparem ainda que a contraparte Romana da biografia de Alexandre foi justamente Júlio César, homem cuja fama foi tanta no imaginário do último período da Antiguidade que seu nome se tornou sinônimo de governante, sendo adotado como título pelos senhores de Roma posteriores. Sendo assim, não estaremos exagerando se dissermos que o paralelismo das biografias de César e Alexandre se deu por ambos serem os maiores Heróis de suas civilizações até então e, conseqüentemente, o enaltecimento de Alexandre sobre César corresponde ao enaltecimento da cultura Grega sobre a Romana, ou seja, da própria Grécia sobre sua dominadora.

Pois bem, Alexandre iniciou sua campanha de conquista do Império Persa da Dinastia Aquemênida no ano de 333 e, um ano mais tarde, em 332, depois de retomar as antigas colônias Gregas da Jônia (que apesar de já haverem sido reconquistadas pela Grécia após as Guerras Médicas, haviam sido perdidas novamente durante a Guerra do Peloponeso e o Período das Guerras Fratricidas Gregas que possibilitaram a ascensão do poder de Pela (capital da Macedônia)), na Anatólia e de submeter a Fenícia, a Judéia e a Síria ao domínio da Macedônia, o Rei então chegou ao Egito.

A chegada de Alexandre ao Egito se deu em paz, o Monarca não precisou travar batalhas em solo Egípcio. Os exércitos de Dario III, depois de derrotados na batalha de Issus, ainda não haviam logrado se reagrupar, sendo assim, não houve qualquer resistência Persa à tomada do Egito por Alexandre. O Grande-Rei Persa não tinha mais forças para manter domínios tão distantes, fazia-se mais importante organizar seus homens para defender as capitais e o centro de seu Império que, segundo seus estrategistas, seriam atacados mais cedo ou mais tarde.

Sem ter de enfrentar guarnições inimigas, Alexandre apenas desfilou pelo Vale do Nilo. Segundo Plutarco e outros cronistas, foi aclamado como libertador pelas populações das vilas por onde passava.

Não resta dúvidas que o domínio Persa havia sido traumático para os Egípcios, além disso, os Gregos eram tidos pelos mais proeminentes habitantes do Vale do Nilo como parceiros antigos e quase irmãos, sendo assim, é muito provável que a coroa (não se pode precisar se por essa época as coroas do Alto e do Baixo Egito ainda existiam, mas o mais provável é que já se encontrassem irremediavelmente perdidas; pode-se constatar isso especialmente por causa das imagens entalhadas da coroação de Ptolomeu I, de quem falaremos mais adiante) do Egito lhe tenha sido entregue em Mênfis sem nenhuma relutância, como contam os cronistas, no entanto, não é tão provável que a população comum o tenha ovacionado por onde quer que tenha passado como está relatado, afinal, para ela não fazia muita diferença quem seria o seu dominador, se um Persa ou um Macedônio, de qualquer forma ela seria dominada.

Alexandre, contudo, parece ter conhecido o Egito apenas até Mênfis, aliás, é possível que o fato de sua coroação ter se dado naquela cidade também tenha sido uma jogada de propaganda (como podem ter sido as suas declarações anteriores de descendência Divina), visto que os antigos Faraós, dos áureos, e agora remotos, tempos do Egito sempre se faziam coroar naquela cidade, seguindo exemplo de Narmer (como já foi mencionado). Depois de sua coroação como Faraó, Alexandre rumou para a beira do Mediterrâneo onde tencionava passar o inverno com seus homens antes de partir rumo à conquista do restante do Império de Dario III. O Monarca invernou numa vila de pescadores chamada Racótis e lá muitas transformações para a História Egípcia dos próximos três séculos vieram a ocorrer.

12.1 – A Fundação de Alexandria:

Segundo Plutarco, podemos concluir que Alexandre havia concebido um plano de domínio do Mediterrâneo Oriental através da construção de uma cidade portuária de grande capacidade no Delta do Nilo. Ao que parece, Racótis se tornou, aos olhos do conquistador, o sítio ideal para a criação de uma cidade Grega no Egito, uma cidade grande e poderosa o suficiente para se tornar a nova capital daquele país e para ser a sede da frota de guerra da Macedônia.

É claro que os floreios de Plutarco nos remetem a novas possíveis inspirações Divinas para a construção da cidade, na medida em que Alexandre teria tido um sonho no qual Zeus lhe indicava o ponto entre a ilha de Faro e o lago Mareótis como sendo o lugar ideal para a construção de sua cidade.

Seja como for, o fato é que no inverno de 332, Alexandre Argeade ordenou a construção de uma cidade em sua homenagem, a qual batizaria com seu nome: Alexandria. É fato que a megalomania de Alexandre fez com que construísse cerca de trinta cidades em sua própria honra, algumas chamadas Alexandrópolis, mas, a maioria, tendo o nome de Alexandria. No final de sua marcha, após a morte de seu amado cavalo Bucéfalo, antes de dar meia volta e iniciar a navegação rumo à Babilônia, onde morreria, Alexandre fundou a única cidade de sua expansão cujo nome não era em sua homenagem: Bucefália, em nome de seu cavalo.

Mas voltemos à Alexandria do Egito. Segundo Plutarco, o que é muito verossímil, aliás, a construção da cidade foi iniciada pelas muralhas, todavia, segundo o mesmo biógrafo, o que é duvidoso, os alicerces das muralhas estavam sendo demarcados pelos arquitetos de Alexandre com cal, entretanto, num dado momento a cal acabou e os arquitetos passaram a utilizar farinha de trigo.

Mal os arquitetos haviam terminado o serviço, uma revoada de pássaros famintos atacou as linhas de farinha de trigo e devorou todo o seu trabalho. Alexandre teria visto tal acontecimento como um presságio de mal-agouro, mas seus adivinhos se apressaram em interpretar o ocorrido como um sinal de que naquela cidade a fartura seria tamanha que pessoas de todas as partes viriam para ela tornando-a um centro cosmopolita. De fato, tal presságio viria a se confirmar, no entanto, se pensarmos que Plutarco escreveu sua obra cerca de 500 anos depois da fundação de Alexandria, quando esta já era realmente um centro cosmopolita (talvez o maior depois de Roma no contexto do mundo Mediterrâneo), podemos concluir que essa devesse ser apenas mais uma das lendas de fundação mítica das grandes cidades da Antiguidade, como a lenda de que Hércules havia deixado seus rebanhos pastando no sítio escolhido por Rômulo para fundar Roma e que depois o teria transferido para o sítio que viria a se tornar a cidade de Toledo, na Espanha, acontecimento imediatamente anterior à separação da Europa e da África perpetrada pelo Semi-Deus que criara o atual Estreito de Gibraltar, antigas Colunas de Hércules.

Demarcadas as muralhas, Alexandre ordenou que os construtores iniciassem a construção da cidade segundo o plano que será detalhado mais adiante, mas, enquanto isso, partiu com alguns de seus homens em direção ao templo de Zeus-Amon no oásis de Siwa. Vejamos como Plutarco descreveu essa expedição e seus acontecimentos importantíssimos para a História e mitologia de Alexandre (também na tradução de Gilson César Cardoso):

> *(...) Ordenou então que os mestres-de-obras iniciassem a tarefa, enquanto ele próprio partia para o oráculo de Amon. O caminho era longo e difícil, duplamente perigoso pela falta de água, que torna a região deserta por vários dias de marcha, e pelo vento sul, quando sopra com veemência e surpreende os viajante na imensidade dos areais profundo. Foi isso que, segundo se conta, aconteceu outrora ao exército de Cambises: o vento levantou montões de areia que, à medida das vagas oceânicas, tragaram naquelas paragens cinqüenta mil homens. Esses riscos preocupavam os companheiros de Alexandre, mas seria difícil desvia-lo de um projeto formado, fosse ele qual fosse. É que a fortuna, cedendo a seus esforços, firmava-o nas decisões, e o ardor que mostrava até o fim em suas empresas tornava-lhe a ambição invencível, pois submetia à força não apenas os inimigos, mas até os lugares e as circunstâncias.*
>
> *Seja como for, na marcha que então empreendeu, o amparo que lhe veio do Deus quando se viu embaraçado gozou de muito maior crédito que os oráculos depois exarados a seu respeito. De*

alguma maneira, aliás, esse amparo é que deu verossimilhança aos oráculos. Para começar, Zeus despejou águas abundantes do céu; chuvas suficientes dissiparam o medo da sede e suprimiram a secura da areia, a qual, agora úmida e compacta, tornava o ar mais respirável e puro. Depois, como os marcos que serviam de orientação aos guias estivessem quase sumidos e os viajantes, incertos quanto à rota, errassem ao acaso distanciando-se uns dos outros, apareceram alguns corvos que tomaram a direção da marcha; as aves voavam rapidamente quando eram seguidas e esperavam os homens quando estes ficavam para trás. Mas o mais assombroso, no dizer de Calístenes, foi que chamavam aos gritos os que se desgarravam durante a noite e, crocitando, reconduziam-nos ao caminho certo! Depois que Alexandre cruzou o deserto e chegou a seu destino, o profeta de Amon saudou-o da parte do Deus como se ele fosse seu filho. O rei perguntou-lhe então se algum dos assassinos de seu pai conseguiria escapar. O profeta aconselhou-o a ter cuidado com o que dizia, pois seu pai não era mortal. Alterando a forma da pergunta, Alexandre insistiu em saber se os assassinos de Filipe haviam sido castigados; em seguida, inquiriu-o a respeito do Império: consentiria o Deus em fazê-lo dono do mundo? O Deus respondeu que consentiria e que Filipe fora plenamente vingado. Alexandre, então, cumulou o Deus de magníficas oferendas e deu dinheiro aos sacerdotes. Eis o que relatam quase todos os autores a propósito dos oráculos. Todavia, o próprio Alexandre, em carta endereçada à mãe, afirma que recebeu predições secretas, que só a ela comunicaria quando regressasse. Sustentam alguns que o profeta, querendo saudá-lo em Grego com uma palavra afetuosa, chamou-o "Meu Filho" (Ô paidion), mas, em sua pronúncia bárbara, substituiu o 'n' final por um 's': Ô pai Dios ("Filho de Zeus"). Conta-se ainda que, no Egito, ouviu o filósofo Psamão, aprovando-lhe sobretudo esta máxima : "Deus é o Rei de todos os homens porque um princípio Divino dirige e governa cada um deles"; o próprio Alexandre, porém, teria emitido a esse respeito uma opinião ainda mais profundamente filosófica, estatuindo que Deus sem dúvida é o pai comum de todos os homens, mas só perfilha os melhores.

Ao retornar do oásis de Siwa, Alexandre apenas passou por Alexandria para conferir como andavam as obras (lançando, segundo Derek Adie Flower, sua pedra fundamental em 7 de abril de 331) e, em seguida seguiu seu caminho rumo à Ásia. Nunca mais retornou ao Egito com vida, embora tenha sido o Faraó do país enquanto viveu e o tenha governado, juntamente com todo o restante do Império que conquistara, até 323, ano

em que faleceria, ainda muito jovem, com apenas 33 anos, de uma grave doença (possivelmente tifo), na Babilônia.

12.1.1 – O Plano Interno da Cidade:

Alexandria foi, a exemplo de Akhetaton, cerca de 1000 anos antes, uma cidade planejada para se tornar a capital do Egito, sendo assim todos os seus mínimos detalhes haviam sido pensados.

Primeiramente, contudo, há que se perceber que se tratava de uma cidade Grega no Egito e não de uma cidade Egípcia, dessa forma, apesar da incorporação de alguns elementos arquitetônicos Egípcios em sus estrutura, em especial, o palácio, centro maior de poder do Egito e que, no mundo Grego de até então, era um elemento quase desconhecido, visto que, à exceção, é verdade, da Macedônia, a Grécia era majoritariamente dividida em Cidades-Estado Democráticas e/ou Oligárquicas, mas não em Monarquias radicadas em palácios. As muralhas também constituem não só um sinal de Helenização, mas também um sinal dos tempos: já não era mais possível construir cidades importantes sem que estas fossem protegidas por muralhas; o mundo estava muito perigoso e cheio de guerras e invasões estrangeiras.

A característica mais importante da nova capital do Egito era, no entanto, o fato de ser dividida em bairros, uma espécie de expropriação do modelo Grego dos Demos, mas de uma forma diferente, pois, na medida em que haveria um Rei ou governante a quem obedecer, os bairros não adquiririam a característica essencialmente política que haviam adquirido nas póleis da Grécia. Havia, ao todo, três bairros que se estendiam por cerca de trinta quilômetros ao longo de uma extensa avenida situada entre o lago Mareótis e o Mar Mediterrâneo. O bairro mais oriental era residência de Judeus e Semitas em geral. Lá viviam os trabalhadores mais qualificados e a baixa elite. No bairro mais ocidental viviam os Egípcios, estes eram tratados com certo desprezo e não possuíam quase direito algum junto à corte que governava a cidade (lembremos que estamos tratando da elite de uma maneira superficial, pois durante a vida de Alexandre Alexandria esteve em construção e não havia nenhuma autoridade real governando diretamente o Egito, visto que Alexandre esteve praticamente todo o tempo em guerra, depois do fim das campanhas, mas mesmo antes da morte do Monarca Macedônio, como veremos, uma elite se estabeleceu na cidade e, aí sim as generalizações aqui empregadas passam a ser relativamente válidas); eram apenas os trabalhadores braçais utilizados nos serviços mais pesados como a estiva nos portos, o transporte e a mão-de-obra na construção ininterrupta que a cidade sofreu durante cerca de 50 anos (e até depois, se considerarmos as grandes obras que Alexandria conheceu). O bairro central, o mais nobre e, também, o mais seguro era chamado de

Bruquíon. Ele se localizava relativamente próximo ao porto e seu centro se dava exatamente na intersecção entre as duas grandes avenidas da cidade, exatamente a região onde ficavam alguns dos mais imponentes palácios e onde foram construídas "jóias" como a Grande Biblioteca de Alexandria e o Soma, o famoso túmulo de Alexandre Magno.

Além da divisão em bairros e esquematização em avenidas (técnica copiada dos próprios Egípcios), Alexandria também possuía excelente rede de comunicações, grandes mercados que a abasteciam de tudo o que necessário e vários mirantes espalhados pela cidade inteira e construídos com a finalidade manter a criminalidade (presumivelmente grande em uma cidade construída para ser uma capital) sob o controle da vigilância.

12.2 – Ptolomeu I Sóter:

Se Alexandre foi o fundador da nova Dinastia, por outro lado, nunca chegou a governar o Egito propriamente dito. Seu talento como conquistador de povos talvez não fosse o mesmo no campo da administração de Impérios.

Quando o Rei morreu, três homens de sua maior confiança: Seleuco, Antípater e Ptolomeu dividiram entre si a administração do Império que ele havia legado. Na verdade, ao menos inicialmente nenhum dos três era um governante autônomo, visto que o herdeiro de Alexandre (o único que ele deixara, aliás), seu filho com Roxana, Alexandre IV, ainda que sendo um bebê que nascera após a morte do pai, vivia.

A situação do Império de Alexandre era confusa, na prática, Antípater, governante da Grécia-Macedônia, havia tomado o pequeno Alexandre IV como seu dependente e, uma vez cuidando dele, era uma espécie de tutor do Império.

Ptolomeu e Seleuco aceitaram ao menos nominalmente essa situação, no entanto, como Antípater era o mais velho dos três, foi também o primeiro a morrer e, com sua morte, precipitou-se a desintegração do Império construído por Alexandre, o Grande.

Antípater havia sido um dos principais generais de Filipe II, pai de Alexandre e, sendo assim, já era velho quando Alexandre iniciou sua campanha, justamente por isso, não partiu com ele, mas, ao contrário, foi escolhido para ficar em Pela governando as regiões já submetidas. Quando sua figura patriarcal desapareceu, com sua morte, Roxana, a viúva de Alexandre, passou a temer por sua vida e, sendo assim, partiu para o Épiro, região próxima à Macedônia, mas que não se havia submetido completamente, visto que a união dos dois Reinos se havia dado pelo casamento de Olímpia (princesa do Épiro) com Filipe (Rei da Macedônia). No Épiro, contudo, Olímpia, Roxana e Alexandre IV foram capturados por Poliperconte e conduzidos à Macedônia. Ali chegando, caíram nas mãos de

Cassandro, o novo Rei da Macedônia, homem que queria legitimar sua autoridade através da eliminação do passado e da figura de Alexandre, sendo assim, Roxana e seu filho foram executados.

A morte de Alexandre IV, em 306, com dezessete anos, pôs fim a uma estrutura que só sobrevivia nominalmente após a morte de Alexandre III, o Grande. Sendo assim, a Ásia se tornou um Reino independente, a Macedônia se dividiu, perdendo a Grécia, a Trácia e o Épiro e o Egito se tornou novamente a terra dos Faraós.

12.2.1 – Um Novo Faraó para o Egito:

Depois que Alexandre parara sua expansão e se estabelecera na Babilônia, Ptolomeu, o mais velho dentre seus companheiros, fora mandado ao Egito como Sátrapa do Rei. Por quase vinte anos, Ptolomeu terminou a construção de Alexandria e organizou as finanças da região, destruídas pelas guerras internas que havia assolado o país nos últimos anos do domínio Persa.

É verdade que os Persas haviam instalado diversas melhorias dentro do Egito, como um sistema de comunicações eficiente e os próprios camelos, aliás, a ênfase Persa na melhoria das redes de comunicação e mesmo nos sistemas de transporte das regiões que conquistavam foi fator determinante na facilitação da conquista de Alexandre, visto que os exércitos (que também podiam se guiar pelos relatos de Xenofonte que havia comandado um grupo de mercenários Gregos dentro do Império Persa há pouco mais de um século) Macedônicos não precisaram enfrentar grandes dificuldades geográficas para atingirem seus destinos, uma vez que podiam contar com estradas Persa que os guiavam até eles em segurança; mesmo assim, golpes sucessivos como os perpetrados pela XXVIII, XXIX e XXX Dinastias acabaram enfraquecendo a economia Egípcia.

Ptolomeu, que era dez anos mais velho do que Alexandre, sempre se destacara no campo administrativo, sendo que a guerra, em si, nunca fora seu forte. Sendo assim, nos anos em que administrou o Egito como uma Satrapia do Império de Alexandre, conseguiu consolidar novamente a nação como uma grande força econômica e mesmo militar do contexto de sua época.

Com 60, ou talvez 62 anos de idade, Ptolomeu, vendo que não havia mais quaisquer chances do Império se manter coeso, declarou a independência do Egito e se fez coroar Faraó, com o título de Ptolomeu I Sóter (ou seja, Salvador). Não se pode precisar se Ptolomeu se fez coroar Faraó em 306 ou 304, mas realmente essa data não é muito importante.

Tão logo se viu livre dos grilhões que o prendiam ao antigo Império de Alexandre, Ptolomeu I, sabendo que seus exércitos eram os mais poderosos dentre todos os exércitos Helenísticos, iniciou a expansão do

Egito. Com efeito, o primeiro dos Ptolomeus, fundador da XXXI Dinastia (é interessante que alguns Egiptólogos referem-se à Dinastia Ptolomaica (ou Ptolemaica) como sendo a XXXII Dinastia, visto que consideram que a reconquista do Egito pelos Persas (coisa que parece nunca ter acontecido, pois, como vimos, os Persas nunca chegaram a perder o Egito e as XXVIII, XXIX e XXX Dinastias teriam sido apenas Dinastias rebeldes que contestaram o poder dos Persas) iniciaria a XXXI Dinastia e, sendo assim, a tomada do Egito por Alexandre dá início à XXXII Dinastia), realizou no final do século IV uma expansão Egípcia quase tão notável quanto aquela realizada por Tutmés III pouco mais de 1000 anos antes.

Ptolomeu I conquistou Cirene (principal cidade da Cirenaica, a região mais oriental da Líbia), o sul da Síria, a ilha de Chipre, algumas ilhas Gregas do Mar Egeu e chegou a desembarcar tropas na própria Grécia continental. Ptolomeu I, dentre todos os Monarcas Helenísticos que surgiram imediatamente após a morte de Alexandre Magno foi aquele que fez sua influência ser sentida com mais peso no panorama do Mediterrâneo Oriental; mesmo em certas regiões do Mar Negro alguns de seus navios chegaram a excursionar.

12.2.2 – As Reformas Sociais de Ptolomeu I Sóter:

Ptolomeu I Sóter, pode ser observado por vários aspectos. Se levarmos em conta que ele fez de tudo para impor sua imagem ao Egito da mesma forma que Alexandre havia feito para impor a sua a seu Império, podemos pensar que se tratava de um plagiador com aspirações megalomaníacas.

Se, por outro lado, percebermos que o Faraó fez de tudo para promover uma nova cultura Egípcia que levasse em consideração tanto o caráter cultural dos dominadores Gregos quanto o dos dominados Egípcios, podemos nos lembrar de que se tratava de um homem que, a exemplo de Alexandre, havia sido educado por Aristóteles e, sendo assim, um depositário do que havia de melhor no pensamento Grego Clássico.

Quando se tornou Faraó, ao mesmo tempo em que organizou sua expansão, Ptolomeu nunca se esqueceu de atrair cérebros para Alexandria. Estava convencido de que somente através da concentração do saber é que uma civilização pode, de verdade, se tornar grandiosa, por isso, se esforçou para atrair a Alexandria toda a sorte de filósofos, matemáticos, astrônomos, arquitetos, gramáticos...

A História não era algo muito valorizado no governo de Ptolomeu, pelo menos não no sentido em que Heródoto havia definido, sendo assim, Historiadores estrangeiros não tiveram muito lugar na Alexandria de Ptolomeu I Sóter. Entretanto, um sacerdote de Osíris chamado Mâneton conseguiu se destacar nessa área (se bem que não tenha sido esse o seu

destaque principal, como veremos) sendo convocado pelo Faraó a compor a História do Egito, bem como a lista de todos os seus governantes.

Mâneton de Sebenito foi educado na cidade de Mendes, no Delta, mas foi em Heliópolis (não no Clero de Ra, mas no de Osíris) que ele adquiriu prestígio, visto que ingressou no Clero de Osíris e lá cresceu até se tornar um Alto Sacerdote. Sendo o único Egípcio a integrar o séqüito mais próximo de Ptolomeu I, Mâneton escreveu a Egipicíaca (obra em que contava toda a História do Egito desde a unificação até o governo de Ptolomeu I, mas que hoje se encontra perdida, sendo que dela só sabemos algumas coisas devido à obra "Contra Apião" de Josefo, cronista Judeu Romanizado que fez uso da Egipcíaca de Mâneton para associar os Hicsos aos Hebreus e provar a antiguidade do povo Hebreu, bem como para demonstrar que eles não descendiam dos Egípcios, como sugeriam alguns), obra que se insere perfeitamente no contexto da Antiguidade, quando homens como Tito Lívio, por exemplo, dedicavam suas vidas a compor a História de seus países desde sua fundação até a vida do autor. Contudo, se a Egipcíaca não nos chegou, por outro lado, as listas de Reis que Mâneton também compusera nos chegaram e, dessa maneira, hoje podemos saber os nomes (senão de todos, visto que Akhenaton, Tutankhamon, Aye e Smenkhare, por exemplo, não constam dessas listas, da maioria) dos Faraós que governaram o Egito.

As listas de Reis e a Egipcíaca foram, com certeza, muito apreciadas por Ptolomeu I, porém, pra o Monarca, o maior feito de Mâneton não foi nenhum destes, mas sim, a criação de Serápis, a Divindade padroeira de Alexandria, criada para suprir as exigências de Gregos e Egípcios e, em si, ratificar a unidade nacional sob a nova Dinastia.

Serápis não foi criado à partir do nada, na verdade, Mâneton, ao cria-lo, inspirou-se no Deus de quem era sacerdote, ou seja, Osíris e no culto mais forte do Egito de então, ou seja o culto ao Boi Ápis. Como pouco antes da criação de Serápis, Ptolomeu se havia feito divinizar como sendo uma encarnação de Dionísio (o que reforça as teorias de que o séqüito mais próximo de Alexandre, entre eles, sua mãe e até seus amigos, fossem adeptos das orgias Dionisíacas, vistas na Grécia com maus olhos por aquela época), tudo o que Mâneton fez foi fundir os cultos de Ápis e Osíris (que já eram co-relacionados, visto que Ápis, após a morte, se tornava Osíris em Amentet) ao culto a Dionísio e, dessa maneira, criar Serápis que era retratado com as feições de Zeus.

Realmente, Ptolomeu I pensara em todos os requisitos necessários para se construir um grande nome. Um dos primeiros atos de seu governo, atitude que resume muito bem sua idéia de construção da própria imagem através da legitimação do poder, foi a ordem que deu para que se buscasse na Babilônia o corpo de Alexandre. O cadáver (morto há quase vinte anos) foi trazido num luxuoso carro e, ao chegar ao Egito, depois de ser enviado

para desfilar por todo o Egito, foi levado a Alexandria onde foi sepultado definitivamente num suntuoso mausoléu erigido ao lado do palácio Real, exatamente no centro da cidade, onde as duas avenidas se cruzavam. Este túmulo ficou conhecido como Soma e se tornou um dos maiores pontos turísticos do mundo Greco-Romano.

Todo o incentivo cultural de Ptolomeu I Sóter e toda a atração de cérebros que ele promoveu a Alexandria acabou culminado na fundação do maior centro de saber da Antiguidade: a Biblioteca e o Museu de Alexandria.

12.3 – A Grande Biblioteca:

A Grande Biblioteca de Alexandria é um edifício que povoa a imaginação de milhões de pessoas em todo o mundo. Os Historiadores, Filósofos e pesquisadores em geral, imaginam qual o tamanho de seu acervo e especulam sobre o conteúdo de saber que, com seu fim, se viu perdido para todo o sempre. Os adeptos do ocultismo, por outro lado, vivem a se referir a textos e/ou fragmentos de texto arcanos que teriam sido encontrados ou que seriam remanescentes da Grande Biblioteca. Na verdade, não se pode precisar com era o tamanho do acervo da Biblioteca de Alexandria, o que se pode dizer, com certeza são apenas quatro coisas: era muito maior do que a biblioteca que foi construída recentemente com o intuito de recria-la; não tinha todo o seu acervo contido num único edifício, mas, ao que se sabe, em três, sendo dois contíguos e um terceiro, chamado de Biblioteca Filha, bem distante; dispôs de algumas das mentes mais brilhantes do período final da Antiguidade não-Cristã; e finalmente, tinha contíguo a si (ao menos no que se refere aos dois edifícios componentes da Biblioteca Mãe) um grande Santuário às Musas, chamado de Museu. Praticamente tudo o que se disser sobre o acervo ou mesmo sobre a localização exata da Biblioteca será uma mera especulação.

Por volta de 291, quando Ptolomeu I já governava há cerca de 15 anos como Faraó, a Biblioteca ficou pronta. Ptolomeu I Sóter fez de tudo para embeleza-la e torna-la o mais completa possível: comprou livros e pergaminhos de todas as partes e, segundo consta, conseguiu se mandasse trazer da Grécia toda (ou ao menos a maior parte) a biblioteca de Aristóteles.

Ao que parece, o Faraó estava interessado em compilar todo o saber do mundo, sendo assim, mantinha na Biblioteca todo um grupo de copistas e tradutores a fim de traduzir para o Grego os papiros, rolos e livros trazidos de todas as partes para Alexandria.

A História da Biblioteca de Alexandria se confunde com a do Egito por praticamente todo o seu tempo de existência sendo que pôde registrar o crescimento de Alexandria e a superação de Atenas pela cidade como

sendo o maior pólo de saber do mundo Mediterrâneo. A Biblioteca sentiu os reflexos dos governos frágeis de Faraós despóticos que possuíam a ilusão de grandeza proporcionada pelo governo de Egito e que não se davam conta do iminente poder de Roma que se consolidava cada vez mais no Mediterrâneo Ocidental após as Guerras Púnicas. Alexandria e sua Biblioteca puderam perceber o desgaste de um mundo que havia sido superado, do mundo do Mediterrâneo Oriental, mundo do qual o Egito Ptolomaico foi o último bastião e cuja queda perante Roma simbolizou o fim do mundo que hoje estudamos como sendo a Antiguidade Oriental, mas que, talvez, tenha sido, realmente o Mundo Antigo, sendo o outro que o conquistara, o Mundo Romano, uma outra realidade que, ao se inserir como potência vitoriosa, ditou os rumos da humanidade dali em diante, transferindo o foco da História do Mediterrâneo Oriental, que se tornaria um eterno adendo, para o Mediterrâneo Ocidental e, mais tarde, para a Europa Ocidental. Era vitória de um mundo que foi coroado com o Cristianismo e cuja sobreposição final sobre o Mundo Antigo viria a se dar justamente quando, em 415, o Patriarca de Alexandria, o Bispo Cirilo (que viria a ser São Cirilo, talvez o Santo mais reverenciado pelo famoso Papa Pio XII, o Papa de Hitler), incitou seus fiéis a destruir a Biblioteca Filha, a última parte da Grande Biblioteca que ainda restava.

Os Cristãos exaltados, bradando contra os Deuses antigos (a Biblioteca Filha se localizava nas dependências do Serapeum, o Templo de Serápis, no bairro Egípcio de Alexandria) e contra os antigos blasfemadores (como Platão e outros), invadiram a Biblioteca Filha e, depois de destruírem tudo o que encontravam pela frente (e estou me referindo a obras que, depois de tal ação, foram completamente perdidas, talvez e, possivelmente, a Egipcíaca de Mâneton, entre outras), puseram fogo nos entulhos e no próprio edifício.

É verdade que muitas obras foram salvas porque os Egípcios não-Cristãos que trabalhavam na Biblioteca, prevendo a catástrofe iminente, esconderam em suas casas e em outros lugares tudo o que puderam carregar, mas o grosso das obras (ou mesmo aquelas que talvez não interessassem tanto àqueles indivíduos por suas próprias motivações pessoais, mas que nos seriam de igual, ou até maior, importância) foi perdido.

Esta não foi a única catástrofe a se abater sobre a Grande Biblioteca, na verdade, mesmo ainda no tempo dos Ptolomeus, dependendo do humor do Faraó (e apenas os três primeiros e Cleópatra parecem ter sido extremamente preocupados com a Biblioteca), a Biblioteca e seus pesquisadores poderiam vir a sofrer os mais variados tipos de perseguições. Com efeito, apenas Ptolomeu I Sóter, Ptolomeu II Filadefo e Ptolomeu III Evergeta se preocuparam em engrandecer aquele centro de pesquisas e saber; os demais, se não o dilapidassem, também não o

ampliavam. Apenas Cleópatra, às custas de Marco Antônio, fez novas adições ao acervo, porém, tais adições não se comparavam às perdas acarretadas pela batalha que Júlio César fora obrigado a travar em Alexandria contra o irmão de Cleópatra: Ptolomeu XIV Novo Dionísio (se bem que haja muita controvérsia entre as fontes consultadas a respeito de quem teria sido realmente o irmão de Cleópatra, visto que algumas fontes afirmam ter sido Ptolomeu XII, outras, Ptolomeu XIII e outras Ptolomeu XIV; neste texto, optei pela cronologia Ptolomaica oferecida pela Enciclopédia Delta Larousse, visto que, dentre as obras consultadas, é a única que trás uma lista completa de todos os Ptolomeus, inclusive com uma pequena descrição de seus respectivos governos, entretanto, outra fonte muito fidedigna, a Cambridge Ancient History, atribui a Ptolomeu XIII a presença nos famosos episódios de Cleópatra, assim como também o fazem diversas outras fontes (possivelmente baseadas na Cambridge Ancient History); portanto, apesar da obrigatoriedade da opção por um nome, deixo a cargo do leitor a decisão de em quem confiar).

12.4 – O Farol de Alexandria:

Os faróis são uma criação legitimamente Egípcia, existiam desde os tempos do Médio Império (ou talvez até antes) e eram utilizados por Sacerdotes para enviar mensagens e para adorar os Deuses. Não havia qualquer função sinalizadora para os faróis e todos, sem exceção se situavam em terra firme.

Seu tamanho não era muito grande, contavam alguns metros apenas. Os mais altos podiam atingir cerca de cinco metros, como um pequeno obelisco com a ponta iluminada por um sistema que hoje nos é desconhecido.

Com a chegada dos Gregos, a tecnologia Egípcia para a construção de faróis (que, como veremos, não eram chamados assim) foi tomada como sendo um belo modelo para a construção de um objeto perfeito para a sinalização naval, sendo assim, o filho de Ptolomeu I Sóter, Ptolomeu II Filadelfo, ordenou a construção de um grande farol na ilha de Faros, exatamente na costa de Alexandria.

As correntes marítimas de Alexandria faziam a navegação para aquela região uma aventura perigosa, sendo assim, dando continuidade ao plano de Alexandre de transformar Alexandria no maior porto do Mediterrâneo, Ptolomeu II Filadelfo realizou a construção do mais improvável edifício do Egito desde as Pirâmides de Gizé: o Farol da ilha de Faros.

Todos nós já ouvimos falar das Sete Maravilhas do Mundo, porém, poucos são os que sabem listar as sete, por isso, vamos lá, em ordem cronológica de sua construção elas são:

1 – As Pirâmides de Gizé, no Egito, construídas por volta de 2575.

2 – Os Jardins Suspensos de Semíramis, na Babilônia, construídos por volta de 800.

3 – A Estátua de Zeus em Atenas, construída por volta de 450.

4 – O Túmulo do Rei Mausolo, em Halicarnasso, na Jônia, que, por sua grandiosidade, acabou passando a designar túmulos suntuosos que passaram a ser denominados mausoléus.

5 – O Colosso de Hélio, na ilha de Rodes, construído por volta de 300.

6 – O Templo de Ártemis, em Éfeso, também na Jônia, construído por volta do século VI, mas que, como foi reconstruído diversas vezes, acabou tendo sua grandiosidade atribuída à sua última reconstrução, que data de algo em torno de 285.

7 – O Farol da ilha de Faro, em Alexandria, concluído em 279, quatro anos após a morte de Ptolomeu I Sóter, por seu filho. Este Farol ficou tão famoso que passou a dar nome a todos os demais que vieram a ser construídos depois, visto que Farol era apenas uma desinência relativa à torre de iluminação naval construída na ilha de Faros, por isso, Farol.

O Farol de Alexandria foi o primeiro edifício da História a merecer o título de arranha-céu. Infelizmente, a degradação do tempo agravada por terremotos que são relativamente constantes na costa do Mediterrâneo Oriental (além de particularmente intensos, haja vista os recentes acontecimentos da Turquia), acabaram por destruir o Farol que, segundo relatos atingia uma altura superior a 150m; para alguns, se somada a altura da estátua de Poseidon (o Deus dos mares dos Gregos que, entre os Romanos também era chamado de Netuno) que o encimava, a construção chegava a medir cerca de 180m. O equivalente a um prédio de cerca de 45 andares, algo realmente impressionante para as capacidades tecnológicas da Antiguidade.

Outro enigma que nos resta hoje refere-se ao funcionamento do aparato gerador da luminosidade do Farol em si. O que se acredita é que o Farol funcionasse a partir de um sistema de espelhos giratórios capazes de refletir a luminosidade de uma fonte de luz (possivelmente uma tocha gigante) a distâncias colossais. Outras teorias afirmam que durante o dia a luminosidade do sol era refletida pelos espelhos do Farol e, durante a noite, os mesmos espelhos refletiriam a luz da tal tocha gigante.

Até aqui, tudo bem, no entanto, há dois enigmas insolúveis (ao menos até que as expedições de Arqueologia marítima (como a que se realiza desde 1995 ao redor da ilha de Faros, comandada por Jean-Yves Empereur) sejam capazes de encontrar a cabeça do Farol que teria se desprendido e caído no mar por volta do ano 700):

1 – Se havia uma tocha gigante esta, certamente demandaria um grande consumo de combustível, no entanto, como a lanterna ficava a mais de 100m de altura, era pouco provável que homens subissem e descessem a torre 24 horas por dia para manter a tocha funcionando continuamente. Dessa maneira, ou os Gregos de Alexandria desenvolveram algum tipo de elevador (o que é plenamente possível, visto que um bom elevador só precisa de uma ou duas plataformas movidas por correias), o que pode nos levar a perguntar se a tecnologia Alexandrina era capaz de construir um elevador forte o suficiente para transportar grandes pesos de combustível; ou desenvolveram uma espécie de bomba de combustível, uma revolução sem precedentes, pois implicaria na construção de algum tipo de motor pelo menos 2000 anos antes da Revolução Industrial (se bem que, segundo o Dr. Norberto Guarinello, professor de História Antiga da USP, os Gregos de Alexandria chegaram a inventar uma espécie de robô que se movia através da força do vapor (o autômato era capaz apenas de andar sozinho, mas já constituía algo sem precedentes por si só) entretanto, segundo o Dr. Guarinello, esta tecnologia só não foi empregada amplamente por não haver uma demanda para ela, visto que o professor considera que a humanidade só se esforça em inventar aquilo que considera útil ou vendável, por isso o boom de invenções na era do Capitalismo Comercial).

2 – Se o mecanismo de abastecimento da fonte luminosa já é por si só um problema difícil de se resolver, pensemos agora no mecanismo de irradiação da luz do farol, visto que, segundo se sabe, no século III a.C. não se conhecia o uso dos espelhos côncavos e convexos. É possível, contudo, que os estudiosos da Grande Biblioteca tivessem criado um sistema de espelhos planos capazes de simular o efeito de um espelho côncavo. Esse sistema, no entanto, se fosse encontrado, poderia revelar alguns dos conhecimentos perdidos com a Grande Biblioteca e seus adendos. Realmente é interessante de se imaginar uma sala recoberta de espelhos, capaz de girar em 360º e de irradiar a iluminação de uma fonte pontual (como uma tocha gigante) a distâncias enormes, num contexto de um mundo 300 anos anterior a Cristo.

Até o ano de 700 d.C., o Farol de Alexandria funcionou fazendo da cidade um porto seguro para navios de todas as regiões do Mediterrâneo, porém, por volta desse ano, por algum motivo, possivelmente um terremoto, a lanterna do Farol se soltou e caiu no mar. Quatrocentos anos mais tarde, em 1100 d.C., um terremoto (sobre esse terremoto há registros) destruiu a torre inteira, lançando-a ao mar; restou apenas a base quadrada do Farol, base que media algo em torno de oito metros de altura. Essa base perdurou na ilha de Faro até o século XIV, quando foi destruída por mais um terremoto, mas como não era muito alta, seus escombros não caíram ao

mar, ficando entulhados na própria ilha, sendo assim, oitenta anos mais tarde, Qait Bey, governante de Alexandria, ordenou que, com os restos da base do Farol, se construísse um forte para proteger a cidade. Assim foi feito e tal forte, batizado com o nome do governante, existe até hoje (sendo, no entanto, apenas uma relíquia de um passado distante, visto que depois de 1882, quando Alexandria foi invadida pela Inglaterra, o forte foi desativado), marcando o lugar onde se encontrava o Farol de Alexandria.

Os enigmas do Farol de Alexandria não são nem de longe os maiores enigmas da civilização Egípcia, mas a própria existência do Farol, bem como a da Grande Biblioteca, servem para se ter uma idéia da grandiosidade do último período independente do Egito, afinal, se por um lado o Egito não era governado por sua população nativa, por outro, pelo menos, possuía um Faraó que vivia em seu próprio território e cujas preocupações centrais eram com o próprio Egito.

12.5 – Os Ptolomeus e seus Costumes Inusitados:

Após a morte de Ptolomeu I Sóter, em 283, com oitenta e três anos, após ter Reinado por mais de vinte anos, seu filho, Ptolomeu II Filadelfo, assumiu o trono. Como já mencionei, Ptolomeu II foi o responsável pela construção do Farol de Alexandria, além disso, manteve o poderio Egípcio que seu pai construíra. Sob seu governo, uma embaixada foi enviada à Índia onde estabeleceu relações com o Rei Asoka. Segundo Derek Adie Flower, sob Ptolomeu II, Alexandria se tornou uma cidade tão cosmopolita que era possível ver monges Budistas e mulheres Indianas desfilando pelas ruas com vacas sagradas (é, no entanto questionável que seja realmente uma verdade essa afirmação, afinal, deve-se levar em consideração que Derek Adie Flower é um cidadão de Alexandria e que seu livro “A Biblioteca de Alexandria” é, nada mais, do que uma grande propaganda de sua cidade natal, sendo assim, é provável que ele tenha “plutarquizado” (para usar um jargão Histórico inusitado acerca de outro autor já mencionado) muitas das informações a respeito de Alexandria no sentido de torna-la ainda mais grandiosa).

No entanto, a fama de Ptolomeu II e, inclusive seu título, Filadelfo, se deve a um aspecto mais pessoal de seu governo. Ptolomeu II não era filho legítimo de Ptolomeu I Sóter, mas de uma esposa secundária (visto que aquele Monarca, seguindo o costume Egípcio de que o Faraó poderia ter diversas esposas, casou-se duas vezes: com Eurídice (irmã de Cassandro que agora Reinava na Macedônia), de quem teve um filho chamado Ptolomeu Cerenau, e com Berenice, uma viúva de Cirene, que foi mãe de Ptolomeu Filadelfo) sendo assim, pelo fato de Ptolomeu I ter designado seu filho secundário como seu herdeiro, este, a fim de se legitimar no trono,

casou-se com Arsinoé II, sua irmã por parte de pai e mãe; daí Filadelfo: amante da irmã.

O costume dos casamentos consangüíneos era repudiado entre os Gregos e mesmo entre os Egípcios, já não era praticado há vários séculos, praticamente desde o final do Novo Império.

O governo de Ptolomeu II Filadelfo, entretanto, foi o mais glorioso dentre todos os governos Ptolomaicos. É certo que do ponto de vista militar ele não realizou grandes expedições nos 37 anos em que governou, mas do ponto de vista social e político, o Faraó incentivou as artes e comprou para a Grande Biblioteca muito mais livros do que seu pai havia comprado (é verdade que alguns atribuem a paixão de Ptolomeu II pelos livros a sua irmã Arsinoé II, no entanto, não se pode precisar se isso confere), além de ter estabelecido embaixadas em várias regiões distantes, o que implicava em relações comerciais e, é claro, em um maior afluxo de riquezas e cérebros para o Egito, em especial, para Alexandria.

Quando Ptolomeu II morreu, em 246, com 63 anos, seu filho, Ptolomeu III Evergeta (benfeitor), assumiu o trono. Com efeito, ele foi o último dos grandes Ptolomeus, seu Reinado assinala o apogeu militar do Período Ptolomaico e, também o fim de sua glória. Ao se casar com Berenice de Cirene, filha do Rei de Cirene, acrescentou toda a Cirenaica (lembrando-se que seu avô havia conquistado apenas a cidade de Cirene no passado) ao Egito, além disso, adotou uma política expansionista semelhante à dos grandes Faraós do passado, sendo assim, pôs-se a guerrear na Ásia o que deu ao Egito um Império Asiático semelhante ao de Tutmés III, ou seja, Ptolomeu III Evergeta conquistou a Síria e boa parte da Mesopotâmia chegando mesmo às portas da Babilônia. Com efeito, a Ásia Seleucida estava a seus pés e ele chegara muito perto de estar apto a repetir o feito de Alexandre Magno e unificar todo o antigo Império Persa Aquemênida sob o poder de um Monarca de origem Grega (se bem que os Ptolomeus fossem Gregos nascidos no Egito). Em seu governo vários códices raros e livros de lugares distantes foram engrossar o acervo da Grande Biblioteca.

Ptolomeu III morreu em 221, com 59 anos, após governar 25 anos.

12.5.1 – A Decadência Alexandrina:

Não foi por acaso que Ptolomeu II Filadelfo realizou um governo de calmaria militar, visto que governou entre os anos de 283 e 246, período que englobou quase que a totalidade da Primeira Guerra Púnica (264 – 241), onde o poderio de Roma começou a se destacar no cenário Mediterrâneo ao derrotar Cartago, até então a grande potência do Mediterrâneo Ocidental, em contraposição ao Egito, a grande potência do Mediterrâneo Oriental.

Ptolomeu III Evergeta pôde se dedicar às campanha militares pois, apenas os primeiros anos de seu governo conheceram a instabilidade de uma guerra Mediterrânea que, se não afetava o Egito diretamente, certamente influenciava-lhe em diversos aspectos, como, por exemplo o comercial, talvez até mesmo por isso o pai desse Faraó tenha se empenhado em estabelecer novas fronteiras comerciais e diplomáticas.

Três anos após a morte de Ptolomeu III Evergeta, o grande conquistador do Oriente, Cartago e Roma iniciam um novo conflito: a Segunda Guerra Púnica (218 – 201). Este, muito mais encarniçado do que o primeiro, mobilizou diversas potências do mundo Mediterrâneo Oriental, como o Épiro e a Macedônia. Nesse contexto de instabilidade o Egito conheceu um Faraó ausente. Ptolomeu IV Filopátor (amante do pai, talvez e, possivelmente, apenas por admiração, sem qualquer conotação homossexual) escolheu não governar, entregando o governo a uma espécie de Tjati: Sosíbio, homem de sua confiança.

Durante seu governo, que durou 18 anos (221 – 203), os Seleucidas, liderados por Antíoco III, o Grande, reagiram às derrotas que lhe haviam sido impostas por Ptolomeu III Evergeta e, sendo assim, atacaram o Egito. A derrota iminente só foi contornada porque Sosíbio teve astúcia suficiente para perceber que se apenas os Gregos lutassem (como estava instituído desde os tempos de Ptolomeu I Sóter, com a finalidade de prevenir os Egípcios de terem acesso às armas) a batalha seria perdida, sendo assim, em 217, ele autorizou o alistamento de Egípcios no exército e, com esse reforço, foi capaz de derrotar os Seleucidas na batalha de Ráfia. Se o Egito continuava independente, seu Império Asiático se mostrava ameaçado e o faraó, ao invés de tomar alguma atitude concreta, vivia num mundo à parte, enfurnado em seu palácio e cercado de mulheres (um dos feitos de Ptolomeu IV Filopátor foi a recriação do harém Faraônico) e bebida ele não tomava parte na política nacional.

Ptolomeu IV morreu em 203, com 41 anos e, em seu lugar, assumiu Ptolomeu V Epifânio (a manifestação Divina), seu filho com Arsinoé III, sua irmã de pai e mãe. O Reinado desse Faraó se deu num período de grandes transformações no cenário Mediterrâneo. Em seu segundo ano de governo, Roma terminaria de impor a derrota definitiva a Cartago na Segunda Guerra Púnica, sendo assim, como conseqüência, obteria um grande Império no Mediterrâneo Ocidental. O governo de Ptolomeu V foi ainda grande o suficiente para testemunhar a submissão do Épiro e da Macedônia aos domínios Romanos, visto que a nova potência desejava punir aqueles que haviam se alinhado com Cartago no conflito recém-concluído.

A Ásia Seleucida, que não havia desistido de tentar se recompor, fez novas investidas contra os domínios Egípcios e, desta vez, o Faraó não foi capaz de impedir a perda de seu Império Asiático. Era o início do eclipse do Mundo Helenístico que se iniciava.

Ptolomeu V Epifânio, morreu com 29 anos, em 181, depois de governar por 22 anos, ou seja, era apenas uma criança de 7 anos quando teve que assumir as funções de Faraó, um dos principais motivos para o ataque Seleucida e para os desastres de seu governo, marcado para sempre pelo registro de sua Divinização gravado na Pedra de Roseta, o primeiro texto Egípcio a ser traduzido na Idade Contemporânea. Seu sucessor foi Ptolomeu VI Filométor (amante da mãe, talvez, também sem conotação sexual, apenas de admiração), seu filho de apenas 5 anos.

Certamente as mortes prematuras dos Faraós estavam obrigando seus filhos a assumirem o trono com cada vez menos idade e isso, ao enfraquecer a figura do governante, fortalecia os inimigos do Egito. Durante o governo de Ptolomeu VI, Antíoco IV Epifânio (filho de Antíoco III, o Grande) atacou o Egito aproveitando os sucessos de seu pai que conseguira retomar as províncias Asiáticas. As tropas Seleucidas tomaram o Delta e cercaram as muralhas de Alexandria, o que obrigou o Faraó a recorrer a Roma.

O Cônsul Caio Popilo Lena socorreu o jovem Faraó, no entanto, como condição para a ajuda, o Cônsul teria desenhado um círculo no chão ao redor do Faraó e só teria permitido que ele saísse de dentro do círculo se aceitasse as imposições de Roma, na prática, à partir daquele momento o Egito se tornara um Protetorado Romano, ou seja, retinha sua independência, mas estava sujeita à vontade de Roma sendo que, em troca, receberia ajuda militar contra seus inimigos.

As tropas Romanas eram de fato as melhores do mundo Antigo e, sendo assim, conseguiram expulsar Antíoco IV Epifânio do Egito e recuperar o que havia sido perdido. Porém, todo o Império internacional que Ptolomeu I Sóter e Ptolomeu III Evergeta haviam conquistado havia sido reduzido a zero (restando apenas Chipre para o Egito). Os Ptolomeus passavam a depender de Roma e ficavam restritos ao governo do próprio Egito.

Como se não bastassem todas as atribulações do governo de Ptolomeu VI Filométor, ele, em seus 36 anos de governo, viveu para ver a Grécia se tornar uma província Romana e teve que disputar o trono com seu irmão Ptolomeu VII Evergeta II que, entre 181 e 166 (ano em que morreu) aplicou vários golpes de Estado no Faraó chegando a governar por vários anos no total, além de ter tomado para si a Cirenaica por um certo período.

Essa alternância de poder, somada ao início da dependência em relação a Roma, fez com que o mais poderoso dentre os Reinos Helenísticos passasse a ser apenas uma sombra do que um dia fora.

Ptolomeu VI Filométor morreu em 145, com 41 anos, sendo sucedido por seu filho Ptolomeu VIII Eupátor (o bem nascido), que chegou a governar

como co-regente do pai, numa prática antiga que remontava ao Médio Império, no Reinado de Senuosret I, no Médio Império.

O governo de Ptolomeu VIII é um dos últimos que merece alguma menção, pois este Faraó foi o primeiro a desenvolver uma política ostensiva de perseguições contra os sábios e estudiosos da Grande Biblioteca. Ao que parece, o caráter semelhante ao de uma Universidade contemporânea que a Grande Biblioteca adquirira devia irritar o Faraó, o fato é que ele condenou vários estudiosos a morte, o que provocou um efeito inverso daquele ocorrido nos governos dos três primeiros Ptolomeus, ou seja, ocorreu uma grande fuga de cérebros, a maioria, em direção a Roma que, nesta época, já começava a tomar de Alexandria o título de cidade mais cosmopolita do Mediterrâneo.

Depois de Ptolomeu VIII, os únicos governantes que merecem algum destaque antes dos episódios que envolveram Cleópatra, são Cleópatra III, mulher de Ptolomeu VII, que expulsou o filho, Ptolomeu IX Sóter II (se bem que sobre esse episódio também haja controvérsia, uma vez que Luciano Canfora nos diz que quem teria sido expulso do Egito por sua mãe, sendo obrigado a habitar no Chipre teria sido Ptolomeu XII (que ele chama de Novo Dionísio, ao contrário da Delta Larousse que chama o Monarca de Alexandre III), no entanto, uma hipótese que terminaria com várias das confusões é a de que talvez Ptolomeu IX e Ptolomeu XII teriam sido a mesma pessoa, visto que o dito Monarca exilado passou cerca de vinte anos fora do Egito (tempo em que habitou tanto Chipre, quanto Roma), período durante o qual teriam governado Ptolomeu X Alexandre I e Ptolomeu XI Alexandre II (o que tem coerência, se pensarmos que os governos de Ptolomeu X e XI devem ter ocorrido antes do governo do Ptolomeu XII que, no entanto teria sido expulso do Egito por sua mãe antes que seus irmãos subissem ao trono, sendo assim, depois de seus governos e de ter sido reempossado pode ter assumido o título de Ptolomeu XII) para o Chipre, onde foi obrigado a viver exilado até a morte da mãe, quando retornou ao Egito e foi reempossado; e Ptolomeu X Alexandre I, que apesar de ter governado apoiado pela mãe, cometeu o erro fatal de saquear Soma, o túmulo de Alexandre, o Grande.

Além de ter sido considerado Divino pelo oráculo de Zeus-Amon, Alexandre também foi Divinizado por Ptolomeu I Sóter quando seu esquife desfilou pelo Egito antes de ser instalado no Soma. Alexandre era reverenciado tanto por Gregos quanto por Egípcios como sendo o libertador do Egito, o fundador de Alexandria e um verdadeiro Deus que havia pisado na Terra, sendo assim, o saque de sua tumba levantou a população contra o Faraó e fez com que ele terminasse expulso do Egito, panorama que proporcionou a Ptolomeu IX Sóter II, com o apoio do Senado Romano, retornar do Chipre e reassumir o trono, massacrando Ptolomeu XI Alexandre II.

Contudo, Ptolomeu IX só pôde ser reempossado (e já falamos sobre a controvérsia a respeito de quem teria sido o Monarca reempossado, mas por coerência, optei mais uma vez pela cronologia da Delta Larousse) por ter concordado em validar um documento que Ptolomeu XI Alexandre II havia assinado para com Roma. Segundo este documento, Roma teria o direito de governar tanto o Chipre quanto o próprio Egito, esta, no entanto, havia se contentado com Chipre tendo, para o Egito, apenas nomeado um Ministro das Finanças Romano (chamado de *dioiketes*) de modo a garantir que o Egito ficasse dependente da administração indireta de Roma. Era praticamente o fim da autonomia política da Terra dos Faraós.

12.6 – Cleópatra:

Talvez a mulher mais famosa da Antiguidade (já que não se pode precisar se Maria existiu realmente ou não), Cleópatra foi eternizada no imaginário contemporâneo graças ao filme de Elizabeth Tailor. Para muitos, Cleópatra foi uma bela mulher (afinal, Liz Tailor foi considerada por muitos anos (quando fez o filme, inclusive) a mulher mais bonita do mundo), com grande poder de sedução e que fundamentava seu poder político na utilização de seus atributos físicos para inebriar a mente de altos políticos Romanos, fazendo com que esses estivessem a seus pés.

Esse retrato de Cleópatra não corresponde exatamente à realidade que as pesquisas sobre sua vida construíram, visto que segundo indicam os bustos e estátuas encontrados dela, a mulher não era exatamente de uma beleza estonteante (se bem que beleza seja um conceito relativo, existem, com efeito, padrões estéticos que indicam que determinada mulher é bonita em detrimento de outras e mesmo que servem de comparação).

Ao que parece, Cleópatra VII (é importante que atentemos para o fato de que antes dela houve diversas outras Cleópatras, não só as seis de Alexandria, mas também algumas na Grécia e/ou na Macedônia, como a famosa irmã de Alexandre Magno) foi uma grande articuladora política que soube envolver os políticos-generais Romanos com a habilidade de sua fala e de seus estratagemas, antes do que por sua beleza.

Cleópatra VII Filopátor Nea Tea (Glória a seu amado pai) foi escolhida como esposa de seu irmão, Ptolomeu XIV Novo Dionísio, com quem deveria governar como co-regente. Ao que parece, a prática iniciada por Ptolomeu II Filadelfo de que os Ptolomeus se casariam com suas irmãs teve continuidade até o final do Período Ptolomaico. Porém, talvez depois de Cleópatra III, as mulheres passaram a realmente dividir o poder com seus maridos, se bem que estes realmente governassem em detrimento delas, exceto em casos extremos.

Como Cleópatra tinha 18 anos ao assumir o trono e seu irmão tinha apenas 9, com efeito ela passou a ser a verdadeira governante do Egito, o

que desagradou em muito o séqüito mais próximo de Ptolomeu XIV. A governante não desejava, ao que parece, que seu irmão fosse levado em consideração como co-regente, sendo assim, fez com que as moedas cunhadas em seu Reinado tivessem o seu rosto impresso sozinho, e não a efígie do casal Real como era de costume.

Cleópatra VII e Ptolomeu XIV assumiram o trono em 51, depois da morte de seu pai, Ptolomeu XII (ao que parece, Ptolomeu XIII (na cronologia da Delta Larousse) não chegou a ser o governante do Egito (daí esse título ser atribuído na maioria das publicações ao irmão de Cleópatra VII), mas sim, teria sido um irmão de Ptolomeu IX (que, como já foi dito, eu estou supondo que seja também Ptolomeu XII) que governava o Chipre como sátrapa quando seu irmão foi expulso de lá pela mãe, isso explicaria o porque de o Faraó exilado ter conseguido se refugiar na ilha; porém, quando Ptolomeu XI Alexandre II assinou o tratado que dava Chipre a Roma, o tal Ptolomeu XIII (governador do Chipre) teria se recusado a aceitar a perda de seu território que, com efeito, desde o exílio do irmão, teria se tornado o seu próprio Reino e, sendo assim, segundo Luciano Canfora, teria sido morto pelos Romanos, o que também serviu de pressão para que Ptolomeu IX aceitasse as condições Romanas e fosse reempossado como Ptolomeu XII) faleceu. A situação política era crítica, desde 55, quando seu pai havia sido reempossado pelas tropas Romanas da Síria, comandadas pelo Propretor Aulo Gabínio.

Gabínio, a mando de Pompeu, invadiu o Egito e destronou Ptolomeu XI Alexandre II instalando na região o poder de Roma. Na realidade, Roma não se tornava ainda a dona definitiva do Egito, visto que o acordo feito com o Faraó Ptolomeu XII lhe garantia o poder político, no entanto, o país passou a ser protegido por um corpo de Legionários Romanos chamado *milites Gabiniani*, além de ser invadido pelos vários credores do Faraó que, agora que ele reassumira o trono, queriam cobrar as dívidas que ele adquirira nos vinte anos que passara fora do Egito, vivendo como um Rei às custas de dinheiro emprestado.

Essas dívidas de Ptolomeu XII foram, com efeito, um dos principais motivos para que Roma se esforçasse em reempossa-lo, visto que, devido a elas, ele não poderia se recusar a nada que lhe fosse pedido, além disso, se não recuperasse seu trono, não poderia saúda-las. Cercado por todos os lados e vendo seu principal credor, Caio Rabírio Póstumo, nomeado por Roma para o cargo de *dioniketes* (onde poderia se apropriar das finanças do Estado Egípcio a seu bel prazer até conseguir ser ressarcido), o Faraó teve que recorrer a Júlio César, o comandante Romano que realizava vitoriosas e enriquecedoras campanhas militares na Gália, além de participar do Triunvirato que o havia apoiado na recuperação de seu trono.

César, que sabia que empréstimos significariam mais Clientes (termo Romanos utilizado para designar pessoas que deviam dinheiro e/ou favores

a grandes políticos e que, por isso, lhe eram completamente fiéis, constituindo sua base de sustentação política, com efeito, quanto mais clientes um político tivesse, mais poderoso ele seria), tinha desde o começo de sua carreira política, o costume de emprestar dinheiro a praticamente todos que pedissem, sendo assim, saudou as dívidas do Faraó, mas, em contrapartida, passou a tê-lo nas mãos.

Foi nesse contexto político que Cleópatra VII assumiu o trono do Egito, em 51. Com essa situação se desenhando, estava claro que a autonomia política do Egito estava prestes a cair por terra, no entanto, apenas dois anos depois que a nova Faraó havia assumido o trono com seu irmão criança, um novo evento internacional acenou a ela com a possibilidade de uma restauração do poder de seu país: na Itália, César cruzara o Rubicão e deflagrara a Guerra Civil contra Pompeu.

Nesse evento, Cleópatra que, até então havia feito o que podia para governar segundo os interesses Romanos, viu uma grande possibilidade, uma vez que o único credor que o Egito tinha – César – havia declarado guerra ao invencível Pompeu Magno, o vencedor de Mitrídates, o que significaria sua derrota certa e a conseqüente liberação do Egito do pagamento de suas dívidas. Com esse pensamento (que, aliás, segundo Luciano Canfora, era comum entre as populações do Mediterrâneo Oriental), ou seja, o de que Pompeu iria massacrar César, Cleópatra cedeu ao pedidos do filho mais velho de Pompeu e enviou 60 navios para apoiar o Magno. As embarcações estavam abarrotadas de trigo e ainda contavam com 500 homens das tais *milites Gabiniani*. Para si, Cleópatra, segundo nos diz Plutarco, certificou-se de obter o amor do filho de Pompeu e, segundo consta, este foi o primeiro político Romano a ceder aos seus “encantos”.

Cleópatra havia sido muito hábil, sabia que se Pompeu vencesse e César fosse morto ou humilhado, ela não só teria eliminado seu credor como também haveria de se casar com o filho de Pompeu (que certamente se tornaria Ditador de Roma), o que, a um só tempo, acabaria com as pretensões do séqüito de seu irmão e garantiria a integridade do Egito, visto que o Magno não ousaria atrapalhar os negócios de seu primogênito.

Contudo, como o leitor já deve ter percebido na descrição de todo o Período Ptolomaico, os Faraós Greco-Macedônicos não se importaram muito com o Reino que governaram, mas, apenas com sua capital majestosa. Muitos Ptolomeus não passaram de prefeitos de Alexandria deixando que o restante do território fosse administrado por oficiais corruptos que não possuíam nenhum interesse no bem daqueles bárbaros (como o mundo Greco-Romano tendeu a ver todos aqueles que não desfrutassem de suas tradições, como os próprios Egípcios), mas, tão somente no de seus próprios bolsos. Esse descaso prolongado fez com que praticamente tudo falisse no Egito, desde a antiga Religião até os diques de irrigação, sendo assim, a produtividade agrícola já não era a mesma dos

áureos tempos do Novo Império. Essa reflexão não se encontra deslocada na medida em que dá as bases para que o leitor perceba que num panorama de falta de mantimentos como o que Cleópatra enfrentava, a doação de 60 navios carregados de trigo para uma guerra que nem era Egípcia, mas que favorecia os interesses da Faraó provocou uma situação geral de fome o que, aliado ao descontentamento das populações locais (Gregas e Egípcias) com a política de favorecimento Romano adotada por Cleópatra, fortaleceu o séqüito de Ptolomeu XIV e fez com que Cleópatra fosse expulsa do Egito sendo obrigada a se exilar na Síria, terra de seus aliados, visto que, desde a morte de Crasso (que era o responsável pela região no Triunvirato), era governada por homens indicados por Pompeu, que ela estava apoiando.

Na Síria, Cleópatra conseguiu reunir tropas para tentar retomar seu trono e finalmente banir seu irmão do Egito, seja matando-o, seja expulsando-o. Ela atacou o Delta e iniciou um movimento que pode até ser visto como um componente da Guerra Civil generalizada que atingia Roma, visto que envolvia tropas Romanas em ambos os lados: tanto aliadas de Cleópatra, quanto aliadas de Ptolomeu XIV.

12.6.1 – Júlio César:

Quando Ptolomeu XIV se encontrava em Pelusa, no Delta, ao lado de seu exército, guerreando aqueles que eram leais a Cleópatra, alguns navios Romanos se aproximaram da costa e, de um deles, um pequeno barco partiu em direção ao Faraó trazendo um mensageiro. Ptolomeu XIV era ainda um garoto e, de fato, quem mantinha o poder eram seus tutores e homens de confiança: Aquilas, um general Egípcio; Teódoto de Quios, seu professor de retórica; e Potino, seu tutor e eunuco particular. Dessa maneira, o mensageiro Romano se dirigiu a eles e não ao Faraó em pessoa.

O Romano trazia um pedido de Pompeu, o Grande, que, derrotado em Farsália, na Grécia, por Júlio César (ao contrário das expectativas de Cleópatra e de todo o Mediterrâneo Oriental), buscava agora se refugiar de seu perseguidor num Reino que julgava poderoso o bastante para deter César, além de lhe dever a estabilidade política (que Pompeu, absorto nas disputas com César como tinha estado, julgava existir (ainda que muitos historiadores aleguem que a rede de informações de Pompeu estivesse a par do que estava ocorrendo no Egito)), uma vez que tinha sido seu homem de confiança, Aulo Gabínio, que restaurara o pai dos atuais Monarcas no trono.

Plutarco nos conta, na Vida de Pompeu, que os três detentores do poder Egípcio se reuniram e deliberaram sobre o destino daquele que conquistara a alcunha de Magno (o Grande) após vencer Mitrídates do

Ponto, o pretenso Novo Alexandre. Segundo Plutarco, as deliberações e suas conseqüências foram as seguintes (também na tradução de Gilson César Cardoso):

> *(...) As opiniões divergiam muito: uns queriam expulsar Pompeu, outros acolhê-lo. Mas Teódoto, para alardear eloqüência e talento, garantiu que nenhuma dessas condutas seria segura: se o recebessem, teriam César por inimigo e Pompeu por déspota; se o repelissem, Pompeu os odiaria por ter sido afastado e César por lhe haverem subtraído aquele a quem perseguia. Melhor seria ir ao encontro de Pompeu e mata-lo, pois assim agradariam a um e não teriam nada a temer do outro. E acrescentou, sorrindo segundo se diz: "Um cadáver não morde!"*
>
> *O conselho ratificou esse parecer e encarregou Aquilas de executa-lo. Convocou um tal Septímio, que outrora servira como oficial sob as ordens de Pompeu, um centurião chamado Sálvio e três ou quatro marinheiros, com os quais se dirigiu de barco ao navio de Pompeu, aonde tinham subido os companheiros mais chegados para ver o que aconteceria. Quando eprceberam que em lugar de uma recepção real, brilhante e conforme às esperanças de Teófanes, apenas uns poucos indivíduos aproximavam numa canoa de pescador, suspeitaram que ali não se fazia caso de Pompeu e aconselharam-no a virar de bordo para o mar alto, pois permaneciam ao alcance das flechas. Mas então a canoa já estava próxima e Septímio se levantava para saudar Pompeu em primeiro lugar, dando-lhe o título de Imperador. Aquilas, porseu turno, cumprimentou-o em Grego e convidou-o a passar para a barca, alegando que no local o mar atulhado de areia, não possuía profundidade suficiente para o avanço de uma Trirreme. Ao mesmo tempo, avistaram-se navios do Rei que aparelhavam e saoldados que guarneciam as praias, de sorte que seria impossível escapar, mesmo que tomassem rapidamente outra decisão. Ademais, mostrar desconfiança seria fornecer aos assassinos um pretexto para seu crime. Pompeu beijou Cornélia, que já chorava sua morte, e designou para descerem juntamente com ele dois centuriões, seu liberto Filipo e um escravo chamado Cites; quando Aquilas, da barca, estendia-lhe a mão, voltou-se para a mulher e o filho e disse-lhe estes versos jâmbicos de Sófocles:*
>
> *"Quem procura um tirano torna-se seu escravo*
> *Ainda que venha como homem livre"*
>
> *Essas as derradeiras palavras que dirigiu aos seus antes de descer para a barca. Como a distância até a costa fosse grande e ninguém lhe dissesse uma palavra gentil, reparou em Septímio e perguntou: "Acho que o reconheço. Não és um de meus antigos*

companheiros de armas?" Septímio fez apenas um aceno de cabeça, sem lhe testemunhar nenhuma simpatia. Reinou novamente profundo silêncio, durante o qual Pompeu, que tinha em mãos um rolo onde escrevera em Grego um discurso preparado para Ptolomeu, pôs-se a reler o texto. Quando se aproximavam da costa, Cornélia, tremendamente inquieta e sempre a observar do alto da Trirreme, em companhia dos amigos, o que se estava passando, começou a animar-se vendo muitos oficiais do Rei caminhando para o local de desembarque, como se desejassem saudar Pompeu e render-lhe homenagem. No momento em que Pompeu tomava a mão de Filipo para se levantar com mais facilidade, Septímio, por trás, atravessou-lhe o corpo com a espada; em seguida, Sálvio e Aquilas desembainharam as suas. A vítima, erguendo com ambas as mãos a toga à altura do rosto, sem nada dizer ou fazer que fosse indigno de seu caráter, apenas gemeu e suportou firmemente os golpe.

Tinha cinqüenta e nove anos e morria no dia seguinte ao de seu aniversário.

É fato que Pompeu desejava utilizar o Egito como base e obrigar os Egípcios, os *milites Gabiniani* e os Gregos de Alexandria a servirem-lhe como tropas contra César. Suas intenções, portanto, não eram boas em relação ao jovem Faraó. Possivelmente, se tivesse obtido permissão para desembarcar, Pompeu teria se apoderado da tutela de Ptolomeu XIV e se livrado de Potino, Aquilas e Teódoto de Quios. Contudo, a decisão deste último de matar Pompeu não foi sábia, visto que quando César finalmente chegou a Alexandria e lhe teve ofertada a cabeça do rival, ao invés de aprovar o feito, tornou-se irado contra seus algozes.

Talvez se Pompeu tivesse um pouco mais de conhecimento sobre a situação política do Egito na época, ele tivesse obtido mais sucesso em sua requisição, visto que teria se dirigido a Cleópatra, aquela que era amante de seu filho e que lhe tinha ajudado a tentar se livrar de César: aquela que favorecia os Romanos, não que se revoltava com seu domínio, como fazia o séqüito de Ptolomeu XIV.

De qualquer forma, ao chegar em Alexandria no dia 2 de outubro de 48, César fica sabendo que seu rival (aquele que ele perseguira até o Egito com um intuito que provavelmente não era dos melhores) estava morto há quatro dias. Segundo relatou em sus "Comentários sobre a Guerra Civil", o Político-General Romano só soube do ocorrido após desembarcar, porém outras fontes alegam que ele só desembarcou após saber do ocorrido. É certo, no entanto, que César não deve ter realmente se sentido entristecido pela morte de seu genro (uma vez que Pompeu havia sido casado com a filha de César, aliás, a morte da moça foi um dos motivos do enfraquecimento das relações entre os dois Políticos-Generais), visto que,

se outro não o houvesse feito, ele próprio possivelmente o faria e aquele ato dos asseclas de Ptolomeu XIV ainda havia servido para salvar suas mãos do sangue de Pompeu que poderia provocar revoltas. Contudo, tanto para manter as aparências, quanto para se ver livre da obrigação de qualquer agradecimento ao Faraó que lhe prestara o serviço, César fingiu (segundo Lucano e Dião Cássio) chorar.

A perseguição a Pompeu havia se iniciado imediatamente após sua derrota em Farsália, sendo assim, César não havia tido tempo de recrutar mais homens a fim de recompor as perdas sofridas na campanha da Grécia. Dessa maneira, desembarcou em Alexandria com pouco mais de 3000 homens. Não julgava que iria ter problemas por lá, contudo, nos "Comentários sobre a Guerra Civil" ele alega que tão logo aportou viu os exércitos e a população exaltados, mas, mesmo assim, desembarcou, o que é muito pouco verossímil em se levando em consideração que César foi um brilhante estrategista e que não costumava se colocar em situações de desvantagem.

A guerra contra Pompeu estava liquidada, como o próprio Teódoto de Quios falou em seu discurso a César no momento em que lhe foi entregue a cabeça de Pompeu, no entanto, esta havia causado um verdadeiro rombo nas contas de César e, sendo assim, ele desejava receber o que os Egípcios lhe deviam pelas dívidas saudadas de Ptolomeu XII.

César desembarcou precedido dos fasces, ou seja, os machados que simbolizavam o poder dos Cônsules de Roma, no intuito claro de mostrar a que viera. Foi acolhido no palácio Real (na verdade, nessa época, todo o bairro do Bruquíon era o palácio Real, no entanto, quando se fala em palácio Real o que se está querendo mencionar é o Oppidum o palácio construído por Alexandre, onde vivia o Faraó) e, mesmo sabendo do perigo que corria (pois se os Egípcios haviam ousado matar Pompeu, bem poderiam também ousar tentar mata-lo), se sentia seguro, pois julgava que os *milites Gabiniani* lhe seriam leais.

Como nos relata Plutarco, a fim de evitar qualquer movimentação suspeita e também a fim de conhecer seus interlocutores, César passou as quatro primeiras noites em claro, juntamente com Ptolomeu XIV e seu séqüito, em fartos banquetes. Foi justamente num desses banquetes que Potino sugeriu a César que se retirasse do Egito e desse seqüência às suas campanhas militares, pois suas dívidas seriam saudadas em tempo.

Vendo que não poderia vencer Potino, que comandava o Egito tendo a seu lado Teódoto e Aquilas, César mandou chamar Cleópatra de volta a Alexandria. Com efeito, os exércitos dos dois irmãos ainda se batiam nas redondezas de Pelúsio e Cleópatra era *persona non grata* em Alexandria, no entanto, César a queria junto dele para que funcionasse como instrumento de barganha.

Ao contrário do que se acredita, não foi Cleópatra quem decidiu ir ao encontro de César, mas sim o Romano que a chamou. De qualquer forma, segundo nos conta Plutarco e também as lendas que vigoram a respeito de Cleópatra (lendas essas que foram reforçadas pelo filme de Elizabeth Tailor), certa noite uma pequena embarcação aportou no porto do palácio e dela desembarcou um tal Apolodoro que se dizia mercador de tapetes vindo da Sicília para encontrar César. No ombro o homem trazia um belo tapete que iria presentear ao Romano. Foi recebido e, ao ficar sozinho na presença de César, desenrolou Cleópatra de dentro dele.

Agora a Faraó estava no palácio e César podia iniciar a reconciliação dos dois irmãos. No banquete da noite do dia 7 de outubro de 48 ele foi acompanhado de Cleópatra e declarou enfaticamente que se o Egito desejasse demonstrar suas boas intenções para com Roma, os dois irmãos deveriam por fim àquela guerra interna que travavam.

Pegos desprevenidos, os membros do séqüito de Ptolomeu XIV apenas concordaram com César e aceitaram a reunião de Ptolomeu e Cleópatra dando ordens a seus exércitos para que parassem o confrontamento.

No ínterim, Cleópatra, agora com 21 anos, achou que poderia tentar seduzir César, um homem de 53 anos; para tanto, disse-lhe que ficara muito feliz ao ser chamada por ele ao palácio, visto que estava numa situação em que não podia mais confiar nem mesmo naqueles que lhe eram mais próximos, sendo assim, ficaria sob a inteira responsabilidade do Político-General. Segundo Luciano Canfora, Cleópatra havia se informado sob a tendência promíscua de César e chegara à conclusão de que a melhor forma de conseguir se aproximar dele, apagando a mácula de ter apoiado Pompeu na Guerra Civil, seria através do sexo.

Não é possível precisar até que ponto a estratégia de Cleópatra funcionou, visto que César nunca chegou a abandonar sua esposa Calpúrnia por causa da Faraó, mas isso também não indica que não pudesse tê-la amado verdadeiramente.

Durante mais de um mês pareceu a César que seu plano estava funcionando perfeitamente, mas, mesmo assim, ele permaneceu na cidade para receber o que lhe era devido (a soma total chegava a 17,5 milhões de Sestércios ou Denários, no entanto, César aceitou perdoar 7,5 milhões contanto que recebesse os outros 10 milhões rapidamente), para mostrar benevolência, César havia aceitado devolver Chipre ao Egito sendo que a ilha passaria a ser governada por Arsinoé e Ptolomeu os irmãos mais jovens do casal Real.

A obrigatoriedade do pagamento da dívida era algo que irritava Potino e os outros, sendo assim, segundo consta, Teódoto de Quios fomentou o plano de acabar com César enquanto ele ainda estivesse em Alexandria, visto que ele estava sem muitas tropas. Potino convenceu Ptolomeu XIV a

enviar Aquilas até as tropas que, mesmo tendo cessado os conflitos com Cleópatra, ainda permaneciam estacionadas em Pelúsio, e traze-las, o mais rápido possível, para Alexandria a fim de pegar César de surpresa.

César descobriu a trama e, após executar Potino, obrigou Ptolomeu XIV a enviar mensageiros a Aquilas com ordens de retornar e ignorar o que lhe havia sido dito. Contudo, o General Egípcio matou os dois enviados de César e persistiu no intuito de derrotar o Romano. Estava iniciada a "Guerra de Alexandria" (outro livro de César) e, se por um lado Aquilas possuía um exército muito maior, por outro, César estava com o Faraó como seu refém, além disso, contava com a fidelidade dos *milites Gabiniani*, coisa que não aconteceu (na verdade, esses soldados não eram apenas Romanos, mas entre eles havia muitos Sírios e Cilícios; eles haviam sido designados por Aulo Gabínio para servir como uma espécie de guarda do Egito que, além de proteger o Egito em si, também zelaria pelos interesses Romanos na região, bem como pela fidelidade de seus governantes a Roma; estavam no Egito há sete anos e já haviam constituído famílias Egípcias o que os desligava da autoridade Romana e os ligava aos interesses Egípcios, por isso, ao receberem a requisição de ajuda de César, preferiram permanecer leais a Aquilas).

O General Egípcio marchou por terra e ocupou toda Alexandria isolando César dentro do Oppidum, depois, tomou os 72 navios que estavam no porto a fim de impedir que os Romanos recebessem reforços. Apesar de seus soldados terem sido impedidos de tomar o Oppidum, sua vitória era questão de tempo. No entanto, César o surpreendeu com uma manobra ousada: ordenou que arqueiros subissem no telhado do Oppidum e, de lá, disparassem flechas incendiárias contra os navios de Aquilas que estavam no porto. Como estivesse ventando forte, o fogo se espalhou muito rápido destruindo a frota toda (porém, preservando os navios de César que, apesar de poucos, estavam protegidos no porto mais interno).

Segundo Plutarco, o fogo se espalhou muito e acabou incendiando várias casas e a Grande Biblioteca (como já foi mencionado), destruindo milhares de obras raras, porém, Luciano Canfora prefere se pautar num fragmento de Tito Lívio, encontrado na obra de Sêneca "Da tranqüilidade da alma" para afirmar que os livros destruídos não estavam na Grande Biblioteca, mas sim, num depósito de livros para a exportação. Seja como for, só conhecemos um fragmento de Tito Lívio, enquanto de Plutarco temos toda a "Vida de César". É verdade que Plutarco costuma exagerar e enfeitar suas informações, ao passo que Tito Lívio procurava ser o mais empírico possível, no entanto, acredito que uma mera comparação de dois excertos seja muito pouco para justificar a afirmação que Luciano Canfora faz de que Plutarco e todos os autores modernos (como Derek Adie Flower, por exemplo) estejam equivocados ao falar que a Grande Biblioteca foi afetada pelo incêndio dos navios causado por César, visto que não há provas

concretas nem sequer da localização da Grande Biblioteca, quanto mais de se foi ou não afetada por um incêndio 47 anos antes de Cristo.

Com a perda da esquadra que era a única vantagem imediata que Aquilas possuía sobre César, o General teve que se reportar aos seus superiores. Com efeito, como Ptolomeu XIV estava sob a custódia de César, Potino havia sido morto e Teódoto de Quios havia fugido (Plutarco afirma que foi morto mais tarde por Décimo Bruto quando este, após matar César, se refugiava da ira vingadora de Otaviano e Marco Antônio) e Cleópatra era aliada de César, a autoridade do Egito passava a repousar nas mãos de Ptolomeu e Arsinoé, os já mencionados irmãos do casal Real.

Ptolomeu era apenas uma criança de 9 anos. Já Arsinoé era pouca coisa mais nova do que Cleópatra, tendo algo em torno de 19 ou 20 anos e, sendo assim, tornou-se a verdadeira líder da empreitada contra César. Como punição pela tola e infeliz derrota, Arsinoé ordenou que Aquilas fosse executado (na verdade, a Princesa não deveria confiar no General que era, em última instância, um dos homens que participava das manipulações sobre seu irmão Ptolomeu XIV, manipulações que lhe usurpavam os poderes que o trono lhe garantia) e, substituído por Ganimedes, General de sua confiança.

Com Ganimedes como comandante as tropas Egípcias ganharam novo fôlego. O General começou a bombear água do mar para os aquedutos que levavam água potável para o Oppidum a fim de, destruindo o suprimento de água, obrigar César a se render. Além disso, ordenou que uma nova frota naval fosse construída no Nilo, o que foi realizado em tempo recorde.

César, contudo, sabendo da existência de um lençol freático sob Alexandria, não deixou que seus homens desistissem da luta e, reunindo-os em turmas de escavação, conseguiu cavar um poço para suprir sua tropa. Enquanto isso ele conseguiu enviar secretamente um mensageiro para seu aliado Mitrídates de Pérgamo, um de seus Clientes mais leais. Este, por sua vez, tão logo soube da situação de César, saiu à procura de reforços. Domício Calvino, que ficara na Grécia cuidando dos assuntos posteriores à batalha de Fasália, e que fora avisado por César de sua situação antes mesmo da contenda com os Alexandrinos começar, chegou ao porto com navios trazendo a XXXVII Legião, composta por homens rendidos de Pompeu em Farsália.

Calvino, no entanto, não conseguiu aportar decido aos ventos e teve de ficar nos arredores de Alexandria dentro das embarcações, o que era perigoso especialmente devido à falta d'água. Por isso, César passou a abastecer de água o navio da XXXVII Legião até que ele pudesse atracar (os navios de César, por serem menores, conseguiam atingir o porto interno e, com isso, atracar mesmo com o vento contra). No retorno da expedição de abastecimento César teve que se bater com alguns poucos navios que

haviam escapado do incêndio e, tendo-os destruído, julgou que Arsinoé e Ganimedes estavam agora sem navios. Ledo engano, no dia seguinte os navios que Ganimedes ordenara que fossem construídos haviam ficado prontos: eram 22 quadrirremes, 5 qüiqüirremes e mutios barcos pequenos adaptados para a guerra. O Egito voltava a preocupar com sua marinha.

César sabia que não poderia aguardar os reforços pedidos se, quando chegassem eles não tivessem onde aportar, sendo assim, julgou que teria que enfrentar a nova frota Egípcia, tanto para salvar a XXXVII Legião que, sem ajuda seria massacrada, quanto para ocupar a ilha de Faro, onde estava o Farol de Alexandria. E que constituía ponto de fundamental importância para combates navais.

Partiu então para o combate naval, a mais difícil batalha daquela guerra. Nele, 400 de seus homens morreram afogados e praticamente todos os seus navios foram perdidos, no entanto, os Egípcios viram sua esquadra novinha naufragar. Conta-se que o próprio César teve que fugir a nado para não morrer e, segundo Plutarco, enquanto era obrigado a mergulhar a cabeça na água para escapar da mira das flechas dos inimigos, mantinha uma das mãos sempre fora d'água para manter secos os apontamentos que lhe serviriam de roteiro para a redação de seus "Comentários sobre a Guerra Civil".

Com ilha de Faro perdida, os Egípcios acharam que seria melhor negociar com o Cônsul Romano, por isso, disseram que aceitariam a trégua caso César entregasse Ptolomeu XIV para eles, visto que o povo queria seu Faraó a salvo. César, mesmo sabendo que se tratava de um embuste, aceitou o pedido, pois julgou que a união de Ptolomeu XIV a Arsinoé provocaria mais malefícios (através de discórdias) do que benefícios (através de um possível aumento da moral dos exércitos) aos Egípcios. Por isso, soltou o jovem Faraó.

César aceitou fazer esse acordo por vários motivos, mas o principal era porque uma vez Ptolomeu XIV indo se juntar aos seus inimigos, ele não precisaria se preocupar caso tivesse que mata-lo depois de vencer a guerra, o que ele já antevira que teria que fazer, visto que Ptolomeu XIV e Cleópatra VII não conseguiriam Reinar juntos e, entre eles, por inúmeros motivos, Júlio César optava por Cleópatra, inclusive pelo fato dela estar esperando um filho seu.

A vitória estava próxima e se tornou mais real quando Antípatro (pai de Herodes (o famoso Rei que, segundo a Bíblia, mandou executar todas as crianças recém-nascidas até dois anos e que teriam pedido a cabeça de João Batista para que sua enteada Salomé dançasse a Dança dos Sete Véus para ele), que, com efeito, conseguiu o favor de Roma para com sua família ao ajudar César em sua difícil situação em Alexandria) da Judéia chegou com seus 1500 hoplitas (um tipo de tropa de infantaria criado na Grécia e difundido por todo o Mediterrâneo Oriental, eram homens que

utilizavam escudos em formato de oito e que, colocando-os lado-a-lado, se protegiam e avançavam com suas lanças posicionadas entre os vãos dos escudos) a Pelúsio e ajudou Mitrídates de Pérgamo a passar por aquela região que estava sendo protegida por uma grande guarnição de Egípcios leais ao Faraó.

Quando soube do avanço dos reforços de César, Ganimedes resolveu arriscar tudo e enviou o grosso de suas forças para combate-las. Teria, com efeito, vencido (pois estava em maior número e contava com soldados tecnicamente Romanos (os *milites Gabiniani*) ao seu lado), não fosse Mênfis, após a chegada dos Judeus, ter aderido à causa Romana e reforçado com um destacamento Egípcio as tropas de Mitrídates de Pérgamo e Antípatro.

A derrota das forças de Ganimedes ocorreu no dia 15 de março de 47, no entanto, o que sobrou de seu exército, após ter sido expulso de Alexandria por César que aproveitara que o grosso dos contingentes estava fora, lutando contra seus reforços, e atacara, se refugiou num acampamento militar próximo ao Nilo. César, no entanto, temendo uma nova manobra ousada por parte de Ptolomeu XIV e Arsinoé, atacou impiedosamente o acampamento dos dois e massacrou suas tropas. No combate, Arsinoé foi capturada e enviada a Roma onde, mais tarde, figuraria no Triunfo (cerimônia Político-Militar a que tinham direito os grandes Políticos-Generais após conquistas e/ou vitórias memoráveis) de César juntamente com o Rei Gaulês Vercigetorix, antes de ser executada. O jovem Ptolomeu XIV, então com 13 anos, vestiu uma reluzente armadura de ouro durante o combate, porém com derrota de suas forças, foi obrigado a entrar no Nilo onde, devido ao peso da armadura, se afogou, morte digna visto que, segundo a Religião Egípcia, aqueles que morriam afogados no Nilo não necessitavam sequer de sepultamento, pois já tinham sua entrada garantida em Amentet devido à proteção de Osíris (Deus que também estava relacionado aos ciclos de cheias e vazantes do Nilo).

César recuperou o corpo do Faraó e, no dia seguinte, 28 de março, prestou homenagens fúnebres a ele em Alexandria. Homenagens com a pompa digna de um Faraó. Depois disso, César casou Cleópatra VII com seu outro irmão também chamado Ptolomeu, que se tornou Ptolomeu XV, com apenas 11 anos.

César se comprometeu a não transformar o Egito em província, na verdade, fez isso por acreditar que a região era poderosa demais par ser entregue a um ex-Magistrado Romano qualquer. Sabia por experiência própria o que um Romano rico e poderoso poderia fazer com uma província importante demais nas mãos, afinal, ele mesmo conquistara Roma à partir da Gália. O melhor era que o Egito ficasse nas mãos de alguém totalmente leal a Roma e sem qualquer força dentro de seu próprio país e, naquele momento, este alguém era Cleópatra VII.

No dia 27 de junho de 47, César saiu de Alexandria levando apenas a IX Legião e deixando todas as outras tropas que o tinham ajudado no Egito. Fez isso porque sabia que Cleópatra não era popular e que poderia ser vítima de um golpe tão logo os Romanos virassem as costas. Dois meses depois, no dia 29 de agosto de 47, nasceu Ptolomeu, filho de Cleópatra e César, aquele que viria a se tornar Ptolomeu XVI Cesarion, o último dos Ptolomeus.

Cleópatra, tanto por não suportar a vida em Alexandria, onde era discriminada por todos, quanto para se manter perto de César e não se arriscar a ser esquecida por ele, passou a viver na Itália, numa pequena vila próxima a Roma, lugar onde César havia nascido. Lá ela vive com seu filho a quem tenta sempre fazer reconhecer como o único filho homem de César, até o assassinato do Ditador nos famosos Idos de março de 44 (dia 15 de março), quando volta, desesperada de medo, a Alexandria.

12.6.2 – Marco Antônio:

Após a morte de César, Marco Antônio, Otaviano e Lépido se uniram para caçar os conjurados na execução do grande Político-General, depois disso, formaram o Segundo Triunvirato, mas, como o que está em discussão não é a História Romana, vou me limitar a falar do envolvimento entre Cleópatra e Marco Antônio.

Marco Antônio era o homem de maior confiança de César no final de sua vida, tanto que Suetônio e Plutarco atribuem a ele, durante a Festa das Lupercais, o ato de ter entregue a César um diadema Real para que se tornasse Rei, com a desculpa de que apenas um Rei conseguiria vencer os Partos (povo que sucedeu os Selêucidas no domínio da Ásia e que sempre constituiu um entrave nos domínios Romanos). No entanto, foi a Otávio, seu sobrinho, que César adotou como filho e, conseqüentemente, como herdeiro, sendo assim, quando César morreu, Otávio se tornou Otaviano César, ou seja, o filho de César.

Marco Antônio, contudo, tinha pretensões de realizar o que sonhara para César, por isso, aproximou-se de Cleópatra e utilizando a figura de Ptolomeu Cesarion, o único filho legítimo de César, pensou em conseguir legitimidade para declarar Cesarion como Rei de Roma. Cleópatra, que desde a morte de César havia se tornado desprotegida e fraca (seu único ato de força foi, logo após a morte de César, para evitar que tutores se apoderassem de seu irmão Ptolomeu XV e fizessem dele uma marionete tal qual Ptolomeu XIV havia sido, envenenar o irmão e coroar seu filho como Ptolomeu XVI Cesarion, o que garantiu sua estabilidade no trono) tanto no cenário Egípcio, quanto no cenário Mediterrâneo, uniu-se a Antônio nesse plano. Entretanto, Otaviano, antevendo graves problemas futuros, criou uma

exacerbada demonização em torno da figura de Cleópatra, tornando-a a "Inimiga de Roma" e fazendo de Antônio o seu cúmplice ingênuo.

Com isso, Otaviano conseguiu do Senado a permissão para unir tropas e resolver a crise "estrangeira" (já que Otaviano, para não se ver forçado a romper com a figura do tio e pai adotivo, fazia questão de dizer que o Egito não fazia parte de Roma e que, por isso, aquele ato não seria um ato de Guerra Civil). Sendo assim, em 31 ocorreu a batalha do Áccio na qual as forças de Marco Antônio e do Egito foram derrotadas por Otaviano que se tornou senhor absoluto de Roma tomando para si a coroa e o tesouro do Egito, com os quais aplacou a fome da população de Roma e se tornando *princeps*, de Roma no mesmo ano e, quatro anos mais tarde, em 27, sendo declarado Augusto (Sagrado).

Ao saber da derrota de Marco Antônio, Cleópatra, mirando-se no exemplo de sua irmã Arsinoé que figurou no Triunfo de César, suicidou-se com o famoso balaio de serpentes. Tentou ainda livrar seu filho da ira de Otaviano enviando-o para a Líbia, mas ele acabou interceptado e morto no caminho. Foi o fim definitivo da independência do Egito, situação que perduraria até 1956 d.C., com a recuperação da autonomia Egípcia perante a Inglaterra.

12.7 – Romanização do Egito:

Para o Egito como um todo a conquista Romana acabou por ser benéfica, ao menos inicialmente. Se por um lado o país, pela primeira vez desde o domínio Persa, voltava a ter um Faraó que não residia no Egito (o Imperador Romano tomou para si o título de Faraó), por outro, passava a ter um que se preocupava com o Egito como um todo e não apenas com uma cidade: Alexandria.

Com efeito, os primeiros Ptolomeus, sobretudo Ptolomeu I Sóter, se preocuparam com todo o Egito, porém, à medida que o tempo foi passando, essa preocupação foi dando lugar ao descaso e, sendo assim, como já foi referido, o Egito entrou num grande declínio ficando até mesmo a grande produção agrícola (marca registrada do país) comprometida.

Os Imperadores Romanos, ao menos no começo, se preocuparam em desempenhar seu papel de Faraós, sendo assim, construíram diques, templos e palácios. Revitalizaram a economia da região e até deram força às antigas crenças, se bem que com ressalvas, visto que os Romanos não aceitavam duas práticas religiosas nos países que dominavam: Magia Negra e Sacrifícios Humanos. Sacrifícios Humanos os Egípcios não realizavam, mas, no entanto, aos olhos dos Romanos, a Magia Negra era um crime de sua Religião.

Sob o domínio Romano a Núbia voltou a ser contatada, se bem que não dominada (esta é, aliás, uma das mais fortes raízes de indícios de uma

possível Cristianização do Reino de Meroë e da difusão do Cristianismo pelo Chifre da África, em Reinos como a Absínia e, quem sabe, o Reino de Prestes João)

Entre os feitos Romanos no Egito estão a construção de um novo e bonito oratório na ilha de Filae (que talvez tenha mesmo sido construída inteiramente no Período Romano) e a revitalização de Elefantina como forte de proteção do Egito contra ofensivas oriundas da África Central. Aliás, no que se refere a Filae, pode-se dizer que ela foi o último resquício da Religião Antiga do Egito. Numa época em que os demais templos já haviam sido abandonados até mesmo pelos turistas que, na época em que os Imperadores (ainda não Cristãos) favoreciam o Egito e seus templos, viviam ocupando os sacerdotes que se haviam convertido em guias turísticos, o templo de Isis em Filae ainda se mantinha ativo e com um Clero residente. Seu oráculo era representante de Isis e de Horus e foi o último bastião do culto da mãe e do filho (que inspirara a história de Maria e Jesus) a resistir no Egito e no mundo Mediterrâneo.

Conta-se que um falcão sagrado com uma penugem de um colorido todo especial vivia sobre o batente de entrada do templo, com efeito, este falcão era o próprio Horus, ou seja, agora que já não havia mais Faraós, o Horus havia se tornado um falcão a habitar o batente da porta de um templo. Foi no governo de Justiniano (527 – 565 d.C.) que o templo de Filae foi invadido e destruído por uma horda de Cristãos incitados por seus Clérigos. O falcão sagrado foi morto, o templo foi despojado de todo o seu ouro e os Sacerdotes foram dispersados ou mortos. Era a força de Cristo se impondo (literalmente) sobre os cultos que originaram sua essência, mas a quem ela não pagou outro tributo senão o da condenação por infidelidade e idolatria, as mesmas velhas desculpas de sempre, desculpas que justificaram tantas mortes ao longo da História e que ainda justificam inúmeros preconceitos ignorantes.

Foi o fim da História do Egito Antigo...

12.8 – Práticas Funerárias do Egito Ptolomaico e depois:

As práticas funerárias do Egito Ptolomaico podem ser divididas em três partes: Alexandria, Fayum e restante do Egito.

No Egito como um todo a mumificação estava caindo gradualmente em desuso, só para se ter uma idéia, quando os Romanos conquistaram o Egito, já não mais se mumificavam os mortos, exceto os animais sagrados como o Boi Ápis e alguns gatos, íbis, babuínos... Entretanto, as pessoas em si eram enterradas em covas nas areias assim como nos tempos já muito distantes, antes da unificação do Egito e do início de sua História propriamente dita. As cerimônias perderam todo o sentido e o morto era

enterrado apenas com a roupa do corpo, sem ubshabtis, comida, Livro dos Mortos ou quaisquer outros adereços fúnebres.

No Fayum (como será mencionado mais adiante), a mumificação persistiu até meados do século II d.C., quiçá, início do século III d.C.. Na realidade, esta região foi o último bastião dessa prática no Egito. O Fayum foi uma colônia Grega e depois Romana e, sendo assim, a cultura Egípcia foi adotada como uma espécie de aculturação intencional e voluntária dos estrangeiros que ali residiam, porém, as tradições Egípcias foram um pouco modificadas, como será retratado no item sobre a mumificação, no final do texto.

Em Alexandria, havia três populações: Gregos, Egípcios e Judeus. Sobre os Egípcios, podemos considerar válidas as afirmações emitidas a respeito das práticas funerárias das populações Egípcias ao longo do país, sobre os Judeus, não farei referência, visto que isso implicaria na abertura de um novo objeto de estudo, o que não faz sentido aqui. Sobre os Gregos, devo mencionar que, diferentemente dos Gregos do Fayum, que se faziam mumificar e queriam manter as tradições Egípcias mesmo estas não fazendo parte das suas próprias, os Gregos de Alexandria apenas se faziam sepultar em jazigos (que poderíamos chamar de mausoléus) sem qualquer preparo prévio, ou seja, não havia mumificação ou embalsamamento, apenas o sepultamento. Os túmulos, é claro, variavam enormemente de acordo com a importância de seus mortos. O túmulo de um Faraó era grande e suntuoso, enquanto um cidadão comum era sepultado num túmulo comunal, mas a técnica era a mesma.

Infelizmente, como já foi dito, na Idade Média, um terremoto (um dos muitos que abalaram a cidade ao longo dos séculos), colocou o Bruquíon praticamente inteiro sob as águas do Mediterrâneo e, sendo assim, não apenas os palácios Faraônicos, mas também o Soma e os vestígios de prédios como a Grande Biblioteca foram totalmente destruídos, varridos por anos sob as águas. Hoje, contudo, boa parte dessas terras está acima do nível do mar outra vez, contudo, praticamente nada além de prédios existe nelas.

13 – A Disseminação do Ideal Imperial:

Este item é a conclusão deste trabalho, no entanto, apesar disso, não é seu último ponto, visto que o item 14 será uma espécie de anexo com as informações importantes que fogem à História Política e/ou Religiosa do Egito e que, portanto, é muito difícil de ser inserida em meio às outras partes do texto, visto que são muito menos científicas e muito mais especulativas do que aquelas.

A tese deste trabalho se centra no fato de o Império Egípcio ter sido o primeiro Império da Antiguidade (ao menos é o primeiro cuja existência se

pode comprovar, visto que outros Impérios que se pode sugerir como anteriores ao Egípcio nos remeteriam a lendas como as de Atlântida). Como tal, ele teria sido o responsável pela irradiação do ideal Imperial através dos tempos e do espaço, coisa que colaborou para sua própria destruição.

É bom que se saiba que não acredito em fatores político-sociais, ou mesmo econômicos que sejam independentes, ou seja, não creio que seja possível que as atitudes de um país não sejam interdependentes, isto é, a política necessariamente afeta a sociedade, a economia e a religião, sendo qualquer das outras possibilidades também verdadeira.

O que se diz a respeito da sociedade Egípcia dá conta de que teria sido uma sociedade estagnada, sem mobilidade social e sem capacidade inventiva, sendo assim, com o passar do tempo, teria sido engolida pelos vizinhos detentores de novas tecnologias. Agora vejamos, é verdade que os Egípcios não criaram muitas coisas depois do Antigo Império, porém, não podemos deixar de levar em consideração um ponto fundamental: durante quatro meses por ano (estação das cheias), os Faraós dispunham de muita mão-de-obra ociosa capaz de ser empregada nas mais variadas atividades.

Tamanho capital humano dava ao Egito um fator diferencial de todos os demais países do Crescente Fértil e de outras regiões que lhe foram contemporâneas. Sendo assim, a civilização Egípcia não teve a demanda (para voltar a mencionar o Dr. Norberto Guarinello) necessária por determinadas invenções que se fizeram necessárias em outras regiões. Vejamos, para que roldanas se podia-se empurrar as pedras gigantescas apenas com a tração humana? Para que a roda se tudo podia ser transportado pelo Nilo? Para que muralhas nas cidades se o Egito já contava com proteções naturais (cordilheiras, desertos e o Mediterrâneo) contra invasões? Para que poupar o trabalho humano se havia tantas pessoas desocupadas por tanto tempo todos os anos?

Podemos ver que há explicações muito plausíveis para a falta de inventividade Egípcia, além disso, isso não se traduz numa conseqüente e simplista falta de criatividade, uma vez que as artes Egípcias eram magistrais e que suas construções se tornaram eternas. Além disso, o sistema hieroglífico de escrita, segundo se cogita pode ter sido o pai de nossa escrita contemporânea, visto que as primeiras tentativas de se escrever em Acadiano (um língua falada, mas sem escrita) se deram em hieróglifos, utilizando os 24 símbolos representativos de letras, além disso, devido aos contatos com a Fenícia (em especial com Biblos), é de se crer que a escrita Egípcia hieroglífica (os tais 24 símbolos) tenha sido levada para a Fenícia e lá, através de modificações e, porque não, refinamentos se tenha transformado no Alfabeto Fonético Fenício que, através de Creta, chegou à Grécia, onde se transformou no Alfabeto Grego, que deu origem ao nosso Alfabeto Atual.

Com o tempo, é verdade, sobretudo devido ao isolamento, o Egito passou a ser ultrapassado tecnologicamente por seus vizinhos (não utilizava ainda ferramentas de cobre quando as ferramentas de bronze já eram normais entre os habitantes da Mesopotâmia, por exemplo) e, sendo assim, acabou sendo dominado pelos tais Príncipes dos Países Estrangeiros (Hicsos), no II Período Intermediário. Os Hicsos, com as modificações que introduziram, colocaram o Egito novamente no mesmo patamar evolutivo de seus vizinhos e, dessa maneira, possibilitaram que na XVIII Dinastia, Faraós como Tutmés I e, depois dele, seu neto Tutmés III, tornassem possível a expansão territorial das Duas Terras.

O que tornou possível a expansão do Egito e a formação de seu Império não foram apenas as tecnologias militares, mas toda uma estrutura político-econômica e religiosa voltada para essa expansão.

Comecemos mencionando Amon-Ra (que já foi abordado anteriormente) e seu culto. Com efeito, o culto ao Deus Amon que depois foi também associado a Ra estava preparando o terreno religioso do Egito para algo maior, uma revolução. Amon-Ra já era imposto como Deus soberano e, por seu próprio caráter onipresente (talvez, como já foi dito, o primeiro Deus com esse caráter na História da humanidade) estava amplamente preparado tanto para acompanhar os exércitos Egípcios em combate e marcha, quanto para ter sua Fé divulgada fora dos limites do Egito.

Do ponto de vista econômico, o Egito possuía forte lastro para garantir o sucesso de suas campanhas militares. É verdade que os Egípcios médios, que compunham o grande excedente populacional durante quatro meses do ano, não eram recrutados no exército, no entanto, sua capacidade produtiva aliada à excelente organização do sistema de irrigação nacional produzia um grande excedente agrícola, capaz de sustentar os exércitos em campanha. O ouro das minas da Núbia garantia que os gêneros de primeira necessidade que o Egito não produzia (como o cedro para a fabricação de navios, por exemplo) pudessem ser importados, além disso, também garantia que os mercenários pudessem ser pagos e continuar lutando.

Por fim, do ponto de vista político, a existência do cargo de Tjati permitia que o Faraó pudesse se ausentar em campanhas liderando os exércitos (o que, realmente aumentava o moral das fileiras Egípcia, na medida em que tinham um Semi-Deus lutando ao seu lado) sem prejuízos para a administração interna, além disso, a fundação do Kap, a Escola para Príncipes Estrangeiros pode ser considerada a maior atitude Egípcia no sentido de construir um Império Egípcio legítimo.

A função do Kap era educar na cultura Egípcia os herdeiros dos governantes que haviam sido submetidos ao Egito. Na prática, o Império Egípcio não derrubava governantes, na medida em que os Egípcios não viam sua expansão como os Romanos e os Gregos mais tarde veriam, ou

seja, com o intuito de formar colônias internacionais, pelo contrário, os Egípcios não tinham o desejo de abandonar a vida no Egito que, para eles, era o melhor lugar do mundo, a casa de todos os Deuses.

O que os Egípcios pretendiam com sua expansão não está muito claro. Alguns dizem que seu intuito era religioso e que, por isso, lutavam pela expansão da Fé de Amon-Ra; este objetivo não é descartável, na verdade é realmente provável que, para o Clero de Amon, em Tebas, esta fosse a principal motivação da expansão, contudo, dentro das preocupações políticas nacionais esta motivação parece ter sido apenas conjuntural, sendo assim, o Faraó se comprometia a expandir pela força a Fé em Amon-Ra e a doar partes generosas dos saques obtidos para o Templo de Karnak, em troca, o Deus lhe forneceria proteção e a certeza da vitória. Outra motivação, esta sim mais plausível do ponto de vista dos interesses políticos, remete-se à necessidade de se garantir a construção de uma muralha contra invasões vindas da Ásia, muralha esta que só poderia ser construída através da submissão dos países Asiáticos próximos ao Egito; por muralha, não quero me referir a uma construção concreta, mas a uma política de pressão sobre os Estados conquistados para que esses protegessem o Egito contra possíveis invasões e não engrossassem os efetivos dos inimigos dos Faraós. Há também, é claro, a idéia de que o Império talvez tenha se formado pela mera ganância Egípcia pelos saques. Esta é uma teoria a ser levada em consideração, porém, a meu ver, não deve ser vista como uma razão conjuntural para a expansão, visto que se apenas os saques interessassem aos Egípcios, não haveria a necessidade a da construção de postos de vigilância (como na Ásia) ou de fortes e cidades (como na Núbia), nem, tão pouco, de se aprisionar os herdeiros e conduzi-los ao Kap, no Egito.

Mas falemos sobre o Kap. Esta escola foi uma iniciativa sem precedentes na Antiguidade e só repetida pela Inglaterra no século XIX quando fundo a Escola dos Príncipes da Índia. Originalmente o Kap era uma escola essencialmente militar, uma escola de guerra onde estudavam os mais altos dignatários Egípcios (inclusive o Faraó e seus filhos homens) a fim de se prepararem para ocuparem posições de liderança nos exércitos Egípcios. Lá os estudantes aprendiam a conduzir uma biga e a lutar em cima dela. Porém, também aprendiam a ler e escrever em hieróglifos e hieráticos (escrita que, aliás, foi inventada quase junto com o Kap, durante a XVIII Dinastia), a conhecer e cultuar os Deuses Egípcios, aprendiam a História Egípcia e, lógico, juravam lealdade ao Faraó. A XXV Dinastia, os Kushitas da Núbia, trouxeram uma restauração tradicionalista ao Egito na medida em que, no passado, suas elites haviam sido devidamente aculturadas e educadas nos padrões Egípcios dentro do Kap.

O Kap, com efeito, constitui o maior passo do Egito em direção ao estabelecimento de um Império, na realidade, pode-se até arriscar dizer que

o Kap foi o próprio Império Egípcio. Para aqueles que gostam das comparações entre o Egito e as grandes civilizações da América Pré-Colombiana (comparações que só se fazem minimamente válidas quando se fala dos Olmecas, visto que todas as outras civilizações existiram muito posteriormente ao Egito), estas também criaram seus Impérios de maneira semelhante à Egípcia, ou seja, com a sobreposição de sua autoridade central às autoridades dos chefes regionais sem que estes, contudo, fossem depostos. Fiz esta comparação apenas para dizer que, no caso das civilizações da América Pré-Colombiana, ninguém contesta que seus domínios fossem verdadeiros Impérios, no entanto, no caso do Egito, muitos são os que se põem contra tal afirmação, o que é contra-senso.

Agora que já vimos como se deu a expansão Imperial do Egito, podemos ver quais foram suas conseqüências a curto, médio e longo prazos.

A curto prazo o Egito se enriqueceu e se tornou cada vez mais poderoso sendo o apogeu de seu poder (ao contrário do que muitos afirmariam, ou seja, o governo de Ramsés II) os governos de Amenófis II, Tutmés IV e Amenófis III. Riquezas afluíram de todas as formas, seja através de saques, seja através de tributos ou mesmo através da exploração compulsiva dos recursos da região conquistada, como ocorria na Núbia. Além disso, a administração Imperial das terras conquistadas, bem como do próprio Egito atingiu patamares nunca antes pensados, uma vez que todos os campos da política passaram a ser rigidamente controlados pelo Faraó através do Tjati e do Sumo-Sacerdote de Amon. Havia, inclusive, um Vice-Rei na Núbia.

A médio prazo ocorreu um fortalecimento demasiado do Clero de Amon, visto que praticamente metade dos dividendos obtidos na expansão e/ou advindos do Império, eram doados ao Templo de Karnak e seus Sacerdotes. O fortalecimento do Clero de Amon começou a coloca-lo em conflito direto com o Faraó, visto que começava a ocorrer novamente um fenômeno semelhante ao que ocorrera (como vimos) no Antigo Império quando o Clero de Ra se tornou mais poderoso do que o Faraó e passou a domina-lo, sendo assim, a instituição governamental se enfraqueceu e o poder central se deteriorou. O surgimento de Akhenaton denota não apenas uma mudança nos pensamentos tradicionais e arraigados da civilização Egípcia, mas também (sobretudo por sua necessidade quase compulsiva de romper com tudo o que havia, inclusive com os padrões artísticos e com a própria expansão (talvez por ser, no entender do Faraó, a responsável pelo fortalecimento do Clero de Amon) e a ajuda às regiões dominadas) uma reação Faraônica ao processo de deterioração de seu poder, sendo assim, podemos ver aqui outro exemplo de acontecimentos interdependentes, visto que a Revolução do Período de Amarna, que teve cunho religioso, teria ocorrido por motivos políticos ocasionados por um demasiado

fortalecimento econômico do Clero de Amon, tudo isso abalou sobremaneira a sociedade Egípcia.

A longo prazo, os efeitos da expansão foram sentidos por várias razões. Uma delas é que o Egito, após ter colhido os louros de sua vitória sobre os Hicsos e da absorção das tecnologias introduzidas por eles havia novamente retornado a seu patamar de isolamento pautado no pensamento auto-suficiente de sua cultura. Como sob Horemheb e, sobretudo, sobre Seti I o Império recuperou boa parte do que havia perdido durante o Período de Amarna, os Egípcios acreditaram que poderiam se manter inabaláveis em seu domínio Imperial da mesma forma que sentiam que sua sociedade milenar era inabalável em sua cultura. Ledo engano, o governo de Ramsés II só fez mostrar para o mundo as falsas glórias (tão falsas quanto as estátuas ocas recheadas de cascalho que o Monarca fazia de si mesmo) de um pretenso poderoso Império, mas que, na verdade, apenas se equilibrava na beira do precipício. O saque das tumbas régias, dos quais Ramsés II, em sua sede por demonstrar a própria grandeza, nem tomou conhecimento, só fizeram agravar a crise que o Egito conseguia disfarçar com maestria, na medida em que criaram uma hiperinflação sem precedentes na História daquele país. Após a morte de Ramsés II, seus sucessores colheram os derradeiros frutos da expansão Imperial, ou seja, a invasão do Egito por recém criados Impérios (como o Assírio e o Persa), na ânsia de se legitimarem conquistando o poderoso (e essa fama se deve a Ramsés II) Império do passado. Esse ideal de legitimação Imperial que passava necessariamente pelo Egito persistiu por mais de 1000 anos após a morte de Ramsés II e a precipitação definitiva da crise Egípcia, visto que além de Assírios e Persas, também Líbios, Núbios, Gregos (com Alexandre, o Grande) e Romanos (com Augusto) quiseram legitimar seus Impérios através da conquista do Egito. Apenas como forma de elucidação, o Império Romano se inicia oficialmente (com o início do Principado de Augusto) apenas quatro anos depois da derrota de Marco Antônio e Cleópatra e da subseqüente conquista do Egito e, depois disso, os Imperadores Romanos também passaram a ser Faraós do Egito, inclusive construindo templos (como o templo de Isis em Filae) e tendo seus nomes gravados em monumentos com hieróglifos como os Faraós do passado. Porém, depois da chegada do Cristianismo tanto a Roma quanto ao Egito, os Imperadores passaram a se desinteressar de suas funções Faraônicas, sendo assim, apesar de terem continuado a ser os governantes legítimos do Egito (o próprio Justiniano, responsável pelo fechamento do último templo da antiga religião Egípcia, em Filae, ainda era Faraó do Egito no século VI d.C., mas seu título era meramente decorativo, sem qualquer significado antigo), praticamente abandonaram seus afazeres de Divindades Vivas. Roma agora já era o novo sinônimo de Império, aquele que iria povoar as mentes dos Monarcas aspirantes a grandes conquistas na Idade Média (como, por

exemplo, Carlos Magno, Oton I e Oton III), Idade Moderna (como Napoleão, se bem que pela cronologia oficial da Escola Francesa, Napoleão seja um Monarca Contemporâneo, isso não tem sentido) e até Contemporânea (como Hitler e Mussolini que, apesar de não serem Monarcas, se comportavam como tais e realizaram obras no sentido de assemelharam até mesmo esteticamente suas capitais a Roma (a de Mussolini, com efeito, era a própria Roma)); porém suas raízes Imperiais e o seu próprio ideal Imperial remontam e se legitimam num passado mais antigo: um passado Egípcio.

Como vimos, o Império Egípcio foi algo tão sem precedentes e de efeito tão marcante (muito, é verdade pelas obras de propaganda de Ramsés II) no imaginário Mediterrâneo e Médio-Oriental que acabou inspirando todos os outros Impérios que surgiram na região e, por que não, através dos Romanos, todos os outros do mundo.

14 – Outros Pontos Relevantes:

Este item pode ser considerado um anexo ao texto. Nele falarei de temas que não couberam em nenhum outro item anterior, mas que, ainda assim, podem ser relevantes; ele será dividido em diversos subitens, porém, nenhum deles deverá ser muito longo no sentido em que não há muito o que se falar sobre os assuntos que reservei para esta parte. Não há, na realidade, muita conexão entre as partes, portanto, tentarei dividir os subitens em outros itens um pouco mais gerais que dêem conta de agrupa-los por assunto. Espero que o leitor possa aproveitar estes adendos.

14.1 – A Vida do Cidadão Comum:

Um grande problema com o qual nos deparamos ao estudarmos civilizações tão antigas quanto a Egípcia refere-se à vida do cidadão comum. É importante que tenhamos em mente que os governantes só podem construir a grandiosidade das nações porque nelas existem pessoas que acordam cedo todos os dias e que cumprem uma rotina de trabalho árdua e estafante a fim de manter-se a si próprias e também ao Estado através de seus impostos.

No entanto, já se passaram mais de 2000 anos da morte de Cleópatra VII e está, como vimos, nem sequer viveu no Egito Faraônico, mas numa sociedade Grega radicada no Egito e que praticamente governava sua cidade sem se preocupar muito com o resto do país. Por isso, se quisermos saber qualquer coisa sobre o Egito Faraônico temos que conseguir reconstituir um tempo que está mais de 3000 anos distante de nós no passado. Tarefa difícil dadas as pilhagens (muitas delas ocorridas ainda na Antiguidade), as cheias do Nilo (especialmente nas regiões do Delta), o movimento das areias (que encobrem toda sorte de artefatos e até grandes

construções como a Esfinge que esteve coberta por várias vezes ao longo da História) e a própria passagem natural do tempo.

No caso do Egito, temos um grande aliado no estudo da vida dos cidadãos comuns e este aliado já está morto há mais de 3300 anos. Seu nome é Horemheb. O Faraó Horemheb, por ter empreendido uma política tão sistemática de eliminação dos vestígios do Período de Amarna, acabou legando a Arqueologia um dos maiores achados que ela poderia ter: a cidade de Akhetaton. É que, como já foi referido, pelo fato de Horemheb ter ordenado o "desmanche" da cidade, seus alicerces e ruas ficaram intactos e, como não havia nada para ser roubado (ou assim pensaram os ladrões ao longo dos tempos) a região foi deixada em paz e hoje, depois de redescoberta, nos fornece boas pistas sobre como se esquadrinhava uma cidade, uma casa, a vida Egípcia.

Porém, se por um lado Akhetaton nós é de tão grande valia, por outro, não podemos esquecer que se tratava de uma cidade atípica, visto que foi construída em menos de dois anos e segundo padrões estilísticos recém-criados pelo Faraó revolucionário que a fundou.

E qualquer maneira, o que podemos concluir a partir das reconstituições de Akhetaton é que os Egípcios habitavam casas pequenas, com apenas um ou dois cômodos (quando eram dois cômodos um se restringia à família propriamente dita e o outro era uma espécie de sala de visitas). Em frente à casa havia um terreno murado onde os moradores criavam alguns pequenos animais domésticos e, às vezes um ou dois bois (as pessoas comuns não tinham dinheiro para manter cavalos, se bem que asnos não fossem incomuns). Neste mesmo terreno ficava um, ou às vezes mais, pequeno silo onde os moradores guardavam o trigo a cevada e os demais grãos que iriam consumir. Especialmente durante a época da cheia, estes silos eram os responsáveis pela sobrevivência dos Egípcios.

Como as cidades não ficavam muito distantes do Nilo, a água era coletada diretamente no rio e, sendo assim, não havia necessidade de reservatórios de água nas casas (exceto nas casas dos ricos onde podiam existir balneários e lagos artificiais). O interior das casas era muito quente devido ao sol escaldante do Egito, sendo assim, as pessoas não deviam passar muito tempo em seu interior sendo que o lugar mais fresco da casa deveria ser a laje em cima dela, para a qual havia uma escada. Sobre essa laje os Egípcios instalavam toldos protetores contra o sol e, sendo assim, especialmente as mulheres e crianças, deviam passar o dia sob esse toldo recebendo a brisa do Nilo sem estarem expostas ao sol.

Em algumas cidades mais populosas, calcula-se que as casas chegassem a ter vários andares, no entanto, deve-se pensar que quanto mais cômodos tivesse a casa, mais rica seria a pessoa que nela habitava, sendo assim, não devemos imaginar que casas e vários andares fossem a regra.

Havia casos, especialmente em casas de artesãos, onde a casa possuía um anexo que era justamente a oficina ou atelier do proprietário, esta oficina tinha uma entrada privativa e, em geral não possuíam ligação com a casa, sendo assim, o artesão poderia atender seus clientes sem ter que expor a intimidade de sua casa.

Nos períodos mais recentes da História do Egito Antigo, estatuetas de Divindades passaram a ser não apenas comuns, como obrigatórias dentro das casas. Em geral as pessoas possuíam estatuetas dos Deuses de seus respectivos Spat e de Divindades nacionais de culto generalizado, como Imhotep e Bes, Deuses ligados à cura, Osíris, Isis com seu bebê Horus e finalmente, no período Ptolomaico, Alexandre (se bem que se culto nunca tenha se difundido da maneira que os outros fizeram).

14.1.1 – Os Hábitos Cotidianos:

Ao que parece os Egípcios costumavam ser muito asseados, dessa maneira, banhavam-se diariamente, tanto para se refrescarem do calor, quanto para se limparem do suor e da areia que o vento trazia consigo. Tanto homens quanto mulheres costumavam se depilar sendo que os homens não utilizavam barbas e muitos também se viam livres de seus cabelos. É provável que os pêlos fossem vistos como portadores de sujeiras e, sendo assim, anti-higiênicos.

Besuntar-se em óleo semanalmente era quase um ato religioso para os Egípcios, sendo que nos trabalhos Estatais, parte do pagamento consistia em ungüento para o corpo e cosméticos em geral. Eram muito apreciados entre a população os perfumes e as maquiagens oculares, sendo que tanto homens quanto mulheres pintavam os olhos diariamente, atitude que consideravam ter caráter terapêutico. Paul Johnson nos diz que o segundo produto no comércio internacional Egípcio eram os cosméticos, perdendo apenas para os cedros da Fenícia.

14.1.2 – As Comidas Exóticas:

Como já foi mencionado, os Egípcios comiam peixe e pão de trigo e bebiam, sobretudo cerveja. Mais tarde, quando o gado bovino é introduzido, o leite também se torna parte da alimentação cotidiana. A carne era uma iguaria rara devido a seu preço, se bem que na mesa de pessoas ricas ela não devesse faltar. Os Faraós mais tradicionalistas como os do Antigo Império e, bem depois, os da XXV Dinastia Kushita, não comiam, nem permitiam que aqueles que freqüentassem seu meio de convívio ou apenas o palácio comessem, carne de porco.

No entanto, a iguaria mais interessante que fazia parte do menu diário dos Egípcios simples era os biscoitos. Exatamente, as bolachas e os

biscoitos que nós comemos hoje foram inventados pelos Egípcios e faziam parte de sua alimentação cotidiana. Depois do declínio do Egito Antigo, esse costume ficou restrito apenas ao Alto Nilo sendo que os Franceses, no século XIX, o descobriram e, levando para a França, tornaram-no viável comercialmente. É claro, no entanto, que os Egípcios não conheciam muitas variedades de biscoitos e bolachas, no entanto, deviam faze-los de trigo e/ou cevada. Alimentos ideais por serem saborosos, de simples preparo e altamente duráveis (o que os tornava propícios para serem estocados durante a cheia do Nilo).

14.1.3 – As Diversas Profissões:

Além das óbvias ocupações agrícolas que, certamente empregavam mais de 80% da população comum, havia também outros vários empregos que um Egípcio poderia ocupar. Os que davam mais poder e status estavam ligados aos templos e ao serviço burocrático nacional, sendo assim, se tornar Sacerdote ou Escriba eram o sonho de muitos indivíduos. No entanto, tais profissões requeriam que a pessoa soubesse ler e, muitas vezes, escrever, sendo assim, acabavam restritas aos filhos de pessoas importantes (ainda que apenas importantes localmente, no contexto dos Spat) e apenas raramente alguém realmente do povo conseguia ascender a uma dessas posições, no entanto, esse tipo de serviço, ou seja, saber ler, constituía uma oportunidade real de se melhorar de vida (se levarmos em consideração as oportunidades de enriquecimento advindas da corrupção que, em muitos períodos, assolou a burocracia nacional, podemos perceber que a sociedade Egípcia possuía uma certa mobilidade, apesar de não poder ser considerada exatamente uma sociedade de classes).

O artesanato, seja ele a confecção de estátuas, de jóias, de enfeites... era outra profissão muito comum no Egito e, por requerer uma boa dose de dedicação e aprendizado, podemos pensar que talvez fosse hereditária, sendo assim, ninguém escolheria ser um artesão, apenas se tornaria um se seu pai também o fosse.

O trabalho em madeiras deveria ser uma profissão nobre e deveria haver poucos indivíduos capacitados a ela em todo o Egito, estes, contudo, deveriam ser muito bem remunerados e não é de se duvidar que, dada a raridade da madeira no Egito, o indivíduo capacitado a construir tronos, cadeiras, mesas e esquifes também deveria ser capaz de construir navios, deveria ser um trabalhador da madeira.

Outra profissão da qual não podemos nos esquecer é a de trabalhador das Necrópoles. Em geral estes indivíduos estavam associados a algum templo e, se ele fosse trabalhador da Necrópole Régia, talvez estivesse sob as diretas ordens do Clero de Amon. Estes indivíduos devem ter tido grande poder, visto que, segundo vimos, durante o governo de

Ramsés XI, tais trabalhadores foram capazes de depor o Sumo-Sacerdote de Amon com suas revoltas.

Os remadores, barqueiros, marinheiros, capitães e pescadores também devem ter tido um destaque muito grande dentro do contexto Egípcio, visto que o país não contava com estradas e, dessa maneira, todas as comunicações se davam através do Nilo. Desde mensagens até a pesca e o comércio nacional e internacional, tudo passava pelas águas e, conseqüentemente pelas mãos desses profissionais.

Arquitetos parecem ter gozado de grande prestígio entre os Faraós, no entanto, ao que parece este cargo não estava disponível aos homens do povo, ficando antes, restrito aos homens de confiança e até, muitas vezes, da família do Faraó, assim como também eram restritos os cargos de oficial do exército e de médico. Estes, por sua vez, muitas vezes eram Sacerdotes capacitados na cura e esta, ao contrário do que se pensa, não era muito desenvolvida no Egito. Na verdade, a medicina Egípcia era muito mais um amontoado de simpatias e fórmulas mágicas do que uma ciência verdadeira. A medicina como ciência só viria a nascer na Idade Média e na Pérsia, não no Egito. Ainda assim, os Egípcios realizavam pequenas cirurgias, amputações, extrações dentárias (que, apesar de fazerem parte da gama de atribuições atuais do dentista, quando se trata de civilizações antigas, pode-se dizer com segurança que eram desempenhadas pelos "médicos"). Chás e emplastros eram considerados os maiores remédios, mas não visavam curar o corpo, mas sim, o *ka* do paciente, visto que doenças sem um motivo aparente (por motivo aparente podemos tomar um golpe na cabeça, uma flechada, uma mordida de crocodilo, mas não uma gripe, por exemplo) eram vistas como desequilíbrios espirituais que deveriam ser curadas, sobretudo, através de rezas e poções mágicas. Com efeito, para os Egípcios era mais fácil cuidar de uma perna decepada por um ataque de um leão do que de um simples resfriado.

Talvez o Clero que por mais tempo perdurou no Egito e que mais se difundiu por todo o país sem, contudo, nunca participar ativamente das disputas pelo poder, mas, ao contrário, mantendo-se à margem da sociedade, habitando em templos-oficinas nas bordas das cidades, tenha sido o Clero de Anúbis. Não incluí os Sacerdotes de Anúbis entre os Sacerdotes normais porque suas atribuições eram completamente diferentes, ao invés de se dedicarem a leituras e/ou ao culto do Deus, os sacerdotes de Anúbis se dedicavam à mumificação. Poucos eram os que oravam a Anúbis, mas praticamente todos passavam pelas mãos de seus Sacerdotes antes do derradeiro descanso. Mais uma vez, ao contrário do que se aprende nas escolas e ao contrário do que muitos pensam, a prática da mumificação ensinou muito pouco aos Egípcios no tocante ao funcionamento do corpo humano, no entanto, sobre a mumificação, em si, falarei mais adiante.

Havia outras inúmeras profissões, como a prostituição, as profissões ligadas à criminalidade, como a dos saqueadores de sepultura e dos ladrões urbanos, a olaria (fabricação de tijolos), a pintura (usada na decoração de ambientes e de sepulturas), o entalhe (também utilizado na decoração de ambientes, e sepulturas)...

Devemos, por fim, atentar para o fato de que as profissões ligadas à milícia e ao exército eram, em geral, exercidas por mercenários estrangeiros estes, por sua vez, eram os únicos trabalhadores pagos em ouro, visto que os demais trabalhadores estatais eram pagos em gêneros agrícolas, sobretudo o trigo. Os trabalhos considerados muito pesados, como aqueles nas minas, eram relegados aos escravos e, além disso, o trabalho temporário utilizado na construção de templos, palácios, pirâmides, diques de irrigação e obras públicas em geral era baseado especialmente na mão-de-obra agrícola que estava ociosa durante o período de cheia.

14.2 – A Mumificação:

A mumificação e as múmias são, talvez juntamente com as Pirâmides, a principal marca da civilização Egípcia. Porém, o que pouca gente sabe é que a palavra múmia não é Egípcia e nem sequer os Egípcios chamavam assim os seus cadáveres que passavam pelo processo de mumificação. Na verdade, a palavra múmia é Persa e foram justamente os Persas, durante seu domínio sobre o Egito, os primeiros a referirem os defuntos Egípcios dessa maneira.

Múmia significa betume, em outras palavras, piche, petróleo. Os Persas fizeram essa associação porque muitas múmias, por receberem um verdadeiro banho de ungüentos protetores, acabavam, quanto encontradas (lembrem-se que devido aos saques era normal que se resgatasse múmias de seus descansos eternos e se sepultassem-nas novamente em outros lugares) demonstrando um aspecto que dava a impressão de que haviam sido mergulhadas em piche antes de serem sepultadas o que, de fato, os Persas pensavam que acontecia.

O problema dessa confusão não foi apenas essa divertida troca de nomes, mas sim, outro muito mais grave.

Desde tempos imemoriáveis, na Pérsia e no Oriente Médio, o betume era usado para fins terapêuticos. Colocava-se betume em feridas abertas a fim de cicatriza-las, utilizava-se a substância como uma espécie de cola em cirurgias e amputações e, em alguns casos, ela chegava mesmo a ser ministrada oralmente, misturada com água, com a finalidade de curar doenças.

Pois bem, com a chegada da Idade Média e a conquista do Egito pelos Árabes, os médicos daquele povo trouxeram consigo as tradições dos antigos povos da Ásia, como os Selêucidas (através dos quais boa parte

dos textos Gregos foi preservada, retornando à Europa pelas mãos dos Árabes) e os Persas.

Seguindo essas tradições antigas, os Árabes continuaram a prescrever betume como excelente curador de doenças, no entanto, no caso de não haver betume disponível, os médico prescreviam carne de múmia, pois, segundo escreveu Abdel Latif (médico Árabe Medieval): "A carne mumificada encontrada nos ocos dos cadáveres do Egito difere apenas um pouco da múmia natural".

Vieram as cruzadas e os Francos se estabeleceram (ainda que temporariamente apenas) no Egito e lá tiveram contato com tal novidade (é claro, distorcendo o que os Árabes disseram de modo a que o betume, em si, fosse esquecido): a carne das múmias curava doenças!

De volta à França, espalharam a boa nova e daí em diante, o leitor pode imaginar o que aconteceu. Entre os séculos XII d.C. e XIX d.C. (isso mesmo, até meados do século XIX d.C. essa prática ainda estava em uso) toneladas de múmias inteiras ou em pó foram tiradas do Egito e levadas à Europa. Podia-se comprar meio quilo de carne mumificada por oito Xelins (um dinheiro relativamente alto, mas que valia uma cura quase milagrosa).

Essa foi apenas mais uma das crendices que se perpetuaram pela Idade Média acerca do Egito, mas, infelizmente essa crendice fez com que os Árabes saqueassem diversas tumbas a fim de vender suas múmias para os Europeus. No entanto, depois de um certo tempo, tanto Árabes quanto Judeus (os indivíduos que abasteciam esse comércio) perceberam que era mais simples comprar os corpos dos mortos nos hospitais da própria Europa e moê-los misturando-os a betume do que ir buscar múmias autênticas nos túmulos egípcios, talvez por isso ainda tenhamos múmia hoje em dia. Além disso, na Europa Central se disseminou a idéia de que os cadáveres de bruxas, virgens idosas e pessoas ruivas eram mais eficazes do que as múmias Egípcias, o que diminuiu um pouco a procura.

14.2.1 – <u>Processos de Mumficação</u>:

A mumificação, apesar de revestida de mistério, era uma técnica relativamente simples. Consistia basicamente na retirada dos órgãos internos do morto através de uma pequena secção realizada no abdômen (nem todos os órgãos eram retirados, o que nos faz supor que talvez os Egípcios os desconhecessem). Depois um gancho metálico era introduzido nas narinas do cadáver e, uma vez forçado, quebrava o osso nasal atingindo o cérebro, o gancho era girado e modo a transformar o cérebro (que tem uma consistência semi-pastosa) numa massa mole. Depois o cadáver era deitado de bruços com a cabeça num nível ligeiramente mais baixo que o restante do corpo de modo a fazer com que o cérebro escorresse (os Egípcios não conheciam a função do cérebro e julgavam que

nosso pensamento, bem como nossos sentimentos, residiam no coração, aliás, vem do costume Egípcio dizer coisas como "você mora no meu coração", ou "você partiu meu coração"), depois que o cérebro tivesse escorrido completamente pelo nariz, os mumificadores derramavam cera quente dentro do nariz de modo a cauterizar qualquer parte do cérebro que, porventura não tenha se soltado (nesse processo o corpo era posto de cabeça para baixo de modo a cauterizar o topo da cabeça e depois recebia mais cera quente e era deitado de costas, de modo a cauterizar a parte posterior do crânio). Antes de iniciar a segunda fase do processo, os mumificadores retiravam os olhos das cavidades oculares e também jogavam-nos fora (não que os Egípcios não soubessem a função dos olhos, no entanto sabiam que se trata de uma parte muito susceptível ao apodrecimento, o que poderia comprometer todas a múmia).

Uma vez livre de seu cérebro e de seus olhos e sem seus principais órgãos internos, a múmia, bem como seus órgãos, era enterrada por setenta dias no natrão, uma substância com alta capacidade de absorção de líquidos.

Depois de setenta dias o cadáver já estava completamente seco, sem nada de água, então ele era removido do natrão e passava por um último tratamento. Este tratamento variava muito de acordo com o poder aquisitivo do indivíduo, mas atenhamo-nos às múmias dos Faraós como exemplo.

As múmias Faraônicas eram então reconstituídas com cera e resina de modo a terem sua aparência vivente aproximadamente restaurada. Depois, ela era enfaixada e, à medida que as faixas iam sendo colocadas, jóias iam sendo adicionadas às ataduras (o que fez com que muitas múmias fossem desenfaixadas pelos saqueadores à procura de jóias). Depois de pronta, a múmia Faraônica era besuntada com ungüentos protetores e recebia sua máscara funerária de ouro. Era colocada num esquife de ouro onde eram adicionados alguns ubshabtis e um exemplar do Livro dos Mortos. Depois o esquife de ouro era colocado num de cedro e este num de pedra. O túmulo era entulhado de toda a sorte de coisas que o morto fosse querer ou precisar em Amentet e, depois, selado para sempre (até que os saqueadores chegassem e eles sempre chegavam, exceto no túmulo de Tutankhamon, responsável por quase todo o nosso conhecimento a respeito dos enterramentos Reais do Egito (e há que se lembrar que Tutankhamon foi um Faraó inexpressivo e que morreu cedo o que impediu que fossem realizados grandes preparativos para seu funeral)).

No caso das múmias de pessoas com poucas posses, toda a sorte de coisas poderia acontecer nas oficinas dos mumificadores. Bob Brier relata que, certa vez, quando examinava uma múmia de um desconhecido, se surpreendeu ao ver que apesar da aparência mumiforme que o cadáver tinha quando estava envolto em ataduras, tão logo estas foram retiradas, e o que se viu foi uma confusão de ossos amontoados sendo que o crânio

estava no meio da barriga e ossos das mãos no lugar onde deveria estar o crânio. Certamente o trabalho deveria ser fatigante e os mumificadores não deveriam conceder a mesma atenção a todos, sua atenção deveria depender do bolso do cliente. Tais cadáveres não eram besuntados em ungüentos (que são caros), mas eu outras coisas (talvez até mesmo em betume), não recebiam jóias ou máscaras mortuárias (se bem que na última fase das mumificações, que se concentraram em Fayum e perduraram até o século I d.C., aproximadamente, os mortos, apesar de enterrados em tumbas coletivas, recebiam máscaras mortuárias de gesso onde eram retratadas suas fisionomias de uma forma chapada (e não de perfil, como as representações bidimensionais Egípcias exigiam), tipicamente bizantina, afinal, o Fayum nos tempos do domínio Romano, se tornou uma colônia Romana) nem ubshabtis e o único luxo ao que se davam era o de terem consigo um exemplar (ainda que de qualidade chula) do Livro dos Mortos.

14.3 – O Teatro Egípcio?

Segundo Bob Brier, no templo de Edfu, no Alto Egito, está gravada a peça de teatro chamada "O Triunfo de Horus" que, ainda segundo Brier, era encenada anualmente no Alto Egito. Essa peça consistiria da reprodução do mito de Osíris sendo coroado com a vitória de Horus sobre Set. O Faraó em pessoa participava da encenação e, é claro, representava Horus.

Como encontrei menção a essa passagem apenas em Bob Brier e em nenhuma outra das fontes consultadas e como também sempre soube e li que o teatro nasceu nas Grécia e também como Bob Brier não diz de onde tirou tal informação, fico tendencioso a pensar que se trate de uma sobrevalorização de determinadas inscrições. Talvez apenas o mito de Osíris, Set e Horus esteja gravado nas paredes do templo de Edfu e haja alguma menção a uma visita de algum Faraó ao templo e, por isso bob Brier tenha concluído que tal peça era encenada. De qualquer forma, deixo a cargo do leitor acreditar ou não que existisse tal peça apenas quero ressaltar dois pontos:

1 – Se tal peça existia realmente, então o Egito foi o inventor do Teatro e não a Grécia como todos sempre aprendemos.

2 – Como o Faraó poderia participar de uma peça de Teatro onde deveria se envolver numa luta sendo que ele próprio era um Deus que não poderia ser olhado nos olhos e nem mesmo referido diretamente. Além disso, Osíris, Isis, Thot, Ra, Set e tantos outros Deuses também fazem parte dessa História e os Egípcios não tinham o costume de deixar que homens se transfigurassem como Deuses. Que o Faraó, um Deus Vivo, interpretasse Horus, que não deixava de ser ele próprio, é perfeitamente aceitável, mas quem interpretava os demais Deuses? Quem tinha o direrito de receber tal honra?

14.4 – A Passagem do Tempo e seu Registro:

Como já foi dito, os Egípcios não tinham uma noção passagem de tempo semelhante a que nós temos hoje. Eles marcavam seus anos a partir do nascimento de seus Faraós, sendo assim, ao invés de terem uma sucessão de décadas e séculos, ele possuíam uma sucessão de Faraós.

Outro fator importante no que se refere à demarcação do tempo diz respeito à divisão interna do ano. Os Egípcios dividiam seus anos em doze meses de trinta dias com cinco dias festivos para ajuste de calendário no final de cada ano. As semanas, por sua vez, eram de dez dias, sendo assim, cada me contava três semanas. Acho que é desnecessário dizer, mas mesmo assim o farei: os Egípcios não tinham finais de semana, férias ou mesmo dias de folga esse conceito é muito recente e só foi introduzido depois da Revolução Industrial quando os trabalhadores começaram a se sindicalizar e exigir seus direitos; é bem verdade que nos países Cristãos o domingo sempre foi considerado um dia de descanso, mas não de ócio e sim de oração, era um dia dedicado a Javeh para seguir os Dez Mandamentos.

O calendário Egípcio era tão bem feito que quando César estabeleceu suas relações com Cleópatra, pediu a Sosígenes, um astrônomo de Alexandria que o ajudasse a reformar o calendário Romano e, sendo assim, baseado no Calendário Egípcio, nasceu o Calendário Juliano que mais tarde, no século XVI, foi ajustado pelo Papa Gregório XIII e se tornou o Calendário Gregoriano, que está em vigência até hoje, eis aí mais um legado do Egito Antigo.

Quanto às horas, os Egípcios também dividiam o dia em vinte e quatro períodos de uma hora sendo que, durante o dia, se orientavam por relógios solares e, durante a noite atribuíam a passagem do tempo a doze babuínos de Amentet responsáveis cada um por uma hora da noite. Reprem que essa marcação era imprecisa, pois só nos dois equinócios (os dois dias do ano em que o dia e a noite tem exatamente a mesma duração) havia doze horas de sol e doze horas de noite.

14.5 – Livros e Papiros:

A grande revolução da escrita Egípcia, independentemente de ela ter ou não influenciado a escrita Fenícia e, portanto, a nossa, foram os papiros. Até então, o único modo que se conhecia para se escrever eram as tabuletas de argila utilizadas na Mesopotâmia, o primeiro lugar do mundo a se ter notícia de uma língua escrita.

Porém, no Egito havia uma planta fluvial em abundância, o papiro. Cedo os Egípcios descobriram que se trançassem os caules dessa planta,

batessem-no e deixassem-no a massa secar ao sol obteriam uma superfície branca e lisa ideal para escrever. Foi o primeiro papel a se inventar. Aliás, o papiro era tão útil que servia até para a confecção de velas para os barcos que subiam e desciam o Nilo.

Com efeito, o papiro se tornou um dos principais produtos de exportação do Egito, pois os países vizinhos logo perceberam que ra mais fácil e até mesmo bonito, escrever em folhas brancas do que em tabuletas de argila.

O principal parceiro comercial do Egito era a cidade de Biblos, na Fenícia, sendo assim, era para lá que a maior parte do papiro exportado ia. Em Biblos os Fenícios inventaram uma forma diferente de guardar documentos, contos e coisas escritas. Ao invés de emendarem um papiro no outro e formarem um rolo, os Fenícios prendiam diversas folhas de mesmo tamanho numa seqüência correta e depois protegiam-nas por uma capa de couro curtido. Essa maneira de guardar documentos foi adotada também (ainda que com muito atraso) na Grécia e, pela falta de um nome melhor, foi batizada com o nome da cidade que o inventara, ou seja, Biblos que, em Grego quer dizer Livro.

14.6 – O Egito e o Sobrenatural:

Escolhi este subitem como encerramento de meu texto de modo a coroa-lo com o tema mais usualmente relacionado ao Egito, ou seja, o misticismo. Para muitos, o passado é algo tão distante e confuso que figura quase num mundo de sonhos. Se pensarmos que aliado a isso reside o fato das viagens internacionais serem muito caras e, portanto, estarem fora das possibilidades dos bolsos de milhões de pessoas, podemos chegar à terrível conclusão de que talvez as crenças religiosas funcionem de uma maneira bizarra nas mentes de muitos de modo a produzir uma idéia de que no passado a magia e/ou os milagres corriqueiros como eram (percebam que estou sendo sarcástico) pudessem significar para aqueles povos o mesmo que as máquinas significam para nós hoje, ou seja, a base de nossa capacidade produtiva.

Diante de tais idéias e considerando-se que sempre houve no mundo pessoas com grande capacidade imaginativa, somos levados a pensar que, talvez (e apenas talvez), da mesma forma que as crenças em magia, demônios, seres fantáticos ou tecnologias místicas podem ser consideradas bobagens, também as verdades divinas, tidas por muitos como absolutas, podem e devem ser contestadas, na medida em que não há sentido em se duvidar da existência de Atlântida apenas por não se ter provas concretas de que ela existiu e se acreditar em Santos e Deuses baseado nos mesmos argumentos. Mas há provas de que Jesus existiu e de que era Deus encarnado, basta olhar na Bíblia, dirão uns. Para esses, digo que da mesma

forma que a Bíblia diz coisas a respeito de Deus, de Jesus e do mundo em que foi escrita, também Platão fala da existência de Atlântida, também Plotino ligou Hermes Trimegisto à eterna busca da sabedoria arcana por meio da Alquimia, também Omm Seti fez descobertas fantásticas no campo da Arqueologia baseada (segundo ela dizia) apenas em suas lembranças de sua vida passada. Em que e quem vamos acreditar?

Hoje existem charlatães? Sim, existem! Mas em que tempo eles não existiram? E mais, será mesmo que podemos julgar que uma civilização como a Egípcia que, entre altos e baixos, perdurou por mais de 3000 anos, foi governada apenas por charlatães? Que não teve um só governante íntegro, honesto e bem-intencionado? É claro que não, na verdade, os Faraós (exceto, é claro, por alguns) realmente acreditavam que eram Deuses Vivos, não conseguiriam sustentar uma pura mentira por tanto tempo. Viam nas mínimas ocorrências diárias os pequenos e grandes milagres que estamos acostumados a atribuir a charlatães ou a Santos (e pretensos Santos, como até o falecido cantor Leandro parece estar se tornando, não é?).

Escrevi todas essas coisas apenas para que o leitor pense a respeito delas, não pretendo defender aquilo em que acredito ou julgar o certo e o errado (que, em última instância, são pontos de vista individuais e que não devem ser impostos, mas, tão somente, discutidos), mas apenas criar o clima de polêmica que será fundamental para a leitura dos itens subseqüentes; itens estes que foram ordenados segundo os graus de verossimilhança (em outras palavras, segundo a falta de conteúdo da ciência tradicional em desmenti-los) que apresentam. Esperam que gostem da leitura.

14.6.1 – Atlântida:

A todo ano surgem novas teorias e conjecturas a respeito da famosa ilha relatada na obra de Platão. Muitos dos que escrevem a respeito dela, no entanto, não levam em consideração o que o autor Grego escreveu. Tratam-se de inscrições baseadas em comparações aparentemente convincentes entre construções espalhadas ao redor do mundo, no entanto, muitas delas não levam sequer em conta os processos científicos para a datação dos sítios Arqueológicos, preferem meramente desqualificar a Arqueologia como se o intuito desta fosse o mesmo que outrora tivera a Igreja ao caçar aqueles que contestassem seus dogmas. Os autores (quando não dizem que adquiriram seus conhecimentos através de contatos com alienígenas ou com espíritos (psicografando suas obras)) apenas tiram fotos dos referidos lugares, nos ângulos mais propícios, diga-se de passagem, e põem-se a tecer comentários comparativos entre o Egito e o México, entre o Peru e o Cambodja e por aí afora.

É verdade que tanto Egípcios quanto Astecas, Maias e outros povos do México Pré-Colombiano construíam pirâmides, mas sua função e mesmo método de construção eram, no mínimo, diferentes. Como já vimos, para os Egípcios as pirâmides serviam como túmulos para seus governantes e altos dignatários e, mesmo isso, ocorreu apenas em épocas bastante recuadas. Os povos da Mesoamérica construíam suas pirâmides como sendo espécies de montanhas artificiais que serviriam para sustentar templos nas proximidades dos céus.

O método de construção, bem como a forma das pirâmides também variava muito uma vez os Mesoamericanos nunca chegaram a produzir uma pirâmide perfeita (geometricamente falando), sendo que a que mais se assemelha a isso é a Pirâmide do Sol em Teotihuacán. Em geral as pirâmides Mexicanas eram escalonadas, como a Pirâmide de Mastabas que Imhotep construiu para Djeser. No entanto, mesmo que os Olmecas (o primeiro povo da América que se pode considerar como "civilizado") tenham construído pirâmides (como indicam estudos realizados no sítio de La Venta antes que este fosse destruído pelas estruturas da PEMEX), estas também seriam escalonadas, mesmo tendo sido construídas mais de 1500 anos depois das Grandes Pirâmides de Gizé. Sendo assim, se realmente as pirâmides Mexicanas foram construções influenciadas pelos Egípcios ou por uma civilização construtora de Pirâmides anterior até ao Egito, como Atlântida, por exemplo, por quê motivos elas teriam sido construídas com uma tecnologia já superada no Egito há tanto tempo se sua construção foi posterior?

Existem teorias sobre mudanças de eixos polares da Terra e sobre uma civilização que poderia ter se espalhado pelo mundo desde os imemoriáveis tempos da Pangea (o bloco continental original, do qual todos os continentes derivaram), ou, talvez posteriormente, da Gondwana (o bloco continental do sul que compreenderia a América e a África, daí a proliferação de pirâmides nessas regiões). O que é interessante pensarmos é que esses blocos continentais deixaram de existir há milhões de anos e a existência do homem não conta sequer um milhão de anos segundo a Antropologia (e mesmo que conseguíssemos descobrir indícios de ancestrais humanos com mais de um milhão de anos de idade, seriam meramente símios, não criaturas capazes de construir civilizações), além disso, se as pirâmides (de qualquer região), ou qualquer outra construção, fossem tão velhas, não estariam no mesmo estado de conservação que estão, mesmo existindo num lugar tão propício ao bloqueio dos efeitos do tempo como no caso das Pirâmides do Egito.

Se pudermos entender que uma civilização humana possa remontar suas origens a Gondwana, temos que aceitar que nossos ancestrais teriam coexistido com Dinossauros em outras Eras Geológicas, o que é inaceitável do ponto de vista científico.

É, contudo, possível que tenha havido alguma civilização poderosa no mundo anteriormente aos Egípcios, aos Mesopotâmios e mesmo aos Chineses. No entanto, para que possamos sequer pensar em sermos sérios a respeito de uma descrição de seu modo de vida, de sua sociedade, de suas tecnologias e mesmo de sua localização espacial, devemos nos pautar em documentos, sejam eles de cunho material ou escrito, no entanto, em termos de documentação a única coisa que temos são os dois livros de Platão: "Timeo" e "Crítias", este último, incompleto. Nestes livros, Platão não narra o que viu, mas uma História de família contada por seus ancestrais que, por sua vez, teriam recebido a informação de uma outra fonte, esta, por sua vez, Egípcia.

Não quero me estender muito ao tratar de Atlântida, visto que num futuro escreverei um trabalho a seu respeito (claro que não à respeito da ilha em si, mas da obra de Platão), no entanto, é bom que se tenha em mente que apesar da seriedade a que Platão se propunha (sendo que nunca inventou nenhuma das Histórias que passou a diante), esta é uma História de família e, como tal, contada a Platão por indivíduos que talvez não gozassem da mesma idoneidade do famoso Filósofo, além disso, como veremos no item seguinte, o método de pensamento de Platão, baseado muitas vezes apenas na abstração sem qualquer base empírica, foi responsável por uma tremenda confusão Histórica que resultou numa das mais fortes doutrinas arcanas de hoje em dia.

14.6.2 – A Ordem de Hermes e a Alquimia:

Entre os Gregos, Hermes era o Deus da Velocidade e da Comunicação. Era o mensageiro dos Deuses. Filho de Zeus recebera do pai dois pares de asas que acoplava a seus tornozelos, o que lhe possibilitava voar e se movimentar muito rapidamente. Apesar de Atena ser considerada a Deusa da Sabedoria (além dos Combates, mas não da Guerra em si, visto que este era o *ethos* de Ares), Hermes era visto como seu transmissor; ainda que Prometeu tenha sido aquele que, contrariando os desígnios Divinos, tenha entregue o fogo aos homens e, dessa forma, iniciado a civilização.

Essas Histórias são Gregas e, ao menos aparentemente, em nada têm em comum com o Egito, no entanto, como já foi mencionado, depois da penetração dos Gregos no Egito, cada vez mais Deuses Gregos e Egípcios começaram a se fundir, tanto assim, que muitos pensadores (classe que era mais comum na Grécia pelas próprias condições sociais propícias, como a política desenvolvida e a própria existência do Liceu de Atenas) chegaram a propor que não houvessem Deuses Egípcios e Deuses Gregos, mas apenas Deuses: cultuados em diferentes regiões com diferentes nomes.

Como a cultura Egípcia estivesse em franca decadência e a cultura Grega vivesse seu momento de maior brilho e, sobretudo, estivesse às vésperas da expansão de seu poder político-militar, os Deuses Gregos acabaram sendo vistos como as verdadeiras interpretações dos Deuses que havia e, sendo assim, seus nomes foram os que prevaleceram.

Todo o preâmbulo dado até agora neste item foi necessário para esclarecer um dado: os Gregos tinham consciência de que sua escrita derivava da escrita Fenícia e mais, acreditavam que esta, por sua vez, havia sido inspirada na escrita Egípcia (como, provavelmente foi).

Mas, no que aquele preâmbulo esclareceu essa afirmação?

Realmente em nada, mas continuemos:

Platão, em sua obra "Filebo", afirma que Theut fora o responsável pela atribuição da escrita aos Egípcios, sendo que no "Fedro", ele diz que Theut era o deus Egípcio da Sabedoria, ou seja, Thot.

Como os Deuses Egípcios, como vimos no início do item, eram identificados com os Deuses Gregos, e como Platão, em sua época, foi o responsável pelo Liceu de Atenas, logo começou a circular entre a elite intelectual da Grécia que Hermes (o Deus Grego identificado com Thot) havia sido o pai da escrita e que a havia entregue, em sua forma pura e original, aos Egípcios.

Como na época, como vimos, os Egípcios utilizavam o Demótico em suas correspondências e mesmo no seu dia-a-dia, disseminou-se a idéia de que os Hieróglifos seriam uma escrita Divina, incompreensível aos humanos, mas, todavia, guardião da Sabedoria dos Deuses, enquanto que o Demótico seria a escrita comum dos homens do Egito. Essa crença foi reforçada por Heródoto que, ao passar pelo Egito sem conhecer os Hieróglifos, disseminou muitos "achismos" pela comunidade intelectual Mediterrânea.

Com a fundação de Alexandria e, sobretudo, da Grande Biblioteca, que intentava (e logrou sucesso em tal empreitada) roubar de Atenas o posto de capital mundial do saber, centenas de pensadores impregnados de tais ideais afluíram para o Egito e lá deixaram cerca de vinte mil volumes na Grande Biblioteca. Estes livros ficaram conhecidos como *Corpus Hermeticum* e poucos são os exemplares que dele nos restam. Sua autoria é atribuída ao próprio Deus Hermes, chamado pelos Gregos de Trimegisto, ou seja, Tri Eminente (três vezes importante).

No início do século III d.C., Plotino, o mais eminente dentre os Neoplatônicos de seu tempo, espalhou entre seus alunos (e ele lecionava em Roma, cidade que, à época, havia eclipsado a Alexandria que, outrora eclipsara a Atenas de Platão como capital do saber) a idéia de que os Hieróglifos (nessa época, um conhecimento praticamente perdido) seriam a Filosofia Pura, a forma perfeita da sabedoria, e que quem conseguisse

decifra-los alcançaria o poder dos Deuses, ou seja, poderia transformar as matérias.

É claro que os interesses arcanos dos alunos de Plotino se aliaram a seus interesses financeiros, sendo assim, iniciou-se a busca pela chamada Pedra Filosofal, ou seja, a grosso modo, aquilo que a Pedra de Roseta viria a ser: um modo de se decifrar os Hieróglifos. Quem pudesse possuir tal sabedoria, não apenas poderia criar ouro e, com isso, ficar rico, mas também poderia transmutar seu próprio corpo impedindo assim os efeitos do tempo, sendo assim, a idéia da Pedra Filosofal contém em si, a um só tempo, a transmutação das coisas em ouro e o elixir da longa vida, visto que esse era o poder supremo dos Deuses e estava contido nos Hieróglifos.

Depois dessa época, aqueles que se dedicavam à procura de uma tradução para os Hieróglifos passaram a se intitular Herméticos, ou seja, membros da Ordem de Hermes, um das mais famosas ordens de magos do imaginário Medieval. Muitas "traduções" de Hieróglifos completamente inventadas ou realizadas à partir de inspirações Divinas (ou mesmo metodologias completamente absurdas) surgiram entre os séculos III d.C. e XIX d.C., quando Jean-François Champollion finalmente, com ajuda não da Pedra Filosofal, mas da Pedra de Roseta, conseguiu traduzi-los realmente e assim, criar um padrão de tradução científico para as escritas Egípcias.

Podemos ver que uma busca como a dos Alquimistas, que durante séculos teve extrema importância para a humanidade (na medida em que incentivou-a a descobrir várias coisas) pôde ser originada de uma interpretação equivocada e sem metodologia adequada das palavras de um Sábio e, posteriormente, de um seguidor seu: Platão e Plotino.

14.6.3 – A Maldição da Tumba de Tutankhamon:

Quem já não ouviu falar da maldição da tumba de Tutankhamon? Praticamente todos os que já ouviram falar em Tutankhamon, certo? Bem, é interessante observar que a maldição de Tutankhamon jamais existiu e foi apenas um embuste criado por vários gurus do segundo quartel do século XX d.C. no intuito de adquirirem fama através de previsões macabras.

É verdade que todos os envolvidos na descoberta da tumba morreram, mas isso é natural, na medida em que a tumba foi descoberta por profissionais (se é que se pode chamar os Arqueólogos da década de 1920 d.C. de profissionais) que já estavam na casa dos quarenta anos, sendo assim, uma vez que a tumba foi descoberta em 1922 d.C., o estranho seria se algum deles ainda estivesse vivo. Todos morreram até a década de 1960 d.C., mas se somarmos os 40 anos que tinham quando da descoberta com os quarenta que se seguiram até a década de 1960 d.C., obteremos 80 anos de idade, o que se pode considerar uma expectativa de vida acima da média mundial, que é de 75 anos. Na realidade, quando se fala e se falou

em maldição, apenas foram levados em consideração os descobridores da tumba em si e as pessoas importantes ligadas à empreitada; nunca se falou dos peões Egípcios que trabalharam de carregadores e que tinham algo em torno de 20 anos na época, este, com certeza, viveram suas vidas normalmente e não ficaram mais ou menos doentes por causa de Tutankhamon.

O único indivíduo a morrer precocemente foi o patrocinador de Howard Carter: Lorde Carnarvon. No entanto, ele já era velho e, apesar das condições estranhas de sua morte, o mais provável e que tenha sido vítima de tifo, dengue, malária ou qualquer outra doença causada por picada de inseto, visto que havia levado (antes mesmo de entrar na tumba) uma picada no rosto e esta havia infeccionado.

Todo o furor foi iniciado por Sir Arthur Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes, ele confirmou que havia advertido seu amigo Lorde Carnarvon sobre os perigos de se violar a tumba de um Faraó, mas alegou que não havia sido ouvido e atribuiu a morte de Carnarvon a isso. Como uma escritora de romances chamada Marie Corelli, logo que Lorde Carnarvon adoecera (e ele levou mais de um mês doente até que morresse), declarara publicamente que havia enviado uma carta ao lorde pedindo-lhe que não violasse a tumba para não despertar a maldição do Faraó, toda a polêmica se criou. A partir daí, várias histórias foram criadas e contadas, algumas delas falavam sobre a morte trágica de um estudante do British Museum depois de examinar a múmia de Tutankhamon no museu. O detalhe é que a múmia nunca saiu do Egito.

Como se pode ver, não há maldição nem sequer fungo secreto, mas, tão somente, uma picada de inseto que poderia matar qualquer um sem que isso despertasse comoção, até mesmo o próprio Lorde Carnarvon, no entanto, como ele havia participado de um feito Histórico recoberto de mistérios, isso bastou para que rumores, boatos e crenças fossem espalhados e, como tudo o que diz respeito ao senso comum costuma fazer, se enraizassem na mente da população comum. É claro, no entanto, que na época não se pôde determinar com exatidão a *causa mortis* do magnata Inglês e, sendo assim, apesar de todos os argumentos muito mais plausíveis, muitos continuarão teimando em acreditar em uma maldição. É a lei do simplismo... O que se há de fazer?

14.6.4 – Omm Seti:

Dorothy Eady, foi uma Inglesa que nasceu em 1904 d.C., filha de um casal de classe média, aos três anos de idade ela sofreu um acidente terrível: caiu da escada de sua casa. Os pais chamaram o médico e este, depois de examina-la, declarou-a morta. Foi embora e, uma hora depois,

retornou com os agentes funerários. No entanto, a menina estava acordada e brincando como se nada tivesse acontecido.

Depois do ocorrido, Dorothy nunca mais foi a mesma, passou a reclamar constantemente que queria ir para casa, além de ter um sonho recorrente com um belo lugar que ela julgava ser sua casa.

Seus pais não sabiam o que fazer, mas pensavam que se tratava de mais uma brincadeira de criança, até que cerca ce um ano depois do acidente, foram passear com a filha no British Museum.

Uma criança de quatro anos não se sente exatamente a vontade num museu e foi justamente assim que Dorothy se comportou ao longo de quase toda a visita, no entanto, quando sua família chegou ao setor Egípcio do museu a menina se transformou. Corria por toda a sala a observar e tocar todas as estátuas até que parou em frente à múmia do Faraó Seti I e lá ficou até que seus pais tiveram que leva-la embora à força. Fez escândalo, o que é natural, mas acabou indo. Segundo contava, quando sua mãe tentou leva-la embora na primeira vez ela teria dito: “Deixem-me aqui, este é o meu povo!”.

A partir de então, passou a gostar do Egito e seus pais, querendo agradá-la, compraram uma enciclopédia infantil sobre o Egito. Ao examinar os Hieróglifos, disse a eles que conhecia aquela língua, mas que havia se esquecido. Quando tinha sete anos, um dia seu pai lhe comprou uma revista com o templo de Seti I, em Abidos, na capa. Ao observar a imagem a menina falou: “Esta é a minha casa! Era ali que eu morava! Mas por que está tudo quebrado? E onde está o jardim?”. Seu pai a repreendeu dizendo que não havia jardins no deserto (uma vez que o templo não é exatamente na beira do Nilo, mas na borda do deserto).

O tempo passou, Dorothy cresceu e começou a trabalhar no British Museum, por onde conseguiu ser indicada para ir pesquisar no Egito. Era tudo o que ela queria, passou a viver numa casa nas proximidades do templo de Seti I, em Abidos. Viveu na casa desde quando chegou ao Egito, em 1956 d.C., até sua morte, em 1981 d.C.. Lá (no Egito, visto que ela chegou ao país em 1933 d.C., mas só conseguiu ir viver em Abidos em 1956 d.C.) ela se casou, teve seu filho, que batizou com o nome de Seti, se separou (visto que o marido não agüentou sua persistência e falta de dedicação a ele) e pesquisou muito.

Por ter um filho chamado Seti, Dorothy logo passou a ser carinhosamente chamada de Omm Seti, ou seja, a mãe de Seti, nome com o qual adquiriu fama. O fato é que a Arqueóloga insistia que havia um jardim nos fundos do templo, coisa que os demais pesquisadores acreditavam impensável. Ela indicou a localização e até descreveu o jardim como ele era. Sonhava com ele quase todas as noites desde os três anos de idade.

Certo dia, uma escavação descobriu o impensável: Omm Seti estava certa. Havia realmente um jardim no exato lugar que ela havia delimitado,

além disso, ela também falara sobre uma biblioteca secreta e indicara sua localização. Qual não foi o espanto dos Arqueólogos quando, ao escavar neste lugar, encontraram a tal biblioteca?

A História de Omm Seti é confusa, segundo uma entrevista que concedeu ao jornalista Jonathan Cott, autor de sua única biografia, Omm Seti teria sido, em sua outra vida, uma Sacerdotisa daquele templo. Devido aos seus votos ela deveria permanecer virgem, no entanto, quebrou-os ao se entregar ao próprio Faraó Seti I (para quem não se lembra, o pai de Ramsés II). O casal se encontrou escondido por muito tempo, no entanto, certo dia ela engravidou. Com medo de ser julgada pelas outras Sacerdotisas e, sob tortura, acabar obrigada a entregar o nome do Faraó, ela se suicidou, o que impediu sua alma de descansar em paz no Amentet (pois, como já foi dito, os Egípcios não acreditavam em reencarnação) e a fez voltar à vida.

Seti, quando a viu (agora já como Dortothy, em sua segunda vida) no museu naquele dia, quando ela tinha apenas 4 anos, teria prometido que a encontraria quando fosse a hora certa. Esta hora, segundo ela, chegou quando ela fez 14 anos. Enquanto ela dormia, foi acordada com o peso de alguém sobre ela, quando abriu os olhos viu a múmia do Faraó a pressionar-lhe o corpo e, segundo contou, foi possuída por ele.

O Faraó voltou diversas vezes, porém agora não mais como uma múmia, mas sim, com sua aparência humana, ou seja, um belo homem na faixa dos 50 anos de idade. Ficaram juntos por todas as noites até que ela se casou, quando, para não contrariar as leis do Amentet, o Faraó apenas a encontrava, mas eles não se tocavam. Quando ela finalmente foi viver em Abidos e se separou do marido, o Faraó quis voltar a procura-la, mas ela disse a ele que deveria se manter virgem em Abidos, visto que precisava reparar o erro da outra vida para, finalmente, poder entrar em Amentet.

Seti I teria então dito a ela que, tão logo ela se juntasse a ele no mundo dos mortos ele a desposaria para todo o sempre. Segundo o diário de Omm Seti, o Faraó vinha todas as noites para conversar com ela sobre todos os assuntos, inclusive sobre as atualidades do mundo, sendo assim, seu diário (que ainda não foi seriamente estudado) está recheado das opiniões de um Faraó do Novo Império. A informação mais impressionante, contudo é a de que a biblioteca que foi encontrada por orientação de Omm Seti não era do conhecimento da Sacerdotisa que ela tinha sido em sua outra vida, mas, como era secreta, sua localização foi contada a Omm Seti pelo próprio Seti I, construtor do templo.

A História de Omm Seti é extremamente inverossímil e, não fossem os achados miraculosos e inexplicáveis que ocorreram por suas indicações, não poderiam ser sequer levadas em consideração, no entanto, exatamente por esses achados, o caso de Omm Seti constitui a mais plausível evidência de fenômenos Parapsicológicos de que já se teve notícia. Ela, contudo,

nunca foi estudada em vida por nenhum "especialista" nesta área, sendo assim, ficam-nos várias lacunas. Porém, só o que se pode afirmar são três coisas (sendo que a terceira é uma afirmação exclusivamente minha, ou seja, não precisa ser tomada como consensual):

1 – Omm Seti foi valiosíssima para a exploração do sítio Arqueológico do templo de Seti I, em Abidos, sendo, inclusive, a maior responsável pela comprovação de que os templos possuíam um sistema tão avançado de irrigação que eram capazes de manter jardins suntuosos mesmo em meio ao deserto.

2 – As descobertas de Omm Seti impressionam até mesmo os mais céticos e podem, no mínimo ser consideradas muito grandes e difíceis para se encaixarem apenas no campo da sorte.

3 – A meu ver, o caso de Omm Seti sim, ao contrário de todas as outras especulações que se pode fazer e pensar constitui o maior enigma do Egito, afinal, se a Esfinge foi ou não construída por Quéfren, se ela representa a esta Faraó, ou não, se é a única, ou não, se é resquício de uma civilização anterior, ou não. Isso tudo pode apenas mudar um pouco as nossas concepções sobre um passado Histórico do qual nem sequer temos tantas certezas, mas, se acaso Omm Seti realmente tinha memórias de uma vida passada e realmente recebeu mensagens de algum morto há mais de 3000 anos, então nós não apenas devemos repensar nossos conhecimentos acerca de uma História ainda imprecisa, mas sim, repensar nossas crenças, sejam elas quais forem. Pensem a respeito...

15 – Bibliografia:

ABREU, Aurélio M.G.. "Civilizações que o Mundo Esqueceu". São Paulo: Hemus.

ALFÖLDY, Géza. "A Crise da República e a Sociedade Romana" *in* ALFÖLDY, Géza: "A História Social de Roma": Editorial Presença, Lisboa, 1989.

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Abril, 1966.

BRIER, Bob. "O Assassinato de Tutancamôn: Uma História Verdadeira". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMBRIDGE Ancient History. Cambridge: Cambridge Press, 1999, v. IX – X.

CANFORA, Luciano. "Júlio César: O Ditador Democrático": Estação Liberdade, São Paulo, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion. "O Egito Antigo". São Paulo: Brasiliense, 1982.

CÉSAR, Caio Júlio. “A Guerra Civil”: Estação Liberdade, São Paulo, 1999.

DICIONÁRIO de Mitologia Greco-Romana. São Paulo: Abril Cutural, 1975.

DOUCET, Friedrich W.. “O Livro de Ouro das Ciências Ocultas: Magia – Alquimia – Ocultismo”. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DURANT, Will. “O Livro de Ouro dos Heróis da História: Uma Breve História da Civilização, da Antiguidade ao Alvorecer da Era Moderna”. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ÉVANO, Brigitte. “Contos e Lendas do Egito Antigo”. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

FLOWER, Derek Adie. “Biblioteca de Alexandria: As Histórias da Maior Biblioteca da Antiguidade”. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GARELLI, Paul. “O Oriente Próximo Asiático: Das Origens às Invasões dos Povos do Mar”. São Paulo: Edusp, 1982.

GIORDANI, Mário Curtis. “História da Antiguidade Oriental”. Petrópolis: Vozes, 2001.

GÖÖCK, Roland. “Maravilhas do Mundo”. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

GORE, Rick. “Faraós: Reis do Sol”. National Geographic Brasil. São Paulo: National Geographic Brasil, abril de 2001.

GRANDE enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1970, v. 1 – 12.

JAMES, Peter & THORPE, Nick. “O Livro de Ouro dos Mistérios da Antiguidade: Os Maiores Enigmas da História da Humanidade”. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

JOHNSON, Paul. “História Ilustrada do Egito Antigo”. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

LÍVIO, Tito. “História de Roma: Ab urbe condita libri”. São Paulo: Paumape, 1989, v. 1 - 6.

MARTINS, O. “História da República Romana”. Lisboa: Guimarães & cia, 1952, v. 3.

MCEVEDY, Colin. “Atlas da História Antiga”. São Paulo: Verbo, 1990.

MELLOR, Ronald. “The Roman Historians”. London: Routledge, 1999.

MICHELET, Jules. “A Bíblia da Humanidade: Mitologias da Índia, Pérsia, Grécia e Egito”. São Paulo: Prestígio Editorial, 2001.

MILLARD, Anne. “Os Egípcios”. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

NIETZSCHE, Friedrich. “O Anticristo”. São Paulo: Martin Claret, 2002.

O LIVRO dos Mortos do Egito Antigo. São Paulo: Madras, 2003.

PERRUDIN, Françoise. “Civilizações Antigas”. Lisboa: Fleurus, 1999.

PERRY, Marvin. “Civilização Ocidental: Uma História Concisa”. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PLATÃO. “Timeu e Crítias ou A Atlântida”. Curitiba: Hemus, 2002.

PLUTARCO. “A Vida de Alexandre”. *in* ---. “Alexandre e César”. Rio de Janeiro: Prestígio, 2001.

----------. “A Vida de César”. *in* ---. “Alexandre e César”. Rio de Janeiro: Prestígio, 2001.

ROBERTS, J.M.. “O Livro de Ouro da História do Mundo: Da Pré-História à Idade Contemporânea”. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ROSTOVTZEFF, M.. “História de Roma”. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

SOFRI, Gianni. “O Modo de Produção Asiático: História de uma Controvérsia Marxista”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TRANQÜILO, Caio Suetônio. “Caio Júlio César”. *in* ---. “A Vida dos Doze Césares”. Rio de Janeiro: Prestígio, 2001.

----------. “Otávio César Augusto”. *in* ---. “A Vida dos Doze Césares”. Rio de Janeiro: Prestígio, 2001.

VEYNE, Paul. “O Império Romano”. *in* --- (org.). “História da Vida Privada”. São Paulo: Cia das Letras, 1989, v. 1.